

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

Pe. Aureo Nogueira de Freitas

**A HOMOSSEXUALIDADE NO CATOLICISMO CONTEMPORÂNEO:
um estudo comparado dos grupos pastorais Apostolado Courage e Diversidade Sexual**

Belo Horizonte
2025

Pe. Aureo Nogueira de Freitas

**A HOMOSSEXUALIDADE NO CATOLICISMO CONTEMPORÂNEO:
um estudo comparado dos grupos pastorais Apostolado Courage e Diversidade Sexual**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Religião, como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Coppe Caldeira

Belo Horizonte
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

F866h Freitas, Aureo Nogueira de
A homossexualidade no catolicismo contemporâneo: um estudo comparado dos grupos pastorais *Apostolado Courage* e *Diversidade Sexual* / Aureo Nogueira de Freitas. Belo Horizonte, 2025.
308 f. : il.

Orientador: Rodrigo Coppe Caldeira
Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

1. Religião. 2. Catolicismo. 3. Homossexualidade. 4. Homossexuais - Identidade. 5. Homossexuais católicos. 6. Obras da Igreja junto aos homossexuais - Igreja Católica. 7. O Contemporâneo. I. Caldeira, Rodrigo Coppe. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 241.64

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086

Pe. Aureo Nogueira de Freitas

**A HOMOSSEXUALIDADE NO CATOLICISMO CONTEMPORÂNEO:
um estudo comparado dos grupos pastorais Apostolado Courage e Diversidade Sexual**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Religião, como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutor.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodrigo Coppe Caldeira – PUC Minas (Orientador)

Prof. Dr. Fabiano Victor de Oliveira Campos – PUC Minas

Prof. Dr. Roberlei Panasiewicz – PUC Minas

Prof. Dr. Luís Corrêa Lima, sj – PUC Rio

Prof. Dr. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves – PUC Campinas

Belo Horizonte, 26 de novembro de 2025

*Dedico esta tese aos meus pais Antônio Nogueira e Lenita Maria,
meus primeiros e eternos mestres da vida. Foram eles que, no
cotidiano da vida, me ensinaram que a sabedoria é a capacidade
de ter uma razão do tamanho de um coração que ama.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço

à Arquidiocese de Belo Horizonte, à qual sirvo com alegria há mais de trinta anos como presbítero. Nela nasci como batizado, cresci como ser humano e amadureci como servidor;

à Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, chão que abriu os caminhos para que o meu conhecimento se ampliasse desde a graduação até o *stricto sensu*, concedendo-me a honra de compor o quadro do seu corpo discente e técnico administrativo;

ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas;

ao meu orientador, professor Dr. Rodrigo Coppe Caldeira, que, pelo conhecimento e pela maestria na condução da orientação desta pesquisa, me proporcionou um olhar sempre crítico das minhas premissas;

ao jovem Marcus Tullius, pelos diálogos sinceros sobre a temática aqui abordada e a assessoria nos dados do questionário da pesquisa;

e ao professor Sérgio de Freitas Oliveira, pela revisão ortográfica e das normas da ABNT.

RESUMO

O objeto do estudo da pesquisa é a homossexualidade no catolicismo contemporâneo e a elaboração da identidade sexual dos sujeitos católicos que estão inseridos nos grupos pastorais *Apostolado Courage* e *Diversidade Sexual*. Sua relevância social se dá no âmbito do reconhecimento e da explicitação da importância da religião como forte sentido da sexualidade humana, especificamente nas pessoas homossexuais, indicando aspectos que podem gerar intolerância, homofobia, discriminação e sofrimento humanos. Assim, ela contribui para que a sociedade, as igrejas, os vários grupos de estudo e pesquisa, as comunidades de base e os centros acadêmicos de Ciências da Religião e Teologia, os programas das escolas de ensino fundamental, médio e universitário, público e particular, compreendam a razoabilidade do enfrentamento da questão da homossexualidade, por meio de conteúdos, dados de pesquisa e testemunhos dos sujeitos citados. Seu objetivo é investigar como os sujeitos homossexuais elaboram e vivenciam sua identidade homossexual com sua experiência religiosa católica. Ela explicita a relação que existe entre sexualidade e religião e como esta interfere na identidade sexual das pessoas. Para melhor compreender essa relação, especificamente na tradição religiosa católica, é elaborada a compreensão da homossexualidade no catolicismo atual. Além de abordar a temática nos documentos oficiais dessa religião, a pesquisa aborda, também, o tipos de experiências e a identidade sexual de pessoas homossexuais com o catolicismo, nos grupos de pastorais citados, registrando, através de seus relatos, a compreensão dessa realidade por meio de entrevistas dos sujeitos dos respectivos grupos. Trata-se de uma metodologia explanatória e qualitativa através de levantamento bibliográfico e de entrevistas com pessoas que tiverem experiências com o problema pesquisado. Para a primeira parte da pesquisa, portanto, utilizamos a pesquisa bibliográfica e para a segunda parte a pesquisa de campo. As fontes referenciais da pesquisa, além dos documentos oficiais do catolicismo, são alguns autores que pesquisam o assunto. Na pesquisa de campo, com um estudo de caso através de entrevistas e análises de dados, nos embasamos em autores que fundamentam a *Metodologia Científica*, as *Técnicas de Pesquisa* e o *Estudo de Caso*. Além de contribuir para diminuição do estigma que vê a população homossexual como abominação, este estudo proporciona uma discussão mais racional a respeito da diversidade sexual, uma vez que a religião envolve o exercício da fé (de natureza mais subjetiva, mas também intersubjetiva). Os sujeitos homossexuais entrevistados nos grupos explicitam a sua identidade sexual em relação ao catolicismo nas dimensões da negação, rejeição e integração. A área de concentração da pesquisa é *Religião e cultura* onde se realiza o estudo dos diversos aspectos do caráter secular e plural da contemporaneidade e

suas relações com o fenômeno religioso, enfatizando a dimensão religiosa da pessoa humana e as funções éticas e sociais da religião. Considera-se, nesta perspectiva, que a religião é um fenômeno cultural e, como tal, está marcada pelas configurações do tempo e das instituições. A linha de pesquisa é *Religião e Contemporaneidade* relacionada a questões emergentes do ethos contemporâneo e seu reflexo sobre fenômenos religiosos, espiritualidades e tradições de sabedoria que desenvolve pesquisas em sentido sistemático ou empírico-descritivo sobre as ideias e doutrinas religiosas na contemporaneidade.

Palavras-chave: Religião; Catolicismo Contemporâneo; Homossexualidade; Apostolado Courage; Diversidade Sexual; Identidade homossexual.

ABSTRACT

The research study focuses on homosexuality in contemporary Catholicism and the development of sexual identity among Catholic individuals involved in the pastoral groups Apostolado Courage and Sexual Diversity. Its social relevance lies in recognizing and explicitly understanding the role of religion as a strong determinant of human sexuality, particularly in homosexual individuals, highlighting aspects that may lead to intolerance, homophobia, discrimination, and human suffering. Thus, this study contributes to helping society, churches, study and research groups, grassroots communities, and academic centers in Religious Studies and Theology, as well as elementary, middle, and university education programs—both public and private—comprehend the reasonability of addressing homosexuality through research data, testimonies, and academic discussion. The objective is to investigate how homosexual individuals construct and experience their homosexual identity alongside their Catholic religious experience. It explicitly examines the relationship between sexuality and religion and how religion interferes with individuals' sexual identity. To better understand this connection, particularly within the Catholic tradition, the study explores contemporary perspectives on homosexuality in Catholicism. Beyond discussing the topic in official Catholic documents, the research also delves into the types of experiences and sexual identity of homosexual individuals within Catholicism, as seen in the aforementioned pastoral groups. Their narratives provide insight into this reality through personal accounts. The methodology follows an explanatory and qualitative approach, utilizing literature review and interviews with individuals who have experienced the studied issue. The first phase consists of a literature review, while the second phase involves field research. Reference sources include official Catholic documents and authors who study this subject, such as Gerard Van Den Aardweg (2006), Daniel C. Mattson (2017), Bernardino Leers (2002), J. Trasferetti (2002), James Martin (2018), and Luis Corrêa (2021). For the field research, which involves case studies through interviews and data analysis, the study is based on authors such as Marina de Andrade Marconi and Eva Maria Lakatos in their works *Fundamentals of Scientific Methodology* (2007) and *Research Techniques* (2012); Robert K. Yin's *Case Study: Planning and Method* (2001); and Cesar Ernani Freitas and Cleber Cristiano Prodanov's *Methods and Techniques for Research and Work* (2013). Beyond contributing to the reduction of stigma that perceives the homosexual population as an abomination, this study fosters a more rational discussion on sexual diversity. Since religion involves the exercise of faith—which is both subjective and intersubjective—homosexual individuals interviewed in the study articulate their sexual identity in relation to Catholicism

across dimensions of denial, rejection, and integration. The research area of concentration is Religion and Culture, which studies the various aspects of the secular and plural nature of contemporary society and its relationships with the religious phenomenon, emphasizing the religious dimension of the human person and the ethical and social functions of religion. From this perspective, religion is considered a cultural phenomenon and, as such, is marked by the configurations of time and institutions. The research line, Religion and Contemporaneity, relates to emerging issues of contemporary ethos and their impact on religious phenomena, spiritualities, and wisdom traditions. It develops systematic or empirical-descriptive research on religious ideas and doctrines in contemporary society.

Keywords: Religion; Contemporary Catholicism; Homosexuality; Apostolado Courage; Sexual Diversity; Homosexual Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Recorrência de palavras sobre a identificação homossexual.....	193
--	------------

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Estado Civil	196
Gráfico 2 - Escolaridade.....	197
Gráfico 3 - Identificação étnico-racial	197
Gráfico 4 - Percepção da religião católica e homossexualidade	212

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
PARTE I: RELIGIÃO, SEXUALIDADE HUMANA E A HOMOSSEXUALIDADE NO CATOLICISMO	31
CAPÍTULO 1	35
1 A RELIGIÃO E A SEXUALIDADE HUMANA	35
1.1 As dimensões da sexualidade humana	36
1.1.1 Sexualidade como ato físico ou biológico	38
1.1.2 A dimensão simbólica da sexualidade	39
1.1.3 As emoções	40
1.1.4 Dimensões psicológica e psicossomática	41
1.1.5 Princípio vital	43
1.1.6 Uma cadeia de relações	45
1.1.7 A valorização e o sentido	45
1.2 A relação entre as religiões e a sexualidade	48
1.2.1 Nos primórdios da religião	49
1.2.2. Sem um padrão único	50
1.3 Breve história da sexualidade no cristianismo	51
1.3.1 Religião cristã do Império Romano	52
1.3.2 Os textos sagrados	53
1.3.3 Os primeiros séculos e a idade medieval	54
1.3.4 Séculos de rigidez em relação aos prazeres sexuais	56
1.3.5 A reciprocidade dos documentos teológicos e da legislação no Brasil	59
1.3.6 O desejo sexual: dos lugares sagrados à proliferação	60
1.3.7 Da “anormalidade feminina” à medicalização da sexualidade	63
1.3.8 A sexualidade e a psicanálise	65
1.4 A religião e o comportamento sexual	70
1.4.1 Um tema a ser explorado	70
1.4.2 Matizes diversas sobre o comportamento	71
1.4.3 Um desejo de fusão e totalidade	73
1.4.4 Os conteúdos fundantes da tradição judaico-cristã	74
1.4.5 Os comportamentos sexuais e a moral sexual cristã	75
CAPÍTULO II	79
2 A HOMOSSEXUALIDADE NOS DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO CATÓLICO	79
2.1 O que diz o catecismo da Igreja Católica	80
2.1.1 A definição do conceito	80
2.1.2 O juízo moral	81
2.2 A perspectiva da homossexualidade na compreensão da Lei Natural	82
2.2.1 Lei Natural e a homossexualidade	83
2.2.2 Observações sobre a Lei Natural	84
2.3 Os documentos contemporâneos do magistério católico	86
2.3.1 A encíclica <i>Humanae Vitae</i> de Paulo VI	87
2.3.2 A Declaração sobre alguns pontos de ética sexual	87
2.3.3 <i>Persona Humana e Veritatis Splendor</i>	90
2.3.4 Orientações Educativas sobre o Amor Humano	91

2.3.5 Carta sobre o atendimento das pessoas homossexuais.....	91
2.3.5.1 Vozes na contramão	93
2.3.6 Considerações ligadas à resposta da Lei sobre a não Discriminação das Pessoas homossexuais.....	93
2.3.7 Sexualidade humana: verdade e significado	95
2.3.8 Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais.....	96
2.3.9 Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional: acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras.....	97
2.3.10 Do Papa Bento XVI ao Papa Francisco.....	98

CAPÍTULO 3.....	107
3 A HOMOSSEXUALIDADE NO CATOLICISMO CONTEMPORÂNEO	107
3.1 A exegese atual dos textos bíblicos sobre a homossexualidade	107
3.1.1 Os textos bíblicos referenciais	110
3.1.2 Gênesis 19, 1-11	111
3.1.3 Juízes 19, 1-29.....	112
3.1.3.1 Sodoma e os textos do Novo Testamento	113
3.1.4 Levítico 18, 22 e 20, 13.....	113
3.1.5 Relações contra a natureza: Carta aos Romanos 1, 18-32.....	115
3.1.6 Duas palavras controversas: Coríntios 6, 9-10 e Timóteo 1, 10.....	116
3.2 A contribuição das ciências humanas.....	120
3.2.1 Teoria genético hormonal.....	121
3.2.1.1 Fator hormonal.....	122
3.2.1.2 Hereditariedade genética.....	122
3.2.1.3 A teoria do hipotálamo	123
3.2.2 A psicodinâmica	124
3.2.2.1 O padrão familiar	126
3.2.2.2 Condutista ou behaviorista	127
3.3 Nova compreensão da homossexualidade.....	129
3.4 Os atos homossexuais na perspectiva antropológica holística	131
3.4.1 Os atos sexuais na complementaridade holística de Todd A. Salzman e Michael G. Lawler.....	137
3.4.2 Os atos homossexuais compreendidos a partir da complementaridade holística.....	140

PARTE II: OS SUJEITOS CATÓLICOS HOMOSSEXUAIS DOS GRUPOS	
PASTORAIS DA DIVERSIDADE SEXUAL E DO APOSTOLADO COURAGE.....	147
CAPÍTULO 4.....	151
4 RESPOSTAS PASTORAIS DO CATOLICISMO CONTEMPORÂNEO PARA AS PESSOAS HOMOSSEXUAIS CATÓLICAS	151
4.1.1 Referencial Teológico-Pastoral	153
4.1.2 Os objetivos da Pastoral.....	162
4.1.3 A metodologia de trabalho	165
4.1.4 Estruturas de funcionamento	166
4.1.5 Lideranças e hierarquia da Igreja Católica	167
4.2 O grupo do Apostolado Courage	172
4.2.1 Referencial Teológico-Pastoral	174
4.2.2 Os objetivos do Apostolado	180
4.2.3 Metodologia do trabalho das células.....	181
4.2.4 Estruturas de Funcionamento.....	183

<i>4.2.5 Lideranças e hierarquia da Igreja Católica.....</i>	<i>185</i>
CAPÍTULO 5.....	189
5 AS PESSOAS HOMOSSEXUAIS E CATÓLICAS: RELATOS, EXPERIÊNCIAS E ACOMPANHAMENTO	189
5.1 Os sujeitos católicos homossexuais dos respectivos grupos de pastoral	190
5.2 Relatos de experiências nos grupos.....	200
5.3 Os sujeitos homossexuais e suas experiências dentro do catolicismo	216
<i>5.3.1 O conflito da descoberta</i>	<i>217</i>
<i>5.3.2 A luta pela “normalidade”</i>	<i>222</i>
<i>5.3.3 A liberdade na aceitação e integração</i>	<i>226</i>
<i>5.3.4 Observações críticas e convergências das propostas pastorais para os sujeitos católicos homossexuais.....</i>	<i>227</i>
<i>5.3.4.1 Vinho novo em odres velhos</i>	<i>227</i>
<i>5.3.4.2 Quem não é contra nós é a nosso favor.....</i>	<i>230</i>
<i>5.3.4.3 Quando o fruto está maduro se mete a foice</i>	<i>234</i>
CONCLUSÃO.....	241
REFERÊNCIAS.....	247
APÊNDICES	257

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objeto a compreensão da homossexualidade no catolicismo contemporâneo. Optamos por aprofundar a temática considerando dois grupos de pastorais, *Diversidade Sexual*¹ e *Apostolado Courage*, que são espaços, dentro do catolicismo hoje, para as pessoas homossexuais e católicas. Quisemos compreender como esses sujeitos elaboram ou são ajudados a elaborar a sua identidade sexual homossexual dentro dessa tradição religiosa. É preciso considerar que, a depender de como a sexualidade homossexual é abordada, tematizada e explicitada pelo catolicismo, isso pode ou não contribuir para o amadurecimento desses sujeitos na sua comunidade de fé e socialmente, ajudar a avançar ou a retroceder no respeito à diferença da *orientação* sexual das pessoas homossexuais.

O tema da pesquisa surge a partir de dois elementos que são significativos. Por um lado, da consciência do significado que o catolicismo ainda tem, nos paradigmas estruturais da nossa cultura hodierna, especificamente em relação ao sentido e significado da sexualidade humana e, por outro, da *condição homossexual* na vida de uma parcela significativa das pessoas em nossas sociedades. O catolicismo, como toda tradição religiosa, é um fenômeno humano que lança raízes profundas na cultura. Sua relação com o *ethos* dos comportamentos morais é da ordem de uma fundamentação e legitimação no “Divino”. E, conseqüentemente, essa “chancela divina” relacionada aos comportamentos sexuais tem um significado de grande relevância nas identidades das pessoas que aderem ao catolicismo como sua religião.

Portanto, a questão que nos propusemos a responder é: como os sujeitos que participam dos grupos pastorais *Apostolado Courage* e *Diversidade Sexual* elaboram e vivenciam sua identidade homossexual, dentro da experiência religiosa católica. Para responder a essa pergunta central, dividimos a nossa pesquisa em duas partes. Na primeira parte, descrevemos a rica e complexa relação que existe entre sexualidade e religião. Dentro desse escopo, nos detemos particularmente nessa relação no cristianismo, na sua versão católica. Fizemos uma explanação da compreensão da *homossexualidade* na perspectiva católica, considerando os textos do magistério que abordam a questão na contemporaneidade. E, por fim, trouxemos uma nova compreensão dessa *condição* sexual no catolicismo contemporâneo, considerando três

¹ Escolhemos por usar a nomenclatura *Pastoral da Diversidade Sexual*, englobando outras iniciativas que estão nesse mesmo escopo, dentro do catolicismo, que diferem na denominação como: *Cristãos pela Diversidade*, *Diversidade Sexual*, *Movimento Pastoral LGBT+*, *Grupo de Acolhimento Pastoral LGBTIA+*, *Grupo de Ação Pastoral da Diversidade*. Todos esses grupos estão organizados como *Rede Nacional de Católicos LGBT+*. Disponível em: <https://redecaticoslgbt.com.br/regioes/regiao-sudeste/>. Acesso em: 11 set. 2024.

aspectos: a exegese atual dos textos bíblicos referentes à questão e a contribuição da compreensão desse fenômeno a partir das ciências humanas e de uma antropologia holística.

A primeira parte da nossa pesquisa é bibliográfica, na qual dialogamos com vários autores que são peritos no assunto, através de livros, revistas, artigos, periódicos eletrônicos e *sites*. Através desta pesquisa bibliográfica, buscamos a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas sobre a homossexualidade. Esta pesquisa nos possibilitou aprofundar os conhecimentos sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Os capítulos 1, 2 e 3 da pesquisa registram um caminho sistemático do objeto estudado, procurando explicitar, desde a compreensão e definição da temática, numa construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação. Cabe ressaltar que, embora exista uma vasta bibliografia sobre a questão da homossexualidade no mundo contemporâneo, fizemos a escolha consciente de privilegiar as obras e os autores que trabalham a temática relacionada com a tradição religiosa católica, uma vez que esse é o objeto específico da nossa pesquisa. Contudo, estamos conscientes de que, ainda que isso possa representar limites na pesquisa, em determinados aspectos, a nosso ver não compromete o seu objetivo. Mas isso também não significa que, como será demonstrado ao longo do texto, não dialogamos com autores diferenciados que refletem sobre o tema. E se o fizemos foi cômicos de demarcar explicitamente o objeto da nossa pesquisa: como os sujeitos católicos e homossexuais elaboram a sua identidade sexual a partir da tradição religiosa católica.

A segunda parte da pesquisa debruçou sobre a compreensão de dois grupos pastorais, existentes dentro do catolicismo, voltados para o trabalho com esses sujeitos: *Apostolado Courage* e *Diversidade Sexual*. Abordamos esses grupos apresentando as suas referências teóricas, seus objetivos de trabalho, suas metodologias, suas estruturas de funcionamento e suas relações institucionais com o catolicismo. Relatamos quem são os sujeitos e quais são as suas experiências nessas pastorais. Além da pesquisa bibliográfica, essa segunda parte do nosso trabalho fez uma pesquisa de campo, através de *entrevistas* e de *questionários on-line*. O último capítulo da segunda parte da pesquisa debruça sobre as possíveis leituras e conclusões a que se pode chegar sobre a homossexualidade no catolicismo contemporâneo, a partir da pesquisa bibliográfica realizada e dos relatos dos sujeitos envolvidos nos grupos pastorais, constando que, de modo geral, a descoberta da homossexualidade vai da *negação*, passando pelo *conflito*, a uma possível *integração*.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que a pesquisa de campo tem como objetivo angariar “informações e/ou conhecimento sobre o problema para o qual se procura uma resposta, uma hipótese que se queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou relações entre eles”. (Marconi; Lakatos, 2012, p. 69). É possível, através desse método, colher significativas informações permitindo que os dados (informações relacionadas ao problema e às hipóteses da pesquisa) possam ser apresentados sob vários aspectos (fotos, gráficos, tabelas). A coleta desses dados se traduz em informações sobre um ou vários casos particularizados. A técnica que se utiliza para o estudo de casos é a entrevista (Barros; Leheld, 2007). Tanto na parte bibliográfica como na parte da pesquisa de campo, realizada através de entrevistas e do questionário *on-line*, é importante registrar que utilizamos registros (testemunhos, cartas, entrevistas, *lives*) dos membros dos grupos de pastoral *Apostolado Courage e Diversidade Sexual* através das suas próprias redes sociais: *sites, Instagram, Facebook e YouTube*. Isso nos possibilitou uma maior coleta de dados uma vez que, ao longo da pesquisa encontramos dificuldades de encontros presenciais com esses sujeitos, provenientes, por um lado, do fato de ser um grupo restrito e, por outro, da questão de o anonimato ser uma das propostas metodológicas de trabalho. Especialmente do grupo do *Apostolado Courage*. Compreendemos que, antes de um limite da própria pesquisa, esse fato se apresenta como um dado importante de leitura do objeto estudado. A opção pelo questionário *on-line*, em parte, supriu essa dificuldade e, por outro lado, possibilitou uma coleta mais heterogênea dos dados desses sujeitos, como será possível constatar no texto.

O questionário foi direcionado aos objetivos específicos da nossa pesquisa, as respostas produziram o aprofundamento e a riqueza das informações que se esperava da metodologia. Foram perguntas estruturadas, semiestruturadas ou abertas (Lakatos, 1996) porque permitem um maior aprofundamento e riqueza de detalhes. Nas questões estruturadas, o entrevistado respondeu objetivamente o que estava formulado. Nas abertas, as perguntas são amplas e pudemos captar o máximo de informações com o maior detalhamento possível. Finalmente, nas perguntas semiestruturadas, embora exista um conjunto de questões previamente definidas, a resposta não fica restrita a elas, dando ao entrevistado liberdade para discorrer sobre o tema proposto. O roteiro de perguntas é um guia para evitar lacunas (Triviños, 1987). O questionário abordou os(as) entrevistados(as) em quatro etapas: 1ª - levantamento do perfil dos grupos *Diversidade sexual e Apostolado Courage* através dos membros que frequentam, da sua quantidade, das suas lideranças, de seu funcionamento, de sua organização, do significado do nome e do motivo desse; 2ª - levantamento de questionamentos sobre aspectos de natureza

social, econômica e escolar dos líderes e membros desses grupos; 3ª - questões relativas à religião católica pessoal e familiar dos membros dos grupos; 4ª - questões quanto à elaboração que os sujeitos fazem da sua identidade homossexual relacionada com o catolicismo.

A pesquisa nos possibilitou investigar como os sujeitos que participam dos grupos *Apostolado Courage* e *Diversidade Sexual* elaboram e vivenciam sua identidade sexual com sua experiência religiosa católica, compreendendo a relação entre sexualidade e experiência religiosa, a compreensão atual da homossexualidade no catolicismo contemporâneo, a abordagem sobre a homossexualidade nos grupos *Apostolado Courage* e *Diversidade Sexual* e os sujeitos envolvidos nesse processo: seus perfis, suas experiências e sua compreensão das suas identidades sexuais relacionadas à sua tradição religiosa.

Por que abordar um tema relacionado à sexualidade nas ciências da religião? Que aspectos justificam a pesquisa que tem seu corte numa visão da religião cristã católica ocidental sobre a diversidade sexual? É verdade que, desde os primórdios das civilizações, a religião teve papel central na organização moral das sociedades, oferecendo sentido para as comunidades em seu propósito de reproduzir a vida social, mas, também, paradoxalmente, sendo utilizada como combustível para perseguições e agressões. Como nos aponta Küng (2006), paradoxalmente a religião é positiva para a humanidade na medida em que a serve, através do conjunto de suas doutrinas, com os valores éticos, seus ritos e instituições, promovendo a identidade humana e os valores universais. Mas é também negativa quando, naquilo que lhe é próprio, infantiliza as pessoas em sua identidade humana, na sua busca de sentido, no senso de valores, dificultando, assim, uma existência frutífera e com sentido.

A relevância social da pesquisa se dá no âmbito do reconhecimento e da explicitação da importância da religião como forte sentido da sexualidade humana, especificamente das pessoas homossexuais, indicando aspectos que podem gerar intolerância, homofobia, discriminação e sofrimentos humanos. As conclusões deste estudo podem possibilitar a diminuição do estigma que vê a população homossexual como *perversão*, revendo, cientificamente, o ideal *heteronormativo*, fortemente enraizado na sociedade, como único paradigma da realização da sexualidade humana. Pode, também, proporcionar uma discussão mais racional a respeito da diversidade sexual, uma vez que a religião envolve o exercício da fé (de natureza mais subjetiva, mas também intersubjetiva). Pensando no âmbito da instituição, a pesquisa é relevante pelo fato de poder apresentar um estudo que leve em conta os sujeitos homossexuais e suas perspectivas, oferecendo, assim, uma discussão sobre como a Igreja Católica contemporânea está lidando com o tema da homossexualidade a partir de diferentes respostas.

Pessoalmente, a pesquisa é um ganho, à medida que possuímos experiência de acompanhamento pessoal e espiritual de pessoas homossexuais e de seus familiares, agregando novos elementos a essa prática. São pessoas que se apresentam angustiadas, confusas, com sintomas de depressão. Isso se dá, em boa parte, pelo fato de internalizarem a noção de que deveriam sentir-se atraídas por seu gênero oposto. O drama é maior quando a religião é usada para justificar que esses sujeitos pecam, são “*aberração da natureza*” ou têm um “*desvio grave*” da conduta normal da sexualidade.

Disso decorre a importância de uma reflexão crítica da religião, quando essa é usada para legitimar o ódio, a violência e a exclusão das minorias. Não discutir essa questão em nossa sociedade e compactuar com o uso do manto da religião para tal é desconhecer que a religião, como qualquer outra manifestação humana, deve passar pelo crivo da razão e ser coerente com os direitos fundamentais dos seres humanos. É uma pesquisa inédita, não enquanto abordagem da temática da homossexualidade dentro do catolicismo, mas enquanto estudo comparado das duas propostas pastorais, dentro dessa mesma tradição, que são apresentadas como *respostas* para os sujeitos católicos, envolvidos nesse processo, e enquanto observações e análises feitas a partir dos seus relatos.

A primeira parte da pesquisa, intitulada: *religião, sexualidade humana e a homossexualidade no catolicismo*, se propôs a descrever a relação entre religião e sexualidade. Não podemos precisar exatamente quando surgiu essa relação. Mas, quais conclusões se podem tirar dessa instigante relação? O complexo processo cultural e religioso foi composto pela “incrível diversidade e intrincada estrutura sexual que encontramos em todas as sociedades” (Endjso, 2004, p. 14). É impossível defender um padrão único acerca do modo como a religião se relaciona com a sexualidade humana. Tanto é verdade que determinada forma de sexo pode ser considerada ideal, ou mesmo sagrada, por uma tradição religiosa e, por outra, pode ser vista como algo abominável. Contudo, todos esses padrões têm uma coisa em comum: “nenhum dos modelos de sexualidade defendidos pelas diversas religiões representa uma limitação natural ao sexo. Estamos sempre lidando com conceitos culturais” (Endjso, 2004, p. 14).

Dividimos essa primeira parte da pesquisa em três capítulos. No 1º Capítulo, abordamos *a religião e a sexualidade humana*. A sexualidade humana tem várias dimensões e uma relação significativa com as religiões desde os seus primórdios. O cristianismo, especificamente na sua versão católica, traz profundas marcas culturais na sexualidade da civilização ocidental. Logo, a religião exerce um papel no comportamento sexual das pessoas, cristãs ou não, da nossa sociedade. E esse é o caminho descritivo desse capítulo. No 2º capítulo, descrevemos, em linhas gerais, a compreensão da *homossexualidade* no catolicismo contemporâneo. É uma leitura

objetiva, interpretativa e crítica, a partir do *Catecismo* da igreja católica, da concepção da *lei natural*, dos principais *documentos oficiais* da Igreja Católica na contemporaneidade. Levantamos as principais reflexões de autores que, dentro do catolicismo, adotam uma perspectiva *condizente* ou *crítica* em relação à doutrina da homossexualidade no catolicismo. O 3º capítulo é uma explanação sobre uma *releitura* da compreensão da homossexualidade no catolicismo contemporâneo. Tomamos os textos considerados pilares da condenação da homossexualidade na Bíblia, tanto do Antigo Testamento (*Gênesis, Juízes e Levítico*), como do Novo Testamento (*Romanos, Coríntios e Timóteo*). Abordamos esses textos, assumindo os últimos estudos exegéticos e hermenêuticos da ciência bíblica atual e explicitando o que, de fato, dizem ou não sobre a homossexualidade. Traçamos, em linhas gerais, as críticas com relação às teorias científicas que tentaram justificar a homossexualidade como *comportamento desviante* da sexualidade, registrando a grande evolução que as ciências humanas atuais trouxeram, fazendo-nos compreender que a homossexualidade não é uma *doença*. Terminamos esse capítulo, que fecha a primeira parte da nossa pesquisa, com a temática dos *atos homossexuais* na perspectiva *antropológica holística*. Tomamos esse conceito de dois renomados teólogos e moralistas católicos, Todd A. Salzman e Michael G. Lawler (2012). Eles apresentam uma nova perspectiva da sexualidade cristã, tendo como base uma nova antropologia que eles denominam de *holística*. E explicitamos, na perspectiva desse princípio, como os *atos homossexuais* podem ser, intrinsecamente, bons.

Na segunda parte da nossa pesquisa, procuramos escutar, perceber e compreender os *sujeitos católicos homossexuais dos grupos pastorais Diversidade Sexual e Apostolado Courage*. Nossa meta foi descrever como esses sujeitos, que são católicos e homossexuais, elaboram a sua *identidade sexual*, a partir dessa tradição religiosa e no pertencimento a tais grupos pastorais. Dividimos em dois capítulos. O 4º capítulo é voltado para a descrição dos dois grupos pastorais. Fizemos uma *apresentação* geral da pastoral e, com o objetivo de entender o *fundamento teológico-pastoral* da proposta, dialogamos com autores que fundamentam a práxis dos dois grupos. Encontramos, também nesse capítulo, os *objetivos*, a *metodologia*, as *estruturas* de funcionamento, bem como a *relação com a hierarquia católica* de ambas as propostas pastorais. Buscamos fazer uma síntese de quem são *as pessoas homossexuais e católicas* que estão inseridas nesses grupos, através de *relatos, experiências e acompanhamento*. Esse é o título do nosso 5º capítulo. Nele, encontramos/descrevemos o *perfil socioeconômico e religioso* desses sujeitos. Registramos os relatos das experiências que são realizadas nas respectivas pastorais. Seguimos, com um olhar mais descritivo, tentando compreender o processo que, de modo geral, acontece com a *identidade sexual* desses sujeitos:

do conflito, pela luta da “normalidade”, a possíveis *aceitação e integração* da condição homossexual. E, por fim, concluímos o capítulo com algumas *observações críticas e convergências* das duas propostas pastorais para os sujeitos católicos homossexuais.

A pesquisa nos possibilitou entender que, nas pessoas homossexuais, se oculta a verdadeira ambiguidade humana. Pode ser que, justamente, a face mais misteriosa e até mais sombria seja justamente a mais reveladora da condição humana. O fenômeno homossexual é a expressão mais acabada de uma humanidade inacabada. Ele é a expressão mais significativa da ambivalência, não só da sexualidade humana, como também da própria vida humana. E isso não se restringe à condição homo, mas hetero também, porque se trata de todo ser humano. Só que com a diferença de que as pessoas heterossexuais têm a sua condição chancelada pelo *status social* e, por tal, isentadas de terem que se explicar porque são assim. Não é a *incompletude*, experimentada pelas pessoas homossexuais, justamente a função de uma espécie de sinal que adverte para as possíveis ilusões de uma tranquila normalidade vivida pelos heterossexuais?

Estamos certos de que a nossa pesquisa não satisfaz a todos. Com certeza as pessoas homossexuais não se sentem suficientemente compreendidas e defendidas num contexto social e religioso que nem sempre lhes é muito simpático. Um certo número de heterossexuais que preferem trabalhar com pretensas certezas por sua vez, talvez, julgarão essa abordagem muito complacente. Sabendo que, de qualquer forma, nos colocamos entre *a cruz e a espada*, preferimos abraçar as duas, expressando exatamente aquilo que pensamos, depois de muita pesquisa e muita reflexão. Nessa problemática, mais do que em qualquer outra, persegue e urge o imperativo ético da honestidade intelectual. Não se faz um estudo que pode apresentar reflexos de grande alcance para agradar a quem quer que seja. Procedendo dessa forma, estaremos em sintonia com aquilo que de fato se propõe uma pesquisa científica: o desejo de iluminar uma questão tão complexa e pautar linhas mestras para um discernimento em processo contínuo.

Este trabalho se insere nas Ciências da Religião, na subárea Ciência da Religião Aplicada, cujos correlatos são: Religião e espaço público, política, ética, saúde, ecologia, culturas; temas associados à diversidade, respeito e tolerância; diálogo inter-religioso; educação e religião. Esperamos que ele tenha cumprido a sua missão, sabendo que todo conhecimento é limitado, porém, podendo ser um facho de luz na constante escuridão da razão humana e das experiências da humanidade que são sempre diversas e que, na religião, ancora importantes perspectivas que precisam ser assimiladas, compreendidas, criticadas e acolhidas.

PARTE I: RELIGIÃO, SEXUALIDADE HUMANA E A HOMOSSEXUALIDADE NO CATOLICISMO

Antes de tudo, desejamos delimitar, de modo preciso e exato, o que estamos a dizer quando optamos, nesta pesquisa, por utilizar o termo *homossexualidade* para falar dessa *condição* sexual e *homossexual*², referindo-nos aos sujeitos portadores dessa *condição*, e não outras terminologias utilizadas como correlacionais sobre essa questão. Esse rigor torna-se necessário, pois existem ambiguidades vinculadas ao fenômeno humano da homossexualidade. As escolhas por tais terminologias também vão na direção de que, na tradição religiosa do catolicismo, essas são as terminologias utilizadas em seus documentos doutrinários. O termo *homossexual*³ foi utilizado, pela primeira vez, por Karl-Maria Kertbeny. E, apesar da sua conotação clínica inicial, ele passou a significar a realidade humana total das pessoas, cuja pulsão sexual se orienta para os indivíduos do mesmo sexo.

Na mentalidade convencional e dominante, a palavra *homossexualidade* foi assumindo conotações pejorativas, e isso foi a causa da motivação da sua substituição, sobretudo em ambientes homossexuais, por outros termos não contaminados pelo difuso desprezo social, como *homofilia*, *homotropia* e outros. Nos movimentos de reivindicações dos direitos das

² A maioria das organizações *gays* recusam o termo ‘homossexual’ por sua origem médica e preferem a palavra ‘gai’ (gay em inglês, gai em francês, gaio em italiano, gai em catalão). Esse termo de origem provençal, passado ao catalão, ao castelhano (‘gayo’), ao francês - e deste ao inglês - e ao italiano, significa: alegre, jovial, de vida festiva e dissipada. Em outra acepção restrita, fez-se equivalente a homossexual, mas a um homossexual que se reconhece como tal, se aceita e luta para reivindicar os seus direitos [...] (Vidal, 2002, p. 118).

³ O termo *homossexual* surgiu apenas no último quarto do século XIX. Esse contexto coincide, aliás, com os anos turbulentos que envolveram o famoso escritor Oscar Wilde, que experimentou o peso do preconceito de sua época, na medida em que ele foi condenado por uma sociedade que não tolerava comportamentos que escapassem da heteronormatividade. No final da década de 1860, o jornalista austro-húngaro Karl-Maria Kertbeny foi, provavelmente, o primeiro a utilizar os termos homossexual e heterossexual numa carta de maio de 1868. Além de se colocar contra uma lei prussiana (posteriormente alemã) que punia homens que mantivessem relações com outros homens como sodomitas, Kertbeny acreditava que não era justo condenar o comportamento sexual entre pessoas do mesmo sexo, aceitando quando os mesmos atos físicos fossem realizados por pessoas de sexos diferentes, sem que houvesse nenhuma consequência legal. Lembrando um jovem amigo suicida de outrora, Kertbeny construiu, consistentemente, o argumento de que a lei prussiana favorecia chantagistas a tentar tomar dinheiro de homossexuais e que isso, frequentemente, os levava ao suicídio, na medida em que eram expostos publicamente. Para Michel Foucault, o homossexual, enquanto categoria, surgiu em 1870, com o artigo do psiquiatra e neurologista Carl Westphal (1833-1890) sobre as sensações sexuais contrárias: “A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior [...] O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (Foucault, 1988, p. 43-44). Com isso, Foucault, obviamente, não está dizendo que o homossexual não existia antes dessa data, mas que a categoria homossexual aparece pela primeira vez nesse momento. É interessante observar que, nesse contexto, um discurso institucionaliza o homossexual como “uma espécie”, uma “criatura” a ser analisada. Essa compreensão era balizada pela noção de que na contramão do “impulso sexual normal entre homens e mulheres”, alguns indivíduos, por alguma razão, tinham uma “aversão direta ao sexo oposto”. Disponível em: https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1611769743_ARQUIVO_fb7200512be4477bf4883c0b12a03dc8.pdf. Acesso em: 30 ago. 2024.

peças homossexuais, utilizam-se termos e expressões pelos quais se deseja, de modo proposital, manifestar o orgulho dessa condição humana. Essa é a conotação do termo *gay*⁴.

Para Oraison (2021), o termo *homossexual* é, no fundo, o único adequado para falar do problema em geral. Com efeito, se na realidade da sexualidade se distinguem três níveis – *sexus*, *eros* e *filia* – pode-se falar de *homogenitalidade* (assim como de *heterogenitalidade*), em referência aos aspectos biológicos do sexo, pode-se falar de *homoerotismo* (assim como de *heteroerotismo*) com relação aos aspectos emocionais e, pode-se falar de *homofilia* (assim como de *heterofilia*), para aludir aos aspectos relacionais. O termo que engloba, de maneira adequada, toda a realidade dos sujeitos que sentem atração por indivíduos do mesmo sexo é *homossexualidade*. Assim como *heterossexualidade* é o termo apropriado para significar a condição sexual das pessoas, cuja pulsão sexual se orienta para indivíduos de sexo oposto.

O termo *homossexualidade* diz respeito, em seu autêntico conceito, à realidade humana na *condição* homossexual, como expressão de todo o seu conjunto, como sexual, sem privilegiar nenhum dos aspectos: o *genital*, o *erótico* e o *filíaco*. Estamos convencidos de que privilegiar um aspecto é situar o *fenômeno homossexual* no quadro de uma perspectiva reducionista e, por consequente, limitada. Descartamos, portanto, os termos e as expressões que se referem a comportamentos anômalos (*pederasta*, *sodomita*, *uraniano*) ou que assumem as conotações pejorativas da mentalidade vulgar (*doentio*, *invertido*, *desordenado*). Concordamos com a afirmação de Vidal (2002):

Entende-se por ‘homossexualidade’ a *condição humana* de um ser pessoal que, no nível da *sexualidade* se caracteriza pela peculiaridade de sentir-se *constitutivamente* instalado na forma de *expressão exclusiva* na qual o *partenaire* é do mesmo sexo (Vidal, 2002, p. 119).

⁴ A palavra “*gay*” tem uma história interessante e uma evolução de significado ao longo do tempo. Originalmente, no inglês antigo, “*gay*” referia-se a algo alegre, brilhante ou vistoso. Durante séculos, esse termo foi usado com esse significado, sem qualquer conotação relacionada à sexualidade. No século 20, o significado da palavra começou a mudar. Já no início do século, “*gay*” era utilizado em alguns círculos como gíria para descrever homens que tinham relações sexuais com outros homens, mas esse uso ainda não era amplamente reconhecido. Foi a partir da década de 1960 e 1970, com o movimento pelos direitos civis e a luta pela liberdade sexual, que o termo “*gay*” começou a ser adotado abertamente pela comunidade homossexual para se referir a pessoas do mesmo sexo que têm atração sexual por outras do mesmo sexo, especialmente entre homens. Desde então, “*gay*” se tornou um termo amplamente aceito para descrever homossexuais, especialmente homens, embora também possa ser usado de forma mais ampla para incluir toda a comunidade LGBTQ+. Esse processo de transformação no significado da palavra “*gay*” reflete mudanças culturais e sociais mais amplas na maneira como a sexualidade é compreendida e expressa na sociedade. Hoje, “*gay*” é usado de maneira positiva e afirmativa dentro da comunidade LGBTQ+ e por aliados, embora, como com muitos termos relacionados à identidade, possa ter nuances de significado dependendo do contexto. Disponível em: <https://juristas.com.br/foruns/topic/origem-da-palavra-gay/>. Acesso em: 30 ago. 2024

Registradas essas importantes considerações, passamos a discorrer sobre a primeira parte da nossa pesquisa, intitulada *religião, sexualidade humana e a homossexualidade no catolicismo*. Faremos um itinerário com o objetivo de refletir sobre a religião, tendo como perspectiva o seu significado na sexualidade humana e seus desdobramentos com relação à *homossexualidade na tradição católica* contemporânea. Apresentaremos o fenômeno da sexualidade humana, com uma atenção às suas várias dimensões, relacionando-a com as religiões, desde os seus primórdios. Com a finalidade de pensarmos as consequências dessa relação, especificamente com a religião cristã, descreveremos um breve histórico da sexualidade no cristianismo, partindo do Império Romano até os dias atuais, quando sinalizaremos, também, a grande contribuição da psicanálise na compreensão mais abrangente da sexualidade humana e a sua influência no comportamento sexual.

Com o foco na pergunta central da nossa pesquisa, que é a compreensão dos sujeitos católicos homossexuais e a elaboração da sua *identidade* sexual dentro da tradição religiosa do catolicismo, debruçaremos sobre a homossexualidade no catolicismo contemporâneo. Para esse fim, iremos apresentar a temática partindo do que diz o catecismo da Igreja Católica, explicitando a definição do *conceito* e o *juízo moral* ali contidos. Como a temática da moral sexual no catolicismo tem, na *lei natural*, um dos seus fundamentos, iremos relacionar a perspectiva da homossexualidade na compreensão dessa *lei*, registrando algumas observações críticas sobre ela.

Uma vez que é nos *documentos* do Magistério que encontramos a “voz legítima” do que é a doutrina dessa tradição religiosa, abordaremos aqueles que tratam a homossexualidade, partindo do Concílio Vaticano II até os dias atuais. *Essa apresentação registrará, também, considerações críticas.*

Como último tópico dessa primeira parte da nossa pesquisa, faremos a apresentação de uma possível *releitura* da homossexualidade no catolicismo contemporâneo. Debruçaremos sobre os textos bíblicos que essa tradição religiosa coloca como *sólido fundamento* para referendar a ideia de que os *atos* homossexuais são, *intrinsecamente, desordenados*. Serão textos do primeiro e do segundo Testamento. Assumiremos, como chave de leitura a exegese atual dos textos bíblicos sobre a homossexualidade. Dialogaremos também com a contribuição das ciências humanas, procurando compreender as várias teorias que abordam a sexualidade homossexual em duas perspectivas: genético-hormonal (*fator hormonal, hereditariedade genética e teoria do hipotálamo*) e psicodinâmica (*o padrão familiar, condutista ou behaviorista*). E, por fim, descreveremos uma possível *nova compreensão* da homossexualidade dentro do catolicismo contemporâneo, assumindo o pensamento de dois

autores, moralistas e católicos, Todd A. Salzman e Michael G. Lawler, tendo como paradigma uma antropologia personalista, que esses autores conceituam como *holística*. Esses teóricos da moral católica fundamentam uma nova compreensão dos *atos homossexuais*, defendendo que eles podem ser *intrinsecamente bons*.

Para a primeira parte da pesquisa, portanto, utilizaremos a pesquisa bibliográfica. Conforme esclarece V.R.C. Bocatto,

a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação (Bocatto, 2006, p. 266).

A investigação foi baseada, primeiramente, nos estudos sobre a questão da homossexualidade no Catolicismo a partir do referencial teórico, por meio de pesquisa bibliográfica, com o objetivo de reunir informações e dados que serviram de base para a construção do estudo proposto. Além de traçar um histórico sobre o objeto de estudo, ela possibilitou identificar possíveis contradições e respostas anteriormente encontradas sobre as perguntas formuladas.

O estudo foi realizado a partir da análise de fontes que abordam, de diferentes maneiras, o tema escolhido. As fontes foram livros, artigos, documentos monográficos, dissertativos, teses, periódicos (jornais, revistas etc.), textos disponíveis em *sites* confiáveis e em outros locais que apresentam um conteúdo documentado.

Seguimos os seguintes passos: 1) levantamento do tema nas plataformas devidas: Portal CAPES de Periódicos, Google Scholar, periódicos da área de Ciências da Religião e Teologia e outras áreas; 2) coletânea de notícias da mídia sobre o assunto; 3) eleição de dois autores básicos e mais dois complementares; 4) consulta de trabalhos anteriores sobre o tema, como dissertações de mestrado e teses de doutorado. Passamos agora a explicitação do tema *religião e sexualidade humana*.

CAPÍTULO 1

1 A RELIGIÃO E A SEXUALIDADE HUMANA

Desde os seus primórdios, as religiões desempenham um importante papel na humanidade, que repercute em todas as suas dimensões. Elas refletem na história humana, na vida pessoal, social e política de todas as civilizações. Mesmo com a chegada da civilização moderna, que trouxe o projeto do racionalismo, as religiões continuam ganhando espaço, mostrando a sua vitalidade no imaginário das pessoas e certificando sua influência nas relações humanas (Hitchcock; Esposito, 2005). No que diz respeito aos atuais comportamentos humanos, nas suas diferentes esferas, a “religião tem sido, no decorrer da história, um fator determinante sobre a sexualidade humana, ora impondo regras rígidas, em outros momentos procurando orientar o ser humano nessa dimensão tão importante da vida” (Silva, 2008, p. 2).

Quando lemos as manchetes dos jornais e acompanhamos as redes sociais atuais, podemos facilmente constatar a relação que as religiões têm com a sexualidade, ditando comportamentos, condenando-os ou abençoando-os. Há uma tendência, com raras exceções, de abordar o assunto de modo negativo. Geralmente, são evocados princípios morais, a partir dos quais se estabelece com quem, como, quando e por que se deve envolver sexualmente. Chega-se a uma condenação tão extrema do ato que a impressão que se tem é de que a religião rejeita a sexualidade em todas as suas variantes⁵.

As questões que giram em torno das relações entre sexualidade e religião são mais complexas do que nos querem fazer acreditar as manchetes dos jornais (Endjso, 2004, p. 12). Analisando de modo mais detalhado, há nuances significativas nessa relação que possibilitam enxergar que muito dessa condenação implica, simultaneamente, afirmar a bênção da sexualidade, desde que seja do tipo “correto”. Logo, se abençoa e, ao mesmo tempo, se amaldiçoa em função da sexualidade “correta”. A bênção e a maldição do sexo na religião caminham de mãos dadas para garantir o mesmo objetivo: a sexualidade correta, ainda que por posturas de contradição e negação. É sensato resguardar as devidas particularidades dessa

⁵ Podemos lembrar-nos da questão “polêmica” gerada pela exposição cultural Queermuseu no sul do país, a partir do dia 09 de setembro de 2017. Quase um mês depois de sua inauguração no Santander Cultural em Porto Alegre, a exposição Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira, prevista para ficar em cartaz até o dia 8 de outubro, teve no sábado (9) seu último dia de visitação. No domingo (10), o Santander Cultural não abriu as portas e divulgou uma nota anunciando o seu cancelamento. Foi a reação da instituição ao movimento de protesto de entidades e pessoas que avaliaram a mostra como ofensiva, por razões que vão de “blasfêmia” no uso de símbolos católicos à difusão de “pedofilia” e “zoofilia” em alguns dos trabalhos expostos. Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/entretenimento/noticia/2017/09/entenda-a-polemica-da-queermuseu-mostra-cancelada-apos-criticas-em-redes-sociais-9894220.html>. Acesso em: 01 ago. 2018.

relação nas diversas tradições religiosas, para não se inferir em juízos universais. Daí o esforço de percepção que delimita o que é aceito e o que é rejeitado, o que é sagrado e o que é profano” (Endjso, 2004, p. 12). E, ao mesmo tempo, de estabelecer, corretamente, critérios para a avaliação e a compreensão que sejam, ao mesmo tempo, respeitosas, porém científicas e críticas.

Neste capítulo, refletiremos sobre a religião e suas relações com a sexualidade. Para explicitar essa relação, abordaremos a compreensão atual da sexualidade humana, caracterizando as suas várias dimensões. Dentre essas dimensões, daremos especial atenção ao comportamento sexual e à religião. Observaremos que o comportamento sexual está ligado à experiência que o sujeito religioso faz da sua tradição religiosa. Uma vez que a nossa pesquisa se debruça, especificamente, no paradigma da tradição cristã, abordaremos a relação desta com a sexualidade, refletindo sobre as suas peculiaridades na vertente católica, com especial atenção ao fenômeno da homossexualidade, uma cadeia de relações, a valorização e o sentido.

1.1 As dimensões da sexualidade humana

Para falar da relação entre a religião e a sexualidade humana, faz-se necessário compreendermos as suas múltiplas dimensões. É nosso objetivo neste tópico refletir sete dimensões da sexualidade humana: a sexualidade como ato físico ou biológico; a dimensão simbólica da sexualidade; a sexualidade como emoções; dimensões psicológica e psicossomática da sexualidade humana e a sexualidade como princípio vital.

Contudo, urge definir o que estamos a dizer quando falamos sobre sexualidade. Na experiência humana, desde a infância, toques e atividades com o próprio corpo e os corpos de outras pessoas proporcionam prazer e ganham uma especificidade erótica crescente, até alcançarem o prazer genital, a partir da adolescência. Porém, a sexualidade não é apenas sensação física; é, sobretudo, o conjunto de significados atribuídos pelo indivíduo às experiências corporais prazerosas (Andrade, 2005). Podemos dizer que a sexualidade é o conjunto de processos sociais que produzem e organizam a expressão do desejo e o gozo dos prazeres corporais, orientados a sujeitos do sexo oposto, do mesmo sexo, de ambos os sexos, ou a si mesmo(a). Este vem a ser também um conceito cultural que diz respeito à forma como cada ser vivencia e significa o sexo, indo além do determinismo naturalista, como defende Foucault (1997, p. 100):

[...] não se deve conceber [a sexualidade] como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a uma realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação do conhecimento, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

O sexo é uma das dimensões da sexualidade, mas não a esgota. Ele pode ser entendido como “[...] marca biológica, a caracterização genital e natural, constituída a partir da aquisição evolutiva da espécie humana como animal [...]” (Nunes; Silva, 2000, p. 74). Nesse sentido, o sexo genético, ou seja, designado por cromossomos (XY) para o homem e (XX) para a mulher, detendo hormônios e a genitália (pênis para homens e vagina para mulheres) inerentes a cada sexo, não é o fator único que determina o termo sexualidade, já que papéis sociosexuais advindos de valores culturais também caracterizam e moldam cada sexo (Meira, 2002).

Por isso, é fundamental compreender a sexualidade, levando em consideração não somente fatores naturais, já que estes somente têm sentido se relevarmos os processos inconscientes e as formas culturais, como argumenta Louro (2007) sobre a obra “História da sexualidade” escrita por Foucault (1998). A autora destaca que somente foi possível escrever essa obra por compreender a sexualidade como uma “invenção social”, isto é, ela se constitui com base em discursos sobre o sexo que regula, normaliza e produz “verdades”.

Hoje, podemos afirmar que é consenso que a sexualidade humana é um fenômeno que possui várias dimensões que revelam a sua riqueza e, ao mesmo tempo, a sua complexidade. Podemos falar da sexualidade como física, emocional, psicológica, relacional e espiritual⁶. Cada uma dessas dimensões tem os seus aspectos e as suas características, contudo, uma, isoladamente, não consegue abarcar toda a experiência da sexualidade humana. É importante entender que, embora essas dimensões sejam apresentadas separadamente para fins didáticos, elas estão intrinsecamente ligadas. A biologia fornece a “matéria-prima” e os mecanismos, mas a experiência física da sexualidade é moldada e interpretada através de filtros psicológicos, emocionais, sociais e culturais. Além disso, existe uma grande diversidade natural nas características biológicas e físicas entre os indivíduos. Para início de conversa, vamos descrever o que se entende pela dimensão da sexualidade como ato físico ou biológico.

⁶ Utilizamos como referencial teórico das dimensões da sexualidade a obra dos teólogos moralistas Todd A. Salzman e Michael G. Lawler: **A pessoa sexual**. Por uma antropologia católica renovada, p. 182-196.

1.1.1 Sexualidade como ato físico ou biológico

A sexualidade humana é um ato *físico* ou *biológico*. Trata-se da sua dimensão corpórea. Nessa dimensão, a pessoa faz o exercício das suas genitálias, feminina ou masculina. Alguns preferem definir essa dimensão da sexualidade como o *exercício da genitalidade*, podendo esta estar ou não aberta à procriação. É marcada pelo prazer e o clímax desse é o orgasmo. Essa dimensão relacionada com a sexualidade é parte do funcionamento natural dos seres humanos e controla o nosso desenvolvimento sexual, desde a concepção até o nascimento, e a nossa capacidade para nos reproduzirmos depois da puberdade. Também afeta o nosso desejo e a resposta sexual e, indiretamente, a nossa satisfação sexual. A excitação sexual, independentemente da sua fonte, produz acontecimentos biológicos/físicos específicos: o acelerar do coração, a vasocongestão e a lubrificação dos órgãos sexuais e uma sensação de calor e formiguelo que se espalha por todo o corpo (Ribeiro, 2006, 2008).

A dimensão biológica da sexualidade humana refere-se aos processos genéticos, hormonais, anatômicos e fisiológicos que determinam e influenciam a sexualidade. São os seguintes: Determinação e Diferenciação Sexual: genética; Gonadal: os genes; o Hormonal; Diferenciação dos órgãos internos e externos; Hormônios Sexuais e Seu Papel: estrogênios; progesterona; andrógenos e outros hormônios; Puberdade: período de maturação sexual no qual o corpo se torna capaz de reprodução, desencadeada por um aumento na produção de hormônios sexuais; Capacidade Reprodutiva: Feminina - ciclo menstrual regular com ovulação (liberação de um óvulo), capacidade de conceber, gestar e parir. Masculino - produção contínua de espermatozoides (espermatogênese) a partir da puberdade, capacidade de ejacular sêmen contendo espermatozoides.

Por sua vez, a dimensão física da sexualidade se sobrepõe consideravelmente à biológica, mas foca mais nas estruturas corporais e nas respostas fisiológicas: Anatomia Sexual e Reprodutiva (órgãos genitais externos; órgãos genitais internos e reprodutivos; zonas erógenas); Ciclo de Resposta Sexual Humana (excitação, platô, orgasmo, resolução); Aspectos Físicos da Atração e do Comportamento Sexual (envolve os sentidos: visão (percepção de atratividade física), olfato (feromônios, embora seu papel em humanos seja debatido), tato (contato físico, carícias), audição (tom de voz), expressões físicas do afeto e do desejo: beijos, abraços, carícias, o ato sexual em si).

Ressalta-se que as dimensões física e biológica são os alicerces sobre os quais outras dimensões (psicológica, social, cultural, espiritual) se constroem e interagem. Por isso mesmo, em seguida vamos falar sobre a dimensão simbólica da sexualidade.

1.1.2 A dimensão simbólica da sexualidade

A sexualidade não é apenas um ato *físico* ou *biológico*. Ela foi adquirindo, ao longo da história das civilizações, uma *dimensão simbólica* na organização social e moral das sociedades. Ela permeia nossa identidade, emoções, relações sociais e até mesmo nossa compreensão do mundo. Essa dimensão simbólica é moldada pela complexa interação de fatores biológicos, psicológicos, culturais, históricos, religiosos e espirituais. Ela é um aspecto central na construção da identidade individual. Desde a infância, começamos a aprender sobre o corpo, o gênero e os papéis sexuais, influenciados pelo meio e pela cultura. Essa aprendizagem, por sua vez, impacta a forma como nos percebemos e nos expressamos. A sexualidade não se resume apenas à anatomia ou ao ato sexual; ela abrange a forma como pensamos, fantasiamos, desejamos e nos relacionamos. É através dela que nos abrimos para o mundo e para os outros, e essa abertura marca todos os nossos comportamentos, não apenas os diretamente relacionados ao sexo.

No campo afetivo, a sexualidade é uma energia que motiva a busca por amor, contato e intimidade. Ela se expressa através de sentimentos, movimentos e toques, sendo um veículo para a doação e o acolhimento. A relação entre um homem e uma mulher, por exemplo, é vista por muitas culturas como uma relação de amor, na qual a sexualidade é orientada e integrada pelo afeto e pela capacidade de dar e receber.

A cultura desempenha um papel fundamental na moldagem da sexualidade. Ela define papéis de gênero, estabelece normas sobre o comportamento sexual aceitável e influencia a percepção do que é "normal" ou "anormal". Mitos, valores e tradições sociais e religiosas têm um impacto significativo na forma como a sexualidade é compreendida e vivida em diferentes sociedades. A exposição da sexualidade na mídia, por exemplo, pode moldar percepções e comportamentos, por vezes gerando estereótipos e ditando padrões de beleza e sedução.

Em diversas culturas, o ato sexual e seus elementos adquirem significados religiosos ou espirituais, sendo vistos como métodos para melhorar a saúde, alcançar estados de consciência ou mesmo para a conexão com o divino. A figura feminina, por exemplo, foi cultuada pela sua fertilidade em algumas sociedades pré-históricas, enquanto em outras, sua sexualidade foi reprimida e associada unicamente à procriação.

A sexualidade é uma força pulsional que interage com a ordem simbólica, em que os desejos (de ter, de poder, de ser reconhecido, de amar e ser amado) se entrelaçam. É um aspecto complexo da personalidade humana, não se limitando a uma função física, mas permeando o corpo, o sentimento e a alma.

A sexualidade, portanto, é muito mais do que um instinto biológico, ela é uma rica e complexa dimensão do ser humano, repleta de simbolismos que influenciam a nossa identidade, as nossas relações e a nossa experiência de mundo.

Podemos constatar que o caráter de maior impacto da sexualidade nos grupos sociais é a sua dimensão *social*. Dizer de relações sexuais é dizer também de relações sociais que foram sendo construídas historicamente. E estas foram se solidificando em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de diferentes épocas (Nunes, 2003). E isso se estabelece através dos símbolos sociais. Sabemos também que as relações humanas acontecem permeadas de emoções. Logo, falar sobre sexualidade humana é também compreender as suas emoções.

1.1.3 As emoções

Uma terceira dimensão que podemos caracterizar da sexualidade é a *emocional*. A sexualidade humana não pode ser separada das dimensões emocionais do ser humano. As emoções são sentimentos fortes, e podem ser analisadas como manifestações tanto físicas quanto psicológicas. Podem também ser positivas ou negativas. As primeiras incluem sensações de amor, alegria, esperança, expectativa de humor com felicidade, paixão e curiosidades. As emoções negativas incluem ódio, tristeza, desesperança, ansiedade, raiva, ressentimento, mágoa e quebrantamento.

Essas emoções são ainda influenciadas e encontram expressão a depender da experiência histórica única, à luz da cultura, da etnia, do gênero e da experiência dos indivíduos que as experimentam. E todos esses fatores das emoções são conectados no intercurso do ato sexual. Sendo *emoções positivas*, o ato de um intercurso sexual será justo e amoroso, combinando emoções que unem duas pessoas separadas em uma experiência de complexa comunhão e combinação. É um ato que pode curar, confortar e criar uma totalidade (Freitas, 2016). Por outro lado, as *emoções negativas* podem afirmar e consolidar-se em ferimentos, ansiedade ou quebrantamento. Na relação com o outro, no âmbito das emoções humanas, é revelada a sua influência no amplo espectro do que é o ato sexual, de modo positivo ou negativo. Na verdade, a análise da sexualidade humana sob o aspecto da sua dimensão emocional envolve o mistério glorioso do ser humano ferido em sua busca de completude em relacionamentos íntimos (Frankl, 2003). E, portanto, essa constatação nos faz compreender que a sexualidade tem dimensões psicológicas e psicossomáticas.

1.1.4 Dimensões psicológica e psicossomática

A dimensão *psicológica* (Salzman; Lawler, 2012) inclui os pensamentos, a personalidade e as emoções. A partir do nascimento, o ser humano recebe sinais de todos os que o rodeiam, influenciando o seu pensar ou agir. O que os pais, os professores e os amigos nos dizem e mostram sobre o significado e os objetivos da sexualidade condiciona muito as nossas atitudes sexuais iniciais que, muitas vezes, se mantêm até a idade adulta. Aprendemos como é que as pessoas do nosso sexo “deverão” se comportar, que algumas palavras são “erradas” ou “sujas”, que certa parte do nosso corpo não se pode tocar ou mencionar (pelo menos em certas circunstâncias), e que deveremos esconder os nossos sentimentos, se pensarmos que são inaceitáveis para os outros.

São aspectos mentais, emocionais e cognitivos que influenciam e são influenciados pela nossa vida sexual. Elas moldam como percebemos a nós mesmos como seres sexuais e como nos relacionamos com os outros. Podemos elencar os seguintes: Identidade de Gênero (refere-se à percepção interna e individual que uma pessoa tem de seu próprio gênero - homem, mulher, ambos, nenhum etc. -, que pode ou não corresponder ao gênero atribuído no nascimento. A forma como nos identificamos impacta profundamente nossa sexualidade; Expressão de Gênero (é como a pessoa apresenta seu gênero ao mundo através de comportamentos, vestimentas, maneirismos etc. É a manifestação externa da identidade de gênero); Orientação Sexual (diz respeito à atração emocional, romântica e/ou sexual por outras pessoas - heterossexual, homossexual, bissexual, pansexual, assexual, entre outras - é um componente central da sexualidade que afeta a escolha de parceiros e a formação de relacionamentos); Autoestima e Imagem Corporal (a forma como nos vemos e nos sentimos em relação ao nosso corpo e à nossa aparência tem um impacto direto na autoconfiança sexual, no desejo e no prazer. Baixa autoestima ou insatisfação com a imagem corporal podem gerar ansiedade e inibir a expressão sexual); Emoções (sentimentos como amor, carinho, afeto, desejo, prazer, mas também ansiedade, medo, culpa, vergonha e estresse, influenciam intensamente a sexualidade. Emoções positivas podem facilitar a intimidade e o orgasmo, enquanto as negativas podem levar a disfunções sexuais - como disfunção erétil, ejaculação precoce, diminuição do desejo sexual); Experiências Passadas e Aprendizados (as experiências vividas ao longo da vida, incluindo traumas, educação sexual - ou a falta dela -, mensagens familiares e culturais moldam crenças, valores e expectativas em relação à sexualidade. Essas construções subjetivas podem tanto promover quanto dificultar uma sexualidade saudável); Comunicação e Relacionamento (a capacidade de se comunicar abertamente com o(a) parceiro(a) sobre desejos, limites e

preocupações é vital para uma vida sexual satisfatória. Problemas de comunicação ou conflitos no relacionamento podem afetar negativamente a intimidade sexual).

Hoje, podemos falar também da dimensão *psicossomática* da sexualidade (Morano, 2014), ou seja, há uma íntima relação e influência do psíquico sobre o físico e vice-versa. Isso significa compreender que, muitas questões na área da sexualidade humana, são causadas por problemas emocionais e psicológicos. Por outro lado, é sabido que, quando estamos deprimidos, há uma baixa nos hormônios sexuais ou, quando estamos com alguma dor, o instinto de sobrevivência é maior do que o sexual, sobressaindo-se, assim, a dimensão físico-biológica humana. Nesse aspecto, cabe também dizer sobre a importante compreensão que a *psicanálise* trouxe sobre a sexualidade humana. De fato, foi uma grande revolução que esse conceito adquiriu com o desenvolvimento da psicanálise:

Contra uma concepção biologistica, que a mantinha atada a uma relação demasiado estrita com a genitalidade e a procriação, a psicanálise vislumbrou na sexualidade todo um conjunto de fantasias e atividades existentes desde a infância, que produzem prazer e não podem ser reduzidas à satisfação de necessidades fisiológicas (Morano, 2014, p. 172).

Ou seja, a psicanálise contribuiu para que o fenômeno humano da sexualidade seja, em grande espectro, compreendido numa rede de relações e experiências que compõem a própria realidade humana, mesmo antes de sua consciência adulta, desde a infância. A concepção biologistica, genital e procriativa são aspectos da sexualidade humana, mas não a esgota. A dimensão psicossomática da sexualidade humana refere-se à profunda e inseparável conexão entre a mente (psique) e o corpo (soma) na experiência sexual. Ou seja, a forma como pensamos, sentimos e nos relacionamos emocionalmente influencia diretamente nossas respostas e funções sexuais, e vice-versa. Não se trata apenas de um corpo reagindo a estímulos físicos, mas de um organismo complexo em que emoções, crenças, experiências passadas e o estado mental geral desempenham um papel crucial na saúde e satisfação sexual. O que podemos dizer é que a sexualidade humana é uma energia fundamental que permeia todas as dimensões do ser humano, logo, ela é um princípio vital. É o nosso próximo tópico a ser abordado.

1.1.5 Princípio vital

Em que consiste o princípio vital da sexualidade humana? Este reside na sua própria natureza que é multifacetada e essencial para a existência e o bem-estar do indivíduo em suas diversas dimensões. Quais são os aspectos que determinam a sexualidade humana como princípio vital? Podemos elencar cinco aspectos. Primeiro, é que a sexualidade é uma *Energia Impulsionadora*. Ou seja, uma energia vital instintiva, uma "força motriz" (como Sigmund Freud a descreveu) que impulsiona o desenvolvimento e a busca por prazer, satisfação e conexão. Essa energia se manifesta desde a infância, ligada inicialmente a funções vitais e à autopreservação, e se transforma ao longo das diferentes fases da vida. O segundo aspecto é a sua *Dimensão Biopsicossocial*. Significa reconhecer, como dito acima, que ela não é apenas um fenômeno biológico (ligado aos órgãos genitais e à reprodução), mas também profundamente psicológico (envolvendo emoções, desejos, identidade e autoconhecimento) e social/cultural (influenciada por normas, valores, costumes e relações interpessoais). Essa interação entre os aspectos biológicos, psicológicos e sociais é fundamental para a formação da personalidade e a experiência da sexualidade. O terceiro aspecto do princípio, chamado de *Conexão e Afetividade*, é a percepção de que a sexualidade humana é intrinsecamente ligada à busca por intimidade, afeto e conexão. Ela se expressa na forma como as pessoas sentem, se movimentam, se tocam e são tocadas, desempenhando um papel crucial nas relações interpessoais e na capacidade de amar e se doar. O prazer, a satisfação e a intimidade sexual são componentes importantes da qualidade de vida e do bem-estar geral. E, portanto, ela é também *Construção Contínua e Flexibilidade*. Este é o quarto aspecto da sexualidade: ela não é estática; ela é uma construção que se desenvolve e se modifica ao longo de toda a vida. Fatores como a experiência, a cultura, as relações e o autoconhecimento contribuem para moldar a forma como cada indivíduo vivencia sua sexualidade. Essa flexibilidade permite variações quantitativas e qualitativas nas manifestações sexuais, incluindo a diversidade de orientações e identidades sexuais. Como princípio vital da vida humana, da sexualidade depende a *Saúde e Qualidade de Vida*. Assim, temos o quinto aspecto do seu princípio vital. Uma vivência sexual saudável é essencial para a saúde integral e a qualidade de vida. Problemas relacionados à sexualidade podem impactar negativamente a saúde mental e emocional, levando à ansiedade, à depressão e a outros problemas psicológicos. Promover a educação sexual, o respeito à diversidade e o autoconhecimento são fundamentais para uma vivência sexual plena e satisfatória.

Nessa consciência da sexualidade, a dimensão da genitalidade e da procriação é uma pequena ponta do *iceberg* que oculta sua grande massa sob o mar. A sexualidade é, portanto,

uma função vital “orientada para a busca de um encontro fusional, totalizador e prazeroso” (Morano, 2014, p. 172). Ela deixa, assim, a princípio, de aparecer como um luxo ou como ou um prazer que acompanha as funções inerentes à procriação.

A psicanálise procura diferenciar a sexualidade do instinto, ressaltando seu caráter pulsional⁷. O primeiro, em contrário à pulsão, pressupõe um comportamento que não é biologicamente adquirido ou aprendido. O instinto dirige-se de forma automática, praticamente mecânica, em direção a um objeto preciso, e é despertado por estímulos determinados. Tem uma base neurológica e muscular bem definida. Contudo, à medida que se vai ascendendo na escala biológica, o instinto começa a perder rigidez e passa a ganhar flexibilidade. Ocorre uma passagem dos trilhos biológicos e o instinto vai dando lugar ao histórico e biográfico (Morano, 2014, p. 111). Para a psicanálise, a dinâmica da vida psíquica é regida por um conflito fundamental entre duas forças opostas e complementares. Compreender a sexualidade como Pulsão de Vida exige olhar para além do ato biológico, entendendo-a como a força que nos impele à conexão e à criação.

Em sua segunda teoria pulsional (1920), Freud introduz o conceito de Eros. Aqui, a sexualidade deixa de ser apenas a busca pelo prazer orgânico e passa a representar a Pulsão de Vida. Sua principal característica é a ligação. Eros trabalha para unir o que está disperso, criar formas cada vez mais complexas e manter a coesão do ser vivo. Ela engloba não apenas o sexo, mas o amor-próprio (narcisismo), a amizade, o cuidado e a criatividade. É o "cimento" que mantém as relações humanas e a civilização unidas. Em contrapartida, Freud postulou a existência de Thánatos, ou a Pulsão de Morte. Ao contrário de Eros, Thánatos busca o desligamento. É uma tendência inerente ao organismo de retornar ao estado inorgânico, buscando o fim das tensões e dos conflitos. Ela se expressa através da agressividade, da autodestruição, do isolamento e do desejo inconsciente de "parar o movimento" da vida. Onde entra o amor nessa história? Para a psicanálise, o amor é a face visível e sublimada de Eros. A importância da dimensão erótica do amor reside no fato de que ela é a nossa principal defesa contra a desintegração causada pela pulsão de morte. Eros "captura" a pulsão de morte. Ao direcionarmos nosso interesse e desejo para um objeto (alguém ou algo), transformamos a energia que seria destrutiva em energia de ligação e cuidado. O "erótico" aqui refere-se ao desejo que nos mantém curiosos, apaixonados e engajados com o mundo. Sem essa chama

⁷ A tradução espanhola das *Obras Completas* de Freud, de imenso valor, sob vários aspectos, comete um lapso quando traduz o termo freudiano *trieb* por “instinto”, em vez de por “pulsão”. Freud utiliza o termo alemão *instinkt* (instinto) apenas para fazer referência a determinados comportamentos do mundo animal fixados pela hereditariedade e, portanto, para destacar a vertente biológica em relação à psíquica. Nos demais casos, sempre utiliza o termo *trieb* (pulsão). Veja: Domingos Morano. *Crer depois de Freud*, p. 112.

erótica, a vida se torna apática, entregando-se ao silêncio de Thánatos. É através do investimento amoroso (libidinal) nos outros e em nós mesmos que construímos nossa identidade e nossa vontade de permanecer existindo. "A meta de Eros é criar e conservar a unidade; a meta da pulsão de destruição é, pelo contrário, desfazer as conexões" (Freud, 2014, p. 211). Por isso mesmo, podemos afirmar também que a sexualidade humana é uma *cadeia de relações*.

1.1.6 Uma cadeia de relações

Na experiência da sexualidade humana, a pessoa descobre-se numa tessitura de *relações* consigo, com os outros e com as coisas. As várias dimensões da vida humana também estão vinculadas à sua experiência sexual. E, por isso, podemos afirmar que existe uma dimensão *relacional* da sexualidade. É através delas que somos capazes de evocar sentimentos de desejo ou repulsa, de excitação ou aversão, de amor ou ódio. Todavia, as relações humanas são extremamente complexas e construídas a partir de influências genéticas, ambientais, familiares, sociais, religiosas, culturais e de uma infinidade de outros aspectos que vão moldando nossa forma de perceber a realidade e estabelecer relações com ela. Acima de tudo, porém, a sexualidade precisa ser compreendida dentro da dimensão da *relacionalidade*. Somos seres relacionais e a sexualidade é uma das expressões de nossos relacionamentos.

Falar de sexualidade *relacional* é compreender que, muito antes da penetração genital, existe no ser humano a busca pela interpenetração de ‘outros orifícios’ relacionais: a interpenetração do olhar, que atravessa o orifício da pupila e enxerga/deixa enxergar a alma; a interpenetração do falar, que atravessa o orifício auditivo e toca o mais profundo do ser – não apenas a pele! Para essas outras interpenetrações, a sexualidade exige tempo e diálogo fecundo. Nesse sentido, a sexualidade humana deve ser compreendida dentro dessa condição de complexidade intrínseca a ela. Simone de Beauvoir (1980, p. 301) afirmava categoricamente que “a gente não nasce mulher, torna-se mulher”. Pode-se dizer o mesmo de qualquer outra expressão da sexualidade. A pessoa não nasce ciente de suas relações, torna-se relações. E, dentre essas, as relações sexuais. Logo, na experiência da sexualidade, o ser humano é capaz da *valorização e do sentido*.

1.1.7 A valorização e o sentido

Existe, para além das dimensões física/biológica, psicológica, psicossomática e relacional, o que dá a *valorização* e o *sentido* à sexualidade humana. O ser humano não é apenas uma somatória de questões biológicas, psicológicas, relacionais e emocionais. Ele remete todas as suas experiências a uma pergunta de fundo: *o para quê?* É a dimensão teleológica, a dimensão do sentido. Nesse horizonte, entra a dimensão *espiritual* da sexualidade. Diante do sentido que se atribui à sua existência, o ser humano acolhe e vivencia a sua sexualidade, dando-lhe finalidade, meta e valores. É também chamada de dimensão *noética*. Através da dimensão *espiritual* da sua sexualidade, a pessoa orienta as decisões da vontade, estabelece o seu senso ético e estético, a sua criatividade, a sua consciência, a sua liberdade, a sua responsabilidade e o seu senso religioso. Daí que existe uma relação peculiar entre religião e sexualidade, como veremos mais à frente, pois as religiões, pelo menos em princípio, são portadoras de uma espiritualidade, de um sentido, produzindo sentido ético do exercício da sexualidade.

Ao abordamos a sexualidade nas suas várias dimensões, é preciso ressaltar que estas se referem a uma única e mesma experiência da sexualidade humana, não a sexualidades diversas. A abordagem, o ângulo de visão, é diferente, mas não a sexualidade em si. As diferentes dimensões têm influência recíproca entre si, uma vez que tudo se joga na mesma consciência. Um limite *físico/biológico* da sexualidade terá repercussões no âmbito *psicológico, relacional e espiritual*. Uma visão que liberte o ser humano de concepções negativas da sexualidade repercutirá na sua capacidade de lidar de modo mais tranquilo e integrador, equilibrando as suas várias dimensões. O contrário também será verdade, uma perspectiva que nega ou acentua uma dimensão sexual da vida humana pode ser fonte geradora de muito sofrimento.

Cientes dessas constatações, devemos reconhecer significativas repercussões na compreensão do fenômeno da sexualidade humana. Significa compreender, por exemplo, que a pulsão não tem mais os seus alvos e objetos previamente determinados. Logo, a sexualidade é uma experiência que envolve o ser humano como um todo, perpassando todas as suas dimensões existenciais. E isso se dá de tal forma que é possível afirmar “que tudo no homem tem uma dimensão sexual, ainda que isso não possa ser entendido como pura e exclusivamente sexual” (Morano, 2014, p. 172). Compreender, assim, a sexualidade humana é reconhecer que toda atividade, toda conduta, todo sentimento e toda emoção tornam-se afetados pela sexualidade. Merleau Ponty (1975)⁸ irá afirmar, nesse sentido, ainda que de uma ótica diferente da psicanálise, que existe, de fato, uma intrínseca relação entre sexualidade e existência. O

⁸ Cf. Merleau Ponty, *Fenomenología de la percepción*, Barcelona 1993, p. 171-191. Disponível em: https://monoskop.org/images/9/9b/Merleau-Ponty_Maurice_Fenomenologia_de_la_percepcion_1993.pdf. Acesso em: 11 out. 2021.

modo de uma pessoa conceber a sua vida (sentido/religare) tem influência na compreensão da sua própria sexualidade. E essa influência é recíproca.

O que estamos a constatar é que, de fato, a sexualidade é um conjunto de forças que todo ser humano experimenta em si. E, às vezes, não tem delas tanta consciência. Atingir “a maturidade e o equilíbrio neste conjunto é uma das aspirações mais importantes na vida de uma pessoa” (Uriarte, 2015, p. 91). Torna-se um assunto difícil na trajetória humana e, muitas vezes, acentuado quando intervém toda uma série de equívocos e influências de caráter ideológico. O próprio conceito de “maturidade” é, por sua vez, bastante ambíguo e relativo. O ser humano jamais alcançará a maturidade afetivo sexual de forma plena e integral⁹. E este ideal, por outro aspecto, se presta a acolher em si toda uma série de fantasias infantis de onipotência. Falar de integração dessa dimensão é captar uma série de defesas que são erigidas, às vezes mais, às vezes menos bem-sucedidas. Logo, a maturidade se torna relativa apenas à melhor ou à pior articulação obtidas entre as defesas e as pulsões. Nossa organização libidinal, em maior ou menor medida, traz traços de caráter neurótico e perverso (Morano, 2014). E a aceitação da contaminação de elementos neuróticos ou perversos com os seus conflitos inevitáveis pode, em determinados momentos, ser um critério para avaliar a “maturidade” de uma pessoa.

Quando averiguamos a relação específica da sexualidade com a religião, esta, por um lado, aparece como um símbolo Supremo da felicidade e, por outro, como símbolo Supremo da proibição e do tabu. Ela se choca, de forma inevitável, com a lei e com a proibição. É ilusão e ingenuidade defender a “existência de um selvagem feliz habitando uma cultura livre de qualquer interdição sexual” (Morano, 2014, p. 175). E, por isso mesmo, sua relação com a religião é relevante, uma vez que esta fundamenta suas regras de conduta no *ethos* absoluto. No tópico seguinte, apresentaremos a relação entre as religiões e a sexualidade. A depender da experiência e da imagem que as pessoas fazem de deus na sua religião, essa relação pode ser de culpabilidade, negação ou integração da sua dimensão sexual. É claro que jamais conseguiríamos esgotar toda a complexidade dessa relação, pois o fenômeno religioso, como a própria sexualidade, não se manifesta unívoco e retilíneo. Muito menos sem as influências das várias dimensões da vida humana. Contudo, trata-se aqui de abordar aspectos significativos da relação religião e sexualidade, que nos possibilitam averiguar o porquê de certos aspectos que o sujeito crente estabelece com a sua própria identidade e sexualidade. Nosso próximo tópico abordará a relação que podemos perceber entre as religiões e a sexualidade.

⁹ URIARTE, J. M oferece também uma excelente síntese da visão psicanalítica da sexualidade em seu trabalho *Ministério sacerdotal Y celibato, Iglesia viva*, p. 91-92, (2015) p. 47-49.

1.2 A relação entre as religiões e a sexualidade

Não iremos abordar a relação que se dá entre todas as religiões e a sexualidade. O objeto da nossa pesquisa é essa relação especificamente com o cristianismo e, na sua vertente majoritária, o catolicismo. Trata-se de perceber o que, na religião cristã católica, em seus dogmas e preceitos e no seu discurso de profano e sagrado, justifica e determina o louvável e o condenável na sexualidade, com um olhar atento para a questão da homossexualidade. Fazemos essa opção, tendo em vista o foco da nossa pesquisa que é explicitar como os sujeitos que se declaram católicos e homossexuais elaboram a sua identidade sexual a partir dessa experiência religiosa. Antes, porém, de nos debruçarmos sobre a sexualidade no cristianismo católico, teceremos algumas considerações gerais sobre a relação da religião com a sexualidade humana.

Podemos considerar, em um contexto mais amplo, que a influência da sexualidade, como já demonstrado anteriormente, permeia todas as manifestações da vida humana, do nascimento até a morte. Contudo, na maior parte da história da humanidade, essa influência foi negada. E com muito mais força entre os povos ligados às tradições judaicas e cristãs (Vitiello; Conceição, 1993). Dizer, portanto, da relação entre sexualidade e religião é algo muito mais denso e complexo do que aparentemente pareça. Se as religiões, juntamente com a sabedoria de vida e a ética, são fontes universais de sentido da existência humana, a peculiaridade está no fato de que as religiões abordam o sentido no âmbito de um *ethos* fundante de todo o ser como absoluto: *o transcendente*. Por isso mesmo, o discurso sobre a sexualidade das várias religiões tem força e significados nas culturas humanas. É uma moral que tem como fundamento o próprio “querer de deus”. Gênero, estado civil, cor, religião, classe social e quantidade de parceiros sexuais, todos esses são fatores que podem selar o destino das pessoas para sempre. E, quando revestido do discurso da religião, são implacáveis enquanto justificativas.

Quando percebemos, a intrínseca relação que se estabeleceu ao longo da história humana entre a sexualidade e as religiões, nasce, naturalmente, a pergunta: a que se refere ou o que justifica ser a sexualidade uma questão tão central, por vezes, até principal, para tantas religiões? É claro que uma pergunta como essa, de tal envergadura, requer a humildade científica para reconhecer que não há um conteúdo conclusivo e definitivo para tal resposta. Contudo, a reflexão pode apontar alguns elementos que ajudam a tornar menos confusa e quase incompreensível, às vezes, essa interessante e instigante relação. Antes de tudo, todas as respostas

Vão variar de acordo com a religião. Desde os primórdios da humanidade, é possível constatar a relação intrínseca entre essas duas dimensões do ser humano. De tal modo, que seria quase impossível falar de uma sem levar em conta a outra. Paradoxalmente, o sexo pode ser visto como dádiva divina ou um tabu, a depender da tradição religiosa. Porém, é fato que, de uma maneira ou de outra, o sexo sempre esteve ligado ao sagrado do qual estivermos falando (Endjso, 2004, p. 15).

Afirmamos que a sexualidade está sempre relacionada às várias e complexas dimensões da vida humana. Ao abordá-la em relação à religião e à somatória dos vários aspectos que esse fenômeno registra nas civilizações, é ainda mais amplo e complexo. Trata-se de refletir também sobre política e identidade, relação entre linguagem e economia, cultura e ética. Numa palavra, a sexualidade está intimamente ligada ao nosso tecido social no sentido mais amplo do termo (Endjso, 2004). Essa temática independe de o sujeito definir-se na sua experiência humana como crente ou não, religioso ou sem religião, socialista ou capitalista, ou “sem religião”. O certo é que sexualidade e religião nos conectam com a maneira como vivemos e como percebemos-nos como seres humanos. E o que é mais interessante, isso se dá, independentemente de um vínculo, enquanto sujeitos, a uma determinada tradição religiosa, pois os paradigmas sobre a sexualidade trazidos pelas religiões tornam-se, quase sempre, padrões de condutas para os grupos sociais. Vamos nos deter agora em compreender como se deu essa relação nos primórdios da religião.

1.2.1 Nos primórdios da religião

Na sua origem, a religião ocupava-se mais da conduta correta, na qual, geralmente, a sexualidade desempenhava um papel central. É relativamente recente a questão de a religião dizer respeito primeiramente à fé. Antes, havia a convicção de que determinadas ações são fundamentais nos ritos religiosos. Entre essas ações, está o foco na sexualidade. Esse foco é tão significativo que os ritos religiosos que envolvem o sexo parecem ocupar uma posição destacada:

Existem regras religiosas sobre como se comportar, o que comer, como pentear o cabelo, como se assear e como se portar durante os rituais religiosos, mas, raramente alguém mata o semelhante com base nessas regras. Por outro lado, um bom número de pessoas é morto em decorrência da reação de terceiros a sua própria vida sexual. Sexo é um fator de combustão muito mais plausível que qualquer outro nesse contexto (Endjso, 2004, p. 15).

No contexto atual, é sutil perceber que as religiões, na sua maioria, não defendem a ideia de impor às pessoas seguir uma única e verdadeira religião. Porém, mesmo assim, quando se trata de certos aspectos da conduta humana e sexual da sociedade, muitas dessas mesmas

religiões buscam impingir certos “valores” de sua crença ao todo da sociedade em que se dá grande destaque para a sexualidade. “Nenhuma sociedade conhecida jamais existiu sem regras sobre o sexo” (Endjso, 2004, p. 13). Podemos ilustrar essa tendência com os movimentos de cunho religioso cristão aqui no Brasil, como algumas *igrejas neopentecostais*, *movimentos e novas comunidades* católicos, como *canção nova*, *opus dei*, *arautos do evangelho*, com pautas em nome dos *bons costumes* e da *família tradicional*, que tramitam no Congresso brasileiro, tendo como protagonistas parlamentares eleitos por essas frentes. Embora sendo o Estado Laico, querem impor para todos, crentes ou não, a sua moral sexual religiosa.

Diante de tal constatação, parece-nos que as religiões sempre tentaram reger a sexualidade humana. Na realidade, por se tratar a religião de um fenômeno que aborda o sentido último da vida, sempre tentou reger tudo. O certo é que, das fontes escritas de que dispomos sobre religião, essas apontam sanções e condenações religiosas as mais diversas possíveis das diversas formas de sexualidade. É verídico afirmar que existe uma conformidade entre regras religiosas e normas mais gerais em relação à sexualidade ou, mais preciso ainda, “as regras e as aprovações que existem, em geral, também têm caráter religioso” (Endjso, 2004, p. 14). Mas não é possível precisar exatamente quando surgiu a relação entre a religião e a sexualidade. Percebe-se, portanto, que não podemos afirmar *um padrão único* nessa relação entre sexualidade e religião. Vejamos.

1.2.2. Sem um padrão único

O que podemos afirmar é que a relação entre a sexualidade e a religião é constatada mediante o complexo processo cultural e religioso que foi composto pela “incrível diversidade e intrincada estrutura sexual que encontramos em todas as sociedades” (Endjso, 2004, p. 14). Porém, é impossível defender um padrão único acerca de como a religião se relaciona com a sexualidade humana. Tanto é verdade que determinada forma de sexualidade pode ser considerada ideal, ou mesmo sagrada, por uma tradição religiosa e, por outra, pode ser vista como algo abominável. Contudo, todos esses padrões têm uma coisa em comum: “nenhum dos modelos de sexualidade defendidos pelas diversas religiões representa uma limitação natural ao sexo. Estamos sempre lidando com conceitos culturais” (Endjso, 2004, p. 14). No entanto, no imaginário do *ethos* religioso, se define qual o tipo de sexo é o correto, qual é o único e digno aos olhos do seu *deus*, e qual deve ser repugnado, considerado errado, desordenado e perverso diante dele. A relação entre sexualidade e religião é complexa, multifacetada e profundamente enraizada na história e na cultura humanas. As crenças religiosas, seus dogmas

e suas tradições frequentemente moldam a forma como os indivíduos compreendem, vivenciam e expressam sua sexualidade. Essa interação pode ter aspectos tanto positivos quanto negativos, influenciando desde a moralidade sexual até a saúde mental e social.

É crucial reconhecer que a relação entre sexualidade e religião não é estática nem homogênea. Dentro de cada religião, existem diversas correntes de pensamento e interpretações. Além disso, a sociedade contemporânea tem testemunhado um crescente diálogo e, em alguns casos, uma maior flexibilização das visões religiosas sobre a sexualidade, especialmente em resposta às demandas por inclusão e respeito à diversidade. Em suma, a religião exerce uma influência profunda e complexa sobre a sexualidade humana, funcionando tanto como um guia moral quanto, em alguns casos, como uma fonte de conflito e restrição. Compreender essa relação é fundamental para analisar as dinâmicas sociais e individuais em diferentes contextos culturais e religiosos.

Feitas essas ponderações, abordamos, em seguida, a sexualidade no cristianismo. Houve, com o advento deste, uma significativa *passagem cultural da civilização ocidental que passou a ser marcada pela matriz judaico-cristã*. O cristianismo e, especificamente, o catolicismo, como a sua expressão maior, marcou profundamente a visão do ser humano e, conseqüentemente, também da sexualidade humana, nas civilizações chamadas “cristãs”. Da mesma forma, é importante ressaltar que apresentar a questão da sexualidade no cristianismo é sempre um empreendimento ousado, uma vez que são mais de dois mil anos de história, nas suas várias configurações culturais, sociais e históricas. Mais uma vez requer-se, portanto, frisar o nosso objetivo nesta pesquisa. Temos como meta tentar compreender como os sujeitos homossexuais católicos lidam com a sua identidade sexual no ambiente dessa tradição religiosa. E, por isso, tentar esboçar o *arquétipo* que influencia essa identidade, seja nas razões de negação, repulsa, conflito ou mesmo de integração. Existem elementos na relação entre a sexualidade e o cristianismo que possibilitam essa leitura. Façamos agora, um breve e sintético histórico da história da sexualidade no cristianismo.

1.3 Breve história da sexualidade no cristianismo

Ao falarmos da relação entre o cristianismo e a sexualidade, ressalta-se que o fazemos como religião, ou seja, tendo em vista um conjunto de sistemas culturais e de crenças, além de visões de mundo, que estabelece os símbolos que relacionam a humanidade com seus próprios valores morais. Como qualquer *religião*, o cristianismo histórico tem narrativas, símbolos, tradições e histórias sagradas que se destinam a dar sentido à vida ou a explicar a sua origem e do universo. Sendo assim, tende a derivar a moralidade, a ética, as suas leis religiosas ou um

estilo de vida preferido de suas ideias sobre o cosmos e a natureza humana. Não desconhecemos que, não obstante a sua manifestação histórica enquanto religião, não se possa falar de uma *essência* do Cristianismo, vinculado ao carisma da sua inspiração *originária* que é a pessoa de Jesus de Nazaré, relatada pelos Evangelhos, e que consegue ir além da sua manifestação histórica, sendo um contínuo referencial ideal da sua proposta. Na perspectiva dessa *essência*, não podemos esgotá-lo nas suas configurações históricas. E isso se dá também quando abordamos a questão da sexualidade cristã (entre os cristãos). Sempre haverá, no *carisma originário* dessa tradição religiosa, um ideal de vida humana e, consequentemente, da própria sexualidade que transcende a concretude histórica. Mas, como aqui não se trata de fazermos uma teologia da sexualidade cristã, abordaremos o que os fatos, especificamente no que tange à sexualidade dos cristãos e cristãs, permitem avaliar sobre essa temática.

As configurações sobre a sexualidade no cristianismo, registradas na prática dos fiéis, na sua moral sexual, nos manuais e no ensino por parte de seus líderes religiosos, são frutos também dos contextos culturais, sociais, políticos e mesmo econômicos. Portanto, a abordagem que aqui faremos é como se manifesta essa relação da sexualidade com o cristianismo enquanto *religião*, que não significa, necessariamente, estar em coerência com a perspectiva antropológica que podemos cunhar a partir dos escritos dos Evangelhos e do Jesus histórico e que possibilita leituras críticas da sexualidade, defendida e compreendida de modo, a nosso juízo, reducionista. Dito isso, façamos um breve panorama do cristianismo, de modo geral, e do catolicismo, em relação à sexualidade humana, percebendo sua forte configuração no Império Romano.

1.3.1 Religião cristã do Império Romano

O cristianismo é a religião que mais influenciou a sociedade ocidental. Como sabemos, é monoteísta, baseia-se nos ensinamentos de Jesus de Nazaré e firma as suas raízes no judaísmo. Por isso, é também considerado elemento do conjunto das religiões chamadas de “abraâmicas”, cujo precursor foi Abraão (1800 a.C.). Logo, é impossível descer nas profundidades da sociedade e da cultura ocidental sem considerar e conhecer o próprio cristianismo (Gaarder, 2010).

Com a ascensão do cristianismo, tornando-se religião oficial do Império Romano¹⁰, os símbolos e as religiões pagãs de outrora foram severamente apagados e perseguidos. Houve

¹⁰ Paul Veyne, arqueólogo e historiador francês nascido em 1930, especialista em Roma antiga, em seu livro *Quando nosso mundo se tornou cristão*, lançado em 2007 e traduzido para o português, descreve o processo pelo

uma transferência à figura de Satanás para os signos fálicos, as características dos deuses pagãos, como os chifres, a cauda, as patas de bode e de cavalo. A serpente foi associada ao pecado original, à tentação feminina e à perdição do homem (Eisler, 2007). Em linhas gerais, podemos dizer que se faz uma passagem de compreensão da sexualidade como pecado, em que o seu exercício era permitido apenas dentro do matrimônio e com a finalidade de procriação, sendo a contracepção considerada pecado grave. Aos poucos, vai sendo valorizada a virtude da virgindade para as mulheres, bem como o padrão da monogamia.

A relação entre sexualidade e cristianismo é complexa, multifacetada e profundamente enraizada na história e na cultura humanas. As crenças religiosas, seus dogmas e suas tradições frequentemente moldam a forma como os indivíduos compreendem, vivenciam e expressam sua sexualidade. Essa interação pode ter aspectos tanto positivos quanto negativos, influenciando desde a moralidade sexual até a saúde mental e social. É através de seus textos sagrados, líderes espirituais e comunidades, que o cristianismo irá estabelecer normas e valores que direcionam o comportamento sexual de seus adeptos. Essas diretrizes variam amplamente entre as diferentes e várias realidades, mas geralmente abordam temas que veremos a seguir, com inspiração nos seus textos sagrados.

1.3.2 Os textos sagrados

Ao longo dos vários textos considerados sagrados para o cristianismo, no Novo bem como no Primeiro Testamento, nos seus vários estilos e literaturas, encontramos diversas referências à sexualidade e ao comportamento sexual. Abordam advertências e orientações sexuais que abrangem uma gama de diferentes temáticas: sexo e casamento, poligamia, incesto, sedução, estupro de homens e mulheres, adultério, masturbação, prostituição feminina e

qual o cristianismo passou de uma seita de vanguarda para se tornar a religião predominante em todo o Ocidente. O autor está na pista das pessoas que receberam essa nova fé e quais foram as consequências disso, elaborando uma história do cristianismo enquanto uma construção coletiva, mas que contou com uma conversão fundamental para seu sucesso: a do imperador Constantino, em 312 d.C. Ao lançar um novo olhar para Constantino, o autor parte da noite de véspera de uma batalha decisiva que visava recuperar Roma e as demais regiões da Itália, usurpadas por Maxêncio, noite em que Constantino teve um sonho no qual Cristo lhe dizia "sob este sinal vencerás". Após o sonho, Constantino levou para o campo de batalha a marca da nova fé (o crisma, as iniciais do nome de Cristo em grego: C e R) no estandarte de sua tropa, nos escudos dos soldados e em seu próprio capacete. O que era para ser mais um confronto entre generais tornou-se um marco na história, pois, com a vitória de Constantino, o cristianismo passava de seita minoritária para religião oficial do imperador, ou seja, uma guinada significativa no rumo dos fatos que se sucederam. Trata-se de uma religião que, como nenhuma outra, teve no decorrer daquele século um enriquecimento espiritual e intelectual muito grande. E que, ainda que sumariamente elaborada, mostrou-se no tempo de Constantino uma religião superior ao paganismo, portanto digna de seu trono. Com destreza, Paul Veyne levanta essas características da nova doutrina e localiza seus efeitos na sociedade da época, desenhando como se deu a recepção pela sociedade do século IV d.C. de uma religião que trazia em si uma nova sensibilidade. Nas palavras do autor, a ascensão do cristianismo "provocou um corte geológico na evolução bimilenar das religiões, abriu uma nova era para a imaginação que as cria e vai servir de modelo às religiões que a sucederam, maniqueísmo ou islã" (Veyne, 2007, p. 45).

masculina, zoofilia, travestilidade, coito interrompido, poluções noturnas, doenças sexualmente transmissíveis, nudez, circuncisão, afrodisíacos, virgindade, homossexualidade, como também belos poemas sobre o amor e a amizade.

Geralmente, a Bíblia aborda a sexualidade em diversos contextos, enfatizando princípios como santidade, fidelidade e respeito mútuo. No Antigo Testamento, por exemplo, temos regras sobre relações sexuais no contexto da lei mosaica (cf. Levítico 18, 19) e a lapidar frase do livro do Gênesis que fala sobre a união entre marido e mulher como "uma só carne" (cf. Gênesis 2, 24). No Novo Testamento, o evangelho de Mateus ensina que o adultério começa no coração, ao cobiçar outra pessoa (cf. Mateus 5, 27-28). Também as cartas paulinas registram esses princípios da moralidade da vida sexual das pessoas: 1 Tessalonicenses 4, 3-5 destaca a importância da santificação e do autocontrole; 1 Coríntios 6, 18 aconselha a evitar a imoralidade sexual, pois afeta profundamente o corpo e o espírito; Efésios 5, 3 exorta os fiéis a se afastarem da imoralidade sexual e da impureza e a carta aos Hebreus 13, 4 enfatiza a honra do casamento e a pureza do leito conjugal. Esses são alguns exemplos dos vastos e variados versículos que registram a pujante relação da fé cristã com a dimensão da sexualidade humana.

A leitura e as interpretações dessas passagens bíblicas irão ser diversas a partir da visão religiosa. Alguns irão tomá-las de forma literal, outros farão uma interpretação mais crítica, utilizando as atuais ciências bíblicas da exegese e da hermenêutica. Dito isso, podemos compreender que a Bíblia influenciou muito a sexualidade medieval com o advento do cristianismo. Ela serviu como base para normas e condutas, reforçando a importância da castidade e do sexo dentro do casamento para procriação. A Igreja Católica era a principal intérprete desses ensinamentos. A seguir, vamos percorrer brevemente esse caminho.

1.3.3 Os primeiros séculos e a idade medieval

Nos primeiros séculos da era cristã, os tratados teológicos elogiavam a virgindade feminina e desmereciam o matrimônio com o propósito de convencer as mulheres de evitá-lo. Em seus textos, os teólogos advertiam o público feminino dos perigos do casamento e incentivavam a castidade das mulheres. Entre os séculos IV e VI, surgiu a literatura monástica, destinada aos homens que viviam isolados em mosteiros e lutavam constantemente contra seu desejo. Esses escritos abordavam o combate solitário da fornicção e forneciam aos monges técnicas de observação da “carne”, para combatê-la (Dantas, 2010).

Durante o período medieval, o prazer sexual, dentro do casamento, chegou a ser concebido como pecaminoso pela Igreja. Até o século XVI, os cônjuges não podiam se

relacionar sexualmente em 273 dias do ano. De acordo com Tannahill (1983, p. 158), se recomendava “a abstenção nas quintas-feiras, em memória da prisão de Cristo; nas sextas-feiras, em memória de sua morte; aos sábados, em honra à Virgem Maria; aos domingos, em homenagem à ressurreição, e, às segundas-feiras, em comemoração aos mortos”. Logo, restavam apenas dois dias da semana para que se pudesse praticar o coito, entendido apenas como ato para procriar e que, paradoxalmente, havia se tornado uma obrigação. Pode-se imaginar a tensão e a frustração que viviam as pessoas perante esse instinto forte e natural do sexo mediante tais prescrições. Sua repressão sempre acaba gerando perversidade. Tal era o controle do prazer e dos corpos que a Igreja chegou a estabelecer as posições sexuais. Eram permitidas apenas as que o homem estivesse em uma posição superior à da mulher. As demais eram consideradas como “antinaturais”, pois faziam o homem assemelhar-se ao animal, invertiam a sua natureza hierárquica em relação à mulher, além de serem posições suspeitas de prevenir a concepção.

Percebe-se uma ênfase no ato sexual como obrigação dos cônjuges, não devendo, no entanto, ser acompanhado por desejo erótico. Apesar de ser obrigatório, o sexo no matrimônio foi considerado pecado por alguns sacerdotes até o século XV. O casamento não era capaz de purificá-lo, embora reduzisse sua imundície. Muitos teólogos mantiveram-se reticentes em relação às práticas sexuais entre cônjuges, apesar da sacramentalização do matrimônio. A sexualidade conjugal deveria restringir-se à reprodução, o que não significava que estava livre do estigma do pecado. A posição teológica do papa Gregório Magno permaneceu viva durante muito tempo no meio eclesiástico: “[...] é quase impossível sair puro do abraço conjugal” (Flandrin, 1985, p. 136). A abstinência continuava sendo discretamente prestigiada¹¹.

No assunto em pesquisa, que é a prática da homossexualidade dentro do cristianismo, fica evidente, dentro desse paradigma, o porquê da sua condenação. Na lógica do raciocínio da compreensão do sexo, permitido ou justificado apenas dentro do casamento e para fins procriativos, as relações entre pessoas do mesmo sexo se constituem como um crime ainda maior que a contracepção. Passa a ser interpretado como perigo para a Igreja e para o Estado e

¹¹ “O catolicismo deixava clara sua preferência pela virgindade perpétua, mas, reconhecendo a dificuldade de segui-la, sacramentou o matrimônio. Os protestantes, por sua vez, pautavam seu código moral na ideia de casamento, considerado o fundamento da Igreja. Eles não faziam objeção ao sexo conjugal nem recomendavam a continência definitiva. O matrimônio, projeto institucional, nunca assumiu a conotação negativa própria dos tratados católicos. Para o protestantismo, a virgindade não era o estado espiritual por excelência, representava um estado provisório que antecedia ao casamento e preparava os noivos para as bodas, cerimônia tão aguardada. Uma vez que o casamento foi prestigiado, o adultério torna-se o pecado mais combatido e censurado pela Igreja protestante, diferentemente da Igreja Católica, que se preocupou mais com a masturbação”. (DANTAS, B. S. A. *Sexualidade, cristianismo e poder*.

Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v10n3/artigos/html/v10n3a05.html>. Acesso em: 11 jan. 2022).

um repúdio à moralidade cristã. Existem relatos que comprovam a recusa do batismo a essas pessoas, como também a instrução na fé. Só poderiam fazê-lo quando houvesse provas de que renunciaram aos seus hábitos malignos (Tannahill, 1983).

1.3.4 Séculos de rigidez em relação aos prazeres sexuais

A *sodomia*, assim chamada, cujos significados eram bastante variados, também ganhou destaque nas práticas confessionais medievais, sobretudo nos séculos XIII e XIV. Símbolo do descontrole sexual e considerado ato contrário à natureza, a *sodomia* representava os coitos anais e orais e as relações entre pessoas do mesmo sexo, especialmente entre homens (Dantas, 2010). Para Ariès (1985), o que Paulo condenava com mais ênfase era a passividade sexual masculina. As punições no caso de sodomia masculina deveriam ser mais severas. Na Idade Média, as penas eram mais rigorosas para os homens sodomitas do que para as mulheres. Antes do século XII, as penitências eram leves. Contudo, entre os séculos XIII e XIV, as condenações passaram a ser muito violentas. Os sodomitas eram castrados ou condenados à morte na fogueira. Na lista de classificação das luxúrias, a sodomia foi se tornando o pecado da “carne” por excelência (Ariès, 1985).

Além de ter produzido um conjunto de leis destinado a regularizar a relação conjugal, a Igreja ainda desenvolveu um *catálogo* dos atos sexuais proibidos e dos pecados da “carne” conhecidos pelo nome de luxúria. Foram realizadas a categorização das luxúrias, a classificação das transgressões e a sistematização dos pecados carnavais. Dentre os inúmeros atos luxuriosos, destacava-se a masturbação, que, a partir do século XV, foi muito abordada pelos manuais confessionais e tratados penitenciais. Prática solitária e estéril, o *onanismo* desagradava os teólogos, pois destinava-se unicamente à obtenção do prazer erótico, não servindo à finalidade procriativa. Entretanto, apesar de ser considerado pecado grave, as penitências eram brandas.

Entre os séculos XII e XVI, os documentos teológicos mantiveram-se rígidos em relação aos prazeres sexuais. Os textos cristãos consideravam-nos repugnantes, denunciavam a sua vulgaridade, exortavam os fiéis a rejeitar atos promíscuos e ressaltavam as consequências funestas das condutas indecorosas. Todavia, a prática penitencial, ora parecia condescendente com os pecadores, ora aplicava punições severas e violentas. Ela oscilava, portanto, entre a tolerância e a extrema rigidez. Enquanto os teólogos eram rigorosos em seus escritos, os confessores, na prática penitencial, ora agiam de forma indulgente ora procediam com intransigência.

Segundo Vainfas (1992), a partir do século XVI, houve maior flexibilização dos teólogos em relação ao ato conjugal. Eles começaram a perceber que, apesar de vigiar a intimidade do casal, não conseguiriam controlar de forma absoluta as relações tão secretas e privadas e, por essa razão, flexibilizaram minimamente as estratégias adotadas e as penalidades aplicadas. Tinham consciência de que, mesmo tentando descobrir os segredos do vínculo matrimonial, alguns espaços permaneceriam invioláveis e ocultos. A eles não teriam acesso. Por isso, pouco a pouco, foram assumindo posições mais flexíveis e indulgentes, o que não significa que perderam a austeridade. A prática judicial passou a tolerar situações conjugais até então inadmissíveis.

É interessante observar o duplo caráter assumido pelo sistema penitencial: de um lado, representava uma hierarquia de pecados que o clero deveria vigiar e punir; mas, de outro, expressava um 'sistema de indulgências' em flagrante desacordo com a retórica teológica. [...] Sistema ao mesmo tempo penitencial e indulgente, eis o paradoxo da prática judiciária cristã (Vainfas, 1992, p. 74-75).

Segundo Dantas (2010), o sistema judicial cristão aplicava penas rígidas àqueles que cometessem pecados sexuais capazes de fragilizar a estrutura política e social da Igreja, ameaçar a família e dissolver o casamento. Os comportamentos sexuais, fortemente reprovados pelo discurso teológico, não eram necessariamente os mais perseguidos pelo tribunal eclesiástico, pois muitos deles, apesar de repugnantes, não ameaçavam a ordem política e social vigente. “Os atos ilícitos eram mais graves quando cometidos na relação conjugal, sendo, desse modo, severamente punidos” (Dantas, 2010, p. 708). Os delitos extraconjugais, embora fossem censurados, eram mais facilmente tolerados. É possível afirmar que a contradição caracteriza a moral sexual cristã. “Não há um único sistema moral, homogêneo e coerente, criado pelo cristianismo, mas inúmeras tendências, heterogêneas e ambíguas, que compõem a doutrina cristã” (Dantas, 2010, p. 708). Talvez isso reflita a própria questão da sexualidade, que é complexa em si mesma e que, relacionada à religião, ganha contornos e aspectos significativos de legitimidade ou condenação, a partir da compreensão que se estabelece do ser humano em referência à imagem de *deus* de que ela acredita ser portadora. Percebe-se, no caso específico aqui abordado, que existe, entre as proibições e bênçãos de tudo o que se refere ao sexo, uma “mistura de fascínio e rejeição, ao mesmo tempo, tensões e encantamentos, repulsa e idealismo, perversidade e integridade” (Dantas, 2010, p. 712).

Podemos falar de uma preocupação da Igreja Cristã que, nesse período, procurou estabelecer normas universais que pudessem ser seguidas por todos os indivíduos. Para Foucault (2004), o cristianismo apenas compilou os preceitos morais e os universalizou, dando-

lhes caráter de lei. E, para isso, desenvolveu, durante o século XV, a prática da confissão. Com essa prática, “a ética cristã não teve pudores ao determinar que os fiéis exibissem a sua vida sexual e exigir que tudo fosse dito a respeito da intimidade do casal” (Dantas, 2010, p. 708). Esses manuais são verdadeiros relatos da intimidade sexual dos penitentes. Salta aos olhos a obsessão na inquirição pelos detalhes do pecado sexual, estabelecendo perguntas sobre os modos, as posições, quantas vezes, quais as condições, com que pessoas e situações em que fora praticado. Algumas correntes puritanas da modernidade “[...] consideram escandaloso o estilo desabusado e franco com que estes manuais tratavam dos temas da sexualidade, um verdadeiro convite ao pecado feito às almas inocentes” (Almeida, 1993, p. 9).

Durante o século XVI, o Frei Rodrigo de Porto mostrou que os padres não deveriam ser reservados no momento do interrogatório. “O confessor é obrigado a perguntar o que vê, crê, e adverte ser necessário para que a confissão seja inteira e frutuosa: como o que lhe parece que o penitente cala por ignorância, inadvertência ou esquecimento...” (Almeida, 1993, p. 63). Passasse, entre os séculos XVI e XVII, a exigências universais que, nos primeiros séculos da era cristã, se referiam especificamente aos monges. Todos deveriam pautar-se por elas. Os cristãos precisavam estar atentos, em estado de vigilância, para não se sucumbirem nos pensamentos mais íntimos e nos desejos mais eróticos, mergulhar em seu interior, para perceber se havia vestígios de pecado. E, para isso, recomendava-se esmiuçar as intenções do coração e os anseios da *carne*. A impressão que se tem é de que se fazia necessário *dissecar* o desejo. Nessa perspectiva, Foucault (1998) irá afirmar que a pastoral cristã propôs a “hermenêutica do desejo” e a “elucidação de si”, visando ao controle dos prazeres e à renúncia da “carne”. Só através da “decifração de si” era possível abandonar o desejo. As seduições, fantasias e tentações encontradas deveriam ser rejeitadas. O fiel obediente, portanto, realizava sobre si um intenso trabalho de inspeção para, em seguida, repudiar o que lhe parecia vulgar e devasso (Dantas, 2010)¹².

O que fica evidente é que, durante os séculos XV, XVI e XVII, os manuais de confissão registram a passagem, sempre mais agravante, da preocupação com os pensamentos, os desejos, as imagens e as vontades sexuais dos penitentes. Chega-se a abordar sobre a periculosidade dos sonhos, das imaginações e das recordações. O pecado deixa de ser apenas um ato, passa a ser também pensamentos e desejos. E isso fez com que os confessores passassem a esmiuçar a mente, o coração e a alma do penitente, com a missão de encontrar o pecado, decifrá-lo e contê-

¹² É possível consultar o “Manual de confessores ao guia de penitentes: orientações e caminhos da confissão no Portugal pós-Trento”. Nessa obra encontram-se vários exemplos do que estamos afirmando. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3452.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2025.

lo. Nesse sentido, tinha-se muita preocupação com a *imaginação*. Ela agia em silêncio e sorrateiramente, logo, era necessário vigiá-la. O pensamento, na moral cristã, passou a ser tão importante quanto a realização do desejo. Azpilcueta Nazarro, em seus escritos, afirmou categoricamente que “os pecados por vontade, por palavra e por obra são de uma mesma espécie. Por conseguinte, o estupro mental, que é a vontade de ter cópula carnal com uma virgem, será da mesma espécie que o estupro real, que é a cópula” (Almeida, 1993, p. 66). “Imaginar o pecado era tão grave quanto cometê-lo. Desse modo, parece grande o rigor do tribunal eclesiástico” (Dantas, 2010, p. 711).

Diante da rigidez dessas confissões, percebem-se também meios de flexibilização das punições na prática. E uma delas era que o confessor podia averiguar sobre a *intenção* ou não do penitente de pecar. Para isso, ele devia perguntar ao fiel se o seu pecado tinha sido com intenção. E como o penitente, de modo geral, sabia do peso das punições, respondia negativamente quanto à intenção do ato. Logo, se, por um lado, podemos constatar uma rigidez nos manuais de confessores, por outro, na prática, eles criavam condições para o próprio fiel driblar as normas e suavizar as punições (Dantas, 2010). Ou seja, na própria lei se encontravam brechas para as transgressões, sem penalidades severas. Embora muitos comportamentos que eram moralmente suspeitos e condenados na literatura confessional, a Igreja, na prática, os tolerava.

1.3.5 A reciprocidade dos documentos teológicos e da legislação no Brasil

Se consultamos os manuais portugueses dos séculos XVI e XVII (Dantas, 2010), iremos perceber a sua influência nos documentos teológicos produzidos aqui no Brasil. Encontra-se, nitidamente, neles uma linguagem imperativa, de conotação legalista, muito similar a uma legislação civil. Esta, por sua vez, assemelhava-se aos preceitos eclesiásticos. Na realidade, “crime e pecado se confundiam. Havia apenas uma diferença entre ambos: enquanto o crime restringia-se ao ato, o pecado associava-se ainda aos pensamentos, aos desejos, às fantasias e imagens” (Dantas, 2010, p. 711). Nesse período, não encontramos uma literatura religiosa própria do Brasil. O que, de fato, influenciava na realidade da colônia eram as leis eclesiásticas de Portugal. E os códigos de conduta da Igreja, embora não fossem seguidos, tornaram-se referenciais de comportamento. Acontece, por parte dos que, mesmo não obedecendo aos imperativos cristãos, uma assimilação deles. E, por isso, esses códigos “tornaram-se parâmetros de conduta, apesar de não serem observados” (Dantas, 2010, p. 711). O que se constata é que a realidade brasileira se distinguia das prescrições cristãs.

Prevalecia, no Brasil, o modelo patriarcal de família, numa sociedade rural, com sistema de escravidão e relações poligâmicas. A miscigenação foi favorecida pelos contatos sexuais que os senhores de engenho mantinham com as escravas e as criadas. Embora fosse essa a prática, os senhores de engenho conviviam com essa realidade, considerada como pecados sexuais, dos quais não conseguiam se livrar. O que faziam era encontrar meios, nas normas religiosas, para subvertê-las. Os padres jesuítas tiveram grande importância na flexibilização das normas cristãs, com o objetivo de aproximá-las da vida cotidiana da colônia (Dantas, 2010). Encontramos relatos de que:

Cada caso era analisado de forma particular. A regra geral adaptava-se a cada situação específica. A lei universal cedeu lugar às circunstâncias particulares. A exceção à regra foi um mecanismo desenvolvido pelos jesuítas que privilegiava as práticas singulares em detrimento dos preceitos universais. Tolerava-se, portanto, a transgressão individual, reduzindo sua gravidade (Dantas, 2010, p. 712).

O que podemos constatar disso é que, uma vez que os códigos de conduta cristã eram extremamente rígidos e, por isso mesmo, de difícil obediência, foram criadas estratégias para contornar a legislação eclesiástica. Eram referências morais inatingíveis, de difícil vivência, o que fazia com que os confessores julgassem as ações cotidianas com moderação e flexibilidade. E isso provocou uma ideia trivial e rotineira do pecado, como sendo impossível de ser eliminado e, portanto, era necessário conviver com ele. “Na mesma medida em que tudo era pecado, quase nada era efetivamente um grave pecado, quase nada era objeto de escândalo e indignação. Havia como que uma banalização da falta moral” (Almeida, 1993, p. 125). Havia uma condenação explícita e dura do pecado nos tratados de teologia, contudo, ele era tolerado nas práticas do dia a dia, pois este se encontrava em todos os lugares, mesmo nos conventos e mosteiros. Assim, poderemos perceber que os lugares sagrados se tornarão espaços dos desejos sexuais mais recônditos.

1.3.6 O desejo sexual: dos lugares sagrados à proliferação

Nos séculos XVII e XVIII, pode-se constatar que o desejo sexual se fazia sorrateiramente nos lugares sagrados (Miranda, 1998). Era uma realidade nos claustros das freiras, mesmo com ritos sagrados para afugentá-lo. E, paradoxalmente, a excessiva sacralidade parecia instigá-lo ainda mais na silenciosa manifestação das paixões. A espiritualização do corpo, pelo isolamento religioso, provocava a erotização da alma. Uma vez trancada em seus conventos, longe de contatos físicos, elas estavam protegidas das *seduções* da carne. E isso foi

um campo fecundo para a tormenta da alma com pensamentos, desejos e imagens sexuais proibidas. “O erotismo fazia-se presente e afligia a vida das mulheres enclausuradas, que se mutilavam para dissipá-lo” (Dantas, 2010, p. 712).

[...] a interdição sexual teve a função de afrodisíaco. [...]. Em resposta à demonização do sexo, os instintos de Eros se manifestavam dentro dos mosteiros através de alucinações e extravasamentos, como o refinamento cruel da autoflagelação do corpo, os desfalecimentos ambíguos, as convulsões eróticas do êxtase, a homossexualidade e a própria heterossexualidade, com o testemunho dos bastardos (Miranda, 1998, p. 5-6).

Segundo Foucault (1999b), nos séculos XVIII, XIX e XX, os discursos sexuais proliferaram-se. Nunca se falou tanto da intimidade sexual. O pudor discursivo diminuía. As palavras indecentes deveriam ser filtradas para expressar o sexo, mas ninguém poderia ficar calado. As paixões deveriam ser mostradas sem inibição. A sociedade burguesa não parecia, como se acreditava, regida por um regime sexual espartano que exigia reserva, silêncio e discrição. A sexualidade não estava trancada no quarto dos casais.

Foucault (1999b) afirmará que a questão sexual teve sua gênese na família burguesa. Isso se deu, quando os pais começaram a preocupar-se com a vida sexual de seus filhos e filhas. Horrorizavam-se com a possibilidade da masturbação. E isso os fazia ficarem de sentinelas em relação à sexualidade das crianças. Tal atitude contribuiu para fortalecer a sexualidade, provocando a emergência de algo que estava escondido. Várias maneiras de sexo tiveram expressão na família vitoriana do século XIX. Na contramão dessa tese foucaultiana, Gay (1999) irá defender que o prazer sexual se acomodava nos dormitórios domésticos, mas não se mostrava publicamente. Para esse autor, os desejos eram vividos intensamente na vida privada, contudo, escondidos do espaço público. Homens e mulheres burgueses, em público, eram recatados para preservar a *reputação*, demonstrando, assim, que a sexualidade permanecia restrita ao espaço doméstico. Ao contrário, para Foucault (1999b), a família decidiu expô-la, pois, diante de manifestações sexuais assustadoras, esta solicitou o auxílio de profissionais. E isso acabou transferindo aos especialistas a responsabilidade de abordar a sexualidade do casal, da mulher, das crianças e dos homossexuais. E o que acontece de interessante é que:

A prática da confissão, inventada pelo cristianismo medieval para apreender os pormenores da vida sexual, difundiu-se e tornou-se instrumento científico, utilizado na consulta médica, na sessão psicanalítica, na atuação pedagógica e nos julgamentos jurídicos (Dantas, 2010, p. 715).

Podemos dizer que, até o século XVII, a sexualidade era explorada, analisada e investigada exclusivamente pela pastoral cristã. E, como acabamos de constatar acima, a partir do século XVIII, ela passará a ser de interesse de diferentes campos do conhecimento científico. Logo, proporcionalmente ao tempo histórico da civilização cristã, podemos afirmar que é recente a ruptura da *tutela* da Igreja cristã como hegemônica em definir a sexualidade e os papéis sexuais. O conhecimento que evoluiu, sobretudo das ciências, proporcionou grandes avanços na compreensão da sexualidade. Ela sai do domínio da instituição eclesiástica. Passa a ser controlada pela economia, psicologia, medicina e pedagogia. E, ao mesmo tempo, tais campos de conhecimento continuavam a fazer uso de técnicas e procedimentos cristãos. Isso significa atentar que, nesse contexto, “a ciência, pois, apropriara-se do instrumento sacramental e do objeto de saber pelo qual a Igreja tanto se interessou desde a sua fundação” (Dantas, 2010, p. 715). Foucault irá exemplificar bem essa assimilação quando afirma:

[...] confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se passado e sonhos, confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama; fazem-se a si próprios, no prazer e na dor, confissões impossíveis de confiar a outrem, com o que se produzem livros. Confessa-se – ou se é forçado a confessar. Quando a confissão não é espontânea ou imposta por algum imperativo interior, é extorquida; desencavam-se na alma ou arrancam-na ao corpo (Foucault, 1999b, p. 59).

Constata-se, com isso, a amplitude de alcance do fenômeno da sexualidade que passa a fazer parte de vários e diversificados discursos sobre ela. Estavam presentes “nos diários íntimos, nas obras autobiográficas, nas pregações religiosas, nas confissões dos fiéis, nos hospitais psiquiátricos, nas conferências médicas, nos processos penais, nas consultas clínicas, nas aulas dos professores e nos tratados científicos” (Dantas, 2010, p. 716). Quando consultamos as fontes desse período sobre a medicina, a justiça penal, a psicologia e a pedagogia, encontramos todo um aparelhado discursivo sobre o sexo, dissecando-o, explicitando os seus mistérios, persuadindo revelação de sua intimidade, aplicando pesquisas, organizando prontuários, registrando, produzindo diagnóstico e estabelecendo variadas formas de tratamento do assunto em questão. Há uma sofisticação nos instrumentos de coleta de informações sobre a sexualidade (Dantas, 2010). A análise das perversões e dos desvios sexuais fora aprimorada. Desfaz-se o foco da atenção, antes voltada para a relação conjugal, e agora faz-se uma devassa na sexualidade poliforma das mulheres, dos homossexuais e das crianças, considerada pecado pela pastoral cristã, crime pela justiça penal e doença mental pela

psiquiatria. Passou-se a focar na questão da sexualidade feminina como uma certa “*anormalidade*” e que o ato sexual poderia abalar a saúde física e mental da mulher.

1.3.7 Da “*anormalidade feminina*” à *medicalização da sexualidade*

No século XIX, teremos um período fértil de pesquisas e investigações sobre a sexualidade, com destaque para a feminina (Gay, 1999). E, com isso, o sexo da mulher foi transformado numa espécie de enigma de difícil compreensão, abordado, às vezes, quase como patologia e outras, como desvio da natureza. Muitos pesquisadores, estudiosos e médicos dedicaram-se a investigar a sexualidade feminina, observando-a, a fim de melhor apreendê-la. Chegou-se a confirmar, através de estudos científicos, a hipótese de que as mulheres não eram insensíveis ao desejo sexual e às experiências eróticas. Mas prevaleceram as teses acadêmicas que afirmavam que as mulheres respeitáveis da sociedade burguesa não se apeteciam a paixões. As opiniões dos médicos mais ousados “[...] foram abafadas por vozes muito mais sombrias, que negavam à mulher sadia e respeitável qualquer inclinação erótica natural” (Gay, 1999, p. 116). Nesse sentido, a sensualidade feminina era vista como anomalia, aberração da natureza e degradação moral.

É um período em que, podemos dizer, aconteceu uma *medicalização* da sexualidade. O que se quer dizer com isso? Nesse período, médicos renomados defendiam a ideia de que o ato sexual poderia abalar a saúde física e mental feminina (Dantas, 2010). Afirmava-se, em seus estudos, que o sexo não lhes era prazeroso, que eram desprovidas de desejos sexuais e, por isso mesmo, não conseguiam ser estimuladas sexualmente. Elas concordavam em fazer o sexo apenas para satisfazerem os seus maridos. Como os clérigos e os médicos do período vitoriano, na sua grande maioria, fundamentavam-se, em matéria de sexualidade, nas suas suposições teóricas, nas crenças populares e em preconceitos amplamente defendidos, a sexualidade foi permeada de conselhos moralistas e ideias puritanas. E isso, desconsiderando os relatos clínicos das pacientes, lhes apresentava uma sexualidade bastante diferente daquela teorizada por eles.

A literatura médica do século burguês, até 1914 e mesmo depois dessa data, enveredava por caminhos contrários aos sugeridos pelas revelações de prazer sexual que diários e anotações íntimas, obras de ficção e de pesquisa deixam entrever e investigações psicanalíticas podem comprovar (Gay, 1999, p. 124).

Deve-se a Sigmund Freud a habilidade para se debruçar sobre a escuta efetiva das pacientes (Dantas, 2010). Ao lhe relatarem suas vivências sexuais, ele foi capaz de captar que,

apesar das repressões, a natureza sexual das mulheres se mantinha preservada. Nos seus primeiros estudos, evidenciou a complexidade da sexualidade feminina e interpretou que as mulheres, assim como os homens, excitam-se sexualmente e que não são indiferentes às estimulações sexuais. Como sabemos, tais teses foram muito combatidas. Houve campanhas de médicos, clérigos e pedagogos com o objetivo de infundir medo nessas teorias e gerar repúdio ao sexo.

Eles resolveram organizar um programa de educação sexual pautado na divulgação de informações distorcidas acerca da sexualidade, cujo propósito era propagar o temor para reprimir os prazeres sexuais. Autoridades científicas uniram-se a autoridades eclesiásticas para propalar conhecimentos pseudocientíficos sobre a sexualidade, disseminando a ignorância. Propuseram inúmeras teorias alarmistas que alertavam os indivíduos para o perigo da vida sexual (Dantas, 2010, p. 717).

Tudo isso contribuiu para que se instaurasse, portanto, no fim do século XIX, um clima de pânico em relação ao sexo. Muitos o temiam, embora o desejassem. Nesse sentido, algumas questões da vida sexual humana ganharam relevância. Por exemplo, o vício da masturbação era propagado, por muitos médicos e sacerdotes, de séria ameaça à humanidade, pois causava doenças físicas e mentais (Dantas, 2010). Aqueles que se dedicassem ao “ato solitário” ficariam debilitados. Muitos ficaram perplexos e assustados com os programas médicos destinados à prevenção. Campanhas foram desenvolvidas para combater uma prática bastante recorrente. A masturbação tornou-se caso de saúde pública. Temia-se o surgimento de um surto epidêmico.

Outro exemplo é o *homossexualismo*, termo cunhado no final do século XIX e foco da nossa pesquisa em questão. O termo passa a ser usado nos manuais de medicina e nos processos judiciais. Foram publicados vários artigos científicos, como também pesquisas, afirmando ser o comportamento homossexual uma grave patologia psíquica. Além de pecado, essas “excentricidades sexuais” eram crimes e doenças perigosas. Os tratados acadêmicos ressaltavam os riscos que os atos homoeróticos causavam à saúde.

Também as doenças venéreas foram outro fator para o aumento do pânico em relação à sexualidade. A sífilis, surgida nas últimas décadas desse mesmo século, fora considerada como resultado da anarquia sexual que caracterizou o chamado período vitoriano. Não faltaram teses a defender que se tratava da providência divina para acabar com o desregramento e a indecência. Até torciam contra a descoberta de tratamentos eficazes que garantissem a cura da doença. Realidade muito parecida com o início da década de 1980, por ocasião do surgimento da AIDS. É como uma chaga muito marcante para as comunidades homossexuais, consideradas, no início, responsáveis por essa *maldição* divina (Dantas, 2010). Assim, a continência passa a ser o meio

mais eficaz de prevenir-se dessas doenças e forte aliado de médicos e religiosos no combate à promiscuidade e no projeto de moralização sexual.

A abstinência [...] tornou-se símbolo de todo o receituário sexual. [...] Temas de crime e castigo, pecado e penitência, culpa e inocência dominavam o discurso oficial sobre a sífilis. A sífilis era uma doença protestante ideal assim como uma doença ironicamente vitoriana. Uma transgressão, um único contato sexual poderia levar a toda uma vida de sofrimento (Showalter, 1993, p. 245-246).

Poderíamos dizer isso também das outras doenças sexualmente transmissíveis, como do HIV, já citado anteriormente. Dentro desse contexto, encontramos médicos receitando a abstenção dos prazeres para evitar os transtornos corporais e mentais. O cristianismo passa a ser *prescrito* como tratamento das patologias sexuais. No “Tratado sobre as causas da exaustão da vitalidade”, publicado em 1867, o Dr. Miller recomendou a seus pacientes que “[...] retornassem à religião e a Cristo, que é, ao que parecia, o mais formidável adversário dos abusos sexuais que o mundo já conheceu” (Gay, 1999, p. 221). A prática médica era, pois, uma prática moral, que visava promover a disciplina sexual. Os comportamentos imorais eram tratados por uma equipe médica, que utilizava preceitos religiosos para moralizá-los. Será o século XX o período histórico em que a compreensão da sexualidade irá passar por significativas e estruturantes mudanças na sua compreensão através da psicanálise.

1.3.8 A sexualidade e a psicanálise

Chegamos ao século XX e com ele ao desenvolvimento da psicanálise. Esta privilegiou a sexualidade, apresentando-a como o cerne da vida humana. Nos primórdios do seu nascimento, a sua teoria foi fortemente contestada. Era demasiada pacata a notoriedade da sexualidade humana. Foram necessários quase cinquenta anos, para que o sexo se tornasse o propulsor de lutas políticas e campanhas oficiais. Pode-se afirmar que esse século foi o momento histórico da liberação sexual, do movimento feminista, da descoberta da cura de doenças sexualmente transmissíveis, do surgimento da pílula anticoncepcional, das reivindicações das comunidades homossexuais e do aparecimento da AIDS. E, com os novos métodos contraceptivos, das décadas de 60 e 70, acontece a desvinculação de sexo e procriação (Dantas, 2010). Temos significativas reinterpretações da sexualidade como consequência. O prazer erótico é legitimado, o movimento feminista passa a reivindicar maior liberdade sexual para as mulheres, valoriza-se o prazer feminino, defende-se o direito ao divórcio e a igualdade entre os sexos, passa-se a reconhecer os direitos das uniões homoafetivas. No âmbito de

publicações, encontramos vários livros de autoajuda em relação às fórmulas sexuais e aos caminhos para se obter o orgasmo. Foram publicados manuais que ensinavam as melhores posições sexuais para alcançar o prazer, programas televisivos. Enfim, o que se constata é que “a sexualidade se tornou, de fato, mais livre, ocupou as páginas dos principais jornais, foi tema de inúmeros programas televisivos e apareceu constantemente nas revistas femininas” (Dantas, 2010, p. 720).

Nossa sociedade atual vive a era do monopólio do orgasmo, do “sexo de resultados” e do mercado da sexualidade. A imposição do prazer parece gerar insatisfação e a tirania do gozo continua enclausurando o desejo. Segundo Guillebaud (1999), a sociedade contemporânea não é sinônimo apenas de liberação sexual. As conquistas eróticas e as liberdades individuais, que foram alcançadas após os anos “dourados” da revolução sexual, passaram a conviver com a revitalização de tabus sexuais e a renovação de interditos morais. O hedonismo das décadas de 60, 70 e 80 foi abalado pelo renascimento do puritanismo e pelo ressurgimento da moral sexual. Prevalece, na atualidade, uma dupla linguagem do desejo, marcada pela repressão e pela liberação, pela interdição e pela permissão. Adorno (1969) defende a ideia de que vivemos uma situação de aparente liberdade sexual, que procura ocultar uma permanente administração do desejo e consolidação de tabus sexuais.

O século XX começou a ser interpretado por *profetas do apocalipse* como período de horror, da falência da instituição familiar, da ruína da religião. Defendia-se que estávamos a viver uma instauração do caos sexual, provocado pelos movimentos feministas e homossexuais. Como já lembrado anteriormente, o surgimento da AIDS foi interpretado como um modo de reações de resistências à liberalização da sexualidade. E tudo isso gerou uma forte reação de moralização, com o objetivo de revitalizar a família e os códigos de decência.

As epidemias de doenças venéreas são a forma apocalíptica de anarquia sexual, e a sífilis e a AIDS ocuparam posições semelhantes nos finais dos séculos XIX e XX como doenças que parecem resultar de transgressões sexuais e que geraram pânico moral. Ambas as doenças deram margem a campanhas de castidade sexual e social e caracterizaram o recuo na liberalização das atitudes sexuais (Showalter, 1993, p. 245).

Isso desencadeou campanhas a favor da castidade sexual, sobretudo nos Estados Unidos, devido ao grande índice de infecção do vírus da AIDS e ao aumento da gravidez entre os adolescentes. Vincula-se ao sexo o *perigo* das doenças sexualmente transmissíveis e da gravidez precoce. E, conseqüentemente, a continência tornou-se caso de saúde pública e política de governo, ditada por preceitos evangélicos (Dantas, 2010). Além da ausência de informações científicas, uma das características mais danosas do movimento é que leva a política do medo

até o quarto das pessoas. “Fora os riscos de não usar contraceptivos, o que acontecerá com uma geração que tem medo da sua sexualidade?” (Lobo; Athayde, 2005, p. 17).

As Igreja cristãs, de modo geral, interessadas no combate à sexualidade promíscua, não apenas avalizavam as ações médicas, como também organizavam programas para enfrentar a ameaça da masturbação, da homossexualidade e dos excessos sexuais. Assim, como os médicos se apoiavam nas doutrinas cristãs para formular suas prescrições, os líderes religiosos adotavam os conhecimentos médicos para dar consistência às suas orientações morais. Nesse período, encontrava-se em vigor a *Medicina pastoral*, área em que médicos e clérigos se misturavam para advertir os jovens dos perigos das paixões. Os pressupostos médicos e as doutrinas religiosas uniam-se, formando uma espécie de saber mais sólido, para convencer os indivíduos a abandonar os vícios sexuais.

Assim como os médicos não hesitaram em invadir os domínios de clérigos e educadores, estes por sua vez retribuíram a gentileza intrometendo-se no campo do aconselhamento médico e se uniram aos médicos no chamamento às armas (Gay, 1999, p. 223).

Segundo Gay (2000), a postura eclesiástica em relação ao sexo era ambígua. Ora tolerava a vida sexual, ora a repudiava energeticamente. Os cristãos, não obstante, ficassem aturdidos com a ambivalência dos preceitos morais, procuravam conciliar a obediência às normas religiosas com a satisfação de seus desejos. Não abandonavam a vida sexual, nem repudiavam os princípios do cristianismo. O que de fato aconteceu é que, “[...] milhares de homens e mulheres devotos parecem ter achado possível combinar a submissão mais irrestrita à doutrina religiosa com uma medida considerável de satisfação erótica” (Gay, 2000, p. 48).

Para Foucault (2014), o discurso cristão sobre a sexualidade exerce significativa influência sobre as práticas e representações de cristãos ocidentais. Pontua que a religião funciona como um dispositivo de vigilância e regulação do corpo e da sexualidade. Na prática cotidiana, de aconselhamento pastoral e espiritual que realizamos, fica evidente que os pais que são religiosos tendem a encontrar significativas barreiras para falarem sobre sexualidade com os seus filhos. A tendência deles é serem, nesse assunto, mais normativos do que informativos. Para a maioria desses pais, é embaraçoso e desconfortável conversar com os seus filhos e filhas sobre a sexualidade. Quando averiguamos a questão da sexualidade dos seus filhos, constatamos que existe um potencial de associações, criadas por estes, entre a sua religiosidade e a sua primeira relação sexual. Tais adolescentes tendem a atrasar o seu primeiro envolvimento sexual mais que aqueles que se declaram não religiosos. Quando se trata da descoberta, por

parte dos filhos e de seus pais da homossexualidade, é impressionante o drama vivido. Por um lado, a religião ensinada aos filhos não outorga essa condição. Por outro, os pais se questionam onde erraram na educação. Isso significa dizer que a autoridade estabelecida entre os fiéis e seus líderes religiosos (padres, pastores, reverendos, babalorixás) têm reflexo direto nos processos cognitivos, emocionais e sociais dos fiéis.

O que fica claro é que, de fato, a religião cristã traz uma marca profunda na dimensão da sexualidade humana da civilização ocidental. Ela dita os comportamentos que devem seguir os fiéis para que sejam “abençoados” e “permitidos” por deus e os que são “amaldiçoados” e “proibidos”. Constata-se que as expressões de sexualidade, fora dos padrões “normais” da heterossexualidade, são relegadas à perspectiva da *perversão*. Legitima-se apenas o sexo no matrimônio, entre um homem e uma mulher e para a *procriação*. Mas isso não significa que a religião cristã conteve essa *natureza adversa* na vida desses sujeitos. O que fez foi legitimar as suas exclusões, justificando os seus pecados, suas doenças e seus crimes. E, por isso mesmo, um *silêncio* da não condição legítima dessas pessoas foi a causa de sofrimento, medo e rejeição para as pessoas homossexuais.

Feito esse breve panorama, demonstrando, em linhas gerais, a relação entre a sexualidade e o Cristianismo, podemos afirmar que este marcou e continua marcando, de modo peculiar, a visão do sexo de ampla parcela da população mundial que está sob sua influência. E, ainda que não vivamos mais sob a égide deste como uma religião oficial de Estado, os arquétipos culturais que ele trouxe para as narrativas culturais sobre a sexualidade são evidentes. Basta pensarmos, por exemplo, nos relatos do livro do Gênesis, que é um referencial ainda majoritário para a compreensão e defesa das relações heteronormativas, como a questão da monogamia, do divórcio, da procriação e da condenação dos atos homossexuais. Ainda que, ao longo dos séculos da sua existência, muitos dos seus conceitos foram repensados e reformulados, o aspecto essencial da categoria de pecado original é conservado e fundamenta, em certo sentido, a sua moral sexual. Sua moral sexual é fundamentada nos textos bíblicos, tanto do Antigo como do Novo Testamento. Para uma compreensão da relação que é estabelecida entre a sexualidade e o pecado, esse último é uma categoria fundante da moral sexual cristã e católica. O fiel deve reconhecer o seu pecado de origem, que nasceu da desobediência dos antepassados, Adão e Eva, que quiseram tornar-se como deuses, fazendo mal-uso da liberdade. Isso gerou a desordem nas relações do ser humano com Deus, consigo e com os outros. Consequentemente, a sua dimensão sexual é também afetada por essa desordem.

Não podemos, porém, desconhecer que o cristianismo moderno, de modo geral e, o próprio catolicismo, vertente maior dessa tradição religiosa, atualmente, repensou muitas

concepções sobre a sexualidade construídas no período da Idade Média. Contudo, outras questões permanecem como imutáveis e que são compreensíveis, na medida em que se busca uma coerência com a sua doutrina. Por exemplo, a questão do uso de preservativos e contraceptivos na contemporaneidade. Proíbe-se o seu uso pelo fato de se afirmar o aspecto da procriação do sexo. Sendo assim, os meios de evitá-la seria negar essa sua função, favorecendo o pecado da luxúria e o sexo pelo prazer do sexo. A proposta doutrinal é a prescrição da abstinência e da fidelidade como único recurso contra a disseminação das *Doenças Sexualmente Transmissíveis* (Rios, 2008). Segundo a Santa Sé (2001, p. 1) “o único método seguro e completamente fiável de prevenir a transmissão sexual do HIV é a abstinência antes do matrimónio e o respeito e a fidelidade mútua no seio do matrimónio.” E, embora seja esse o ensinamento oficial da Igreja, o resultado de uma pesquisa demonstra que números significativos de sujeitos que se declaram cristãos e/ou católicos são contrários a esse preceito (Silva, 2014).

Não é diferente também com outros assuntos em matéria da sexualidade essa mesma constatação. Quando pensamos, por exemplo, sobre a homossexualidade, embora o catolicismo afirme, por decorrência coerente ao princípio enunciado anteriormente, que são relações *intrinsecamente desordenadas*, sua prática pastoral reconhece o homossexual como pessoa dotada de valores intrínsecos. Contudo, suas *práticas sexuais* são condenadas como desvio da *natureza* e, portanto, consideradas pecado grave (Dantas, 2006). A virgindade antes do casamento também é um preceito do catolicismo e do cristianismo em geral. No entanto, da mesma forma, existe um hiato entre o ensinamento oficial do catolicismo e das Igrejas e a prática dos fiéis, bem como de algumas de suas lideranças. Pesquisas têm explicitado que muitas lideranças católicas têm se reservado de classificar o sexo antes do casamento como pecado, ou falar da abstinência até o casamento como único ideal para a vida dos jovens (Silva, 2014). Contrariamente ao discurso oficial do catolicismo, a maioria dos fiéis católicos consideram que a sexualidade faz parte do cotidiano juvenil. Valorizam o cuidado, a responsabilidade e a maturidade para optar pelo início da vida sexual.

Como foi possível observar, o século XIX mostrou que a sexualidade não era tão incompatível com a religião cristã, como se acreditava. Conforme Gay (2000), os prazeres sexuais encontravam expressão nas práticas religiosas. A religião era considerada, na sociedade burguesa, um lugar seguro para abrigar a sexualidade, inibindo suas manifestações indesejáveis e assegurando uma forma de expressão discreta. A religião era, pois, uma via autorizada de acesso à sexualidade proibida. No final do século XIX, as teses psicanalíticas sustentavam que a fixação religiosa dependia do deslocamento das necessidades sexuais, que protegia o fiel da

intensidade dos desejos e garantia, simultaneamente, a satisfação erótica por vias indiretas. Os deslocamentos sexuais eram responsáveis pela constituição e pelo fortalecimento da crença religiosa. A religião, desse modo, não eliminava os impulsos sexuais; pelo contrário, utilizava-os como elemento para reforçá-la. Freud (1981) afirmará que os desejos eróticos constituem a base das experiências religiosas. Tudo isso nos dá a possibilidade de compreender que a religião influencia o comportamento sexual e este também passa a influenciá-la. Pelo fato de a religião lidar com conceitos e dimensões de sentido último, vida pós morte, deus e sua vontade, correto e errado, as sexualidades dos *fiéis* terão a sua sexualidade marcada, a depender dessa mesma experiência que pode ser: de negação, de conflito, de sublimação ou mesmo de integração. Por isso, desejamos, antes de concluir este capítulo, abordar brevemente a relação entre a religião e o comportamento sexual.

1.4 A religião e o comportamento sexual

Ao analisar a nossa sociedade, iremos nos deparar com o fato de que as religiões registram a importância do sexo na vida dos seres humanos. Como foi abordado anteriormente, ao longo da história, o sexo desempenha papel proeminente na maioria das cosmovisões religiosas, e aqui, especificamente demonstrado, na tradição cristã. As várias tradições religiosas chegam a abordar com que frequência, o que e como deveríamos praticá-lo, até em mínimos detalhes, como a propor posições, por um lado aceitas como normais e, por outro, outras, como perversas ou mais prazerosas. É algo tão vital na experiência das religiões que várias crenças tanto condenam como glorificam o sexo; ora proibido, outras vezes compelido; punem, por um lado, nossa atividade sexual e por outro nos recompensam (Endjo, 2014). Na religião, o comportamento humano em relação ao sexo não tem consequência apenas para essa vida, mas define também a futura. Existe uma intrínseca relação do sujeito que, ao aderir a uma determinada religião, o seu comportamento sexual também é afetado. E, mesmo os sujeitos que não fazem uma adesão explícita por uma tradição religiosa terão que conviver com referências dela no que tange à visão de mundo presente na sua cultura, aceitando-a ou colocando-se contrário a ela.

1.4.1 Um tema a ser explorado

Embora seja um assunto relevante no que diz respeito às influências que a religião pode determinar ou influenciar no comportamento sexual dos indivíduos, praticantes ou não, de uma determinada religião, percebe-se que é um tema pouco explorado por estudos recentes. Já dizia

Jung (2005) da necessidade de uma mútua colaboração entre teologia e psicologia. Ele defendia que muitas neuroses eram condicionadas por fatores religiosos. É seu o grande mérito da constatação de que conteúdos arquetípicos da alma humana são representações primordiais que estão na base de todas as religiões. Em recentes estudos sobre a psicoterapia, ficou constatado que assuntos como o trabalho, a família, os amigos, o sexo e a religião são os principais domínios das suas sessões (Peres, 2007). Especificamente sobre a religião, existe inclusive uma categoria diagnóstica “problemas religiosos ou espirituais” inserida no DSM-IV¹³. Constata-se, pois, cientificamente, que os temas religião e espiritualidade são possíveis focos da consulta na área médica/psiquiátrica e dos psicólogos.

1.4.2 Matizes diversas sobre o comportamento

Precisamos dizer que não é com a mesma intensidade e intenção que as religiões se ocupam com o comportamento sexual dos seus adeptos. Um primeiro aspecto é sobre o enorme poder que o sexo tem, uma vez que a condição de heterossexual é acatada como a única forma *natural* pela qual os seres humanos podem fazer o sexo e gerar a vida. Outro aspecto se relaciona à “imitação do comportamento dos deuses, ou dos seres humanos perfeitos, que surgiram no começo dos tempos” (Endjso, 2014), seja pela sua prática, bem como pela sua abstinência. É considerado, também, sob certas formas, como meio necessário para aplacar a ira dos deuses. A forma de controle que o sexo exerce sobre as pessoas é outro viés importante para compreender o interesse dele pelas religiões. Quando a religião defende o direito de regular a vida sexual das pessoas, esse controle vai muito além do religioso. Trata-se do controle mais íntimo da vida privada de cada um:

O controle sexual do indivíduo tem impacto na maior parte da sua existência. Por meio de proibições e consentimentos sobre quando, como e, sobretudo, com quem se pode fazer sexo, determina-se não apenas a nossa sexualidade, mas com quem podemos nos conectar no plano mais pessoal, quem serão nossos filhos e netos. Significa determinar nossas circunstâncias, nossos parceiros e aliados, como viveremos por toda a vida. Desta forma, o sexo é frequentemente um fator chave para como as religiões desejam que nos comportemos durante a existência inteira, de forma que conquistemos a salvação ou a redenção (Endjso, 2014, p. 16).

Um dado de controle comportamental das religiões sobre a sociedade secular é o fato de elas travarem ferrenhas lutas nas instâncias dos poderes públicos, exigindo que as

¹³ Classificação DSM-IV - códigos e categorias dos eixos I e II - Manual Diagnóstico e Estatístico de Tratamentos Mentais (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM). Disponível em: https://www.psiquiatriageral.com.br/dsm4/dsm_iv.htm. Acesso em: 12 jan. 2022.

autoridades seculares “sigam sua cartilha de crenças sexo religiosas” (Endjso, 2014, p. 16). O objetivo que está por detrás dessa “briga” é a ideia de que o núcleo de sua doutrina parecerá natural e autoevidente. Nesse sentido, abandonam a pretensão de converter a sociedade, mas garantem o controle da vida sexual dos indivíduos que, implicitamente, obrigam a viverem como se fossem fiéis. Assim, cumprem o desejo “missionário” de colocar todos no caminho da verdade e da salvação, ou seja, aquilo que consideram a perfeição humana.

A aparente e infinita maneira como a sexualidade e a religião podem ser combinadas permite-nos perceber, também, ao mesmo tempo, certa lógica nessa combinação. Essa lógica, porém, tem a sua peculiaridade: “[...] encontrada em modelos complexos que refletem nossa relação com o divino e com a natureza humana, ela mesma explicada de um modo diverso, segundo cada religião em particular” (Endjso, 2014, p. 10). Tal constatação, além de ser muito enriquecedora, nos ajuda a pontuar aspectos importantes do diálogo sobre a questão da diversidade sexual e as religiões, especificamente com o objeto desta pesquisa sobre o catolicismo contemporâneo e a homossexualidade. As alegações de verdade sexuais eternas – e universais –:

[...] são limitadas, religiosas e, historicamente, são de fato alegações. É igualmente relevante perceber como algumas das mais profundas demandas religiosas de hoje estão, em sua origem, intimamente conectadas com crenças que podem, inclusive, soar vexatórias para muitos daqueles que ora as advogam (Endjso, 2014, p. 10).

Por exemplo, o rígido controle do sexo extraconjugal feminino é defendido em paralelo a uma grande tolerância do sexo extraconjugal masculino. Por um lado, existe explicitamente uma condenação rígida e forte da relação do sexo entre homens, convivendo com uma aceitação tácita do sexo entre as mulheres (Endjso, 2014). Fundamenta-se a invalidade das uniões de pessoas do mesmo sexo e de diferentes tons de pele a partir da teoria criacionista¹⁴.

O que estamos a afirmar é que, na realidade, sexo, religião, identidade e comportamento estão tão introjetados pelos indivíduos como uma experiência de totalidade que passamos a compreender, de forma mais fácil, a ênfase que estas dão ao sexo. Endjso sublinhará que “a sexualidade sempre desempenhou um papel definidor das identidades humanas” (Endjso, 2014 p. 16). Isso significa admitir que, se o que define a nossa identidade como ser humano são

¹⁴ Assim como o evolucionismo, o criacionismo é uma teoria que tenta explicar a origem da vida e a evolução do homem. No entanto, é importante ressaltar que a teoria criacionista segue uma linha de pensamento distinta da teoria evolucionista. O criacionismo se baseia na fé da criação divina, como narrado na Bíblia Sagrada, mais especificamente no livro de Gênesis, na qual Deus criou todas as coisas, inclusive o homem. Lembrando que diversas culturas possuem sua versão própria do criacionismo, como é o caso da mitologia grega, da mitologia chinesa, do cristianismo entre outras. Disponível em: <http://educacao.globo.com/biologia/assunto/origem-da-vida/criacionismo.html>. Acesso em: 01 ago. 2018.

nossas crenças sexo-religiosas, todo aspecto que desfigure ou saia dessa moldura de parâmetro pode ser considerado “desvio”, “antinatural”, “aberração”. Logo, não se comportar de maneira sexo-religiosa adequada significa não sermos considerados nem mesmo seres humanos como tais. A nossa identidade ficará comprometida. Existe, portanto, uma relação intrínseca entre a religião e o comportamento sexual dos seus indivíduos crentes¹⁵. Eis mais um dos paradoxos da experiência religiosa na existência humana: a religião pode tanto libertar e edificar o ser humano, como também oprimir-lo e aliená-lo, pois, como sabemos, existem nas religiões certas cosmovisões da vida, da própria natureza e da sexualidade, que podem ser aberrações humanitárias, outras vezes, aspectos culturais que são opressores, outros, apenas preconceitos ou projeções do divino. Tudo isso **se** torna mais complexo quando, tanto a religião como a sexualidade, trabalham com o “*desejo de fusão e totalidade*”.

1.4.3 Um desejo de fusão e totalidade

É interessante perceber também que a sexualidade, como busca de uma *totalidade*, que sabemos ser impossível, apresenta profundas semelhanças com a experiência religiosa, uma vez que ela também tem a mesma pretensão. E talvez esteja justamente aqui a sua ligação intrínseca com a religião: um desejo de fundo que se completará quando se suprir a carência do nosso ser. “Esta, não é alheia, em suas origens, aos poderes da sexualidade” (Morano, 2003, p. 175). A infraestrutura religiosa do futuro desejo de Deus, como totalidade, se relaciona com o que na psiquiatria chama-se a busca de uma totalidade, que resolveria qualquer carência afetiva, traduzido no “Eros materno da infância”. Logo, as relações entre sexualidade e religião são estreitas e ambivalentes. Percorrendo o breve caminho da história da sexualidade cristã, foi possível explicitar como a sexualidade pode chegar a possuir um estatuto de sacralidade: a bênção das relações corretas, o rito do matrimônio, a transcrição da linguagem erótica para os mosteiros e conventos, e as pornografias estimuladas e alimentadas nas confissões auriculares e nos manuais dos confessores. Por outro lado, pode ser considerada também uma “inimiga primordial da transcendência” (Morano, 2003, p. 176), por aspirar exatamente a dimensão de

¹⁵ Hoje, com as novas gerações, esse poder através do sexo nas religiões já não tenha o mesmo peso que nas gerações passadas. Talvez, em alguns grupos com tendências mais conservadoras e personalidades mais desintegradas com a sua identidade sexual. Jovens e alguns adultos que aceitam esse controle nos parecem justificar-se muito mais por lacunas na própria sexualidade e por dificuldades de aceitação da sua condição sexual própria. Paradoxalmente, é muito real o fascínio que, geralmente, nos primeiros anos de “conversão”, os sujeitos neófitos na sua experiência religiosa aceitam como grande ideal de vida vencer a tentação do sexo, visto, geralmente, como empecilho para a “santidade”. Outros aspectos, como a justiça, a caridade, a solidariedade, geralmente não suscitam a mesma “indignidade”. Talvez, por se tratar da sexualidade, algo que pulsa de forma vital no dia a dia das pessoas. N. do Autor.

totalidade, assim fazendo surgir as proibições e os tabus como maneira de evitar ofender os deuses.

No âmbito da Psicologia (Morano, 2003), o ser humano não nasce, mas se faz religioso, igualmente se faz ético, social ou político. Contudo, é preciso constatar que a dimensão religiosa, na vida do ser humano, mais do que qualquer outra dimensão, lança raízes nas camadas mais profundas da sua personalidade. E, de modo especial, no seu mundo afetivo, é um terreno fecundo para o nascimento dos deuses, dos demônios e dos espíritos. Nesse sentido, a experiência religiosa conta com mais possibilidades que nenhuma outra, no conjunto das formações culturais. É constatável a sua imensa força ao longo da história da humanidade. É por isso que muitas das outras formações culturais, particularmente a política, captaram na religião um poderoso aliado para seus próprios fins e objetivos. Muitas instituições tiveram que aprender, até dramaticamente algumas vezes, o perigo que possa ser possuir a religião como inimigo.

De fato, as funções que ela cumpre e as frustrações que evita podem, realmente, desencadear a pior das violências, pois “nenhuma outra dimensão da vida humana é capaz, com efeito, de se encaixar de maneira mais precisa na necessidade vital do outro, para sentir-se um eu e na aspiração de totalidade que marca essa busca do que a dimensão religiosa” (Morano, 2003, p. 118). E, nessa necessidade fundante que o indivíduo tem do outro para tornar-se um, bem como a sua inspiração de totalidade que o marca, temos as figuras do pai e da mãe. “Por isso, a experiência religiosa, que não pode ser alheia ao desenvolvimento humano, no qual ela se inscreve, sempre tendeu também a articular-se simbolicamente em torno desses dois grandes referenciais humanos” (Morano, 2003 p. 118). Sendo assim, é importante que compreendamos os conteúdos fundantes da tradição judaico-cristã.

1.4.4 Os conteúdos fundantes da tradição judaico-cristã

Nesses referenciais, a tradição religiosa judaico-cristã, bem como as demais grandes tradições religiosas, expressa os conteúdos fundantes de suas crenças. Forjar divindades, a partir daquilo que constitui as grandes experiências do desenvolvimento humano, pressupõe, evidentemente, uma grande possibilidade e um grande risco. A possibilidade está no fato de que a experiência religiosa pode prender-se ao mais profundo da nossa afetividade, fazendo automaticamente “carne de nossa carne, colorido vital profundo, visão de vida enraizada em nossas seguranças e confianças mais básicas” (Morano, 2013, p. 119). E o alto risco se dá, primeiro, de que a imagem da divindade pode sofrer distorções e perdas de foco, traumatismos

e sérias perturbações, que pode ser provindo das complexas relações do indivíduo com o materno e o paterno. E, ainda mais sofrido, quando revestido de um discurso religioso de autoridade. Por outro lado, a experiência religiosa pode, também, levar ao perigo de ser reduzida a certas necessidades emocionais e puramente psíquicas, sem fazer um real movimento de levar o indivíduo a não projetar, na relação com o transcendente, suas próprias necessidades e desejos, sem uma verdadeira escuta de um totalmente “diferente”, “outro” que não ele mesmo.

Tudo isso explicita que as religiões tiveram, e ainda têm, significativo papel de influência na compreensão e na formação do comportamento do ser humano, inclusive sobre o comportamento sexual. Sabemos que todo comportamento humano é resultado de fatores culturais, religiosos, políticos, econômicos e sociais de determinada época. Logo, esses são circunstanciais e evoluem com o desenvolvimento da cultura de determinado povo. Não é diferente com os comportamentos sexuais. As questões como aborto, casamento, divórcio, adultério, monogamia, poligamia, virgindade, masturbação, casamento, homossexualidade, castidade sofreram e vão sofrendo, ao longo da história da humanidade, modificações de compreensão, não obstante serem assuntos de grandes controvérsias no âmbito da religião bem como nas sociedades. Trata-se dos comportamentos sexuais na moral sexual cristã.

1.4.5 Os comportamentos sexuais e a moral sexual cristã

Se nos dispusermos a fazer um estudo sobre comportamentos sexuais relacionados à moral sexual cristã, facilmente encontraremos tratados com abordagens sobre masturbação, sexo oral, anal e inter-racial, pedofilia, estupro, incesto, prostituição. Tratados científicos sérios, que abordam o tema de diferentes perspectivas e paradigmas: sociológico, psicológico e em manuais populares de conduta sexual. No quesito religião e sexo, há muito ainda o que explorar devido, talvez, à própria relação paradoxal do fenômeno, que revela a sua peculiaridade: podendo uma prática ser normal em uma vertente e verdadeira aberração em outras. Gama enorme de exemplos (Endjso, 2004, p. 10) demonstra o quanto é relativa a normalidade dentro dos preceitos de uma religião. E isso não difere dentro do cristianismo.

É inegável que, mesmo com os importantes estudos científicos sobre a sexualidade humana, ainda encontramos barreiras e censuras sobre ela que se fundamentam na moralidade sexual de cunho judaico-cristão. Tal realidade é vigente, sobretudo nas civilizações ocidentais, em que se chega a conferir uma espécie de sexofobia. Nesse sentido, para Mott (2006, p. 6), “sempre que dois corpos se entrelaçam eroticamente, há sempre uma terceira presença, a sociedade”. E a religião tem uma expressiva presença nessa interferência.

Podemos sintetizar este capítulo retomando a pergunta central da nossa pesquisa: como os sujeitos que se declaram católicos e homossexuais elaboram a sua identidade sexual, dentro dessa tradição religiosa? Iniciamos o capítulo demonstrando que a sexualidade humana é uma realidade rica e, ao mesmo tempo, muito complexa. Nas suas várias dimensões, encontramos a sua riqueza e a sua complexidade. Procuramos, pois, partir de um conceito sobre a sexualidade humana, tendo em conta as suas várias dimensões enquanto realidade humana. A sexualidade humana é diversa e complexa, abrangendo orientações sexuais e identidades de gênero. É um aspecto fundamental da identidade, influenciando relacionamentos e expressões pessoais, e sua compreensão evolui conforme a sociedade avança.

No conjunto dessas dimensões, procuramos explicitar a relação da sexualidade com a religião. Por ser a religião um fenômeno de forte influência na configuração das relações humanas no geral e, também, no âmbito sexual, essa relação marca, de modo significativo, os sujeitos *fiéis*, seja pelo conflito, pela negação, pela aceitação, pela integração ou mesmo pela indiferença nas experiências da sua sexualidade. Vimos que a relação é complexa e varia entre religiões e culturas, com algumas compreendendo a sexualidade como algo a ser celebrado e outras impondo normas mais rígidas. A maioria das grandes religiões tem ensinamentos sobre sexualidade, influenciando a moral e a ética dos fiéis.

Daí que abordamos, em princípios gerais, a relação entre sexualidade e religião, privilegiando, no terceiro ponto do capítulo, a sexualidade e o cristianismo. Fizemos essa escolha por entendermos que a nossa atual cultura é ainda muito marcada pelo paradigma da religião cristã. Motivou-nos, também, essa escolha o fato de que o objeto principal da nossa pesquisa são os sujeitos homossexuais que têm ligação com essa tradição religiosa, especificamente com o cristianismo católico. E, portanto, essa condição sexual é profundamente marcada pelo viés dessa doutrina sexual. Fica evidente que o Cristianismo influenciou muito as visões sobre sexualidade, estabelecendo normas e valores. Ele moldou a percepção da sexualidade, promovendo valores como a monogamia e a castidade. Também influenciou o entendimento do corpo e da moralidade sexual, tanto de maneira restritiva quanto celebrativa, dependendo do contexto histórico e cultural. Essas influências continuam presentes nos debates atuais.

Nosso próximo capítulo debruçaremos sobre a homossexualidade dentro da tradição religiosa cristã-católica. Não faremos uma abordagem histórica da compreensão da homossexualidade no catolicismo. O que já afirmamos sobre ela ao longo do percurso histórico sobre a sexualidade cristã não tem significativas mudanças dentro do contexto atual, enquanto discurso oficial. Uma vez que é fato a importância e a influência da religião no comportamento

sexual das pessoas, de modo mais evidente nos sujeitos religiosos, e aqui especificamente nas pessoas que se declaram católicas e homossexuais, é nosso objeto agora de explicitação a abordagem que o discurso oficial católico faz sobre a sexualidade homossexual. Faremo-lo sempre dialogando com os pressupostos até aqui enunciados. Nossa abordagem será a partir dos documentos oficiais do Magistério Católico, que tem força de “norma moral” a ser seguida pelos seus fiéis. Explicitaremos o ensinamento do *Catecismo* Católico sobre a temática, o que se quer dizer sobre *Lei Natural* e a sua incidência na compreensão da sexualidade humana, terminando com uma abordagem da homossexualidade nos documentos do *Magistério Ordinário* pós-Concílio Vaticano II até os dias atuais.

CAPÍTULO II

2 A HOMOSSEXUALIDADE NOS DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO CATÓLICO

Uma vez que a pesquisa tem foco no estudo de caso, com entrevistas dos sujeitos católicos homossexuais, vinculados aos grupos *Diversidade Sexual* e *Apostolado Courage*, é necessário explicitar como o catolicismo compreende o fenômeno humano da homossexualidade. Nosso interesse é, antes de tudo, perseguir a exigente tarefa do pesquisador que, mesmo tendo as suas convicções próprias, mantenha uma análise objetiva e científica do objeto em questão. Isso não significa concordar com os enunciados, mas se debruçar sobre a compreensão das *razões* e argumentações, para que, a partir dessas, possa-se entender perspectivas, limites e releituras possíveis. Trata-se, agora, de compreender o que *compreende* a tradição religiosa católica sobre a homossexualidade, para que, na segunda parte da nossa pesquisa, possamos dialogar com os sujeitos que, de uma forma ou de outra, tecem a sua identidade homossexual nessa experiência – alguns seguindo à risca esses ensinamentos, outros preferindo, ao que parece, ter uma *reivindicação* de aceitação plena da sua condição homossexual.

Não existe no catolicismo atual, como no antigo ou medieval, um único pensamento sobre a homossexualidade. Os princípios sobre a homossexualidade são claros e objetivos, porém, a sua aceitação e assimilação são variáveis e diversos. Daí ser necessário dizer que o conteúdo apresentado por nós neste capítulo será o pensamento do catolicismo oficial, registrado nos documentos do magistério dos papas e dos bispos. De modo geral, constata-se um desconhecimento generalizado sobre o que o catolicismo diz, oficialmente, sobre ética sexual e, especificamente, sobre a homossexualidade. Certos editoriais dos meios de comunicação social se contentam em repetir *chavões* que, de modo generalizado, passam a ideia de que a Igreja Católica simplesmente defende a homossexualidade como doença e perversão. Em parte, essa concepção tem como origem os próprios documentos que abordam a questão e que serão objetos de estudo por ora. Mas há que se reconhecer, também, que valorosos estudos antropológicos e históricos que foram realizados no Brasil acentuaram a ideia de que a Igreja Católica e a sua teologia pararam no tempo da Inquisição¹⁶. Isso é parte da verdade, mas não a verdade toda.

¹⁶ Como exemplo de autores desses estudos, podemos citar os de Vainfas, 1997; Muraro, 1985; Leers e Trasferetti, 2002; Matos, 2005; Comblin, 2005.

Temos como objetivo apresentar uma informação básica a respeito do que diz *atualmente* o “magistério da Igreja” sobre a homossexualidade e os homossexuais e indicar as novas perspectivas, as ênfases e as reafirmações que estão ocorrendo em estudos especializados sobre a temática em questão. É preciso registrar, também, que não é do nosso interesse, muito menos objeto desta pesquisa, o mérito teológico das argumentações, uma vez que estamos tratando a homossexualidade do lugar das ciências da religião, com uma atenção especial sobre o estudo de casos, em que almejamos explicitar como os sujeitos homossexuais que se declaram católicos elaboram a sua identidade sexual nessa tradição religiosa. Começemos pelo que diz o catecismo católico sobre a homossexualidade.

2.1 O que diz o catecismo da Igreja Católica

Em 11 de outubro de 1992, o então papa João Paulo II, por ocasião da publicação da nova edição do catecismo, redigido depois do Concílio Vaticano II, escreveu na Constituição *Apostólica Fidei Depositum* o seguinte: o Catecismo da Igreja Católica - CIC, por fim, é oferecido a todo o homem que nos pergunte a razão da nossa esperança (cf. I Pd 3,15) e queira conhecer aquilo em que a Igreja Católica crê. Nos dizeres do mesmo papa, “o catecismo, além de dar apoio aos esforços ecumênicos, mostra com exatidão o conteúdo e a harmoniosa coerência da fé católica” (AFD n. IV). É nosso interesse aqui compreender a importância desse documento, no imaginário católico, como fonte reveladora da vontade de Deus para a vida humana e o seu significado para a vida dos católicos, especificamente no que afirma sobre a homossexualidade. Ele é um compêndio do que a Igreja ensina e precisa ser guardado por todos os fiéis, como um item básico de referência.

2.1.1 A definição do conceito

O Catecismo não diz tudo sobre os temas que aborda, quer apenas resumir o que a Igreja considera essencial. No caso da homossexualidade (cf. n. 2.357-2.359 e 2.331-2.333), ele não entra em questões ainda em fase de esclarecimento. Ao falar da homossexualidade, começa com uma espécie de definição:

A homossexualidade designa as relações entre homens ou mulheres, que experimentam uma atração sexual exclusiva ou predominante para pessoas do mesmo sexo. Tem-se revestido de formas muito variadas, através dos séculos e das culturas. A sua gênese psíquica continua em grande parte por explicar (CIC 2357).

A simples leitura dessa definição já demonstra que os redatores do verbete estavam atentos ao que hoje se discute na biomedicina e nas ciências psicológicas e sociais. Do nosso ponto de vista, quando o documento afirma sobre a dificuldade de explicação psíquica sobre essa realidade, já se tem um pressuposto de não aceitação dessa condição. Alguém levantaria a pergunta da origem psíquica da heterossexualidade? A homossexualidade, afirma o Catecismo, implica “relações entre homens e mulheres que sentem atração sexual, exclusiva ou predominante, por pessoas do mesmo sexo”. Esse fenômeno, fundamentalmente humano, segundo o texto, tem uma origem psicológica ainda sem explicações satisfatórias. Além disso, revestiu-se das mais variadas formas ao longo dos séculos, de acordo com as distintas culturas. A cultura de hoje lhe conferiu algumas características próprias ao nosso tempo. Seria diferente fazer essas mesmas constatações com relação à heterossexualidade?

2.1.2 O juízo moral

Porém, o CIC emite seu juízo moral acerca dos atos da homossexualidade:

Apoiando-se na Sagrada Escritura, que os apresenta como depravações graves (103) a Tradição sempre declarou que ‘os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados’ (104). São contrários à lei natural, fecham o ato sexual ao dom da vida, não procedem duma verdadeira complementaridade afetiva sexual, não podem, em caso algum, ser aprovados (CIC 2357).

O catecismo afirma ser a prática de *atos* homossexuais como inadmissível, do ponto de vista da moral cristã, por tratar-se de uma “*desordem*”. Como tal, contraria a *lei natural* porque é fechada ao dom da vida e desprovida daquela complementaridade e reciprocidade à qual a sexualidade integral naturalmente se endereça. Contudo, reconhece que o número de pessoas com orientação homossexual “não é negligenciável” e que essa *tendência* pode estar fundamentalmente ancorada no organismo (seria “inata”).

Tal *tendência*, segundo o catecismo, pode representar uma “provação” para a pessoa, sublinhando que “toda pessoa, homem ou mulher, deve reconhecer e aceitar sua própria identidade sexual” e que a pessoa humana “não pode ser adequadamente descrita por uma referência reducionista ao seu ou à sua orientação sexual” (CIC 2358). Essas duas observações são de suma relevância, pois supõem a originalidade fundamental de cada pessoa. Em uma cultura que massifica a sexualidade e a reduz a um objeto, é essencial a defesa da diferenciação e originalidade da pessoa em sua dimensão sexual. Uma pessoa de orientação homossexual não o é por opção; deve, por isso, ser aceita com respeito, sensibilidade e compaixão, pois também

essas pessoas “são chamadas a realizar a vontade de Deus na sua vida e, se forem cristãs, a unir ao sacrifício da cruz do Senhor as dificuldades que podem encontrar por causa de sua condição” (CIC 2359).

O que podemos atentar nessas afirmações é que a dimensão genital e física da sexualidade é o que define a sua orientação sexual. Ou seja, ela só se realizaria enquanto pessoa aceitando a sexualidade heterossexual. Outra afirmação relevante é a de que, embora existam pessoas com tendências homossexuais, estas devem acolhê-las como *provação* de Deus. Ou seja, quem tem essa *tendência*, conforme o catecismo católico, foi escolhido por Deus para assumir um sofrimento ao longo de sua vida como *provação*.

Os termos utilizados no catecismo saltam aos olhos, quando se tem uma visão mais crítica ou pelo menos sensível à temática: *atos intrinsecamente desordenados, depravações graves, fechados ao dom da vida, incompletos afetivamente e contrários à lei natural*. No capítulo terceiro, teremos oportunidade de abordar, de modo crítico, numa perspectiva mais contemporânea tais argumentações. No momento, vamos nos debruçar sobre o arcabouço de onde se chega a tais conclusões. Tudo isso tem como premissa o que a Igreja chama de *lei natural*. Faremos agora uma breve explanação sobre o que é a *lei natural*, usando como referencial teórico os autores Salzman e Lawler (2010) e o texto “Em busca de uma ética universal: um novo olhar sobre a lei natural” da Comissão Teológica Internacional (2009). Trataremos então, a seguir, a perspectiva da homossexualidade na compreensão da Lei Natural.

2.2 A perspectiva da homossexualidade na compreensão da Lei Natural

Faz-se necessário afirmar que não é nosso intento aqui fazer um estudo minucioso sobre a *Lei Natural*. Esse não é o foco do nosso trabalho. Nossa opção é apresentar a *Lei Natural* na perspectiva de fundamentação sobre a posição do catolicismo frente à homossexualidade. Ou seja, em que argumentações se funda essa compreensão. Também não faremos uma abordagem teológico moral da *Lei Natural*, mas procurando, enquanto cientista da religião, e com o interesse central de procurar entender melhor, dentro dessa tradição religiosa, as argumentações contrárias a essa sexualidade e como os sujeitos que se declaram católicos e homossexuais elaboram a sua identidade: negação, aceitação, repulsa, integração? Diante desse propósito, vamos, em seguida, relacionar a chamada *Lei Natural* e a homossexualidade no catolicismo.

2.2.1 Lei Natural e a homossexualidade

De onde vem a ideia de *Lei natural* e por que é utilizada como um dos fundamentos da moral sexual católica para a não aceitação da prática homossexual como normal? Como já fora citado, para o catolicismo, os atos homossexuais são objetivamente *desordenados*, são *depravações graves* e contrários à *lei natural*. É preciso ressaltar que a compreensão da *lei natural*, que sempre deu margem a interpretações reducionistas, foi revista por uma comissão internacional e o trabalho foi publicado em 2009¹⁷. O documento sobre a doutrina da *lei natural*:

Afirma, em substância, que as pessoas e as comunidades humanas são capazes, à luz da razão, de discernir as orientações fundamentais de um agir moral conforme a própria natureza do sujeito humano e de exprimi-las de modo normativo sob a forma de preceitos ou mandamentos (COMISSÃO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA, 2009, n. 9).

Afirma, também, que não se trata de uma lei reduzida aos aspectos biológicos, mas é uma lei racional, proveniente de dinamismos naturais que estão em ação na pessoa humana. E quais são esses dinamismos? São três, conforme o trabalho da comissão:

O primeiro, que é comum a todo ser substancial, compreende essencialmente a inclinação a conservar e a desenvolver a sua existência. O segundo, que é comum a todos os seres vivos, compreende a inclinação a se reproduzir para perpetuar a espécie. O terceiro, que é próprio como ser racional, comporta a inclinação a conhecer a verdade sobre Deus assim como para viver em sociedade (COMISSÃO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA, 2009, n. 46).

A partir dessas inclinações, que são natas ao ser humano, conforme a Comissão, podem-se formular os preceitos da *lei natural*, que, embora sejam gerais nos princípios, são a base, um substrato em que se fundamenta toda ulterior reflexão sobre o bem a praticar e o mal a se evitar. Essa *lei natural* define, antropologicamente, o ser humano diferenciado sexualmente pelo ato criador do próprio Deus: “Façamos o homem à nossa imagem, segundo a nossa semelhança [...], Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou; criou-os macho e fêmea” (Gênesis, 1, 26-27)¹⁸. E essa diferenciação que lhe é nata conduz naturalmente o homem em direção à mulher e esta, por sua vez, em direção ao homem: “O dinamismo para com a criação está intrinsecamente ligado à inclinação natural, que leva o homem para a mulher e a

¹⁷ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. Em busca de uma ética universal: um novo olhar sobre a lei natural. Roma, 2009. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20090520_legge-naturale_po.html. Acesso em: 25 jan. 2022.

¹⁸ Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB), São Paulo: Loyola, 1994.

mulher para o homem, dado universal reconhecido em todas as sociedades” (COMISSÃO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA, 2009, n. 49). E em decorrência dessa lógica *natural*, ou da *natureza* humana, argumenta-se sobre a imoralidade dos atos genitais entre as pessoas do mesmo sexo, uma vez que esses não permitem a procriação:

algumas práticas sexuais se opõem diretamente às finalidades reprodutivas inscritas no corpo sexuado do homem. Por isso mesmo, eles contradizem também os valores interpessoais que devem promover uma vida sexual responsável e plenamente humana (COMISSÃO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA, n. 80, 2009).

Por detrás desse modo de se referir, está uma velha distinção – de inspiração agostiniana e neoplatônica – que é retomada por Alberto Magno, Tomás de Aquino e Afonso de Ligório. É a distinção entre pecado “contra a natureza” e pecado “segundo a natureza”. A homossexualidade é simplesmente “*contra naturam*”. Por essa razão, não pode ser considerada como uma via moralmente aceitável para a realização sexual da pessoa humana. Embora esse discurso seja apresentado como algo definitivo, o próprio documento levanta muitos outros aspectos e mantém uma postura prudente, concluindo que “essa lei natural não tem nada de estático na sua expressão. Ela não consiste em uma lista de preceitos definitivos e imutáveis” (COMISSÃO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA, n. 113, 2009). Nesse sentido, cabem algumas observações sobre a Lei Natural.

2.2.2 Observações sobre a Lei Natural

Concordamos quando a Comissão afirma que não pode haver uma verdadeira promoção da dignidade de um homem (e de uma mulher) a menos que a ordem essencial da sua natureza seja respeitada (COMISSÃO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA, 2009, n. 113). O problema é que, na sua interpretação, a “ordem essencial da natureza” é numa perspectiva exclusivamente heterossexual. E dizer que qualquer atividade sexual que se desvia “sabidamente das ordenadas leis da natureza” de Deus e que não esteja aberta à transmissão da vida é moralmente errada, a nosso juízo, restringe muito a dimensão da sexualidade humana, como observado no capítulo anterior. Essa lei divina, afirma o documento, “*é acessível às nossas consciências*”, mas aqui também encontramos questões hermenêuticas. No século XIII, Tomás de Aquino ensinava que a lei natural “não é nada além da luz da compreensão colocada em nós por Deus. Porém, ele também afirma que, embora os preceitos da lei natural sejam universais e imutáveis, a sua

aplicação varia conforme as circunstâncias da vida das pessoas” (Salzman; Lawler, 2010. p. 312).

Pela experiência, sabemos que os seres humanos são históricos, são racionais e não se definem por um acesso a uma *natureza* pura e não situada. “A *natureza* revela a nossa atenção, compreensão, julgamento e decisão somente a sua facticidade nua” (Salzman; Lawler, 2010). Tudo além dessa constatação “é o resultado de uma interpretação por pessoas atentas, inteligentes, racionais e responsáveis; ou seja, nós experienciamos a *natureza* somente como interpretada e socialmente construída (Salzman; Lawler, 2010, p. 312). Não existe *natureza* que não seja uma interpretação experimentada. Do contrário, essa fica restrita à sua mera facticidade e é desprovida de significado, uma qualidade que não é inerente à natureza, mas atribuída a ela por seres racionais em atos interpretativos. Como diz o provérbio: “O oleiro, e não o pote, é responsável pela forma do pote” (Whitehead, 1959, p. 8).

É impossível não admitir que os seres humanos, que são racionais e historicamente situados, não irão formular diferentes interpretações da natureza e das obrigações morais dela derivadas, e que qualquer interpretação dada possa estar equivocada (Salzman; Lawler, 2010). Isso significa aceitar que toda interpretação da “natureza” é uma realidade socialmente construída e que é dependente de interpretações humanas mediadas por perspectivas variadas. Portanto, a realidade da *natureza* deve sempre estar sujeita a escrutínio, ainda que a interpretação seja proposta pelo Magistério da Igreja.

No terceiro capítulo, apresentamos elementos de uma antropologia sexual que reconhece a orientação sexual como uma dimensão intrínseca da *natureza* humana. Contudo, essa *natureza* variará conforme a orientação sexual da pessoa, que tanto pode ser homossexual quanto heterossexual. Por ora, acreditamos que ficou clara a perspectiva da homossexualidade dentro da compreensão da *Lei Natural* pelo catolicismo, bem como os possíveis questionamentos que tal perspectiva gera. Nossa próxima questão será abordar os documentos contemporâneos do magistério católico sobre a homossexualidade. Todo esse caminho é um esforço de compreensão da homossexualidade dentro da tradição religiosa católica. Acreditamos que esse caminho facilitará a compreensão das abordagens e leituras que almejamos explicitar, a partir do estudo de caso dos sujeitos que se declaram homossexuais e católicos, elaborando, nesse paradigma conceitual, as suas identidades.

2.3 Os documentos contemporâneos do magistério católico

Feito o resumo de como o catolicismo relaciona a homossexualidade, a partir da sua compreensão da *Lei Natural* e suas consequências para a sexualidade humana, apresentaremos, de modo geral, os principais documentos do magistério católico que tratam da questão, pós-Concílio Vaticano II¹⁹. O catolicismo, como já observado, compreende o ato sexual e a sua moralidade dentro do horizonte exclusivo e único da relação entre um homem e uma mulher. A sua finalidade é para as dimensões *unitiva* e *procriativa*. Qualquer ato sexual que não se enquadre nessas duas finalidades não pode ser aceito como *natural*²⁰. Vejamos os mais recentes documentos magisteriais do catolicismo que registram o que estamos a dizer²¹. Começamos pela encíclica de Paulo VI *Humanae Vitae*.

¹⁹ Fizemos a opção de apresentar os documentos do Magistério dos papas do período pós-conciliar e das respectivas Congregações ou Pontifícios Conselhos, cuja temática da nossa pesquisa foi abordada. Não desconhecemos outros documentos de conferências episcopais que também tratam da temática. Porém, não trazem novidade específica, a não ser nos modos próprios de dizer aquilo que os documentos pontifícios estabelecem. Podemos citar alguns desses documentos episcopais: COMISSÃO PERMANENTE DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL ESPANHOLA – *Matrimônio, Família e Uniões Homossexuais* (1994); CARDEAL B. HUME – PRESIDENTE DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL DA INGLATERRA E GALES – *Observações sobre o ensinamento da Igreja Católica sobre as pessoas homossexuais* (1995); CARTA DA COMISSÃO PARA O MATRIMÔNIO E FAMÍLIA DA CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS CATÓLICOS DOS EE.UU. – *Continuam sendo nossos Filhos* (1997) DOCUMENTO DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL DOS BISPOS SUÍÇOS – *Sobre a bênção da Uniões homossexuais* (2002); CONFERÊNCIA EPISCOPAL DO CANADÁ – *Sobre a legalização das uniões homossexuais e sua equiparação jurídica ao matrimônio* (2005).

²⁰ Embora a “natureza” possa ser interpretada em um sentido puramente biológico, no sentido de Aquino, da tradição e do ensinamento magisterial atual, ela é mais precisamente entendida em termos do que facilita o bem-estar humano ou o florescimento humano. Para afirmar que os atos sexuais não reprodutivos “não naturais” ou “são contra a natureza”, uma pessoa deve comprovar que esses atos, por definição, frustram o bem-estar humano ou o florescimento humano. Isso nos leva à segunda afirmação sobre a finalidade dos órgãos sexuais: o significado que os seres humanos atribuem a essa finalidade. Os órgãos sexuais não possuem um propósito único, mas muitos propósitos. O pênis, por exemplo, é responsável não só pela eliminação de resíduos líquidos, mas também pela relação sexual que pode ou não realizar a reprodução (Salzman; Lawler, 2012, p. 202).

²¹ Não são muitas as alusões diretas do magistério à questão homossexual. Os pronunciamentos de peso do Vaticano são, as mais das vezes, indiretos ou, então, feitos em falas catequéticas de ocasião, de importância secundária (por exemplo, em audiências públicas de quartas-feiras). Entre os documentos que mereceriam uma análise mais aprofundada estão: A “*Gaudium et Spes*” (1965) e a “*Dignitatis Humanae*” (1965), ambos do Vaticano II; a “*Humanae Vitae*” de Paulo VI (1968); 1976, a Santa Sé publicou a “*Declaração sobre alguns pontos de ética sexual*”; “*Orientações educativas sobre o amor humano. Linhas gerais para uma educação sexual*” (1983); “*Orientações sobre a formação nos institutos religiosos*” (1990); “*Carta aos bispos da igreja católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais*” (1986); “*Negativa à ordenação de homossexuais ao sacerdócio*” (2002). Uma fonte importante para o conhecimento do pensamento oficial sobre a sexualidade se encontra nas encíclicas sobre a família e sobre a mulher. Nota do autor.

2.3.1 A encíclica *Humanae Vitae* de Paulo VI

Quando o Papa Paulo VI, em 1968, escreveu a carta encíclica *Humanae vitae*²², ele fundamentou seu ensinamento na conexão indissolúvel entre o significado do ato conjugal em *unitivo* e *procriativo*. Isso significa dizer que todo e qualquer ato sexual só é moralmente aceito, se estiver aberto à criação e for capaz de expressar a união amorosa entre um homem e uma mulher. Esse ensinamento, no âmbito da sexualidade humana, tem várias consequências para a vida sexual dos católicos. Uma delas é a absoluta condenação de qualquer ato sexual que não seja para o fim *unitivo* e *procriativo* dentro da aliança matrimonial. Portanto, dentro dessa concepção, o catolicismo fundamenta como pecado a masturbação, as relações pré-matrimoniais, os anticoncepcionais, os atos homossexuais e qualquer relação sexual que não tenha a finalidade *unitiva* e *procriativa*. Outro importante documento do magistério católico sobre a compreensão da sexualidade humana é a *Declaração sobre alguns pontos de ética sexual* que apresentaremos em seguida.

2.3.2 A Declaração sobre alguns pontos de ética sexual

Em 1975, a Santa Sé publicou a Declaração sobre alguns pontos de ética sexual²³. Nesse documento, fica evidente o distanciamento da sua posição oficial em relação à opinião de teólogos, católicos e protestantes, que se mostram mais abertos ao diálogo sobre a questão da homossexualidade:

²² A encíclica *Humanae Vitae* (“Da vida humana”), lançada pelo Papa Paulo VI no dia 25/07/1968, é um dos documentos mais controversos já publicados nos 2 mil anos da Igreja Católica. A encíclica, que tem como subtítulo a expressão “Sobre a regulação da natalidade”, se posiciona contra todos os métodos modernos de regulação da fecundidade, contra os meios que possibilitam o sexo seguro, condena a masturbação e define a sexualidade (aceitável unicamente em parcerias heterossexuais) como um fim único e exclusivo voltado para “o desejo divino” da procriação. [...] A revista *National Catholic Reporter* (em editorial de 23 de janeiro de 2015) afirma que a encíclica *Humanae Vitae* tem sido um sério impedimento à autoridade católica e que o seu texto criou um abismo entre os prelados e os padres, entre a hierarquia e os fiéis. Ou seja, segundo setores da própria Igreja Católica, há um clamor para rever a doutrina, as práticas e dogmas do Vaticano sobre a reprodução humana. [...] a doutrina propagada na encíclica diz claramente que o matrimônio é um dom divino e tem finalidade procriativa, pois os filhos são uma “intenção criadora de Deus”. [...] Pesquisa do Instituto Datafolha de 2013 mostra que entre os católicos brasileiros o percentual de pessoas favoráveis ao uso da camisinha é de 84%, ao uso da pílula anticoncepcional 77%, ao uso da pílula do dia seguinte 61%, ao divórcio 60%, que mulheres possam celebrar missas 58% e que os padres possam casar e constituir família 48% (ante 41% que são contrários). ALVES, José E. Diniz. **A revisão da encíclica *Humanae Vitae* e os direitos sexuais e reprodutivos**. Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2017. Disponível em: <http://www.abep.org.br/site/index.php/abep/366-taquinho-humanae-vitae>. Acesso em: 10 jan. 2021.

²³ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Declaração acerca de certas questões de ética sexual**. São Paulo: Paulinas, 1976. É o primeiro documento do magistério eclesiástico católico moderno que trata o tema da homossexualidade. Especificamente o nº 8.

Certamente, na atividade pastoral estes homossexuais assim hão de ser acolhidos com compreensão e apoiados na esperança de superar as próprias dificuldades pessoais e a sua inadaptação social. A sua culpabilidade há de ser julgada com prudência. No entanto, nenhum método pastoral pode ser empregado que, pelo fato de esses atos serem julgados conformes com a condição de tais pessoas, lhes venha a conceder uma justificação moral. Segundo a ordem moral objetiva, as relações homossexuais são atos destituídos da sua regra essencial e indispensável. Elas são condenadas na Sagrada Escritura como graves depravações e apresentadas aí também como uma consequência triste de uma rejeição de Deus. Este juízo exagerado na Escritura Sagrada não permite, porém, concluir que todos aqueles que sofrem de tal anomalia são por isso pessoalmente responsáveis; mas atesta que os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados e que eles não podem, em hipótese nenhuma, receber qualquer aprovação (DECLARAÇÃO SOBRE ALGUNS PONTOS DA ÉTICA SEXUAL, 1975, n. 8)

A declaração deixa claro, portanto, que se preocupa com certa aceitação e justificação da prática homossexual como natural por parte de certos métodos de abordagens pastorais. Argumenta que tal concessão fere tanto aquilo que foi o perene ensinamento da questão por parte do magistério, como o sentir moral do povo cristão. Os dois argumentos principais são a *Bíblia* e a *lei natural*. Afirma que, para a Bíblia, “os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados [...] não podem, em hipótese alguma, receber qualquer aprovação” (DSAPES, 1976). Contudo, deixa uma possibilidade de evolução da questão, ao lembrar que a Bíblia “não permite [...] concluir que todos aqueles que sofrem de tal anomalia sejam, por isso, pessoalmente responsáveis” (DSAPES, 1976). No capítulo terceiro, iremos ampliar essa questão, abordando, a partir da leitura exegética contemporânea, os textos bíblicos que servem de base para essa sustentação. Veremos que são textos que não dizem objetivamente o que hoje nós compreendemos sobre a homossexualidade.

O segundo argumento é tirado da ordem natural das coisas. Esse argumento, como foi demonstrado, tem enorme peso na teologia medieval e na patrística, bem na linha existente já na Bíblia judaica. De acordo com essa interpretação, existe uma “ordem moral objetiva”, segundo a qual “as relações homossexuais são atos destituídos da sua regra essencial e indispensável”, que serviria para a procriação, ditada pela natureza criada por Deus (DSAPES, 1976). Hoje, também, como refletimos, a chamada *lei natural* já não é mais compreendida apenas objetivamente. A evolução das ciências naturais e humanas ampliaram, de modo significativo, o conceito de *natureza*. Hoje, também, sabemos que, com a evolução dos métodos de reprodução humana, casais homoafetivos geram filhos ou adotam.

Não podemos deixar de destacar que o documento acentua que os que padecem de tal “*anomalia*” não são, necessariamente, responsáveis por ela, uma vez que não o fazem por

escolha própria. Esse é um ponto fundamental, no qual insistem quase todos os moralistas contemporâneos. Azpitarte, por exemplo, diz:

O simples fato de apresentar tendências homossexuais, de sentir atração pelo próprio sexo, é um fato que não entra no campo da moralidade. Ninguém é bom nem mau por experimentar tendências e sentimentos que não pode afastar de si e que, inclusive, experimenta como um destino imposto à margem de sua vontade, algo assim como faz com que nasçamos homem ou mulher. Na medida em que a homofilia não se baseia em uma opção escolhida, não há lugar para culpa. O pecado tem outras categorias, que não radicam na existência pura e simples de um fenômeno psicológico, mas sim na aceitação livre e voluntária das práticas homossexuais (Azpitarte, 1997, p. 78).

Ainda que muito estreito, em relação aos grandes avanços que já obtivemos hoje da reflexão no âmbito das ciências humanas, da exegese bíblica e da teologia, como veremos mais à frente, é possível subtrair, dessas compreensões doutrinárias, positivas consequências para a consideração do comportamento relativo à pessoa do homossexual. Ao lado do rigor quanto às questões de princípio, surge, na moral católica e nos textos da autoridade eclesiástica, evidente interesse em favorecer uma atitude de maior acolhida na ajuda às pessoas de tendência homossexual. Isso é expresso claramente em frases da declaração, como a seguinte:

Indubitavelmente, essas pessoas homossexuais devem ser acolhidas, na ação pastoral, com compreensão, e devem ser apoiadas na esperança de superar suas dificuldades pessoais e sua inadaptação social. Também sua culpabilidade deve ser julgada com prudência (DECLARAÇÃO SOBRE ALGUNS PONTOS DA ÉTICA SEXUAL, n. 8).

Ou seja, nos parece que, ainda que os princípios de condenação da sexualidade homossexual sejam mantidos de forma objetiva e rígida, se salvam as pessoas homossexuais na dimensão da pastoral da Igreja. Devem ser acolhidas, compreendidas, apoiadas e, se julgadas, que seja com muita prudência. Com um olhar mais crítico, tais ponderações parecem paradoxais, para não dizer contraditórias. Como realizar tal postura se, de princípio, os sujeitos homossexuais, enquanto tais, não são considerados *normais* na sua identidade sexual? Na segunda parte da nossa pesquisa, que será um estudo de casos dos sujeitos homossexuais que têm uma ligação com essa tradição religiosa e que participam dos grupos pastorais *Apostolado Courage* e *Diversidade Sexual*, teremos a oportunidade de abordar tal questão, a partir dos relatos desses sujeitos. Antes, porém, registremos mais dois importantes documentos sobre a temática: *Persona Humana* e *Veritatis Splendor*.

2.3.3 *Persona Humana e Veritatis Splendor*

Com a declaração *Persona Humana*²⁴ sobre alguns pontos de ética sexual, em 1979, a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé reafirma este ensinamento e o seu embasamento na *lei natural*. Iniciamos este capítulo abordando essa temática e fazendo algumas observações atuais sobre a complexa compreensão do que venha a ser a *lei natural* e, ao mesmo tempo, a possibilidade de uma releitura no contexto atual. Contudo, no longo pontificado de João Paulo II (1978-2005), essa perspectiva será abordada com frequência e de modo substancial. As suas várias audiências sobre sexualidade e matrimônio mais tarde se transformaram em um livro: **Teologia do corpo: o amor humano no plano**²⁵. Na exortação apostólica *Familiales consortio*, de 1981, ele tratará do matrimônio e da família. Escreverá, em 1993, uma encíclica, *Veritatis Splendor*, sobre a Teologia Moral Católica. Esse documento defende e explica em pormenores a teoria católica da *Lei natural*, na qual fundamenta os seus ensinamentos sobre a sexualidade humana. Durante o seu pontificado, como estamos a apresentar, foram emitidos três diferentes documentos sobre a homossexualidade através da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé. Deu grande ênfase ao ensinamento magisterial em geral e à necessidade de os teólogos católicos aceitarem e seguirem as diretrizes nele contidas²⁶. Vamos abordá-los a seguir.

²⁴ Documento publicado pela Congregação para a Doutrina da Fé em 1975. É uma declaração sobre certas questões relativas à ética sexual. Considera a sexualidade humana como um elemento central da pessoa, porque dá à vida da pessoa os traços principais que a distinguem. A exaltação do sexo fora do casamento na sociedade contemporânea fez com que a CDF esclarecesse a posição da Igreja Católica Romana sobre a ética sexual. A linha de pensamento de *Persona Humana* gira em torno da observação de que a “lei divina, eterna, objetiva e universal, com a qual Deus, no desígnio da sua sabedoria e amor, ordena, dirige e governa o universo inteiro e os caminhos da comunidade humana. Desta sua lei, Deus torna o homem participante, de modo que este, segundo a suave disposição da divina Providência, possa conhecer cada vez mais a verdade imutável” (*Persona Humana*, 1975, nº 3).

²⁵ Nessa obra, João Paulo II pretende estabelecer uma antropologia adequada em que o corpo humano revele Deus. Ele examina o homem e a mulher antes da queda, depois dela e na ressurreição dos mortos. Ele também contempla a complementaridade sexual do homem e da mulher. Ele explora a natureza do casamento, o celibato e a virgindade e expande os ensinamentos da *Humanae vitae* sobre contracepção. De acordo com o autor Christopher West, a tese central da **Teologia do Corpo**, de João Paulo II, é que “o corpo, e só ele, é capaz de tornar visível o que é invisível: o espiritual e o divino. Foi criado para transferir para a realidade visível do mundo, o mistério escondido desde tempos imemoriais em Deus, e assim para ser um sinal disso” (West, 2004, p. 5).

²⁶ O Código de Direito Canônico, de 1983, a Profissão de Fé, o Voto de fidelidade, de 1989 e a Instrução sobre a Vocação Eclesial do Teólogo, de 1990, da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, todos enfatizam o papel decisivo do Magistério Hierárquico e a submissão exigida dos teólogos. O Magistério Papal jamais reconheceu explicitamente a validade de qualquer discordância de seus ensinamentos não infalíveis. Além disso, todos os teólogos católicos que ensinam em Instituições Católicas devem, segundo a lei da Igreja, receber o Mandato do bispo local, chamado de *Missio Canônica*.

2.3.4 *Orientações Educativas sobre o Amor Humano*

Precisamos registrar, também, o documento da Congregação para a Educação Católica, intitulado *Orientações Educativas sobre o Amor Humano*, publicado no ano de 1983. Ao abordar a questão da homossexualidade, o faz com um processo educativo e pedagógico. Ela é situada no contexto de uma antropologia evolutiva, necessitando, portanto, de ser analisada com objetividade:

A homossexualidade, que impede a pessoa de alcançar a sua maturidade sexual, seja do ponto de vista individual, como interpessoal, é um problema que deve ser assumido pelo sujeito e pelo educador, quando se apresentar o caso, com toda a objetividade (CEC, 1983, n. 101).

Afirma que essa condição tem fatores variados e que é tarefa da família e do educador procurar conhecê-los. Fala-se de fatores de ordem fisiológica ou psicológica e que é preciso observar “se esta será o resultado de uma falsa educação ou da falta de uma evolução sexual normal, se provém de um hábito contraído ou de maus exemplos ou de outros fatores” (CEC, 1983, n. 102). Insiste na necessidade de proporcionar ajuda a essas pessoas, uma vez descobertas e entendidas as causas. Ou seja, a homossexualidade não é aceita como uma variante da sexualidade humana, mas algo que “impede a pessoa de alcançar a sua maturidade sexual, seja do ponto de vista individual, como interpessoal” (CEC, 1983, n. 101). As argumentações recebem um tom de complacência, quando reafirmam a necessidade de os educadores e os familiares proporcionarem ajuda a essas pessoas através da compreensão, do clima de confiança, do encorajamento, mas, “sugerindo, se for necessário, a assistência médico-psicológica de uma pessoa que entenda e respeite os ensinamentos da Igreja” (CEC, 1983, n. 103). Ou seja, se o sujeito homossexual é católico, deverá procurar se “curar” na sua homossexualidade, para que alcance a maturidade em si e com os outros. Contudo, na *Carta sobre o atendimento das pessoas homossexuais*, as afirmações nos parecem bem mais duras.

2.3.5 *Carta sobre o atendimento das pessoas homossexuais*

Em 1986, foi publicada a carta sobre o atendimento das pessoas homossexuais²⁷. O documento se apresenta ciente de não poder ser “um tratado exaustivo” (n. 2) do assunto.

²⁷ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Carta aos bispos da igreja católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais*. São Paulo: Paulinas, 1986.

Assim, a Igreja admite estar diante de uma questão de grande complexidade. Nesse sentido, a carta procura se fundamentar “nos resultados seguros das ciências humanas” (n. 2). Porém, além do que as ciências ajudam a trazer à luz, ela procura, em seu horizonte próprio, que é o da fé, sabendo que esse ângulo, muito especialmente em questões de moral sexual, não pode prescindir de um “estudo atento, empenho concreto e reflexão honesta, teologicamente equilibrada” (n. 2), abordar o fenômeno da homossexualidade. Contudo, parece enrijecer ainda mais doutrinalmente quando afirma na Carta aos bispos da igreja católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais, n. 3:

Entretanto, na discussão que se seguiu à publicação da Declaração, foram propostas interpretações excessivamente benévolas da condição homossexual, tanto que houve quem chegasse a defini-la indiferente ou até mesmo boa. Ao invés, é necessário precisar que a particular inclinação da pessoa homossexual, embora não seja em si mesma um pecado, constitui, no entanto, uma tendência, mais ou menos acentuada, para um comportamento intrinsecamente mau do ponto de vista moral. Por este motivo, a própria inclinação deve ser considerada como objetivamente desordenada.

Parece ser um texto mais restritivo que o anterior, pois volta a afirmar, incisivamente, que os *atos homossexuais*, sem exceção, descritos como atos que, privados da sua finalidade essencial e indispensável, são “*intrinsecamente desordenados*” e, como tais, não podem ser aprovados em nenhum caso (cf. n. 8, § 4). Ao falar da inclinação da pessoa homossexual, apesar de não ser em si mesmo um pecado, constitui um comportamento intrinsecamente mau do ponto de vista moral. Por esse motivo, a própria inclinação deve ser considerada como objetivamente desordenada (cf. n. 3, § 2).

O discurso é duro e direto, permeia quase toda a carta e se faz notar, especialmente, nos seguintes itens: na caracterização dos atos homossexuais; na interpretação teológica dos textos bíblicos; na reação às contestações, críticas e manipulações políticas recebidas pelo documento de 1976 e na condenação de algumas “interpretações excessivamente benévolas” que certos teólogos quiseram dar à condição homossexual etc. Houve, como era de se esperar, muita reação por parte da militância gay²⁸. Estes viram a carta como uma tentativa de brechar a luta por seus direitos. O documento foi denunciado pela sua postura biologística e medicalizante. Afirmavam-se nele concepções pré-modernas que, segundo os seus críticos, não podem ser hoje sustentadas. No fundo, mantinha-se o conceito de um caráter universal de doença, presente necessariamente na homossexualidade. Embora todas essas críticas sejam pertinentes, o que se

²⁸ A crítica vinda de psicólogos e médicos recaíram principalmente sobre este modo de falar, rejeitado pelas mais importantes associações nacionais de cientistas da medicina, da psicologia e da psiquiatria do mundo inteiro, que, desde os anos 80, já não aceitam que a homossexualidade seja classificada como uma doença. Nota do autor.

percebe nesse documento é a tentativa de manter uma coerência com os princípios da moral sexual da tradição católica, em que, como já registrado em nosso texto, se defende a heterossexualidade como única possibilidade da sexualidade humana, tendo a finalidade *unitiva* e *procriativa*. Embora seja esse o pensamento *oficial*, houve também *vozes na contramão dentro do próprio magistério católico*.

2.3.5.1 Vozes na contramão

Sabemos que essa questão não é consenso dentro do catolicismo. Quando se publicou o documento, houve reações contrárias. Lembramos os posicionamentos do bispo norte-americano Mons. John R. Quinn²⁹. Em um artigo influente, ele encarou o controvertido ponto da “homossexualidade como desordem e doença”, depreendido da leitura da carta. Quinn se situou na linha da Associação Americana de Psiquiatria, que, em seu famoso DSM (*Diagnostic and Statistical Manual*), havia abandonado a classificação da homossexualidade como enfermidade ou desordem psicológica, passando a considerá-la como uma modalidade normal de comportamento. Em que pese o fato de os textos de Roma insistirem em usar a expressão “*desordem intrínseca*”, dando quase a entender que a homossexualidade se associa necessariamente a algo doentio; na opinião de Quinn, o texto da Congregação para a Doutrina da Fé não tinha nem poderia ter a intenção de dirimir um quesito abordado no DSM. Para o autor do artigo, a carta da Congregação para a Doutrina da Fé não poderia ter a intenção de resolver a questão que é de ordem psiquiátrica. Faltam ao magistério condições de abordar tecnicamente a homossexualidade no âmbito da ciência médica e psicológica. Nesse sentido, é alçada da área científica e, por isso mesmo, não pode ser objeto de uma tomada de posição doutrinal. Para ele, o documento quis afirmar que a moral da Igreja tem seu fundamento em “princípios imutáveis relacionados com elementos constitutivos e relações essenciais da pessoa [...] que transcendem a contingência histórica” (n. 3).

2.3.6 Considerações ligadas à resposta da Lei sobre a não Discriminação das Pessoas homossexuais

No ano de 1992, foi publicado, no jornal do Vaticano L’Osservatore Romano a seguinte declaração: “Algumas Considerações ligadas à resposta da Lei sobre a não Discriminação das

²⁹ Secretariado para a Família. O artigo de Mons. Quinn foi publicado na mesma revista no dia 2 de julho de 1998.

Pessoas homossexuais”. O objetivo era intervir nos debates acerca das modificações legais, para superar discriminações históricas contra as pessoas homossexuais. Sua argumentação é o interesse de evitar o impacto negativo que tais iniciativas legais pudessem ter sobre a família e a própria sociedade. Os critérios são os já apontados em documentos anteriores: qualificação dos atos homossexuais como “*intrinsecamente desordenados*”; negação das relações homossexuais como “*opção moralmente aceitável*”; afirmação do grande perigo que a atividade homossexual pode representar para a natureza e os direitos da família. “Todavia, a necessária reação diante das injustiças cometidas contra as pessoas homossexuais não pode levar, de forma alguma, à afirmação de que a condição homossexual não seja desordenada” (CDF, 1992, nº 7).

Enfatizando que “a tendência homossexual é uma desordem objetiva e exige uma preocupação moral”, o documento tece aplicações dos ordenamentos jurídicos com três critérios: nas questões, por exemplo, de adoção, magistério ou serviço militar, “existem setores onde não se trata de discriminação injusta tomar em consideração a tendência sexual” (CDF, 1992, nº 11). Defende-se que os direitos “Podem ser legitimamente limitados por motivos de conduta externa desordenada. Isto, às vezes, é não só lícito, mas obrigatório” (CDF, 1992, nº 12). E quando se refere à declaração dos direitos humanos, pontua que:

Incluir a ‘tendência homossexual’ entre as reflexões, na base das quais é ilegal discriminar, pode facilmente levar a afirmar que a homossexualidade é uma fonte positiva de direitos humanos, por exemplo, no que se refere aos chamados direitos de ação afirmativa ou ao tratamento preferencial no que se refere à admissão ao trabalho. Isto é ainda mais deletério se considerarmos que não existe um direito à homossexualidade (CDF, 1992, nº 13).

Esse documento, na realidade, registrou a reação do então papa João Paulo II diante da resolução do Parlamento Europeu que, no dia 08 de fevereiro de 1994³⁰, se manifestou favorável à igualdade dos direitos das pessoas homossexuais, pedindo uma equiparação entre as uniões homossexuais e o matrimônio heterossexual. No dia 20 de fevereiro do mesmo ano, João Paulo fez as seguintes pontuações sobre a decisão do Parlamento Europeu: “pois toda pessoa humana é digna de respeito. O que não é moralmente admissível é a aprovação legal da prática homossexual” (João Paulo II, 1994, nº 2). Para ele, “o Parlamento conferiu indubitavelmente um valor institucional a uns comportamentos desviados, não conformes ao plano de Deus”

³⁰ Essa resolução foi aprovada por 159 votos a favor, 95 votos contra e 18 abstenções (de um total de 519 membros do parlamento). É possível um aprofundamento da questão em L. Lorenzetti, Parlamento Europeo e Persone Omosessuali: “**Revista di Teologia Morale** 26”, 1994, p. 261-264. Pela importância do tema, nos parece baixa a votação favorável dos parlamentares. Talvez um sinal das forças contrárias a esses direitos, em que as religiões têm grande influência. Nota do autor.

(João Paulo II, 1994, nº 2). E isso fragilizaria os direitos fundamentais da família e das crianças suscetíveis de adoção. Nesse mesmo contexto, podemos compreender suas críticas frente à provocação da Manifestação Gay em Roma, por ocasião do Grande Jubileu do ano 2000³¹. Por sinal, lembro-me bem do fato, pois nesses dias me encontrava na capital italiana.

2.3.7 Sexualidade humana: verdade e significado

O Pontifício Conselho para a família publicou, no ano de 1995, um extenso documento intitulado *Sexualidade humana: verdade e significado*. São feitas alusões à condição homossexual e uma consideração específica no número 104. Na realidade, o que esse documento faz é recolher a doutrina oficial do catolicismo contemporâneo sobre o tema, expressa em textos precedentes do Magistério Eclesiástico, especialmente da Declaração da Congregação para a Doutrina da Fé *Persona humana* (1975) e do *Catecismo da Igreja Católica* (1992). Com o documento *Família, Matrimônio e Uniões de Fato*, esse mesmo Conselho, no ano de 2000, aborda monograficamente a questão das “uniões de fato”, em que se avaliam as uniões de fato entre as pessoas homossexuais. O número 23 do documento expõe a postura oficial católica, aludindo a textos anteriores. Ou seja, condena-se a institucionalização da relação homossexual como grave afronta à verdade sobre o amor conjugal; reafirma-se a impossibilidade objetiva das relações homossexuais de fazer frutificar o matrimônio mediante a transmissão da vida; são relações com ausência de complementaridade querida pelo *Criador*; “As uniões de fato entre homossexuais, além disso, constituem uma deplorável distorção do que deveria ser a comunhão de amor e vida entre um homem com uma mulher, que se empenham ao dom recíproco de si e se abrem à geração da vida” (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, 2000, n. 23). Considera grave a pretensão de equiparar as uniões homossexuais ao “matrimônio legal” e a adoção de crianças no contexto das relações homossexuais, afirmando que “É o próprio bem comum da sociedade a exigir que as leis reconheçam, favoreçam e protejam a união matrimonial com base na família que se veria deste modo prejudicada” (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, 2000, n. 23).

³¹ Podemos encontrar esse texto em: La Documentation Catholique 94, 1994, p. 307-308. Disponível em: https://ec.ccf.fr/wp-content/uploads/sites/2/2014/05/accord_fondamental_1993.pdf. Acesso em: 25 jan. 2022.

2.3.8 Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais

No ano de 2003, a Congregação para a Doutrina da Fé publica algumas considerações sobre os Projetos de Reconhecimento Legal das Uniões entre Pessoas Homossexuais. Não tem novidades doutrinárias:

As presentes Considerações não contêm elementos doutrinários novos; entendem apenas recordar os pontos essenciais sobre o referido problema e fornecer algumas argumentações de carácter racional que possam ajudar os Bispos a formular intervenções mais específicas, de acordo com as situações particulares das diferentes regiões do mundo: intervenções destinadas a proteger e promover a dignidade do matrimônio, fundamento da família, e a solidez da sociedade, de que essa instituição é parte constitutiva (CDF, 2003, n. 1).

Argumenta-se que, na concepção cristã do matrimônio, não existe base sólida para semelhanças ou analogias com relação às uniões homossexuais. Essas fogem ao plano de Deus sobre o matrimônio e a família: “matrimônio é santo, ao passo que as relações homossexuais estão em contraste com a lei moral natural. Os atos homossexuais, de fato, ‘fecham o ato sexual ao dom da vida’” (CDF, 2003, n. 4). E, como consequência dessa premissa, defende que “é um dever opor-se-lhe de modo claro e incisivo” (CDF, 2003, n. 5). Recomenda a abstenção de qualquer forma de cooperação formal na promulgação ou aplicação de “leis tão gravemente injustas” e da cooperação material no plano da sua aplicação. Deixa claro que “nesta matéria, cada qual pode reivindicar o direito à objecção de consciência” (CDF, 2003, n. 5). Em seguida, embasa essa atitude drástica em quatro argumentações racionais: de ordem nacional (n. 6), de ordem biológica e antropológica (n. 7), de ordem social (n. 8) e de ordem jurídica (n. 9).

A conclusão do documento é um apelo particular para a consciência dos políticos católicos: “Se todos os fiéis são obrigados a opor-se ao reconhecimento legal das uniões homossexuais, os políticos católicos são-no de modo especial, na linha da responsabilidade que lhes é própria” (CDF, 2003, n. 10). E, por fim, a condenação das uniões entre pessoas homossexuais traz também implícita a condenação da habilitação de tais uniões para a adoção de filhos (CDF, 2003).

O que podemos observar, seja nos pronunciamentos da Congregação da Doutrina da Fé (1992), seja nas intervenções de João Paulo II (1994), na perspectiva dela, é uma extrapolação da moral individual em relação à ética social. É a partir dessa que se argumenta sobre “direitos” das pessoas homossexuais e não apenas a partir das compreensões antropológicas e religiosas que se tenha da condição homossexual. Esses documentos não trouxeram nenhuma novidade

em relação ao que já mencionamos desde a Declaração “*Persona Humana* (1975). Já reiteramos anteriormente que as religiões se sentem tuteladas das normas morais da sociedade. E, não conseguindo impor a sua crença, sentem-se contempladas quando interferem nas leis e nos costumes, impondo os seus argumentos a toda a sociedade. Aqui está um típico exemplo dessa mentalidade.

2.3.9 Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional: acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras

Outro importante documento que tematiza a questão é a *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional: acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras*, também da Congregação para a Educação Católica, publicado no ano de 2005. Na introdução é colocada a questão central que deseja instruir:

Esta Instrução contém normas acerca de uma questão particular, que a situação atual tornou mais urgente, isto é, a admissão ou não ao Seminário e às Ordens sacras dos candidatos que tenham tendências homossexuais profundamente radicadas (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2005).

Afirma-se pela negativa apresentando, basicamente, duas razões: a primeira decorre da necessidade que o sacerdote tem de possuir uma maturidade afetiva e “estas pessoas encontram-se, de fato, numa situação que obstaculiza gravemente um correto relacionamento com homens e mulheres” (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2005, n. 2); e a segunda, partindo do pressuposto de que os atos homossexuais são “intrinsecamente imorais e contrários à lei natural” (n. 2) e de que “as tendências homossexuais profundamente arraigadas são também objetivamente desordenadas”, se conclui que não se pode admitir ao sacerdócio “aqueles que praticam a homossexualidade, apresentam tendências homossexuais profundamente radicadas ou apoiam a chamada cultura gay” (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2005, n. 2). Ressalvam-se as pessoas que têm “tendências homossexuais” de caráter transitório, porém, estas “devem ser claramente superadas, pelo menos três anos antes da ordenação diaconal” (n. 2).

É uma instrução que recebeu variados comentários de tons e de conteúdos diversos, passando desde a aceitação entusiástica até a rejeição irada. Dentre esses, fazemos engrossar as fileiras dos que levantam as seguintes observações: em primeiro lugar, e isso talvez não seja apenas nessa instrução um problema, mas, em outros documentos também do Magistério Eclesiástico Católico, é o significado objetivo dos conceitos e das categorias que se utiliza. O

que significam “tendências homossexuais profundamente radicadas” em relação às tendências homossexuais que são expressão de um problema passageiro? O que vêm a ser as pessoas que “sustentam a assim chamada cultura gay”? Em segundo lugar, temos questões sobre algumas afirmações que são retomadas de documentos precedentes que são contraditórias, como a asserção de que as tendências homossexuais profundas “são objetivamente desordenadas”. E em terceiro ponto, não fica clara a relação que possa ter a condição homossexual com a realidade masculina, e a consequente simbologia da paternidade, algo inerente ao candidato ao sacerdócio. E isso, sem dizer de experiências, em muitos casos positivas, de pessoas que são homossexuais e que abraçam o sacerdócio católico, revelando maturidade humana e afetiva.

2.3.10 Do Papa Bento XVI ao Papa Francisco

Com o breve pontificado de Bento XVI (2005-2013), não houve, de sua parte, um documento específico a tratar da moral sexual. Contudo, se manteve em uma total continuidade com o ensinamento dos seus antecessores, lembrando que ele foi o prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé durante todo o pontificado de João Paulo II. Houve apenas uma nota emitida pela Congregação para a Doutrina da Fé, por ocasião da publicação do livro-entrevista de Bento XVI, “Luz do Mundo”. Nessa nota, é afirmada que foram difundidas diversas interpretações não corretas, que geraram confusão sobre a posição da Igreja Católica quanto a algumas questões de moral sexual³².

O magistério do Papa Francisco (2013-2025), Cardeal Bergoglio, oriundo do continente latino-americano, trouxe, no geral, mais liberdade e alívio para as discussões das temáticas teológicas no seio da Igreja Católica, sobretudo no âmbito da Teologia Moral, sem o clima de perseguição e silenciamento³³. Tanto na exortação apostólica pós-sinodal sobre a família,

³² Confira a nota. Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20101221_luce-del-mondo_po.html. Acesso em: 16 jun. 2021.

³³ Um exemplo da mudança de paradigma, ainda que passível de críticas, é o modelo sinodal que Francisco implementa na realização dos Sínodos na Igreja Católica. Ainda que a metodologia esteja centrada na figura do Papa, pois é ele quem define o tema, convoca o Sínodo, o preside e publica uma Exortação Apostólica como conclusão, há que se reconhecer o esforço de Francisco. Os que ele realizou foram cercados de muita liberdade de expressão e escuta. Realizou-os em três etapas: uma grande escuta sobre a real situação, tratada no respectivo tema, através de um questionário, um segundo momento, quando acontece a assembleia, com ampla participação e discussão dos assuntos levantados na consulta, e um terceiro momento, quando se dá a publicação de uma exortação apostólica com elementos considerados durante todo o processo. Nota do autor. Note-se também que, no último Sínodo, sobre a Sinodalidade na Igreja, Francisco anunciou a sua intenção de não publicar uma exortação apostólica, algo que acontece pela primeira vez, mas que está previsto na constituição apostólica ‘Episcopalis communio’ sobre o Sínodo dos Bispos, publicada em 2018 pelo Papa Francisco. “Por isso, não tenho intenção de publicar uma ‘exortação apostólica’. É suficiente aquilo que aprovamos. No Documento há já indicações muito concretas que podem servir de guia para a missão das igrejas, nos diversos continentes, nos diversos contextos:

Amoris Laetitia (2016), bem como sobre a Juventude, *Christus Vivit* (2019), o tom é diferenciado dos documentos de seus antecessores, possibilitando novas chaves de leitura em que encontramos o enfrentamento da nova realidade, à luz do ensinamento tradicional na moral sexual católica, mas, também, aspectos da chamada moral revisionista. Colocam-se as questões sobre a homossexualidade no parâmetro do comportamento de Jesus, que se oferece por todos sem exceção, com um amor sem fronteiras. Às famílias que têm filhos homossexuais, reafirma-se que cada pessoa, independentemente da própria “orientação sexual”, deve ser acolhida e respeitada na sua dignidade, evitando-se toda discriminação injusta, agressão e violência. Revigora a necessidade de assegurar um acompanhamento, para que todos os que manifestam a tendência homossexual disponham da ajuda necessária para compreender e realizar plenamente a vontade de Deus em sua vida (AL 250). O acompanhamento às famílias com filhos homossexuais é mais urgente. Porém, não se aceita a equiparação das uniões homossexuais ao matrimônio, por não haver comparação entre tais uniões e o desígnio divino sobre o matrimônio e a família. Não se aceita também que haja pressão de organismos internacionais à introdução de leis nesse sentido (AL 251), condicionando a ajuda financeira a países pobres. Ou seja, não traz uma novidade doutrinal, mas abstém-se de uma linguagem condenatória.

Em dezembro de 2023, o Papa Francisco autorizou a bênção de casais do mesmo sexo por padres da Igreja Católica, desde que não se enquadrem nos rituais e liturgias regulares da Igreja. A decisão foi tomada com base na "Fiducia supplicans", uma declaração doutrinária do Dicastério para a Doutrina da Fé³⁴. O documento afirma que a bênção é um "gesto paterno" que não deve ser negado a quem deseja manifestar a sua fé.

No horizonte aqui delineado está a possibilidade de bênções de casais em situações irregulares e de casais do mesmo sexo, cuja forma não deve ser fixada ritualmente pelas autoridades eclesásticas, para não causar confusão com a bênção própria do sacramento do matrimônio. Nesses casos, é concedida uma bênção que não só tem um valor ascendente, mas também é a invocação de uma bênção descendente do próprio

por isso, coloco-o imediatamente à disposição de todos. Por isto, disse que seja publicado. Quero, deste modo, reconhecer o valor do caminho sinodal realizado, que através deste Documento entrego ao santo povo fiel de Deus”, declarou Francisco. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2024-10/papa-aprovou-documento-final-do-sinodo-como-guia-para-o-trabalho.html>. Acesso em: 16 jan. 2025.

³⁴ O Dicastério para a Doutrina da Fé, em uma resposta assinada pelo prefeito Victor Manuel Fernández, e aprovada pelo Papa em 31 de outubro de 2023, afirma que as pessoas transexuais, mesmo que tenham sido submetidas a tratamento hormonal ou cirurgia de mudança de sexo, podem receber o batismo "se não houver situações em que haja risco de gerar escândalo público ou desorientação entre os fiéis". E os filhos de casais homossexuais devem ser batizados mesmo que tenham nascido de útero de aluguel, desde que haja uma esperança bem fundamentada de que eles serão educados na fé católica. Isso também é um significativo passo, por parte da Igreja, de reconhecimento dessas pessoas, seus filhos e suas uniões.

Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_ddf_20231031-documento-mons-negri_po.html. Acesso: 02 set. 2024.

Deus sobre aqueles que, reconhecendo-se como desamparados e necessitados de sua ajuda, não reivindicam a legitimidade de seu próprio status, mas rezam para que tudo o que é verdadeiro, bom e humanamente válido, presente em suas vidas e relações, seja abençoado, sanado e elevado pela presença do Espírito Santo (FIDUCIA SUPPLICANS, nº 31).

Portanto, a sensibilidade pastoral dos ministros ordenados também deve ser educada para realizar espontaneamente bênçãos que não se encontram no Ritual de bênçãos. A bênção não autoriza ou reconhece a união em matrimônio, e não deve ser confundida com o sacramento do casamento heterossexual. O documento diz que a bênção é um sinal de que Deus acolhe a todos, mas não legitima situações irregulares.

Em todo o caso, precisamente para evitar qualquer forma de confusão ou escândalo, quando a oração de bênção é solicitada por um casal em situação irregular, mesmo que seja conferida fora dos ritos previstos pelos livros litúrgicos, essa bênção nunca será dada no contexto dos ritos de união civil, nem em relação a estes. Nem mesmo com vestes, gestos ou palavras próprias de um matrimônio. O mesmo se aplica quando a bênção for solicitada por um casal do mesmo sexo (FIDUCIA SUPPLICANS, nº 39).

O documento recomenda discernimento, atitude prudente e paternal aos ministros ordenados. E, com as indicações sobre as chamadas *bênçãos pastorais*, não pretende ir “além das indicações”, e recomenda que “não se deve esperar outras respostas sobre possíveis modalidades para regular detalhes nem aspectos práticos desse tipo de bênção” (FIDUCIA SUPPLICANS, nº 41, 2023). No número 32, o documento diz que a *graça de Deus* “é capaz de orientar todas as coisas de acordo com os desígnios misteriosos e imprevisíveis de Deus” (FIDUCIA SUPPLICANS, 2023). Perspectiva de abertura, que amplia a questão, levando-a para a dimensão da fé católica, em que se reconhece que existem realidades que o ser humano e a própria igreja não têm a última razão. E cabe a ela acolher e acompanhar a todas as pessoas:

Por isso, com incansável sabedoria e maternidade, a Igreja acolhe todos aqueles que se aproximam de Deus com um coração humilde, acompanhando-os com aqueles auxílios espirituais que permitem a todos compreender e realizar plenamente a vontade de Deus em sua existência (FIDUCIA SUPPLICANS, nº 32).

A declaração provocou muitas contestações por parte de algumas conferências episcopais, que viram no documento uma oposição doutrinal sobre o ensino da Igreja Católica sobre o matrimônio e a sexualidade. Houve, também, grande confusão na imprensa. O Dicastério foi obrigado a emitir um *Comunicado*³⁵ à imprensa para ajudar a esclarecer a

³⁵ Esse comunicado, datado em 04 de janeiro de 2024, inicia explicitando qual é o seu objetivo: Escrevemos este *Comunicado à imprensa* para ajudar a esclarecer a recepção de *Fiducia supplicans*, recomendando, ao mesmo tempo, uma leitura completa e atenta da citada *Declaração* para compreender melhor o significado de sua proposta.

recepção de *Fiducia supplicans*, recomendando, ao mesmo tempo, uma leitura completa e atenta da citada *Declaração* para compreender melhor o significado de sua proposta. Diante dessa pressão, o *comunicado* enfatiza o ensinamento tradicional do catolicismo sobre o matrimônio, afirmando que “*Age-se diante de casais em situação irregular ‘sem convalidar oficialmente o seu status ou modificar de algum modo o ensinamento perene da Igreja sobre o matrimônio’*”, compreendendo esse como “união exclusiva, estável e indissolúvel entre um homem e uma mulher, naturalmente aberta à geração de filhos” (COMUNICADO À IMPRENSA SOBRE A RECEPÇÃO DE *FIDUCIA SUPPLICANS*, 2024, nº 1), e que “somente nesse contexto as relações sexuais encontram o seu sentido natural, adequado e plenamente humano”. A declaração reafirma que, na tradição da Igreja, as relações consideradas moralmente lícitas são as heterossexuais e dentro matrimônio, e ela não tem poder de legitimação moral para relações que estejam fora desse escopo:

Dado que a Igreja desde sempre considerou moralmente lícitas somente aquelas relações sexuais que são vividas ao interno do matrimônio, ela não tem o poder de conferir a sua bênção litúrgica quando esta, de qualquer modo, possa oferecer uma forma de legitimação moral a uma união que presuma ser um matrimônio ou a uma prática sexual extramatrimonial (COMUNICADO À IMPRENSA SOBRE A RECEPÇÃO DE *FIDUCIA SUPPLICANS*, 2024, nº 11).

Somos do parecer que a *Fiducia Supplicans* (2024), ao sinalizar uma abertura para a bênção para casais homossexuais, constitui certamente um “grande passo para a Igreja”, ainda que se tenha dificuldades de se manter a longo prazo. Os casais homossexuais estão prestes a se tornar casais “irregulares”. Se a declaração não extingue a condenação dos *atos homossexuais* presentes no catecismo oficial da Igreja Católica, afirma, por outro, autorizar a bênção de casais do mesmo sexo sob certas condições. Nesse novo texto, é precisamente o casal que pode ser abençoado. Tal mudança de visão sobre a *conjugalidade*, sem dúvida, já foi um pequeno passo para Francisco, aliás, um salto para o desconhecido, para uma Igreja Católica que, sobre o tema, está em conflito com a modernidade ocidental. O Papa Francisco parece agir estrategicamente, dando pequenos passos, à custa de grandes desvios retóricos para justificá-los, com o objetivo de evitar, tanto quanto possível, qualquer processo de risco de cisma no mundo católico romano. O texto normativo oferece um exemplo perfeito dessa estratégia. Abre a possibilidade de uma bênção a casais em situação irregular e a casais do mesmo sexo, mas sem validar o seu *status* nem modificar em nada o ensinamento perene da Igreja sobre o

Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_ddf_doc_20240104_comunicato-fiducia-supplicans_po.html. Acesso: 02 set. 2024.

casamento. Chega-se, assim, ao limite da distinção pastoral/doutrina. Para se justificar, o texto desenvolve toda uma teologia das bênçãos, que não são apresentadas pelo lado dos sacramentos, como o matrimônio, mas pelo lado daquilo que a Igreja define como os "*sacramentais*", que são gestos que não necessitam verificar o *pedigree* das pessoas que os solicitam, como a consagração de medalhas ou a bênção dos peregrinos. Da mesma forma, o texto não fala em abençoar uma "união", mas um "casal", termo utilizado para definir qualquer agrupamento, de fato, entre duas pessoas do mesmo sexo. Uma situação posta no mesmo plano daquela dos casais heterossexuais em situação "irregular" de acordo com o direito da Igreja: divorciados, recasados, segunda união, separados.

No dia 2 de abril de 2024, por ocasião do 19º aniversário de morte de São João Paulo II, o Dicastério para a Doutrina da Fé publicou a importante Declaração sobre a dignidade humana: *Dignitas infinita*³⁶. Essa declaração gerou muitas reações, sobretudo em relação ao tema da *Teoria de gênero*. As manifestações contrárias da forma como a declaração abordou o tema podem ser resumidas em três aspectos: primeiro que, ao condenar a "ideologia" de gênero e a "mudança de sexo", o documento marginaliza a dignidade infinita das pessoas de todos os gêneros e sua autoexpressão autêntica, e, inadvertidamente, perpetua os danos que pretende superar. Segundo, é que o documento parece não ter ouvido as pessoas trans para chegar a tal condenação.

Dignitas infinita não mostra nenhuma evidência de que seus autores tenham se informado por meio de encontros verdadeiros com pessoas trans, não binárias e intersexuais. Em vez disso, a declaração se foca na ameaça da "teoria de gênero", retratando um campo acadêmico diversificado como um monólito, uma ameaça, uma "ideologia" e um fantasma desconectado das vidas reais (IHU, 2024)³⁷.

³⁶ O documento do Dicastério para a Doutrina da Fé "*Dignitas infinita*" exigiu cinco anos de trabalho e inclui o magistério papal da última década: da guerra à pobreza, da violência contra os migrantes àquela contra as mulheres, do aborto à maternidade sub-rogada e à eutanásia, da teoria do gênero à violência digital. Três capítulos oferecem os fundamentos para as afirmações contidas no quarto, dedicado a "algumas graves violações da dignidade humana": é um documento que faz memória dos 75 anos da Declaração universal dos direitos do homem e reafirma «a imprescindibilidade do conceito de dignidade da pessoa humana ao interno da antropologia cristã» (Introdução). A principal novidade do documento é a inclusão de alguns temas principais do recente magistério pontifício que acompanham aqueles bioéticos. No elenco "não exaustivo" que é oferecido, entre as violações da dignidade humana, ao lado do aborto, da eutanásia e da maternidade sub-rogada, aparecem a guerra, o drama da pobreza e dos migrantes, o tráfico de seres humanos. O novo texto contribui, assim, para superar a dicotomia existente entre quem se concentra de modo exclusivo na defesa da vida do nascituro ou do moribundo, esquecendo muitos outros atentados contra a dignidade humana e, vice-versa, quem se concentra somente na defesa dos pobres e dos migrantes, esquecendo que a vida deve ser defendida desde a concepção até a sua natural conclusão. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2024-04/documento-doutrina-da-fe-dignitas-infinita-dignidade-humana.html>. Acesso: 03 set. 2024.

³⁷ Dignidade infinita? Carta aberta de estudantes, teólogos e ministros católicos ao Papa Francisco. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/638863-dignidade-infinita-carta-aberta-de-estudantes-teologos-e-ministros-catolicos-ao-papa-francisco>. Acesso em: 03 set. 2024.

E um terceiro aspecto está relacionado à não assessoria, ao Dicastério, de peritos competentes no assunto. Sugere-se que esses peritos eticistas católicos, especializados em ética de gênero e sexual, particularmente em ética LGBTQ+, participem no discernimento e na criação de futuros documentos sobre gênero e diversidade sexual, usando a plenitude de suas competências. Para esses observadores, sua formação será inestimável à medida que a Igreja, procura afirmar a dignidade das pessoas trans, não conformes de gênero e intersexuais, de acordo com a insistência da tradição na dignidade humana³⁸.

Não obstante essas críticas, reveladoras de aspectos que, devidamente, precisam ser melhor aprofundados, com o objetivo de se evitarem equívocos, a declaração afirma a *dignidade* de qualquer pessoa, que independe da própria orientação sexual:

A Igreja deseja, em primeiro lugar, «reafirmar que cada pessoa, independentemente da própria orientação sexual, deve ser respeitada na sua dignidade e acolhida com respeito, cuidando de evitar toda marca de injusta discriminação e particularmente toda forma de agressão e violência. Por esta razão, denuncia-se como contrário à dignidade humana o fato que em alguns lugares não poucas pessoas são encarceradas, torturadas e até mesmo privadas da vida unicamente pela sua orientação sexual (DIGNITAS INFINITA, 2024, nº 55).

Se a declaração, por um lado, não consegue dar uma resposta adequada sobre a *teoria do gênero*, por outro, fundamenta um *princípio ético* que possibilita o avanço da reflexão em questão e que vale também para a temática específica da *homossexualidade*. Ou seja, a consciência de que, independentemente da sua *orientação sexual*, toda pessoa tem uma dignidade intrínseca. Condena-se, por isso, qualquer forma de agressão, discriminação, violência, cárcere e tortura por causa da *orientação sexual* da pessoa.

Quanto à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)³⁹, é preciso destacar uma nota que se encontra no seu *site* oficial, intitulada Homofobia, datada em 24 de novembro de 2009. Trata-se de uma argumentação contrária aos anteprojetos de lei que criminalizam a homofobia, pediam a legitimação da união das pessoas do mesmo sexo (casais homoafetivos)

³⁸ Podemos encontrar vários autores que também fizeram sérias observações sobre essa temática na declaração *Dignitas Infinita*. Disponível em: <https://www.ncronline.org/opinion/guest-voices/catholic-students-theologians-ministers-write-open-letter-pope-francis>. Acesso em: 03 set. 2024.

³⁹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Homofobia**. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/homofobia/>. Acesso em: 26 jan. 2022.

e a equiparação dessas uniões à instituição familiar⁴⁰, com possibilidades de adoções⁴¹. Esses projetos, na ocasião, tramitavam no Congresso Nacional e nas Câmaras Municipais⁴². É uma nota bastante dura e contrária a todas essas reivindicações. Inclusive, usa-se a terminologia *homossexualismo*, em vez de *homossexualidade*, revelando, no mínimo, um despreparo em relação ao assunto. Os argumentos são os dos documentos aqui apresentados anteriormente, embasando-se da *lei natural*, da *bíblia* e do conceito de família e matrimônio, tanto na Constituição Federal como no Código Penal Civil e no Código de Direito Canônico. É interessante observar que não há quem assine a nota.

No contexto do magistério do Papa Francisco, queremos ressaltar, dentre outras iniciativas, a organização, na Arquidiocese de Belo Horizonte, da *Pastoral da Diversidade*

⁴⁰ No dia 5 de maio de 2021, comemorou-se uma década da decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) sobre a ADI nº 4277 e a ADPF nº 132, que reconheceu o direito ao estabelecimento de união estável por casais homoafetivos. A ADI nº 4277 buscava reconhecer a união estável entre pessoas do mesmo sexo como entidade familiar, com os mesmos direitos e deveres dos casais heterossexuais. A ADPF nº 132 argumentava que o não reconhecimento feria os preceitos fundamentais da igualdade e liberdade, e o princípio da dignidade da pessoa humana, todos previstos na Constituição Federal. A decisão, histórica, deu uniformidade ao entendimento da lei, e assegurou o direito constitucional à igualdade e à não discriminação, reconhecendo o direito básico dos casais do mesmo sexo poderem constituir uma família. Como a legislação brasileira prevê que a conversão de união estável em casamento deve ser facilitada, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) determinou, em outubro de 2011, que o mesmo princípio se aplicava ao casamento. Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/10-anos-decisao-historica-stf-reconheceu-uniao-homoafetiva>. Acesso em: 26 jan. 2022.

⁴¹ Quanto à questão de adoção de filhos, na quinta-feira, dia 17 de março de 2015, o Supremo Tribunal Federal (STF) manteve decisão de acórdão do Tribunal de Justiça do Paraná (TJPR) que autorizou a adoção conjunta para um casal gay, em julgamento de recurso extraordinário interposto pelo Ministério Público do Paraná (MP-PR). A ministra Cármen Lúcia, relatora do caso, ressaltou que as uniões homoafetivas já são reconhecidas como entidade familiar, com origem em um vínculo afetivo, e merecem tutela legal. Segundo ela, não há razão para limitar a adoção, criando obstáculos onde a lei não prevê. “Delimitar o sexo e a idade da criança a ser adotada por casal homoafetivo é transformar a sublime relação de filiação, sem vínculos biológicos, em ato de caridade provido de obrigações sociais e totalmente desprovido de amor e comprometimento”, disse. A ministra incluiu em seu voto a interpretação da Corte no julgamento da ADI 4277/ADPF 132 (2011), de relatoria do então ministro Carlos Ayres Britto, que reconheceu a união homoafetiva como entidade familiar.

Disponível em:

<https://ibdfam.org.br/noticias/5580/STF+reconhece+direito+de+casal+gay++adotar+sem+restri%C3%A7%C3%B5es+de+idade+e+sexo>. Acesso em: 26 jan. 2022.

⁴² Sobre a criminalização da homofobia, foi preciso que a matéria fosse julgada pelo Supremo Tribunal Federal (STF), uma vez que encontrava grandes resistências por grupos de parlamentares ligados à sua base religiosa, na sua maioria evangélicos e católicos. Por 8 votos a 3, os ministros entenderam que o Congresso não pode deixar de tomar as medidas legislativas que foram determinadas pela Constituição para combater atos de discriminação. A maioria também afirmou que a Corte não está legislando, mas apenas determinando o cumprimento da Constituição. Nessa perspectiva, ressaltou a ministra Carmem Lúcia: “Numa sociedade discriminatória como a que vivemos, a mulher é diferente, o negro é diferente, o homossexual é diferente, o transexual é o diferente, diferente de quem traçou o modelo porque tinha poder para ser o espelho. Preconceito tem a ver com poder e comando”. Em fevereiro, no início do julgamento, o advogado-geral da União (AGU), André Mendonça, reprovou qualquer tipo de conduta ilícita em relação à liberdade de orientação sexual, mas entendeu que o Judiciário não tem poderes legais para legislar sobre matéria penal, somente o Congresso. A mesma posição foi defendida pelo representante da Associação Nacional de Juristas Evangélicos (Anajure). O advogado da entidade defendeu que o Congresso tenha a palavra final sobre o caso. Segundo a entidade, a comunidade LGBT deve ter seus direitos protegidos, mas é preciso assegurar que religiosos não sejam punidos por pregarem os textos bíblicos.

Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-06/supremo-decide-criminalizar-homofobia-como-forma-de-racismo>. Acesso em: 26 jan. 2022.

Sexual, que ocorreu no ano de 2017. Tal iniciativa proveio da realização da sua V Assembleia do Povo de Deus, realizada no ano de 2016. No documento do seu plano de pastoral, fruto da reflexão dessa Assembleia, a Arquidiocese, no espírito da exortação apostólica, *Amoris Laetitia*, sobre a família, ao mesmo tempo que afirma a compreensão tradicional desse conceito o amplia, aceitando a existência de outras configurações familiares:

O Matrimônio, no qual mulher e homem procuram, segundo a graça de Deus, corresponder ao mais profundo de sua vocação, tem valor para a Igreja e para a sociedade, e não restringe a compreensão da existência de outras configurações familiares, oriundas de situações sociais, culturais, econômicas e religiosas diversas (ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE, 2016, p. 18).

Em seguida, o conceito é alargado quando diz que “compreende-se, então, que a família é a união das pessoas na consciência do amor”, citando a *Amoris* “cuja força [...] reside essencialmente na sua capacidade de amar e ensinar a amar” (ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE, 2016, p. 18). Registra que a família precisa ser, constantemente, valorizada nas suas particularidades e pluralidades que enriquecem a Igreja. É muito significativo que um documento eclesial oficial chegue a admitir que é preciso “promover ações pastorais capazes de dialogar e de acolher todas as famílias, em suas mais diversas configurações, com respeito e zelo, a fim de que elas se sintam pertencentes, de fato, à comunidade que edificam com seu testemunho de amor” (ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE, 2016, p. 19). E não termina por aí o documento, vai mais longe quando orienta que “essa perspectiva inclua, também, os casais de novas uniões, os casais de não casados na Igreja, os divorciados”, citando o necessário “acompanhamento às pessoas em suas diferentes identidades sexuais (gays, transexuais, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais)” (ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE, 2016, p. 19). Para essas justificativas, o documento arquidiocesano cita os números 37, 53 e 308 da *Amoris Laetitia* do Papa Francisco. Tal contexto possibilitou a iniciativa de dois grupos de *Pastoral da Diversidade Sexual*, que são objetos da nossa pesquisa de campo. No capítulo 4, da segunda parte da nossa pesquisa, teremos a oportunidade de melhor apresentar essa proposta pastoral e os sujeitos que dela participam.

Enfim, o que por ora é preciso registrar é o modo de o Papa Francisco conduzir a Igreja, sem se ater a discursos duros e condenatórios no âmbito da moral sexual, e dando passos e gestos pastorais em direção à acolhida e ao respeito às pessoas homossexuais. Isso trouxe possibilidades de mais debate sobre o tema e iniciativas nessa direção, ainda que substancialmente não tenha provocado nenhuma mudança doutrinal da temática, apenas evitado pronunciamentos de condenação veemente, como pudemos observar em seus antecessores.

É perceptível na síntese que aqui apresentamos dos documentos do magistério católico, referente à homossexualidade, certa insegurança e ambivalência. Ainda que depois do Concílio Vaticano II (1962-1965) se possa falar de um abandono do rigorismo homofóbico de documentos de outras épocas históricas⁴³, a sensação é de que o assunto traz em si posturas paradoxais. Isso na teoria como na prática pastoral. Há uma rigidez de princípio da doutrina, porém, incentivo de acompanhamento e acolhida das pessoas homossexuais; e uma busca por compreensão da complexidade do fenômeno homossexual, nos seus múltiplos e distintos aspectos: neurobiológicos (Gafo, 1985; Callahan, 2005), socioantropológicos (Lasso, 1985a; Lasso, 1985b), psicológicos (Fernandez-Martos, 1985; Crawford; Zamboni, 2005), históricos (Bailey, 1955; Boswell, 1985; Ariés, 1982) e bíblico-teológicos (Ruiz, 1985; Di Vito, 2005; Malina, 2005). Intuímos que, uma vez que não se pode aceitar a manifestação da sexualidade homossexual como *normal*, é preciso justificar, em todos os âmbitos, o porquê da sua “*desordem*”. Basta, num esforço de comparação, pensar como seria ter que justificar a *normalidade* da sexualidade heterossexual. Não é também essa condição sexual marcada de vários fatores, complexidades, lacunas e questões afetivas, humanas e existenciais? No mínimo são questões a serem consideradas com seriedade e espírito crítico e científico.

Não obstante esse ensinamento por parte do magistério dos papas na modernidade, como aqui mencionado, a reflexão da teologia e da moral católica no âmbito acadêmico e mesmo a práxis de diversos pastores e lideranças eclesiais procuraram renovar essa compreensão, dialogando com a contribuição das ciências humanas, com a exegese atual dos textos bíblicos sobre a homossexualidade, possibilitando uma nova compreensão dos atos homossexuais na perspectiva *antropológica holística*. Existe, de fato, um esforço de abordagem da temática, levando em consideração o contexto atual e tudo o que isso significa. É o que demonstraremos, no terceiro capítulo da nossa pesquisa ao apresentar a perspectiva da homossexualidade dentro do catolicismo na contemporaneidade, a partir de três aspectos que julgamos fundamentais, já citados acima: as *ciências humanas*, a *exegese bíblica* e a chamada *antropologia holística*. Acreditamos que, uma vez abordados tais aspectos, o estudo de caso das pessoas homossexuais e católicas dos grupos pastorais *Apostolado Courage* e *Diversidade Sexual* terá importantes elementos para a compreensão das identidades desses sujeitos aí elaboradas.

⁴³ Veja na bibliografia os livros de Remke-Heinemann, 1995; Boswell (1985); Bailey, 1955; Gafo, 1985; Vainfas, 1997; Foucault, 1988 etc. Cf o número de REVER, 2005, n. 3, no qual se encontram vários artigos escritos na perspectiva de gênero. Em especial Gudorf, Christine E. Corpo, self e identidade sexual: reflexões baseadas nas evidências atuais. In: **Rever**, ano 5, n. 3, Texto pdf, p. 118-155.

CAPÍTULO 3

3 A HOMOSSEXUALIDADE NO CATOLICISMO CONTEMPORÂNEO

Neste capítulo, apresentamos as releituras sobre a homossexualidade no catolicismo contemporâneo. Optamos por três aspectos que julgamos fundamentais: *as ciências humanas, a exegese bíblica e a chamada antropologia holística*. É importante observar, como demonstrado no capítulo anterior, que o catolicismo, por meio de seus ensinamentos sobre as pessoas homossexuais, apresenta sinais ambivalentes. Afirma, por um lado, que “deve-se evitar todo sinal de discriminação injusta com relação a elas” (CIC, 1994, n. 2358). E, por outro lado, defende claramente um ideal sexual no paradigma exclusivo da heterossexualidade. E isso, na prática, acaba endossando na sociedade algumas formas de discriminação baseadas na orientação sexual. Essa questão, como demonstramos, não brota de um ensinamento *confuso* ou *incoerente*. Pelo contrário, vem de distinções cuidadosamente explicitadas que fundamentam um ensinamento bastante coerente. Logo, o que pode fazer avançar a reflexão é se debruçar sobre os fundamentos que lapidam tais argumentações, dialogando com os avanços científicos de hoje.

Acreditamos que, por ter uma expressiva presença na sociedade e, especificamente, por servir de importante significado na vida sexual dos católicos homossexuais e, geralmente suas respectivas famílias e amigos, o catolicismo tem peso significativo de responsabilidade naquilo que, muitas vezes, sela destinos de pessoas. Ou seja, essa tradição religiosa tem, de fato, um peso social no imaginário da nossa cultura. Por isso que, como veremos a seguir, vários pensadores, na área das ciências bíblicas, da moral e das ciências humanas, levam a termo a questão da homossexualidade e procuram apontar novas perspectivas de compreensão dessa questão na contemporaneidade a partir dos argumentos da tradição católica. Começemos pelos textos bíblicos que são tomados para justificar os *atos* homossexuais como intrinsecamente *desordenados*, pois são considerados sem finalidade *procriativa e unitiva*.

3.1 A exegese atual dos textos bíblicos sobre a homossexualidade

Ao falar de exegese atual, é preciso explicitar o que o próprio catolicismo diz sobre essa ciência bíblica. O catolicismo pós-Concílio Vaticano II, mudou significativamente a sua maneira de interpretar os textos “Sagrados”. Mas é interessante observar que, na tratativa da moral sexual e, especificamente da homossexualidade, o magistério católico toma os textos em

sentido literário e ainda não admitiu as reinterpretações trazidas pela hermenêutica e pela exegese bíblica contemporânea. Vamos demonstrar isso no decorrer do que agora será exposto.

Quando fala sobre os métodos e as abordagens para a interpretação dos textos bíblicos, a Pontifícia Comissão Bíblica afirma o seguinte:

O método histórico-crítico é o método indispensável para o estudo científico do sentido dos textos antigos. Como a Santa Escritura, enquanto « Palavra de Deus em linguagem humana », foi composta por autores humanos em todas as suas partes e todas as suas fontes, sua justa compreensão não só admite como legítimo, mas pede a utilização deste método (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1993, nº 1).

Afirma, portanto, a Comissão que esse método contribuiu, de modo que uma leitura histórico-crítico dos textos bíblicos possibilite uma compreensão mais completa dos mesmos. De uma crítica textual, ele passa a uma crítica literária (pesquisa das fontes). Além disso, faz um estudo crítico das formas, ou seja, uma “análise da redação, que é atenta ao texto em sua composição” (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1993, nº 1). As consequências práticas da aceitação desse método é que se chegue a uma maior clareza da intenção dos autores e redatores do texto bíblico. E, portanto, a uma maior aproximação da mensagem que fora dirigida aos primeiros destinatários. Porém, afirma também a Pontifícia Comissão que:

Nenhum método científico para o estudo da Bíblia está à altura de corresponder à riqueza total dos textos bíblicos. Qualquer que seja sua validade, o método histórico-crítico não pode pretender ser suficiente a tudo. Ele deixa forçosamente obscuros numerosos aspectos dos escritos que estuda. Que não seja surpresa a constatação de que atualmente outros métodos e abordagens são propostos para aprofundar um ou outro aspecto digno de atenção (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1993, nº 1 B).

Em seguida, o documento avalia os vários outros métodos e abordagens dos textos bíblicos como: análise retórica, análise narrativa e análise semiótica. Fala também das abordagens contextuais como: da libertação e feminista. Descreve sobre a questão da ciência hermenêutica atual em relação aos textos bíblicos. Enfim, o que queremos explicitar é que, de fato, após a renovação bíblica trazida pelo Concílio Vaticano II, o catolicismo se afastou, em grande parte, de uma leitura fundamentalista dos textos bíblicos e admite que estes devem e precisam ser “interpretados”.

A abordagem fundamentalista é perigosa, pois ela é atraente para as pessoas que procuram respostas bíblicas para seus problemas da vida. Ela pode enganá-las oferecendo-lhes interpretações piedosas, mas ilusórias, ao invés de lhes dizer que a Bíblia não contém necessariamente uma resposta imediata a cada um desses problemas. O fundamentalismo convida, sem dizê-lo, a uma forma de suicídio do pensamento. Ele coloca na vida uma falsa certeza, pois ele confunde

inconscientemente as limitações humanas da mensagem bíblica com a substância divina dessa mensagem (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1993, nº 2 F).

No âmbito da nossa pesquisa, que objetiva compreender os sujeitos católicos homossexuais e a sua identidade sexual elaborada nessa tradição religiosa, o corte dessa temática se dá na abordagem dos textos bíblicos com a teologia moral, especificamente a moral sexual homossexual. A Comissão afirma que esse não é um trabalho fácil, “pois muitas vezes os textos bíblicos não se preocupam em distinguir preceitos morais universais, prescrições de pureza ritual e ordens jurídicas particulares” (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1993, nº 3). Admite que existe uma “evolução considerável”, que encontra sua perfeição no Novo Testamento. E que não é suficiente que uma certa posição em matéria de moral seja atestada no Antigo Testamento (por exemplo, a prática da escravidão ou do divórcio, ou aquela das exterminações em caso de guerra), para que esta posição continue a ser válida (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1993).

Por isso mesmo, requer-se, nessa matéria, discernimento, levando em consideração o progresso da consciência moral. A Constituição *Dei Verbum*, do Concílio Vaticano II, sobre a revelação Divina irá afirmar que “Os escritos do Antigo Testamento contêm elementos “imperfeitos e transitórios” (*Dei Verbum*, 1965, nº 15), que a pedagogia divina não podia eliminar de uma só vez. E que, mesmo no Novo Testamento, não é fácil de interpretar no domínio da moral. Nesse escrito, ela é exprimida através de imagem ou, de modo paradoxal, se relacionada com a prática dos primeiros cristãos com a Lei judaica, em que encontramos ásperas controvérsias.

Outro importante aspecto que aborda o documento da comissão, e que ajuda a situar-nos na proposta a ser apresentada nesse ponto do nosso capítulo, na perspectiva da nossa pesquisa, é que os moralistas são estimulados a apresentar aos exegetas questões importantes, que estimulem a sua pesquisa. “Em mais de um caso, a resposta poderá ser que nenhum texto bíblico trata explicitamente do problema considerado” (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1993, nº 3). Portanto, estimulados pela pesquisa e cônescios de que os textos bíblicos utilizados para fundamentar a condenação dos *atos* homossexuais no catolicismo são, significativamente, interpretados para além do que de fato querem afirmar, passamos agora a apresentá-los nessa perspectiva.

3.1.1 Os textos bíblicos referenciais

A Congregação para a Doutrina da Fé, em sua Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais (1986), documento analisado no capítulo anterior, enumera os seguintes textos bíblicos, em que afirma ter uma “fundação sólida de um testemunho bíblico constante” (CDF, 1986, nº 5): *o livro do Gênesis, capítulo 19, versículos de 1 a 11; o livro do Levítico, capítulo 18, versículo 22, e o capítulo 20, versículo 13*. Do Novo Testamento, três textos do apóstolo Paulo: *a 1ª Carta aos Coríntios, capítulo 6, versículo 9; a Carta aos Romanos, capítulo 1, versículos 18 a 32; e a 1ª Carta a Timóteo, capítulo 1, versículo 10*.⁴⁴ Para o documento, esses textos “à luz dessas afirmações, delineiam sucintamente o ensinamento da Bíblia sobre a matéria” (CDF, 1986, nº 5). É curioso observar que o Catecismo da Igreja Católica (1993), quando enumera os textos bíblicos que apresentam os “atos homossexuais como atos de grande depravação”, não cita o livro do Levítico.

Hoje, com o desenvolvimento dos estudos bíblicos, não é mais possível afirmar categoricamente que esses textos, nos quais se baseia essa tradição do catolicismo da imoralidade dos atos homossexuais, sejam aceitos como “inequívocos” e que oferecem uma “fundamentação sólida”. Isso se confirma pela própria orientação que o magistério católico afirma em relação à leitura que se deve fazer sobre os textos bíblicos: que sejam lidos nas “formas literárias” do “tempo e da cultura” dos autores, ou seja “contextualmente” (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1993). Acreditamos que, ao abordar a temática, a partir dos textos bíblicos, é honestidade intelectual fazermos as seguintes perguntas: a Bíblia diz algo sobre a homossexualidade, como a compreendemos hoje? E se diz, o que de fato diz e o que isso significa? E por fim, como interpretar o texto bíblico a fim de informar a vida dos cristãos nos tempos atuais? Para isso, pensamos que será importante aprestar ao leitor as recentes conclusões dos textos bíblicos em questão⁴⁵.

⁴⁴ A carta a Timóteo foi escrita depois de uma geração desde as outras cartas paulinas. Há quem pense que essas cartas foram escritas por Paulo já velho (que então teria sido morto bem depois da data comumente aceita, 64/65 d.C.). Parece, porém, mais provável que algum discípulo as redigiu como “testamento espiritual” de Paulo. De qualquer modo, mostram a continuação, em novas circunstâncias, daquilo que Paulo iniciou. Cf. Bíblia Sagrada. Tradução da CNBB: com introduções e notas. Brasília: Edições CNBB, 2010, p. 1460.

⁴⁵ Não nos deteremos aqui na complexa, rica e interessante leitura minuciosa desses textos, produzida pelos especialistas de renome nessa área. Aprestaremos apenas os resultados da pesquisa em sua fase atual dos textos em questão. Para aprofundamento, sugerimos a seguinte obra: VITO, Robert A. Di. Interrogações sobre a construção da (homo) sexualidade: relações entre pessoas do mesmo sexo na Bíblia hebraica. In: JUNG, Patrícia Beattie; CORAY, Joseph Andrew. **Diversidade Sexual e Catolicismo**: para o desenvolvimento da teologia moral. São Paulo: Loyola, 2005. p. 139-179.

3.1.2 *Gênesis 19, 1-11*

O texto do livro do *Gênesis 19, 1-11* não é tão direto quanto parece a um leitor desatento e, muitas vezes, desabituaado a uma leitura “contextualizada” do mesmo. Antes de tudo, o capítulo começa com a narrativa da hospitalidade de Abraão para com três homens. Um deles passa a ser identificado como o “Senhor” no capítulo 18. Esses homens, a caminho de Sodoma, ao passarem pelo acampamento de Abraão, recebem, por parte do Patriarca uma invejável hospitalidade, quando ele cumpre a lei levítica: “*se um estrangeiro habita convosco na vossa terra, não o molestareis. (...) e tu o amarás como a ti mesmo*” (*Levítico 19, 33-34*). A narrativa detalha o cumprimento dessa lei por Abraão, dizendo que ele os convida para a sua tenda, oferece-lhes água e pão, descanso, lava-lhes os pés e ainda diz que reconfortaria o coração (cf. *Gênesis 18, 4-5*). Pede à Sara, sua esposa, que faça bolos para eles e prepare um vitelo “tenro e bom”, o qual ele faz questão de servir aos mesmos. É um nítido desenho da bondade de Abraão estabelecida nessa hospitaleira recepção aos três estrangeiros que, também Ló, o seu sobrinho dará sequência. Esses, depois de acolhidos e alimentados, seguem para a cidade de Sodoma, à exceção de um que estabelecerá com Abraão a conhecida discussão sobre a quantidade de homens justos que seriam necessários, para que a cidade fosse poupada da destruição (cf. *Gênesis 18, 22-33*).

A narrativa continua (cf. *Gênesis 19, 1 ss*) dizendo que, quando os dois “*anjos*” chegam à cidade de Sodoma, o sobrinho de Ló estava sentado à porta da cidade e lhes oferece também a devida hospitalidade, levando-os para a sua casa e alimentando-os. Porém, antes que esses fossem se deitar, os homens de Sodoma fazem cerco na casa de Ló, pedindo que lhes trouxesse os dois para fora “para termos relações com eles” (*yadha*). O termo *yadha*, do hebraico, é de extrema importância para a compreensão do que esses homens pediam a Ló em relação aos seus hóspedes. Ela pode significar *conhecer*, como também o sentido específico de *intercurso sexual* (Salman; Lawler, 2010). Concordamos que, aqui especificamente, se trate, de fato, do segundo significado, pois se fosse apenas de um desejo de conhecê-los, não teria sentido Ló pedir-lhes para não fazerem tal maldade e, também, que a mesma palavra (*yadha*) seja utilizada quando Ló oferece as duas filhas para a multidão (cf. *Gênesis 19, 6-8*). “Acreditamos haver uma clara insinuação de intenção homogenital contra os dois estrangeiros em Sodoma, o que não significa que o pecado de Sodoma fosse o pecado de comportamento homossexual” (Salman; Lawler, 2010, p. 301).

É consenso entre os exegetas atuais que o pecado mais evidente no texto e no contexto hebraico é o pecado da inospitalidade: “[...], mas nada façais a estes homens, pois vieram

acolher-se sob o meu teto” (Gênesis 19, 8c). Ou seja, estavam sob a proteção da hospitalidade de Ló, e esta significava, também, protegê-los contra os planos injustos da multidão. Aqueles homens de Sodoma, bem como Ló, estavam sob a responsabilidade da lei da hospitalidade, porém, estes últimos demonstraram a sua pecaminosidade libertina ao desobedecê-la. E a concretude extensiva dessa desobediência, por parte deles, foi buscarem o estupro violento dos estrangeiros. Então, pode-se concluir que, se existe uma ação que é condenada no texto em questão, “é o crime de estupro *homossexual* injusto, violento e inospitaleiro cometidos por homens heterossexuais pervertidos” (Salman; Lawler, 2010, p. 301). E ainda que assim o seja, isso está a uma longa distância de uma condenação, que se possa dizer clara e inequívoca dos *atos* homossexuais amorosos de pessoas que se identificam com a orientação homossexual. E, quando averiguamos que no conjunto do Antigo Testamento, quando outros textos mencionam o pecado de Sodoma, em momento algum se diz que o seu crime seja o do comportamento homossexual.

Outros textos do Antigo Testamento aludem ao ‘pecado de Sodoma’. Desse modo, o livro de Isaías fala da ausência de justiça social (Is 1, 10; 3,9). O profeta Ezequiel insiste no orgulho, na gula, na despreocupação e na falta de socorro ao pobre e ao infeliz (Ez 16, 49). Em todas essas expressões, a alusão à narrativa de Sodoma condena em primeiro lugar a violência, inclusive a sexual” (Besson, 2015, p. 62).

Portanto, considerando essas análises literárias e interpretativas desse texto, não é correto afirmar que ele está a condenar o que hoje compreendemos como relações homossexuais que, sem coação e na liberdade de sujeitos que têm essa orientação, possam ter com dignidade e respeito. Trata-se antes da *perversão* de estupro que aqueles homens queriam praticar com os visitantes.

3.1.3 Juízes 19, 1-29

Vale também registrar uma outra história, muito similar à da cidade de Sodoma. Está no livro dos Juízes, capítulo 19, 1-29. Um levita e sua concubina são acolhidos por um idoso na cidade de Gabaá. Pessoas da cidade, “*de costumes depravados*” (19, 22), cercam a casa e pedem que o idoso lhes entregue o levita para o que desejavam: “*queremos abusar dele*” (19, 22b). Tal pedido é recusado e o idoso oferece-lhes sua própria filha, mas eles não a aceitam. Por fim, o levita lhes oferece a sua concubina. Esta é estuprada durante toda a noite. Como represália, todas as tribos de Israel juntam um exército e destroem a cidade de Gabaá (20, 37). Portanto, aqui também, como em Sodoma, é o estupro que é repellido e condenado. O produto

central das narrativas não está ligado à *orientação sexual* e sim a uma *agressão sexual* que enfatiza a dureza das pessoas dessas duas cidades, assim como sua recusa de hospitalidade ao estrangeiro (Besson, 2015).

3.1.3.1 Sodoma e os textos do Novo Testamento

Cabe ressaltar também que os textos bíblicos do Novo Testamento que fazem referência ao episódio da cidade de Sodoma, o fazem em relação à recusa da hospitalidade: *“Mateus 10, 14-15 trata da falta de hospitalidade das pessoas por ocasião do envio missionário dos apóstolos por Jesus; 11, 23-24, quando Jesus censura as cidades que não acolheram a sua pregação confirmada por meio dos seus milagres; Lucas 9, 51-56, quando relata a recusa da hospitalidade a Jesus por parte dos samaritanos pelo fato dele estar indo em direção a Jerusalém; 10, 12, “quando entrardes numa cidade e não fordes bem recebidos...”; 17, 22-37, “como nos dias de Ló: comiam e bebiam, compravam e vendiam, plantavam e construíam...”;* Romanos, quando o autor aborda a recusa, por parte dos judeus, da nova aliança feita em Jesus de Nazaré”. O único texto que é exceção é a carta de Judas, versículo 7: *“assim também Sodoma e Gomorra e as cidades vizinhas, que do mesmo modo praticaram desenfreada prostituição e vícios contra a natureza, foram postas como exemplo, castigadas com um fogo eterno.”* Aqui a alusão à cidade de Sodoma é, de fato, uma clara conotação sexual. Porém, conforme Daniel Helminiak (1998), ao aprofundar essa passagem, fica evidente que Judas condena o *comércio sexual* com os anjos, não entre homens.

3.1.4 Levítico 18, 22 e 20, 13

No Livro do Levítico, encontramos o termo *abominação* ao se referir um homem que se deita com outro homem: *“não deitarás com um homem como se deita com mulher; isto seria uma abominação (18, 22)”*. Também no capítulo 20 o termo é utilizado: *“quando um homem se deita com um homem como se deita com mulher, o que ambos fizeram é uma abominação; eles serão mortos, o seu sangue recairá sobre eles (v. 13)”*. Numa leitura fundamentalista, esses textos parecem inapeláveis, explícitos e graves com relação aos *atos homossexuais*. Porém, é necessário que os compreendamos no contexto em que se situam. Eles fazem parte de um conjunto literário da Bíblia hebraica chamado de *Lei da Santidade*. Essa lei estabelecia uma série de castigos e de preceitos, a fim de que o povo de Israel permanecesse santo, afastando-se dos comportamentos dos povos pagãos. Era preciso garantir a singularidade e a identidade

religiosa do povo da aliança. E isso era a santidade: “manter-se afastado dos gentios – eis em que consistia a ‘santidade – singularidade, diferença, eleição, afastamento. Manter sua diferença e sua singularidade era a própria essência da santidade para os antigos hebreus” (Helminiak, 1998, p. 75).

Para esse mesmo autor, se analisarmos o conjunto das práticas sexuais proibidas pela Lei da Santidade, vamos compreender que as relações sexuais entre homens são proibidas por motivos religiosos e não por motivos sexuais. As relações homogenitais são associadas aos cultos pagãos e, portanto, estranhas à ordem do mundo tal como concebida pelos judeus (Helminiak, 1998). Admiti-las significaria uma transgressão ao judaísmo. Mas daí afirmar que são *atos moralmente condenáveis* para o Levítico é ir além do que o texto afirma: “Não se encontra nada que permita classificar o ato sexual em si do lado do bem e do mal. A objeção é a perpetuação de uma identidade judaica forte. A questão que está em jogo é a da pureza” (Helminiak, 1998, p. 7). E precisamos ressaltar também que a palavra *pureza*, nos escritos bíblicos, não tem o mesmo sentido que lhe atribuímos nos dias atuais. Trata-se, nesse contexto, de algo em conformidade com o ritual judaico e, em outros textos, vinculada à questão da idolatria. As proibições do livro do Levítico estão dentro de um contexto de preocupação com a *pureza ritual*, de *santidade*, de luta contra *idolatria*:

“O termo ‘abominação’ (*Tò Ebah*) utilizado cento e quarenta e duas vezes na Bíblia procura exprimir a repulsa de Deus por tudo aquilo que lhe é estranho, por aquilo que é incompatível no caso do culto dos falsos deuses (Dt 7, 25; 12, 31). Os ídolos ou falsas divindades são denominados *Tò Ebot*. O comportamento homossexual é, pois, visto, aqui como traduzindo um comportamento idólatra porque esse comportamento supostamente é o das nações circundantes [...] A condenação dos atos homossexuais pelo Levítico diz, pois, respeito principalmente à idolatria (Thévenot, 1985, p. 221).

Para viver a Aliança com o Deus de Israel, é exigido do povo o abandono do culto de outros deuses, denominados de ídolos, pois esses cultos eram também vinculados à sexualidade, portanto, também às práticas homossexuais. Os Dez Mandamentos, que ocupam o lugar central no Antigo Testamento, afirmam que “Não terás outros deuses diante de mim... Não farás ídolos ...” (Êxodo 20, 22; Deuteronômio 6, 14). Enfim, estamos a afirmar que esses versículos do livro do Levítico são bem situados e não podem, por questão de verdade exegética, ser utilizados hoje em dia para fundamentar um *juízo moral* sobre os *atos* homossexuais, como compreendidos hoje. Eles estão dizendo sobre a idolatria, a impureza ou a transgressão de condição para definir a pertença a um povo (Thévenot, 1985).

3.1.5 Relações contra a natureza: Carta aos Romanos 1, 18-32

Uma vez que sabemos da genuína importância e do significado do Novo Testamento para o imaginário católico, cabe “analisar o que muitos consideram o elemento central do que diz sobre homogenitalidade, a saber, o capítulo da carta de São Paulo aos Romanos” (Salman; Lawler, 2012, p. 304). Rm 1,18-32 trata-se, na realidade, de um ataque à sociedade degenerada, especialmente idólatra, dos gentios em geral e não dos *atos* homossexuais em particular.

Depois de fazer a sua costumeira saudação, no versículo 19 Paulo profere acusações judaicas em relação à idolatria dos gentios: “Pois o que de Deus se pode conhecer é a eles manifesto, já que Deus mesmo lhes deu esse conhecimento” (Rm 1,19). Porém, por mais evidente que pudesse ser a existência do verdadeiro Deus de Israel e por mais que os gentios devessem ter conhecido Deus a partir da obra da criação, eles “não o honraram como Deus nem lhe renderam graças”. Mas, ao contrário, “eles trocaram a glória incorruptível por imagens do homem corruptível, de aves, de quadrúpedes e répteis” (Rm 1,21-23). Esse é o erro radical dos gentios para Paulo: o fato de não adorarem o verdadeiro Deus de Israel; eles são idólatras. Tal “pecado” trouxe um castigo Divino: “Deus os entregou à sua mente incapaz de julgar, para fazerem o que não convém:

As paixões desonrosas e os atos homossexuais masculinos e femininos realizados por heterossexuais pervertidos constituem o castigo de Deus aplicado aos gentios por sua idolatria. É a idolatria dos gentios que está em jogo diretamente no texto Paulino, e os atos homossexuais de heterossexuais pervertidos aos quais se presume que ela conduza, não os atos homossexuais daqueles que por “natureza” compartilham a condição homossexual e os atos homossexuais justos e amorosos nos quais ela pode se manifestar (Salzman; Lawler, 2012, p. 305).

O texto reflete significados a partir de um sistema social e dentro dele. As mulheres trocavam relações naturais por não naturais, e os homens desistiam de relações com as mulheres para ter relações com os homens. Ou seja, trocavam ou desistiam das ações heterossexuais às quais a sua heterossexualidade presumida os obrigava e os autorizava. Vale lembrar que Paulo acredita que todos os homens e mulheres são heterossexuais e, como o judaísmo da sua época preconizava, para se envolverem em atos homossexuais, têm de perverter a sua verdadeira *natureza*. Seria ingênuo acreditar que o apóstolo do primeiro século do cristianismo tinha a ideia da condição psicossocial contemporânea da homossexualidade “na qual algumas pessoas, homossexuais por natureza, teriam de perverter a sua verdadeira natureza a fim de se envolver em atos heterossexuais” (Salzman; Lawler, 2012, p. 305).

Por fim, cabe ressaltar também que a linguagem utilizada no texto revela que Paulo está falando de relacionamentos carregados de luxúria, provavelmente de pederastia, que era a única atividade masculina de mesmo sexo discutida publicamente naquela época (Salzman, Lawler, 2010). Sua abordagem, por não dispor de nenhum conceito a respeito, não é sobre relacionamentos entre casais homossexuais que, como temos capacidade de compreender e argumentar hoje, possam merecidamente estar comprometidos um com o outro de maneira tão fiel e realizada como qualquer casal heterossexual. É importante também observar que, em nenhum momento nesse texto, ele usa a linguagem de pecado; os gentios foram entregues à impureza (Countryman, 1989).

3.1.6 Duas palavras controversas: Coríntios 6, 9-10 e Timóteo 1, 10

Resta uma breve palavra sobre a primeira Carta de Paulo aos Coríntios, capítulo 6, versículos 9 e 10 e sobre a primeira Carta a Timóteo, capítulo 1, versículo 10. Textos também mencionados pela Congregação da Doutrina da Fé, identificados como base sólida para o ensinamento católico sobre a imoralidade dos atos homossexuais. O que podemos sintetizar deles, a despeito dos estudos exegéticos atuais, é a dificuldade de tradução de duas palavras: *malakoi* e *arsenokoitai*. A primeira costuma ser traduzida como “efeminados” e a segunda, “sodomitas”. Literalmente, a palavra *malakos* significa fineza, tal como sua cognata, *malakia*. Pode ser aplicada às pessoas em sentido metafórico, como em Mt 11,18, quando Jesus pergunta sobre João Batista: *mas o que fostes ver? Um homem vestido de roupas finas (en malokois)?* Há alguma evidência de que tanto *malakos* como *malakia* foram usadas metaforicamente, em referência ao comportamento sexual feminino, sem, no entanto, ficarem restritas a esse significado (Salzman; Lawler, 2012). Na realidade, não existe unanimidade de tradução. Porém, se temos em consideração o contexto hebreu relacionado a Lv 18,22, há uma clara e legítima tradução contextual. A honra, de modo geral, era um valor primordial na cultura bíblica, especialmente a masculina, conquistada e preservada por um homem que se comportasse como homem. Isso não se pode dizer da feminilidade, que era, por sua vez, depreciada. Portanto, fineza ou a efeminação nos homens era horivelmente considerada uma “abominação”. Mas isso, no texto em questão, não significa o mesmo que afirmar que se trate de uma sugestão ao comportamento homogenital.

Os textos bíblicos foram lidos como condenações da homossexualidade originada, em parte, como guardiãs dos tipos de hierarquia sexual que é violada quando um homem é “reduzido” à condição de mulher (D’Angelo, 2001, p. 181). Para Philo (1937), o homem-

mulher, *androgynos*, “é corretamente julgado merecedor da morte por aqueles que obedecem a leis”, e o homem que o ama é merecedor do mesmo castigo.

Ele procura um prazer não natural [e] não vê prejuízo algum ao tornar-se um tutor e instrutor nos dolorosos vícios da falta de masculinidade [*anandrias*] e da efeminação [*malakias*] ao prolongar o florescimento dos jovens e enfraquecer a flor da sua plenitude, que deveria ser treinada justamente para a força e a robustez (Philo, 1937, v. VII, p. 37-39).

Como destacado comentador da cultura judaica e contemporâneo de Paulo, Philo afirma que um homem deve ser másculo, ter força e robustez e deve evitar *malakias*, ou seja, todo e qualquer modo fino e feminino de se comportar. Isso significa não atuar de forma passiva, como uma mulher, em vez de ativa, como um homem, no ato da relação sexual. Contudo, isso não permite afirmar que seja o ato passivo do intercursos sexual o que é condenado. Provavelmente o que se está a condenar no texto em questão “seja a efeminação masculina em quaisquer de suas formas” (Salzman; Lawler, 2012, p. 307). Tal interpretação ganha credibilidade por outra palavra difícil de tradução, talvez cunhada pelo próprio Paulo: *arsenokoitai*. É consenso de que ela é inspirada pela versão da Septuaginta do Livro do Levítico 18,22. Sendo assim, Paulo a emprega no contexto dos atos sexuais ali proibidos entre homens. Isto não significa que são precisamente, de princípio, os atos homogenitais uma “abominação”. Essa pode ser, mais uma vez, a depreciação mais geral de um homem que se comporta como uma mulher (Salzman; Lawler, 2010). Podemos, então, dizer que o apóstolo condena tanto os *malakoi* e os *arsenokoitai*. Essas mesmas palavras estão em jogo no texto da primeira carta a Timóteo, capítulo 1,10. Isso indica, portanto, ao que parece, uma condenação da feminização dos homens a quem o Deus criador chama masculinos. Veja que estamos falando aqui da cultura do primeiro século de Paulo. Hoje, a cultura do século XXI tem uma noção mais avançada de sexualidade feminina e masculina (Salzman; Lawler, 2012). Enfim, “se retomarmos no século XXI após essa excursão ao século I, podemos perceber que as perspectivas de Paulo, se consideradas coerentemente, simplesmente não fazem sentido” (Malina, 2001, p. 168).

É importante registrar que a Pontifícia Comissão Bíblica, no ano de 2022, publicou um documento sobre a *antropologia bíblica*. Foi uma iniciativa do Papa Francisco, com o objetivo de que as disciplinas filosóficas e teológicas, na renovada consciência de que a Sagrada Escritura constitui para o catolicismo “a regra suprema da fé” (Dei Verbum, § 21) e “alma da sagrada teologia” (Dei Verbum, § 24), tenham esse documento como base qualificada para os seus próprios desenvolvimentos. No terceiro capítulo do documento, intitulado, *A família Humana*, ao tratar das *modalidades transgressivas*, são abordados os textos bíblicos

relacionados à *homossexualidade*, do Antigo e Novo Testamento. Reconhecendo que a questão é apenas esboçada no documento, trabalha a temática, assumindo os estudos e as conclusões da exegese atual, considerando as consequências para uma justa avaliação ética. Expressa, com clareza, a necessidade da exigência, especificamente em relação ao que diz o livro do Levítico, de uma *interpretação inteligente*: que salvguarde os valores que o texto promove, sem cair numa leitura literária, reconhecendo que ele contém elementos próprios da cultura daquele contexto, diverso do atual. Abre perspectivas de avançar na compreensão da homossexualidade, assumindo as contribuições, tanto das ciências humanas como dos peritos em teologia e moral, recomendando, sobretudo, uma atenção pastoral a essas pessoas. O item termina com a seguinte conclusão:

Em conclusão, o exame exegético conduzido nos textos do Antigo e Novo Testamento mostrou elementos que devem ser considerados para uma avaliação da homossexualidade, em suas implicações éticas. Certas formulações dos autores bíblicos, como também as diretivas disciplinares do Levítico, exigem uma interpretação inteligente que salvguarde os valores que o texto sagrado pretende promover, evitando, então, repetir literalmente aquilo que traz consigo também traços culturais daquele tempo. A contribuição fornecida pelas ciências humanas, juntamente com as reflexões de teólogos e moralistas, será indispensável para uma adequada exposição da problemática somente esboçada neste Documento. Além disso, será pedida uma atenção pastoral, sobretudo no que tange a pessoas, para realizar aquele serviço do bem que a Igreja deve assumir na sua missão para a humanidade (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 2022, nº 195).

Ao concluir a abordagem sobre a exegese atual desses textos bíblicos do Antigo e do Novo Testamento, podemos perguntar se eles abordam a homossexualidade como a compreendemos hoje. Se sim, o que, de fato, dizem e o que isso significa? Por fim, como interpretar o texto bíblico, a fim de informar a vida dos cristãos nos tempos atuais? A Bíblia e a tradição cristã nela enraizada, anterior ao século XXI, não consideraram a condição homossexual⁴⁶; tomam por certo que todos são heterossexuais. Logo, procurar alguma menção nos textos bíblicos do que hoje compreendemos por “*orientação homossexual*” é anacronismo. Como procuramos explicitar, os textos bíblicos utilizados para fundamentar a condenação da

⁴⁶ Hoje, tanto o magistério católico como as ciências tomam por certa a distinção *entre orientação homossexual e comportamento homossexual*. Na literatura científica e teológica contemporânea, o substantivo *homossexualidade* e o adjetivo *homossexual* são usados em referência à *condição psicosssexual* de uma pessoa, produzida por uma combinação de “carga” genética, psicológica e social, e não em referência ao seu comportamento sexual. Em geral, a orientação sexual é definida como “uma atração erótica constante por membros do próprio sexo, do sexo oposto, ou ambos – homossexual, heterossexual ou bissexual, respectivamente”. A orientação homossexual, especificamente, é “uma condição caracterizada por uma propensão emocional e psicosssexual a outras pessoas do mesmo sexo”, e um homossexual é “uma pessoa que sente um desejo sexual mais urgente que, *em geral*, é orientado à satisfação com o mesmo sexo”. Em sua conotação científica moderna, a homossexualidade é um modo de ser antes de ser um modo de se comportar. (cf. Salzman; Lawler, 2012, p. 298).

homossexualidade, na verdade, condenam comportamentos especificamente como uma perversão da *condição* heterossexual. Hoje se compreende que

A homossexualidade é, ao contrário, uma *inversão* da condição heterossexual que homossexuais psicosssexuais, não por escolha própria, não compartilham naturalmente, e eles não podem ser moralmente responsabilizados por algo que não escolheram (Salzman, Lawler, 2012, p. 229).

O contexto, tanto do Antigo como do Novo Testamento, nos quais os *atos* homossexuais são condenados, é moldado por condições sócio-históricas dos tempos nos quais foram escritos, quando se compartilhava a ideia de que todos os seres humanos naturalmente eram de condição heterossexual⁴⁷. Consequentemente, sair dessa compreensão geral, através de qualquer comportamento homossexual, se constituía uma perversão da “natureza” e um ato imoral. Tendo esse pressuposto, devemos reconhecer, por fidelidade intelectual, que a Bíblia tem pouco a contribuir para uma discussão sobre homossexualidade e as pessoas homossexuais conforme compreendidas hoje. Tal constatação nos faz dizer

Que a Bíblia contém muitos ensinamentos morais questionáveis – sobre sexo durante a menstruação, apedrejamento de adúlteros, papel das mulheres, escravidão e muitos outros – que foram rejeitados na sua totalidade pela teologia moral católica moderna (Vacek, 1980, p. 681).

Portanto, é necessário que se faça um científico discernimento sobre os julgamentos morais sobre as pessoas homossexuais e seus comportamentos homossexuais em outras bases, que não simplesmente a Bíblia. Afirmamos isso porque ela está inegavelmente sujeita à historicidade e, sendo assim, não existem normas absolutas e definitivas sobre a sexualidade ou a homossexualidade “acriticamente traduzíveis dos contextos sócio-históricos da Bíblia para os contextos dos tempos atuais” (Salzman; Lawler, 2012, p. 310). O que os autores bíblicos e demais pensadores como Paulo e Agostinho e, na sequência, os seus sucessores e intérpretes medievais compreendiam sobre a sexualidade humana, não pode ser a base *exclusiva* de um julgamento moral contemporâneo, logo, também da homossexualidade. Com isso, não queremos afirmar que a Bíblia não tenha condições de iluminar a moral da sexualidade de modo mais amplo. Todavia, não podemos fazer o texto bíblico dizer o que não está dizendo a respeito.

O catolicismo contemporâneo trabalha com a noção clássica de fé e razão. Reconhece, de modo particular, a importância da razão humana no desenvolvimento da ética sexual. Uma

⁴⁷ Certamente, havia pessoas que, mesmo nesse contexto, eram de condição homossexual. O contexto social e religioso de então, porém, jamais permitiria a esses sujeitos “aceitação” da sua “natureza”, pois o ponto de partida é única e exclusivamente heterossexual. Nota do autor.

vez que a tradição católica valoriza e procura fundamentar a sua moral em constante diálogo com as ciências, sobretudo as humanas, é importante relacionar a temática com a ciência hermenêutica e exegética, a fim de contribuir para que as pessoas homossexuais sejam compreendidas e acolhidas na sua dignidade humana.

Passamos agora a apresentar a contribuição das ciências humanas na compreensão da homossexualidade contemporânea. Uma vez que a tradição católica valoriza e procura fundamentar a sua moral em constante diálogo com as ciências, sobretudo as humanas, será importante também relacionar a temática da nossa pesquisa com essa reflexão.

3.2 A contribuição das ciências humanas

Nosso objeto de pesquisa é compreender a homossexualidade dentro da perspectiva do catolicismo contemporâneo, para estabelecer um diálogo com os sujeitos homossexuais que aderem a essa tradição, tentando compreender como eles elaboram a sua identidade sexual. Uma vez que a homossexualidade, pelo que até aqui já expusemos, dentro dessa tradição religiosa especificamente, sempre foi vista como “*antinatural*”, procurou-se, em diálogo com as ciências, uma forma de “*justificar*” a causa dessa “*anomalia*”. Parece-nos que grande parte da identidade sexual desses sujeitos homossexuais traz, ainda que inconscientemente, marcas profundas dessas “*justificativas*” teóricas da sua sexualidade homossexual considerada como *perversão*. Apontaremos, ainda que resumidamente, as causas científicas atribuídas à origem da homossexualidade, embora existam, como veremos, rejeição ou reinterpretação das mesmas com a evolução da compreensão da homossexualidade pela própria ciência. O pressuposto é de que é preciso explicar essa “*anomalia*”, uma vez que a homossexualidade não é aceita como uma variante *natural* da sexualidade humana. Em seguida, procuraremos, cômicos do avanço da compreensão da homossexualidade na contemporaneidade, explicitar que esta, para a maior parte de nossos contemporâneos, ainda é fruto de uma *visão simplista*, quando não *confusa*. É de se admirar que, na maior parte das compreensões, acredita-se que exista um único tipo de homossexual e apenas uma definição precisa da homossexualidade. A maioria das definições dos dicionários traz a seguinte afirmação: atração emocional e/ou sexual entre duas pessoas do mesmo sexo⁴⁸. Contudo, iremos perceber que, assim como há constituições heterossexuais, não

⁴⁸ No dicionário *Oxford Languages* encontramos a seguinte definição: “adjetivo e substantivo de dois gêneros, 1. que ou aquele que exclusivamente sente atração sexual e/ou amorosa por pessoa do mesmo sexo. 2. adjetivo de dois gêneros que envolve ou se caracteriza por atração sexual e/ou amorosa exclusivamente por pessoa do mesmo sexo.

há apenas um único modo de constituição psicosssexual homossexual, e o correto seria falar em homossexualidades, como é correto dizer de heterossexualidades. Perceberemos também que o universo da homossexualidade é complexo como é complexa a sexualidade humana. Há uma multiplicidade de fatores que intervêm na orientação sexual de uma pessoa e esta não é, de modo algum, uma escolha consciente e deliberada. Façamos uma descrição, a seguir, das principais teorias científicas sobre a “causa” da homossexualidade.

3.2.1 Teoria genético hormonal

Começemos por compreender a *teoria genético-hormonal*. Sabemos que falar da identidade sexual de qualquer pessoa, no âmbito da pesquisa científica, significa reconhecer os vários âmbitos da reflexão: político, social, cultural, jurídico, psicológico, ético e religioso. Definir a homossexualidade dependerá, em grande parte, do ponto de partida da sua compreensão. Para os que arrogam a concepção *existencialista*, social e cultural, “ela é adquirida e, portanto, se desenvolve no indivíduo de acordo com o seu contexto familiar e social” (Castañeda, 2006, p. 40). Quando abordamos do ponto de vista *essencialista*, a homossexualidade é um fato genuinamente biológico. E isso significa afirmar que a pessoa nasce homossexual e resta agir em consequência desse fato natural. Tal compreensão afirma ser a homossexualidade uma *condição* ou uma *patologia congênita*. Logo, fica descartada qualquer sanção de crime, pois a pessoa homossexual não é responsável pela própria orientação. Pode ser submetida a um tratamento, mas não punida por possuir uma orientação que não escolheu (Castañeda, 2006). Em tal lógica, não há espaço para o critério de culpa moral. Essa posição foi, de fato, o que muito contribuiu como argumento primeiro em favor dos direitos civis das pessoas homossexuais. Argumento que contrapõe com o que o Cristianismo, o Estado e a própria Ciência alegaram por vários anos. Se se trata de um fenômeno biológico, é natural, “é parte essencial da pessoa, como qualquer outro fator biológico, então não pode ser mais considerada um pecado ‘contra a natureza’” (Castañeda, 2006, p. 41).

Disponível em:

https://www.google.com/search?q=defini%C3%A7%C3%A3o+da+palavra+homossexual&rlz=1C1OKWM_pt-BRBR953BR953&oq=defini%C3%A7%C3%A3o+da+palavra+homossexual&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAE EUYdIBCjIxOTA0ajBqMTWoAgCwAgA&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso em: 11 set. 2024,

3.2.1.1 Fator hormonal

Dentro dessa mesma concepção, temos a vertente que conceitua a homossexualidade como *fator hormonal*. Segundo Castañeda, com a aurora do século XX, vários estudiosos pesquisaram as combinações hormonais anormais masculinas e femininas nas pessoas homossexuais. A partir do ano de 1927, esses estudos foram intensificados e ampliados, quando se descobriu que os homens e as mulheres produzem hormônios de ambos os tipos. E uma das consequências dessa descoberta foi a ideia da bissexualidade hormonal. Ou seja, é a proporção de hormônios masculinos e femininos que determina a orientação sexual, certos traços da personalidade e certos comportamentos. Veja, como exemplo o que afirma a *teoria neuroendócrina*:

A teoria neuroendócrina afirma que o cérebro do feto, durante as primeiras semanas de gestação, é muito sensível aos hormônios que produzem seus próprios testículos e aos hormônios masculinos produzidos pela mãe. Se durante este tempo recebe testosterona próprio ou testosterona da mãe, ficará orientado, quando adulto, para as mulheres. Se não recebe esses hormônios ou são insuficientes, sua orientação será para os homens. Assim, por regra geral, os fetos masculinos recebem testosterona que ‘masculiniza’ seu cérebro e os orienta ao sexo feminino, enquanto os fetos femininos não recebem nada, se ‘feminizam’ e se orientam ao sexo masculino (Prada, 2006, p. 13)

A lógica que decorre dessa teoria é que, uma vez que os homens homossexuais têm excesso de hormônios femininos e as lésbicas, um excesso de hormônios masculinos, está explicada a causa hormonal da homossexualidade. A cura se daria, portanto, ajustando o nível dos hormônios de ambos (Castañeda, 2006). Houve, de fato, pesquisas nessa direção. Injetavam-se na pessoa homossexual os hormônios que lhe faltavam. E a resposta era que esse tratamento aumentava a libido, sem, contudo, realizar uma inversão na orientação sexual da pessoa. Isso denotara que “os hormônios sexuais exercem uma influência sobre a intensidade da libido, mas não sobre a sua orientação sexual” (Goffi, 1967, p. 39).

3.2.1.2 Hereditariedade genética

Outros estudos, na mesma linha da genética, tentaram demonstrar que, por exemplo, os homossexuais, se relacionados com os heterossexuais, têm mais chances de ter um irmão também homossexual. E as lésbicas a mesma razão. E, assim, foram feitos alguns estudos sobre gêmeos, com o objetivo de encontrar as probabilidades que comprovassem a existência de uma hereditariedade genética da homossexualidade.

Segundo um estudo realizado, em 1991, por Bailey, Michael e Pillard, que compararam 56 gêmeos univitelinos, 54 gêmeos bivetelinos e 57 irmãos adotivos, se um homem é homossexual e tem gêmeo idêntico, há 52% de probabilidade de que tal gêmeo seja homossexual; se tem um gêmeo bivetelino, tal probabilidade é de 22%; se é um irmão adotivo, a possibilidade cai para 11%. Por outro lado, um heterossexual tem apenas 4% de probabilidade de ter um irmão também de condição homossexual (Castañeda, 2006, p. 44).

Teríamos, então, a hipótese comprovada cientificamente de que, na homossexualidade, o fato genético teria um peso importante de pelo menos 50 a 52%. A questão, porém, é que outras pesquisas deduzem da mesma investigação conclusões díspares:

Se na metade dos casos o gêmeo idêntico de um homossexual é também ele homossexual, o mesmo não acontece com a outra metade. Se a homossexualidade fosse um fato inteiramente genético, todos os gêmeos de todos os homens gays seriam também esses gays, mas, como vimos, a situação não se revela assim (Castañeda, 2006, p. 45).

Ficando, portanto, comprovado, pela própria pesquisa, que a homossexualidade, devido à sua complexidade, requer outras interpretações além do fator genético. Vale lembrar também que o pesquisador norte americano, Dean Hamer, no ano de 1993, fez um experimento em que encontrou uma correlação entre o cromossoma X e a homossexualidade masculina:

Dean Hamer [...] encontrou uma frequência inusitadamente alta de indivíduos com igual orientação sexual entre irmãos (13,5%). Isso o levou a pensar que, se existisse algum substrato genético, estaria localizado no cromossoma X, por ser este o cromossoma que somente o varão pode herdar da mãe (Prada, 2006, p. 14).

Dentre muitas críticas ao seu método, sobretudo os seus equívocos metodológicos, é consenso de que as suas conclusões são passíveis de grandes dúvidas. Podemos citar como exemplo lapidar o fato de que ele encontrou o marcador genético das duplas de irmãos homossexuais, contudo, não controlou se existia tal marcador também nos irmãos heterossexuais (Castañeda, 2006).

3.2.1.3 A teoria do hipotálamo

Simon Le Vay, outro pesquisador americano, fazendo uma pesquisa entre os homens homossexuais e heterossexuais, encontrou uma diferença no volume de uma parte do hipotálamo. Sabemos que esse último governa alguns aspectos da sexualidade humana. Ele irá afirmar o seguinte: “o terceiro núcleo intersticial do hipotálamo anterior (INAH3) é mais volumoso nos varões heterossexuais que nas mulheres e nos varões homossexuais. Tal núcleo

é determinante na gênese do comportamento homossexual” (Prada, 2006, p. 14). O problema dessa teoria é que a maior parte das pessoas que foram analisadas nessa pesquisa era composta de mortos vítimas do HIV. Logo, é possível afirmar que o vírus tenha afetado a neuroanatomia dos sujeitos pesquisados.

Enfim, urge reconhecer que todos esses estudos precisam ser interpretados com prudência, pois a biologia não esgota a sexualidade humana, consequentemente também, a sua vertente na homossexualidade. “O puro evento sexual não pode hoje ser avaliado como um evento físico ou biológico em si separado e em si avaliável fora do quadro da identidade de uma pessoa humana e das convenções culturais da área de pertença do sujeito” (Chiavicci, 2000, p. 424).

Outro problema grave que se põe é que, ao afirmar que se descobriu a “*gene da homossexualidade*”, isso serviria de pretexto e argumento a favor dos heterossexuais homofóbicos, uma vez que cancelaria a teoria de que as pessoas homossexuais são essencialmente diferentes e, com isso, a sociedade é dividida entre dois grupos distintos: por um lado os heterossexuais, considerados “normais”, e, por outro, os homossexuais, considerados “anormais”. Isso só iria aumentar o preconceito, o sofrimento e a discriminação com as pessoas homossexuais. O que temos a dizer, diante da teoria *genético-biológica* como causa da origem da homossexualidade, é que esta não mostra mais do que um aspecto da arqueologia da homossexualidade. Hoje, são pouquíssimos os *deterministas* que ainda levantam essa bandeira, ou ao menos pensam que é na biologia que se há de encontrar todas as respostas para as questões humanas, sobretudo para as da sexualidade.

Como enfatizamos no nosso primeiro capítulo, a orientação sexual de uma pessoa não está biologicamente determinada, esta responde a uma multiplicidade de fatores. E todos esses devem ser levados em consideração. Antes mesmo de querer adiantar-nos numa conclusão do que estamos a perceber, parece-nos que a *premissa* da questão, ou seja, a afirmação de que a homossexualidade é uma “*anomalia*” ou “*desordem*” da sexualidade humana, maculam a *síntese* e a *antítese* das pesquisas nas suas conclusões, pois urge buscar, a todo custo, teorias que comprovem a *premissa*. Não seria o caso de partir de outra *premissa*?

3.2.2 A *psicodinâmica*

Vamos por hora nos debruçarmos, de modo sucinto, na chamada teoria *psicodinâmica* como argumentação da origem da homossexualidade. Sua principal fonte são as reflexões psicanalíticas freudianas, pois Sigmund Freud (1856-1939) “foi o primeiro a proclamar a

disposição psíquica bissexual do homem e a estudar as condições psíquicas da gênese da homossexualidade” (Goffi, 1967, p. 41). Pela sua teoria, as crianças, durante o crescimento, atravessam uma série de estágios psicosexuais (oral, anal, edípico e genital). No estágio final ou genital, os impulsos sexuais se dirigem a indivíduos do sexo oposto. A justificativa para explicar a variante da homossexualidade se manifesta numa “detenção” do desenvolvimento. Essa origina de um “complexo de Édipo não resolvido”. Nele a pessoa permanece enamorada do genitor do oposto e assim, mais tarde, não consegue exercer relações de tipo heterossexual. Ou seja,

Para Freud, os homossexuais são desviados em relação ao objeto sexual, porque não buscam o sexo oposto, o que seria a manifestação própria do crescimento psicosexual, mas buscam o próprio sexo, mostrando assim uma estagnação na fase edípica (Moser, 2001, p. 223).

Essa fase é o período no qual a criança, de 4 a 6 anos, descobre uma tensão afetiva pelo seu genitor do sexo oposto, sendo que o genitor do mesmo sexo é um concorrente. Uma vez que o indivíduo não supera essa fase, ele pode, inconscientemente, se fixar afetivamente. E isso o levará a ver no sexo oposto um tabu à realização da sua orientação sexual. Consequentemente, a saída que encontra é a orientação afetiva homossexual, que não repropõe o modelo proibido presente no seu inconsciente (Leone, 2006). Para a sexualidade feminina, Freud se servirá do fenômeno chamado angústia de castração.

O menino teme ser punido com a castração pela sua rivalidade com o pai; isso o conduz a abandonar uma situação perigosa identificando-se com ele. A menina, porém, experimenta um senso de inferioridade sentindo-se menos amada pela falta do pênis (Labanca, 2007, p. 40).

A menina sente uma angústia que se traduz numa desconfiança feminina, manifestando, assim, a sua sexualidade como uma rivalidade com o pai. Isso pelo fato de não ser dotada do órgão genital masculino. Para Freud, uma outra explicação para a homossexualidade feminina é o chamado complexo de *Electra*, no qual acontece a identificação da menina com o pai.

Depois da identificação com o pai, nasce o desejo de amar a mãe do mesmo modo pelo qual o pai a amava. Nesse caso, trata-se de mulheres que estabelecem uma relação masculina com mulheres que consideram como substitutas da mãe. A agressividade contra o pai, como consequência da frustração, se estende em seguida a todos os homens, um pouco como no dizer: ‘eu não tenho necessidade de homem, posso ser homem eu mesma’ (Goffi, 1967, p. 44-45).

Mas é importante ressaltar que, para Freud, nem todos os homossexuais encaixam-se nesse quadro. Ele irá caracterizar três tipos de homossexuais (Castañeda, 2006). Existem os chamados *absolutos*. Esses são os que mantêm relações somente com pessoas do mesmo sexo; os *hermafroditas* psicosssexuais, que são os que praticam relações indistintamente com os dois sexos; e, por fim, os *ocasionais*. Esses são os que estabelecem relações com pessoas do mesmo sexo apenas por razões circunstanciais. O que ele está a afirmar, na realidade, é que não existe só um tipo de homossexualidade. E, também, que esse fenômeno não pode ser explicado a partir de uma única causa, mas de diversas. E quais seriam essas causas, na perspectiva freudiana? Fixação de identificação do menino com a sua mãe ou da menina com o seu pai; fruto de um ambiente familiar no qual o pai é ausente e castrador; narcisismo intenso, que conduz a pessoa a buscar objetos sexuais idênticos a si mesma; resultado de um medo profundo do sexo oposto, que impede o estabelecimento de relações de tipos sexuais. Mas, nos perguntamos, como se explicaria que, numa mesma família, em que os mesmos filhos passem por essas experiências, uns se manifestam heterossexuais e outros homossexuais?

Tais teorias tiveram grande importância científica sobre a reflexão da sexualidade homossexual. Mas é impossível aplicar esses princípios de maneira completa e sistemática em todas as pessoas homossexuais. Também não podemos afirmar que grande parte dessas análises tem sua origem direta em Freud. Muitas foram reformuladas por outros autores posteriores. E estes “nem sempre mantiveram os mesmos interesses e preocupações científicas do fundador da psicanálise” (Castañeda, 2006, p. 60).

3.2.2.1 O padrão familiar

Bieber, outro cientista americano e seus colaboradores, “ao estudar mais de 100 homossexuais que estavam em terapia psicanalítica, individuaram um padrão familiar comum que incluía uma mãe dominadora e um pai débil e ausente” (Prada, 2004, p. 11). Essa teoria tem a sua importância na medida em que demonstra que um pai débil e uma mãe autoritária podem influenciar o filho ou a filha, provocando um tipo de “castração psicológica”. E isso ocasionaria uma possível rejeição a um parceiro do tipo heterossexual. Porém, é preciso olhar com prudência e ressalva o excessivo e supervalorizado papel dos pais na identidade dos filhos (Aardweg, 2004). Sabemos de muitos casos de pessoas homossexuais que não enfrentam problemas de relacionamento com seus pais, nem mesmo uma deficiência significativa no âmbito educativo.

Diz-se, por exemplo, que uma mãe muito possessiva e excessivamente indulgente e terna faz crescer um filho homossexual. A mim parece que assim faça crescer um filho viciado, habituado a tê-la sempre próximo, e por isso muito mal preparado para a vida adulta. Se for homossexual, será um homossexual viciado, mas o resultado seria o mesmo se o filho fosse heterossexual. Compreende-se, portanto, que o fruto de um erro educativo não é a homossexualidade, mas um defeito de personalidade, e é sobre este que se deve colocar a atenção (Pezzini, 2004, p. 29).

Logo, podemos considerar que a ausência de uma educação familiar adequada possa ser causa de alguns complexos na constituição dos filhos e filhas, mas jamais pode ser afirmada como causa da homossexualidade em si.

3.2.2.2 *Condutista ou behaviorista*

Na perspectiva da teoria *condutista* ou *behaviorista*, temos como principais expoentes Ivan Petrovich Pavlov (1849)⁴⁹, John B. Watson⁵⁰ (1878) e Burrhus Frederic Skinner (1904)⁵¹.

⁴⁹ Ivan Petrovich Pavlov (Riazan, 26 de setembro de 1849 – Leningrado, 27 de fevereiro de 1936) foi um fisiologista russo conhecido principalmente pelo seu trabalho no condicionamento clássico. Foi premiado com o Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1904, por suas descobertas sobre os processos digestivos de animais. Ivan Pavlov veio, no entanto, a entrar para a história por sua pesquisa em um campo que se apresentou a ele quase que por acaso: o papel do condicionamento na psicologia do comportamento (reflexo condicionado). Disponível em: <https://blog.cicloceap.com.br/personalidades-da-psicologia-ivan-pavlov/>. Acesso em: 11 set. 2024.

⁵⁰ Watson ficou muito conhecido pela publicação do chamado "manifesto behaviorista": um conjunto de palestras publicadas em forma de artigo em 1913 no qual defendeu o abandono da introspecção e a adoção da observação direta do comportamento como o único método possível para uma psicologia científica. O manifesto behaviorista coordenou muitas das manifestações esparsas que já vinham criticando o método introspectivo e se tornou um marco histórico na psicologia. A grande reivindicação de Watson, tanto no manifesto quanto em outras de suas obras (eg. Watson, 1928, 1930) era a transformação da psicologia, através da adoção da observação do comportamento como método privilegiado, numa ciência capaz de prever e controlar o comportamento, e que, portanto, teria grandes aplicações práticas. Com esses propósitos, (1) o apelo à observação e experimentação do comportamento, (2) a rejeição de conceitos mentais inobserváveis e (3) a aplicação prática dos conhecimentos produzidos pela psicologia tornaram-se elementos marcantes de sua proposta. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/jfwCH9RgrHpKrmcdGbq6Y9Q/#:~:text=Watson%20ficou%20muito%20conhecido%20pela,poss%C3%ADvel%20para%20uma%20psicologia%20cient%C3%ADfica>. Acesso em: 11 set. 2024.

⁵¹ Ao longo da história, diversos cientistas e pesquisadores influenciaram o campo da psicologia para que ela se tornasse o que é hoje. Um dos grandes nomes que contribuíram para a psicologia como ciência e profissão é B. F. Skinner, conhecido como pai do behaviorismo radical. Nascido em 20 de março de 1904, em Susquehanna, na Pensilvânia, Burrhus Frederic Skinner se tornaria um dos principais teóricos e pesquisadores da psicologia comportamental, dando origem ao behaviorismo radical. Desde criança, Skinner demonstrou interesse em construir objetos, como um carrinho dirigível que, por engano, funcionava ao contrário, e um moto-perpétuo, um tipo de máquina que seria capaz de funcionar infinitamente, sem perder energia. Trata-se de uma máquina hipotética que Skinner não obteve sucesso em fazer. De acordo com o próprio Skinner, seu crescimento se deu em um ambiente estável, tendo um pai advogado e uma mãe que ficava em casa para cuidar dos filhos. Após cursar ensino superior em Hamilton College, em Nova York, Skinner decidiu virar escritor, empreendimento no qual também não obteve sucesso. Considera esse período em que escreveu seu “ano obscuro”. Porém, ao arranjar um emprego em uma livraria, Skinner acabou esbarrando com livros do fisiólogo russo Ivan Petrovich Pavlov e os trabalhos do psicólogo John B. Watson, desenvolvendo ali interesse pela psicologia comportamental. Pavlov e Watson foram pesquisadores que estudaram o chamado reflexo condicionado, no qual um organismo (animal ou pessoa) emite uma resposta a um determinado estímulo por associação. Em outras palavras, se uma pessoa associa ouvir Chopin a tomar café, sempre que ouvir Chopin, irá salivar por conta da associação ao café.

É uma corrente que estuda os eventos psicológicos a partir das evidências comportamentais. Para esses teóricos, “aprende-se a ser homossexual ou heterossexual desde os primeiros anos de vida, segundo o tipo de experiências ‘reforçantes’ que o indivíduo tenha tido. Nasce-se homem ou mulher biologicamente, mas aprende-se a ser heterossexual ou homossexual” (Prada, 2006, p. 12). Logo, a homossexualidade não é fixada, mas construída, não há uma forma única, mas se modifica de acordo com a sociedade e o indivíduo. Ela é determinada pelo contexto histórico e pelo desenvolvimento pessoal. O que aqui importa é o desejo e a aceitação da *orientação*, e não os *atos* nem os genes.

Tal perspectiva vai de encontro à nossa sociedade que valoriza muito a dimensão da subjetividade. Porém, a *orientação sexual* não é qualquer coisa que se possa escolher livremente, mesmo que se fale de “eleição” ou de “preferência sexual”. Se isso fosse possível, haveria alguns homossexuais que deixariam de sê-lo, como também alguns heterossexuais que, insatisfeitos com a sua condição, também se tornariam homossexuais. Cientificamente, sabe-se que são inexistentes as possibilidades de modificar a *orientação sexual* de uma pessoa. E é verdade que, se não a podemos modificar, pode-se certamente *decidir* como vivê-la. É um equívoco afirmar que existam modelos e regras preestabelecidas que chancem que os homossexuais gozem de uma liberdade inferior em relação aos heterossexuais. Em um caso e outro, a liberdade se configura com os seus limites.

Enfim, todas essas teorias revelam, por um lado, sua relevância ao nos colocar diante da complexidade humana da sexualidade e, por outro, demonstram também as suas debilidades na tentativa de uma explicação *etiológica* da homossexualidade. Nos dizeres de Sperry (2004), isso prova que qualquer pretensão de explicar a homossexualidade a partir de uma única perspectiva não permite concluir que a *etiologia* represente a homossexualidade em si. O máximo que se pode aceitar é que determinada teoria possa contribuir para certos aspectos específicos de determinadas pessoas homossexuais. A homossexualidade, como a própria sexualidade humana no geral, portanto incluídas também a heterossexualidade e a bissexualidade, é “um fenômeno que sempre se revelou enigmático a partir de uma única perspectiva” (Gomes; Trasferetti, 2011, p. 105). E foi isso o que nós abordamos no capítulo primeiro, quando falamos das várias dimensões da sexualidade humana. Podemos afirmar que, na compreensão da homossexualidade, “a interação entre fatores biológicos, familiares, ambientais e pessoais constitua um problema totalmente aberto” (Gomes; Trasferetti, 2011, p. 105), e será melhor compreendida quando assumimos que ela tem múltiplas formas, múltiplas

causas, como a heterossexualidade. E mais que isso, trata-se apenas de uma variante da sexualidade humana. E que, por isso mesmo, é anacrônico procurar “descobrir” a sua causa. O máximo que podemos fazer é compreender as suas várias dimensões que, numa determinada personalidade, pode nos fazer compreender os ajustes e desajustes da sua *identidade* homossexual. Passamos a apresentar, portanto, uma nova compreensão da homossexualidade.

3.3 Nova compreensão da homossexualidade

O limite dessas análises científicas, a nosso juízo, contribuiu para uma nova compreensão da homossexualidade. O final do século XIX e o início do XX trarão uma reviravolta na concepção da sexualidade humana. Contribuíram para isso três fatores: as mudanças nas relações familiares e dos papéis dos sexos masculino e feminino na sociedade; os progressos das ciências biológicas e a evolução significativa das outras ciências humanas, com especial relevo a psicologia, a antropologia cultural, a psicanálise e a sociologia. Estas últimas, como já mencionado anteriormente, “ofereceram novas perspectivas de compreensão da sexualidade e, conseqüentemente, da homossexualidade” (Faggioni, 2006, p. 106).

Isso fez com que a mera justificativa *natural* da heterossexualidade não apresentasse mais suficiente relevância e, conseqüentemente, as dimensões sexuais anteriormente consideradas *perversas* e *desviadas* se tornassem simples vias, segundo as quais a sexualidade pode legitimamente se expressar. Acontece um deslocamento para privilegiar “as dimensões subjetivas e privadas, unindo intimamente a vida sexual com a realização do bem-estar pessoal” (Faggioni, 2006, p. 56). Assim, a sexualidade entendida antes de maneira fixa, é suplantada pela *identidade* sexual definida e estruturada pela escolha individual (Hawkes, 1996).

Todo esse movimento trará repercussões para uma nova compreensão da homossexualidade. Antes de tudo, ela passará a assumir grande importância nos campos social, político, moral-religioso e científico. E sob a batuta da chamada *cultura gay*⁵², vários cientistas irão negar que a homossexualidade “fosse um distúrbio psíquico, afirmando que ela é simplesmente uma variante minoritária da orientação sexual normal” (Faggioni, 2006, p. 58-59). Interessante que, mesmo afirmando que ela não seja um distúrbio psíquico, o autor citado a define como variante da “*orientação normal*”. Ou seja, o paradigma da normalidade sexual

⁵² Para aprofundamento da compreensão do termo “cultura gay”, sugerimos o seguinte artigo de: RODRIGUES, Vinícius Cainã Silva. O Movimento LGBT vai ao Mundo: uma análise histórico-discursiva de sua internacionalização. **O Cosmopolita**, v. 6, n. 1, jun. 2019. Disponível em: <file:///D:/DOCTORADO%202018/ARTIGOS/53811-Texto%20do%20Artigo-187334-1-10-20220330.pdf>. Acesso em: 12 set. 2024.

é a heterossexual. No ano de 1973, toda essa reflexão contribuiu para que a homossexualidade não fosse mais configurada entre os distúrbios mentais presentes no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.⁵³ E passou-se a utilizar o chamado *distúrbio da orientação sexual*, contudo, em outra perspectiva: “esta categoria diagnóstica é distinta da homossexualidade, que, em si, não constitui um distúrbio psiquiátrico” (Petrini, Lambiare, 2008, p. 39).

Tudo isso vem contribuindo para uma nova abordagem da sexualidade homossexual. E tal questão ganhará espaço até mesmo na esfera jurídica (Zuccaro, 2004). As pessoas homossexuais começam a buscar os critérios com base nos quais possam viver a homossexualidade legitimamente e, inclusive, reivindicar o direito à adoção. Vários autores, como Kosnik, passam a tratar as relações heterossexuais e homossexuais no mesmo patamar, afirmando que “as normas que regulam a moralidade da atividade homossexual são as mesmas que regulam qualquer atividade sexual” (Kosnik, 1978, p. 239).

Como foi abordado anteriormente, as reflexões teológicas e mesmo os textos bíblicos passaram por uma nova hermenêutica, “certas passagens das Escrituras que usualmente foram empregadas como comentários à homossexualidade [...] são tidas como relativas a outros assuntos” (Gallagher, 1990, p. 27). John McNeill (1979) ousará afirmar que é possível compreender que é por vontade de Deus que algumas pessoas são homossexuais, pois Deus criou os seres humanos com a sexualidade não determinada biologicamente. Sua tese, portanto, parte de um novo conceito da criação. “E, uma vez que a homossexualidade é fruto da vontade de Deus, o gênio particular dos homossexuais e os dons dos quais são dotados comportam consequentemente um crescimento à sociedade” (Zuccaro, 2004, p. 89-91).

Como síntese até aqui do capítulo, podemos dizer que, tendo como foco a homossexualidade no catolicismo contemporâneo, apresentamos uma nova compreensão bíblica e hermenêutica dos textos que são apresentados como fundamentos para a condenação dos *atos* homossexuais por essa tradição religiosa. Atualizamos a questão da homossexualidade tratada como *doença*, genética ou psicologicamente, mediante os últimos resultados de pesquisas das ciências atuais, especialmente das ciências humanas.

O caminho até então percorrido não permite afirmar que essa *condição* sexual, que marca a vida de muitos seres humanos, pode simplesmente ser considerada como *desvio*, *perversão* ou *doença*. E, ainda que o ensinamento “oficial” do catolicismo sobre a

⁵³ Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. Disponível em: [https://repository.poltekkes-kaltim.ac.id/657/1/Diagnostic%20and%20statistical%20manual%20of%20mental%20disorders%20_%20DSM-5%20\(%20PDFDrive.com%20\).pdf](https://repository.poltekkes-kaltim.ac.id/657/1/Diagnostic%20and%20statistical%20manual%20of%20mental%20disorders%20_%20DSM-5%20(%20PDFDrive.com%20).pdf). Acesso em: 12 set. 2024.

homossexualidade, a considera como *perversão* e *desordem*, existe, também, dentro dessa mesma tradição religiosa, por parte de estudiosos, pastoralistas, moralistas e grupos pastorais, perspectivas de suas *releituras*, levando em conta a experiência dos sujeitos que são católicos e homossexuais. As respostas pastorais de hoje convivem e, ao mesmo tempo, conflitam entre essas duas possibilidades: a *aceitação da condição homossexual*, mas não da *prática homossexual*, e a *integração* da homossexualidade como uma variante da sexualidade humana. O que desejamos é explicitar, portanto, a partir dos sujeitos que aderem a um ou a outro grupo de pastoral, dentro do catolicismo, é como eles elaboram a sua identidade homossexual. Essa temática será tratada na segunda parte da nossa pesquisa. Nela abordaremos essas propostas e os sujeitos que delas participam, a partir do estudo comparado dos grupos pastorais *Apostolado Courage* e *Diversidade Sexual*, através da pesquisa bibliográfica e das entrevistas registradas em nosso questionário *on-line*. Antes disso, porém, e levando em consideração o que já dissemos sobre as atuais reflexões com relação à homossexualidade e sob o aporte da nova exegese bíblica e, também, da contribuição das ciências atuais, apresentamos uma abordagem da possível dignidade e aceitação dos *atos homossexuais* a partir da antropologia holística proposta pelos autores Todd A. Salzman e Michael G. Lawler⁵⁴. Registramos, contudo, que esse não é, ainda, o ensino oficial do Catolicismo,

3.4 Os atos homossexuais na perspectiva antropológica holística

Dentre os vários aspectos que envolvem o cotidiano dos sujeitos católicos no mundo contemporâneo, se encontra a sexualidade e, dentro dessa, a questão da homossexualidade. Embora a Igreja Católica reconheça a *condição* homossexual, como já demonstramos anteriormente, ela condena qualquer tipo de sua *prática*. E ainda que o faça com coerência, a partir de convicções claras e princípios normativos da sua tradição, esses argumentos são passíveis de questionamentos e reinterpretações. Dizemos isso porque, mediante a evolução da antropologia de cunho personalista, a *lei natural*⁵⁵, que é basilar no edifício da moralidade

⁵⁴ Todd A. Salzman, BA, PhD, Professor de Teologia. Ele concluiu seu BA em Filosofia e Teologia/Estudos Religiosos na Universidade de San Diego, 1986. Ele concluiu seu BA/MA/STB (Sacrae Theologiae Baccalaureus) em Teologia na Katholieke Universiteit Leuven em 1990 e seu Ph.D. em Teologia, *summa cum laude* com felicitações do conselho examinador em 1994 na KUL. Ele é casado com Katy e eles têm três filhos: Ian, Aaron e Emily. Disponível em: <https://www.creighton.edu/campus-directory/salzman-todd>. Acesso em: 12 set. 2024. Michael G. Lawler é graduado em Matemática pela Universidade de Dublin e em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana – PUG, em Roma. É Ph.D. em Teologia Sistemática pelo Instituto Aquinas de Teologia, em Saint Louis. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/610147-prof-dr-michael-g-lawler-e-prof-dr-%20todd-a-salzman-creighton-university-eua>. Acesso em: 12 set. 2024.

⁵⁵ Sabemos que a lei natural é o arcabouço da moral cristã católica. Não é nosso interesse aqui abordá-la nem apresentar os seus atuais questionamentos e reinterpretações. A lei natural não é o foco do nosso trabalho, embora

católica, é revista em seus princípios, com plausíveis críticas dos seus limites e apontamentos de suas possíveis releituras. Um fruto desse esforço, feito pelos chamados teólogos revisionistas, é a nova compreensão da sexualidade humana na perspectiva católica. Compreende-se melhor a complexidade da sexualidade e, por isso mesmo, a necessidade de sua abordagem de modo mais abrangente, interdisciplinar, diríamos transdisciplinar, considerando as suas dimensões diversas pelo paradigma que hoje costumamos chamar de *integral* ou *holístico*. Por outro lado, vimos que é inegável que as ciências como a sociologia, a biologia, a psicanálise e a psicologia, nos séculos XIX e XX, foram importantes na evolução da compreensão da complexidade do ser humano e no reconhecimento da condição homossexual não mais como doença⁵⁶. Os avanços das ciências modernas, especialmente dos vários ramos das ciências humanas, como a filosofia existencial, a sociologia e a psicologia, contribuíram para que muitos teólogos moralistas católicos propusessem a constituição de uma antropologia católica bíblica e renovada. Isso significa propor, de modo fundamentado, uma visão de sexualidade personalista, existencial e relacional. Essa releitura tem servido de base para novas posições sobre os vários aspectos da moral sexual católica, inclusive para os *atos* homossexuais.

Faremos nossa abordagem a partir da chamada *complementaridade holística*, proposta pelos teólogos Salzman e Lawler. Estes estão entre os chamados católicos revisionistas⁵⁷. Eles admitem que há sérios impasses para a teologia da moral sexual católica, quando esta estabelece a relação conjugal entre um homem e uma mulher como o *paradigma universal* da sexualidade humana. E esse é um dos obstáculos, talvez o mais relevante, que dificulta a capacidade de acolher a homossexualidade como condição sexual humana e, conseqüentemente, a sua vivência pelos seus *atos* sexuais de modo legítimos e morais.

Conforme os autores, esse impasse pode ser solucionado se a moral sexual católica, ancorada numa antropologia personalista, admitir na sexualidade humana o que eles chamam

já assuma a sua nova versão, conforme os autores aqui citados. Para um aprofundamento do tema, sugerimos o seguinte texto: SALZMAN, Todd A; LAWLER, Michael G. Lei natural e antropologia sexual: revisionistas católicos. In: SALZMAN, Todd A; LAWLER, Michael G. **A pessoa sexual**: por uma antropologia católica renovada. São Leopoldo (RS): Unisinos, 2012, p. 139-178.

⁵⁶Os estudos mais diversos confluem na tese de não poder qualificar a homossexualidade como enfermidade, desvio psicossomático ou perversão sexual. A orientação homossexual não afeta a sanidade mental nem o correto comportamento no grupo social. Em razão disso, a OMS suprimiu a homossexualidade da relação de enfermidades (1990). E o Conselho da Europa insta os governos a suprimir qualquer tipo de discriminação em razão da tendência sexual. Para aprofundamento do assunto, indicamos o seguinte texto: HERREROS, José Luís Trechera. Abordagem da realidade homossexual. **Sal terrae**: Jornal da teologia pastoral, ISSN 1138-1094, v. 90, n. 1053, 2002, p. 101-114.

⁵⁷ Os teólogos revisionistas fazem grandes esforços para desenvolver uma antropologia sexual em que sejam incorporadas mais adequadamente as dimensões pessoal e relacional da pessoa humana. Para detalhes dessa proposta, pode-se consultar o seguinte texto: SALZMAN, Todd A; LAWLER, Michael G. Lei Natural e Antropologia Sexual: revisionistas católicos. In: SALZMAN, Todd A; LAWLER, Michael G. **A pessoa sexual**: por uma antropologia católica renovada. São Leopoldo (RS): Unisinos, 2012. p. 139-178.

de *complementaridade holística*. Esse conceito amplia, de modo significativo, a compreensão do fenômeno da sexualidade humana nas suas várias compreensões de complementaridade. Consequentemente, nessa mesma perspectiva, os *atos homossexuais* ganham sentido, valor, dignidade e podem ser considerados verdadeiramente humanos.

Antes propriamente de fazer referência à antropologia personalista sexual chamada de *revisionista*, urge, ainda que de modo sintético, dizer sobre a antropologia católica tradicional. Esta última, como podemos observar nos enunciados dos documentos magisteriais do catolicismo, enfatiza o classicismo, a universalidade dos bens básicos, as normas absolutas e uma moralidade centrada no ato. Uma fonte expressiva dessa moral é encontrada nos chamados manuais de teologia moral⁵⁸. Eles eram utilizados para treinar os seminaristas para seus papéis, como futuros confessores, e constituíam a fonte de autoridade da teologia. Neles subjaz, além dos fundamentos da moral sexual tradicional, uma metodologia que foca a moral no *ato individual*, negligenciando o caráter geral, a formação e a intenção da pessoa que realiza o ato.

João Paulo II e os teólogos dessa mesma linha sustentam uma moralidade centrada no ato; a *Veritatis Splendor* afirma, claramente, que a orientação fundamental pode ser radicalmente modificada por atos particulares: A relação entre a liberdade do homem e a lei de Deus, que encontra a sua sede íntima e viva na consciência moral, se manifesta e se realiza nos *atos humanos*. É precisamente através dos seus atos que o homem se aperfeiçoa como homem, como homem chamado a procurar espontaneamente o seu Criador e a chegar, livremente, pela adesão a Ele, à perfeição total e beatífica (*Veritatis Splendor*, 1993, p. 71). Conforme esse ensinamento magisterial, não há insignificância da matéria nos pecados sexuais, ou seja, “o objeto de todo ato sexual constitui matéria moral -, todo ato sexual moralmente errado é um pecado mortal em potencial” (Salzman; Lawler, 2012, p. 142-143).

Pois bem, a crítica que se faz aos mesmos é justamente quanto ao método moral e à antropologia que estão neles implícitos. É contumaz a ausência da percepção da complexidade

⁵⁸ A confissão auricular dos pecados, instituída no ano de 1215 pelo IV Concílio de Latrão, constituiu-se como prática obrigatória a todos os fiéis que desejassem se colocar no caminho de sua salvação. A partir do século XIII, cada católico deveria, anualmente, relatar seus pecados a um padre e receber deste a penitência e a absolvição. Visto que o pecado acompanha o homem durante toda a sua vida, este deve estar preparado para observar suas próprias faltas, rever seus erros e arrepender-se deles. Entretanto, por mais que a confissão fosse obrigatória a todos os fiéis, nem todos sabiam como proceder nessa prática. Nem mesmo os confessores, aos quais se atribui essa tarefa, tinham todo conhecimento de doutrina exigido pela obrigação formal de confessar. Dessa maneira, os confessores contam com os manuais de confessores, suportes escritos que explicitam a forma de orientar o penitente na prática confessional. LOPES, Bárbara Macagnan. **Os pecados em manuais de confessores ibéricos (séculos XIV-XVI)**. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/viewFile/22308/13116#:~:text=O%20C%C3%B3mmo%20el%20Confessor&text=Trata%2Dse%20de%20um%20guia,dado%20%C3%A0s%20almas%20dos%20pecadores>. Acesso em: 31 jul. 2021.

da pessoa, que não pode ser definida por um ato isolado. Partir de normas sexuais absolutas, sem levar em conta as condições reais dos sujeitos, infere-se em juízos parciais. Ainda hoje, alguns moralistas e confessores continuam a priorizar tal abordagem da moralidade em defesa das normas sexuais absolutas. Contudo, podemos afirmar que a maioria já entendeu e assimilou que a moralidade centrada no ato é uma fragilidade na tradição do manual.

O Concílio Vaticano II foi para a Igreja Católica um marco de profundas mudanças. Encontramos nos documentos conciliares a acolhida, em boa parte, das ideias de renovação que vinham sendo protagonizadas pelos movimentos bíblico, litúrgico e teológico do final da década de 50 e início da década de 60. Isso provocou também o início de uma renovada compreensão da teologia moral sexual. Como exemplo, podemos citar a constituição pastoral, *Gaudium et Spes* (nº 48-52):

No entanto, o matrimónio não foi instituído só em ordem à procriação da prole. A própria natureza da aliança indissolúvel entre as pessoas e o bem da prole exigem que o mútuo amor dos esposos se exprima convenientemente, aumente e chegue à maturidade. E por isso, mesmo que faltem os filhos, tantas vezes ardentemente desejados, o matrimónio conserva o seu valor e indissolubilidade, como comunidade e comunhão de toda a vida (GAUDIUM ET SPES, 1965, nº 50).

O documento afirma que o sexo envolve muito mais que apenas a *procriação*. E o faz, eliminando a tradicional linguagem hierárquica dos fins *procriativo* e *unitivo* do intercuro sexual. Assume o amor conjugal como humano, dignificado, abençoado, caridoso, recíproco e virtuoso, sem mencionar a procriação. Ao abordar a questão da *procriação*, o documento conciliar a situa no contexto da paternidade e da maternidade responsável. Esse importante legado de um documento conciliar, que assume uma visão integrada da sexualidade humana, permitiu a teólogos *revisionistas* desenvolver uma nova antropologia sexual revista, na qual a procriação desempenha um importante papel na relação conjugal, não sendo, porém, o único aspecto da sexualidade humana, muito menos o aspecto predominante.

Dentre os vários teólogos que propõem uma revisão da antropologia sexual tradicional, focada no ato individual, para uma antropologia substancial da pessoa, está Karl Rahner. Podemos dizer que será na antropologia de Karl Rahner (1984) que vamos encontrar as raízes fundacionais de uma Antropologia Sexual Católica Revisionista⁵⁹. Ele afirma que duas dimensões são essenciais na antropologia: a pessoa humana, além de ser *livre*, é também *histórica*. Esses dados “existenciais” são úteis para fazer a passagem de uma moralidade

⁵⁹ Esse conceito foi cunhado na seguinte obra: SALZMAN, Todd A; LAWLER, Michael G. Moralidade Sexual Unitiva: Um princípio fundacional revisto e a antropologia. In: SALZMAN, Todd A; LAWLER, Michael G. **A pessoa sexual**: por uma antropologia católica renovada. São Leopoldo (RS): Unisinos, 2012. p. 179-227.

centrada no *ato* para uma moralidade centrada na *relação*. Além disso, essas dimensões fundamentam, existencialmente, a noção de bens básicos ou valores fundamentais⁶⁰.

Portanto, Rahner aceita a virada kantiana para o sujeito e as implicações dessa virada, na passagem de uma teoria centrada no Cosmos para uma teologia centrada na pessoa. Reconhece-se, assim, que a pessoa humana-sujeito, na sua totalidade, tem a sua natureza essencial fundamentada na sua liberdade transcendental. Esta

É condição do sujeito de ser responsável por si próprio, de modo que a liberdade em sua natureza fundamental tem a ver com o sujeito como tal e como um todo. Em liberdade real, o sujeito sempre se interpreta, se compreende e se posiciona. Essencialmente ele não faz alguma coisa, mas faz a si próprio (Rahner, 1984, p. 94).

Logo, tal liberdade fundacional não é uma liberdade *de*, mas uma liberdade *para*. É responsabilidade designada para *o*, e realizada *no* amor a Deus e ao próximo. Assim, ele estabelece uma distinção entre Liberdade transcendental e Liberdade categórica. A categórica é uma escolha de ações particulares. Escolhemos ir pescar, brincar com nossos filhos ou ler um livro. Essas escolhas pertencem à categoria dos atos. Já a Liberdade transcendental, que é distinta, porém intrinsecamente relacionada à liberdade categórica, está no centro do nosso ser e pertence à nossa escolha fundamental de estar em relação com *Deus* como sujeito. A liberdade é transcendental em relação ao sujeito transcendental, que torna possível as escolhas categóricas. “Ações livres podem fazer surgir de fora a essência mais íntima que não nos afeta tanto quanto nos afetam os atos de Liberdade transcendental” (Modras, 1978, p. 74).

A distinção entre Liberdade transcendental e categórica e a sua aplicação ao pecado mortal registram a passagem de uma moralidade centrada no ato para uma moralidade centrada na relação. As questões mais importantes da moralidade não são quais atos uma pessoa faz ou não. A questão fundamental é como a pessoa define a si própria em relação a Deus, a si mesma e aos outros. Rahner observa que,

precisamente porque o ser humano é um ser de muitas camadas, por não ser precisamente a pessoa formalizada de modo abstrato, que se pode tão facilmente imaginar que ela seja na teologia moral, precisamente por ser interpretado como se fosse camadas, que começam em uma essência interior e vão se retornando mais externas, e porque ativações (até mesmo livres) podem brotar de muitas camadas distintas, suas escolhas categóricas refletem muitas camadas, inclusive, periféricas, e não definem quem ele é em sua essência (Rahner, 1984, p. 113).

⁶⁰ Sugerimos o seguinte texto para aprofundamento da proposta antropológica de Rahner: RAHNER, Karl. O ouvinte da Palavra. In: RAHNER, Karl. **Curso Fundamental da Fé**. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 37-59.

Parte do debate entre os teólogos de linha tradicional e revisionistas sobre a natureza da opção fundamental⁶¹ em relação aos atos particulares gira em torno do modo como se compreende um ato. Ambas as escolas concordariam que “o adultério pode ser um pecado mortal, mas os tradicionalistas o definem como ato isolado e os revisionistas o definem como uma série de atos que expressam a liberdade transcendental” (Salzman; Lawler, 2012, p. 143). Uma série de atos – investidas, infidelidades, egoísmo – normalmente precede o verdadeiro ato do adultério. “Tais atos refletem um compromisso básico da pessoa como sujeito expressado no espaço e no tempo, mas envolvem mais radicalmente um compromisso fundamental negativo ou positivo em relação ao sujeito infinito” (Salzman; Lawler, 2012, p. 143).

É com base nesses pressupostos antropológicos que, tanto Rahner como outros teólogos revisionistas, irão apresentar uma compreensão da dimensão *procriativa* da sexualidade humana em termos da totalidade do relacionamento interpessoal. Numa perspectiva personalista, a antropologia sexual católica revisionista enfatizará a consciência histórica, a particularidade dos bens básicos e a pessoa, as normas que refletem essa particularidade e uma moralidade centrada na relação. A consciência histórica rejeita a visão estática da pessoa. O ser humano é infinitamente mais complexo do que um ato isolado pode revelar e, portanto, não podemos afirmar que ele possa cometer um pecado mortal em um ato categórico isolado. Para os teólogos revisionistas, a moralidade é centrada na relação. Como afirma Curran:

A opção fundamental não é um ato independente, mas a determinação do sujeito que realiza atos categóricos particulares. O pecado mortal envolve a opção fundamental no nível transcendental e não pode ser identificado como um ato categórico (Curran, 1999, p. 97).

A partir da perspectiva ético-sexual personalista, a diferenciação sexual e sua relação com o aspecto da *procriação* é um dos elementos da sexualidade, mas não a esgota. Os seres humanos são seres finitos, são capazes de inconsistências, e suas escolhas categóricas não refletem, necessariamente, sua postura fundamental. A essência da identidade humana é definida pela liberdade transcendental em relação a *Deus* e ao próximo. Uma teologia da Liberdade transcendental enfatiza a relação e o impacto das escolhas concretas sobre os

⁶¹ Karl Rahner irá evoluir para teoria da opção fundamental de Josef Fuchs. A Congregação para a Doutrina da Fé concorda que “Na realidade, é sem dúvida a opção fundamental que define, em última análise, a disposição moral de uma pessoa (*Persona Humana*, 1975, nº 10). A opção fundamental é geralmente utilizada para explicar o pecado mortal (opção fundamental negativa) e a completude espiritual (opção fundamental positiva). Um debate presente na teologia moral católica contemporânea é se uma pessoa pode ou não cometer um pecado mortal. Isto é, exercer uma função fundamental negativa em um ato isolado. Uma moralidade centrada no ato está focalizada na determinação de quais atos constituem um pecado tal e quais não. (FUCHS, Josef. **Teologia moral segundo o Concílio**. São Paulo: Herder, 1968).

relacionamentos como um todo. Esses serão os princípios antropológicos da teologia de Karl Rahner, nos quais Todd A. Salzman e Michael G. Lawler irão apresentar a “complementaridade holística” e, em decorrência, a consequente compreensão mais ampla e a nova abordagem dos “*atos sexuais*”. Isso irá, também, permitir outra compreensão dos *atos sexuais homossexuais* que, *ipso facto*, são categorizados como pecaminosos pelo Magistério Católico. Vamos, em princípio, apresentar o que esses autores definem como “*complementaridade holística*” e as naturais consequências da releitura que se faz da compreensão dos *atos sexuais*.

3.4.1 Os atos sexuais na complementaridade holística de Todd A. Salzman e Michael G. Lawler

Com base na antropologia católica revisionista, Salzman e Lawler apresentam a *complementaridade holística*. Essa é, segundo eles, o *princípio fundacional da sexualidade humana* (Salzman; Lawler, 2012). E isso possibilita uma releitura, tanto da complementaridade de orientação sexual, como dos atos sexuais.

Desse modo, sugerimos que é um componente essencial de um princípio ético sexual revisto, deve ser uma compreensão mais profunda do prazer e da sua função na sexualidade humana e a elaboração de parâmetros para a sua expressão responsável e moral. Uma investigação desse tipo discutirá as preliminares e outros tipos de intimidade sexual que levam ao orgasmo como expressões morais legítimas da intimidade sexual, bem como ampliará os parâmetros do ensinamento tradicional que limita o orgasmo ao intercuro vaginal e heterossexual (Salzman; Lawler, 2012, p. 186).

O ato sexual tem muitos outros componentes além do genital. A dimensão genital não é garantia absoluta de que o ato sexual seja humano. Para tal, requer-se também união física entre as pessoas, união afetiva, espiritual e pessoal. Trata-se de ampliar a compreensão de complementaridade, levando em conta as demais dimensões da sexualidade humana: física, emocional, psicológica, espiritual e relacional. Tais dimensões da pessoa sexual refletem, como abordado anteriormente, o princípio fundacional da sexualidade humana que se ancora numa antropologia sexual holística. Reduzir a sexualidade humana à complementaridade heterogenital é reduzi-la a um dos seus aspectos. Ela é necessária para a *reprodução*, porém não para a conexão sexual, afetiva, espiritual e pessoal entre duas pessoas.

Uma vez que o *ato sexual* é assim compreendido, Salzman e Lawler ampliam também a compreensão de complementaridade, dizendo que “o ponto de partida da complementaridade afetiva não é o *genital*, mas a *pessoa humana sexual*, seja ela de orientação heterossexual ou

homossexual” (2012, p. 214-215). A complementaridade afetiva é a “unidade dos dois”, na qual os elementos afetivos (biológicos, psicoafetivos, sociais e espirituais) completam um ao outro. E isso provém da compreensão de que a sexualidade traz, em si, possibilidades de várias complementaridades, pois é algo que, no ser humano, só pode ser captado na sua riqueza e complexidade, a partir de uma compreensão holística:

Nosso princípio de complementaridade holística, que inclui a complementaridade de orientação sexual como um de seus tipos, abraça a totalidade e a complexidade da pessoa humana, bem como reconstrói a complementaridade genital para que esteja em diálogo com, e totalmente, a serviço da complementaridade pessoal e de orientação (Salzman; Lawler, 2012, p. 215).

A compreensão holística da sexualidade abrirá, também, para uma abordagem dos *atos* sexuais para além do aspecto meramente genital ou justificado apenas no paradigma da sexualidade heterossexual. O ser humano carrega também a dimensão psicossocial. Isso significa reconhecer que a pessoa humana, no exercício da sua sexualidade, precisa exercitar a relação consigo mesma, e de modo integrado com as várias relações que fazem parte da existência humana. E esse é o diferencial que irá fazer o *ato sexual* ser verdadeiramente humano: ser integrado à pessoa como um todo, em suas várias dimensões. A sexualidade é um modo de ser das pessoas. Através dela, elas manifestam-se aos outros, comunicam-se. Reconhecer isso significa também afirmar que o seu desenvolvimento integral vincula o amadurecimento humano. Isso encontra ressonância na Declaração *Persona Humana*, sobre alguns pontos de ética sexual, da Congregação para a doutrina da Fé:

A pessoa humana, segundo os dados da pesquisa científica contemporânea, é tão profundamente afetada pela sexualidade, que esta deve ser considerada como um dos fatores que conferem à vida de cada um dos indivíduos os traços principais que a distinguem. É do sexo, efetivamente, que a pessoa humana recebe aqueles caracteres que, no plano biológico, psicológico e espiritual, a fazem homem e mulher, condicionando por isso, em grande escala, a sua consecução da maturidade e a sua inserção na sociedade (*Persona Humana*, 1975, nº 1).

Uma vez compreendido assim, os *atos sexuais verdadeiramente humanos* vão muito além do *ato genital e procriativo*, pois o seu sentido perpassa as várias dimensões de realização da própria sexualidade humana. Isso interferirá também na compreensão do que se entende por *orientação sexual*. Essa expressão é complexa, e não há um consenso universal em torno desse conceito⁶². Mas podemos afirmar que, em linhas gerais, a *orientação sexual* é a dimensão da

⁶² Para um aprofundamento dessa temática reportamos à subseção do capítulo 2 intitulada “Antropologia sexual da NTDN: uma crítica”. In: SALZMAN, Todd A; LAWLER, Michael G. **A Pessoa Sexual**: Por uma antropologia católica renovada. São Leopoldo (RS): Unisinos, 2012. p. 98-111.

sexualidade humana que dirige os desejos e as energias sexuais de uma pessoa e atrai para relacionamentos humanos mais profundos e sexualmente mais íntimos. Nugent (1988, p. 55) define a orientação sexual como “atração psicosexual (erótica, emocional e afetiva) por pessoas individuais e particulares” do sexo oposto ou do mesmo sexo, dependendo de a *orientação* ser heterossexual ou homossexual. Para Salzman e Lawler (2012, p. 213), é consenso na comunidade científica que a *orientação sexual*, heterossexual ou homossexual, consiste em uma atração psicosexual que a pessoa não escolhe e, portanto, não pode mudar. Isso significa que, por ser vivenciada como algo já dado e não como algo livremente escolhido, a *orientação sexual* de uma pessoa faz parte da sua *identidade* e jamais pode ser mudada ou receber algum tipo de juízo moral. Para se falar de moralidade é, antes, pressuposta uma liberdade de escolha.

Nesse impasse, Salzman e Lawler propõem que a complementaridade necessária para que um *ato sexual* seja verdadeiramente humano será a “*complementaridade holística*”. Para ambos, essa complementaridade une as pessoas física, afetiva, espiritual e pessoalmente sob o guarda-chuva da *orientação sexual* de uma pessoa. A complementaridade heterogenital, segundo os autores, é necessária para a reprodução, mas não significa ser necessária para a conexão sexual, afetiva, espiritual e pessoal entre duas pessoas. Observam os autores que os “atos sexuais verdadeiramente humanos requerem genitais humanos, sejam eles férteis ou inférteis” (Salzman; Lawler, 2012, p. 214).

Quando se refere a casais de orientação heterossexual, a complementaridade pessoal é personificada, manifesta, cultivada e intensificada por meio do uso de seus genitais. Para os casais de orientação homossexual, ela é também personificada, manifesta, alimentada e intensificada por meio do uso de seus genitais. A complementaridade de orientação personifica e julga a complementaridade genital no contexto da complementaridade pessoal. Para os autores, o ponto de partida da complementaridade afetiva é a “unidade dos dois”⁶³, na qual os elementos afetivos masculinos e femininos (biológicos, físicos, afetivos, sociais e espirituais) complementam um ao outro. Logo, o que faz a complementaridade afetiva não é o genital, mas a pessoa humana sexual, seja ela de orientação heterossexual ou de orientação homossexual. A pessoa humana, seja heterossexual, homossexual ou bissexual⁶⁴, pode viver a

⁶³ Reconhecem os autores que não é objeto específico de seu trabalho e nem mesmo no modelo do Magistério a questão de *como* esses elementos complementam um ao outro em um *ato sexual verdadeiramente humano*. Tal questão necessita ser mais amplamente desenvolvida.

⁶⁴ A orientação bissexual das pessoas careceria também de maior aprofundamento, porém foge da proposta dos autores e do objeto desta pesquisa.

complementaridade afetiva e genital, realizar-se assim, mesmo sem a *complementaridade reprodutiva biológica*.

À luz desse paradigma, a compreensão de complementaridade heterogenital é revista. Ela deixa de ser *condição* para que haja a complementaridade pessoal. A complementaridade genital, na verdade, pode ser determinada somente à luz da complementaridade de orientação (Salzman; Lawler, 2012, p. 215). Isso significa afirmar que, em um ato sexual verdadeiramente humano, os genitais estão a serviço da complementaridade pessoal, podendo ser masculinos, masculinos e femininos, femininos ou masculinos e femininos, a depender da *orientação pessoal* individual ser homossexual ou heterossexual. Ao defender o princípio da *complementaridade holística*, os autores afirmam que ela inclui, também, a complementaridade de *orientação sexual* como um de seus tipos, abraça a totalidade e a complexidade da pessoa humana. A *complementaridade genital* é chamada ao diálogo e ao serviço da complementaridade pessoal e de *orientação*. No horizonte desse paradigma, Salzman e Lawler (2012, p. 224) pontuam que não se pode afirmar categoricamente que *todo ato homossexual* seja moralmente incorreto, nem muito menos que *todo ato heterossexual*, em princípio, seja correto. Logo, considerando esses princípios de releitura, seja da *complementaridade*, da *orientação sexual* e do *ato sexual* no paradigma da sexualidade humana holística, é possível reconsiderar, significativamente, os *atos homossexuais* de outra maneira que não a da tradicional condenação *ipso facto*.

O que tais conclusões interferem na compreensão da condenação dos *atos* homossexuais defendidos pelo magistério católico atual? Faremos uma breve exposição, trazendo elementos importantes que podem ajudar numa releitura das condenações, *ipso facto*, de qualquer ato homossexual, quando esses são abordados a partir da complementaridade holística.

3.4.2 Os atos homossexuais compreendidos a partir da complementaridade holística

Para o catolicismo, “a Tradição sempre declarou que ‘os atos de homossexualidade’ são intrinsecamente desordenados”. Tal desordem provém de que eles “são contrários à lei natural”. Esses atos, segundo o catecismo, não podem gerar uma nova vida. E, por isso, estão tolhidos “de uma verdadeira complementaridade afetiva sexual”. Portanto, sob essas premissas, o Catecismo afirma que os atos homossexuais, sem nenhuma exceção, não podem ser aprovados (CI, 1992, nº 2357). Para o Magistério Católico, a heterossexualidade é a norma pela qual todos os demais atos sexuais são julgados e condenados. No documento que a Congregação da

Doutrina da Fé escreveu aos bispos, no ano de 1986, acerca do atendimento pastoral das pessoas homossexuais, salta aos olhos tal compreensão:

É necessário precisar que a particular inclinação da pessoa homossexual, embora não seja em si mesma um pecado, constitui, no entanto, uma tendência, mais ou menos acentuada, para um comportamento intrinsecamente mau do ponto de vista moral. Por este motivo, a própria inclinação deve ser considerada como objetivamente desordenada (CDF, 1986, nº 1).

O documento faz uma distinção entre *particular inclinação* que não é algo escolhido e os *atos homossexuais*, em que existe a possibilidade de o sujeito escolher praticá-lo ou não. Embora a inclinação homossexual seja “objetivamente desordenada”, ainda que não pecaminosa, os atos homossexuais são “intrinsecamente desordenados” e pecaminosos (CDF, 1986, nº 3). São condenados por não exibirem a *complementaridade heterogenital e reprodutiva* e, por não exibirem essas complementares biológicas, eles são, *ontologicamente*, incapazes de realizar a complementaridade pessoal, independentemente do significado do ato para um casal homossexual⁶⁵.

Esse argumento parte da seguinte lógica: Uma vez que os *atos* homossexuais, frequentemente, estão fechados à complementaridade reprodutiva, eles são incapazes de realizar os envolvidos nesse ato que, por si, tende naturalmente à reprodução de outro ser⁶⁶. Ora, o paradigma antropológico da sexualidade humana que está a sustentar essa conclusão é a exclusividade da complementaridade heterogenital. Essa é estabelecida como o teste decisivo para determinar se um ato sexual pode ou não satisfazer a complementaridade pessoal e, portanto, ser “verdadeiramente humano”. Não há dúvida de que os atos sexuais verdadeiramente humanos, necessariamente, devem e têm que incluir a complementaridade pessoal. Porém, para o Magistério Católico, a complementaridade pessoal não é suficiente para um ato sexual ser verdadeiramente humano. A condição primeira e fundacional para isso é a complementaridade heterogenital. Logo, uma vez que falta aos atos homossexuais a

⁶⁵ Já em seu terceiro parágrafo, o documento volta à questão dos atos homossexuais enquanto atos “privados de sua finalidade essencial e indispensável” e expressa taxativamente: “a particular inclinação da pessoa homossexual, apesar de não ser em si mesma um pecado, constitui um comportamento intrinsecamente mau do ponto de vista moral. Por este motivo, a própria inclinação deve ser considerada como objetivamente desordenada” (Cf. Congregação para a Doutrina da Fé. “Carta aos Bispos sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais”. Nº 3, 1986).

⁶⁶ Com a evolução da ciência, da tecnologia e da psicologia, a geração de filhos ganha possibilidades e visão bem mais amplas que o modelo e a concepção tradicionais, em que se dá por um homem e uma mulher heterossexuais. São várias as possibilidades de gestação artificiais. Além também da ampliação do conceito de paternidade e maternidade, que é compreendido para além do aspecto biológico. E, por fim, hoje existe a possibilidade que os casais, tanto heterossexuais como homossexuais, têm da adoção de crianças. (Nota do autor).

complementaridade heterogenital, esses serão atos que jamais podem ser *verdadeiramente humanos*.

Como estamos a descrever, a releitura dos atos sexuais e da complementaridade na perspectiva holística de Salzman e Lawler traz elementos que, em princípio, repensam consideravelmente essa sustentação por parte do Magistério Católico. Esses elementos já foram assimilados por muitos teólogos moralistas e concretizados na pastoral por várias lideranças católicas em relação a esses fiéis.

No paradigma da *complementaridade holística*, não é possível afirmar que todo ato homossexual é intrinsecamente desordenado. Primeiro porque, como afirmaram os autores, a orientação sexual de uma pessoa não pode mais ser considerada *ipso facto*, intrínseca ou objetivamente desordenada. Segundo, porque existem outros elementos na pessoa humana que significam o ato sexual para além do *genital* e do *reprodutivo*. Isso não significa desconhecer a importância e a relevância da complementaridade genital na determinação da moralidade dos atos sexuais verdadeiramente humanos. Contudo, essa moralidade não pode ser mais compreendida como *única e exclusiva* e como fator primordial do uso dos genitais nos atos sexuais. O que conferirá moralidade no uso dos genitais nos atos sexuais será, conforme Salzman e Lawler (2012, p. 214), a *complementaridade pessoal de orientação*.

O terceiro aspecto, que pode ser relido à luz do que os autores propõem, vem como consequência dessa última observação. O Magistério Católico atual afirma que, tanto para as pessoas homossexuais quanto heterossexuais, deve haver uma relação intrínseca entre a complementaridade biológica e pessoal, em que a complementaridade heterogenital é primordial e fundacional. Consequentemente, certos atos sexuais são, de princípio, imorais por violarem a complementaridade heterogenital. Isso, independentemente da *orientação sexual* e do significado relacional do ato para a complementaridade pessoal. A *complementaridade holística* amplia de modo significativo essa compreensão. O que deve servir de base para as normas sexuais é a integração do relacionamento entre complementaridade de orientação pessoal e biológica. Tanto para as pessoas heterossexuais como para as homossexuais, a complementaridade de *orientação* e a complementaridade *pessoal* são primordiais. Elas determinam o que constitui uma complementaridade genital *autêntica* em um ato sexual particular. Na complementaridade de orientação heterossexual, a complementaridade genital *autêntica* seria do tipo masculino-feminino. E na de orientação homossexual, seria masculino-masculino ou feminino-feminino. Na *complementaridade holística*, os autores afirmam que a complementaridade de *orientação* e a complementaridade *pessoal* constituem as dimensões

fundacionais para a relação integrada entre complementaridade de orientação *peçoal* e *biológica*.

Consequentemente, *complementaridade holística* implica na compreensão de que os atos sexuais não reprodutivos são moralmente lícitos. Embora esses atos violem a complementaridade reprodutiva, eles não violam, em si, a complementaridade pessoal nem diminuem o florescimento humano. Na perspectiva antropológica proposta pelos autores, o ato sexual verdadeiramente humano é um ato que facilita a *complementaridade holística*. Ele pode ou não incluir a complementaridade reprodutiva em um determinado ato. É indiscutível que podemos argumentar racionalmente que os atos sexuais reprodutivos possam constituir a expressão ideal da sexualidade humana. Contudo, tal lógica racional também não pode justificar o julgamento de que todo ato sexual que não manifeste esse ideal seja moralmente errado. Na experiência humana, existem outros tipos de atos sexuais que conduzem ao orgasmo e que não são necessariamente os reprodutivos. Estes podem, do mesmo modo, facilitar a complementaridade pessoal e o florescimento humano.

Em síntese, à luz do que Salzman e Lawler (2012, p. 212) propõem, as normas morais sexuais e os atos sexuais verdadeiramente humanos ganham amplitude de visão. Para os autores, as normas morais sexuais devem ser formuladas e os atos sexuais verdadeiramente humanos devem ser definidos à luz de uma antropologia teológica revista, fundamentada na *complementaridade holística* e não apenas na *complementaridade heterogenital*. E uma vez que a orientação sexual de uma pessoa consiste em uma dimensão fundamental da dimensão concreta e normativamente humana do seu ser, os atos sexuais específicos devem ser formulados e aplicados à luz dessa nova orientação. As normas morais devem objetivar a integração da complementaridade holística (orientação, pessoal e genital). Tal integração não leva em conta a condenação absoluta de atos sexuais particulares, sem a devida consideração da *orientação sexual* da pessoa e o significado desse *ato sexual* para essas pessoas no relacionamento, ou seja, na complementaridade pessoal, que é expressa na complementaridade genital e através dela.

Em que aspectos os atos sexuais na complementaridade holística de Todd A. Salzman e Michael G. Lawler contribuem com a nossa pesquisa, que procura abordar os sujeitos homossexuais católicos e sua identidade sexual? Os autores propõem um necessário caminho do discernimento responsável na área da atividade sexual. Isso contribui para uma revisão da reflexão atual do catolicismo sobre os *atos* homossexuais. Contribui, também, para uma adequada compreensão das pessoas homossexuais, para vencer preconceitos e facilitar a sua inclusão sem resistências à sua condição.

Através do discernimento responsável, podemos caminhar em direção da integração madura da sexualidade de uma pessoa, seja ela heterossexual ou homossexual. Os atos sexuais serão a expressão dessa sexualidade, de uma maneira que facilite um florescimento verdadeiramente humano no relacionamento com aqueles que amamos, inclusive com o Deus que criou todas as pessoas como pessoas sexuais em primeiro lugar (Cf. Salzman; Lawler, 2012, p. 226-227). Isso significa dizer igualdade, liberdade idêntica, livre mutualidade e compromisso mútuo entre os parceiros. O ato sexual será verdadeiramente humano exibindo a complementaridade holística. Para Salzman e Lawler (2012, p. 220), tendo por base o que chamam de *revisão do princípio ético fundacional*, alguns atos heterossexuais e homossexuais, aqueles que atendem aos requisitos dos atos sexuais de *complementaridade holística*, justos e amorosos, são verdadeiramente humanos. Logo, independentemente da sua *orientação* sexual, uma pessoa pode realizar um ato sexual moralmente humano, não contrariando a sua essência.

Em segundo lugar, é possível reconsiderar o modelo proposto pelo catolicismo de um único paradigma ideal da sexualidade. O paradigma da sexualidade é acentuado, de modo exclusivo e único, na complementaridade heterorreprodutiva. Mas sabemos que as relações sexuais humanas são, ao mesmo tempo, ricas e complexas. A proposta de Salzman e Lawler (2012) formula como norma a *complementaridade holística*. Será ela a determinar se um ato sexual é ou não imoral. Tanto para uma pessoa heterossexual quanto para uma homossexual, um ato sexual será verdadeiramente humano, se for afetuoso, honesto, comprometido, justo e amoroso. E será, por sua vez, expresso pessoalmente com a genitália masculina-feminina ou masculina-masculina, feminina-feminina. E o contrário é também verdadeiro. O julgamento na moral cristã, segundo esses autores, não deve ser uma aplicação crua de princípios morais abstratos, mas determinado por uma cuidadosa “hermenêutica” do modo como esses princípios se aplicam aos relacionamentos humanos reais e concretos.

Um terceiro aspecto está nas reais aceitações e efetivas mudanças, por parte da perspectiva católica, dessas premissas revisionistas da moral sexual. Sabemos que tal proposta traz em si um grande desafio. É uma mudança paradigmática na antropologia bíblica judaico-cristã, embora, nesse quesito, também a exegese atual já tenha dado grandes contribuições de releitura antropológica bíblica das narrativas da criação do ser humano. A proposta é sair das normas predominantemente centradas no *ato* para normas holísticas centradas na *relação*. E as relações nem sempre podem oferecer diretrizes claras como desejaríamos. No quesito moral, há uma tendência de obtermos respostas claras, simples e sem ambiguidades para questões complexas. Isso incorre, muitas vezes, em compreensões inadequadas da realidade complexa dos relacionamentos humanos e das questões que esses suscitam.

Uma quarta consequência dessa reflexão, seja por parte dos autores aqui apresentados, seja por muitos outros teólogos, moralistas e biblistas, é que existe objetivamente uma compreensão da homossexualidade, por parte da moral sexual católica, como dimensão *desordenada*, de princípio, da sexualidade dessas pessoas. Tal ponto de partida, além de gerar muito sofrimento nos sujeitos homossexuais, contribui também para o aumento do preconceito. O combate ao preconceito e à discriminação requer mudanças estruturais a serem promovidas também por essa tradição religiosa. E, nesse quesito, não estamos a afirmar que a própria consciência torna algo correto. Pelo contrário, se se trata da área do conhecimento falível, uma consciência bem-informada pode discordar do ensinamento oficial do *magistério católico*. E, ainda que exista esse princípio, não acreditamos que seja saudável a discrepância entre o real da vida dos católicos homossexuais e o ensinamento *hierárquico*. Ainda que um católico possa, no seu discernimento, diante de Deus, em consonância com a sua consciência, aceitar a sua sexualidade homossexual, o discurso oficial da *igreja católica*, através do *magistério*, tende a continuar alimentando, no imaginário dos católicos e da sociedade em geral, a discriminação, o preconceito e a compreensão de que essas pessoas não podem ser aceitas ou viver de modo integrado à sua condição homossexual.

Por fim, como demonstramos, além desses aspectos da teologia moral, há um questionamento geral e sistemático dos ensinamentos sexuais morais tradicionais do catolicismo à luz das ciências humanas, da renovação bíblica e teológica. É fato que a condenação dos *atos* homossexuais não é mais consenso dentro do próprio catolicismo contemporâneo, seja por parte de quem exerce o *magistério hierárquico*, seja por parte de teólogos, biblistas, moralistas e dos próprios fiéis católicos. Essa crise é atenuada, em parte, pelo reconhecimento proposto por muitos teólogos católicos de que o fiel católico pode discordar desse ensinamento oficial, não infalível da Igreja, e ainda assim continuar sendo um católico. O problema é que existem questões, e essas, especificamente, não podem ser resolvidas só no âmbito da consciência. Por exemplo, quando se trata do reconhecimento das uniões civis dos católicos homossexuais ou mesmo da adoção de filhos por eles e a participação plena desses na comunidade cristã católica e no acesso aos sacramentos.

Não obstante, é mister ressaltar que existem estudos sérios, argumentando que o ensinamento católico, nessa matéria, precisa de uma reavaliação, se deseja fidelidade e coerência científica dos seus argumentos. A imoralidade de “todos os atos homossexuais”, com base em uma interpretação classicista e a-histórica da natureza, é algo que precisa ser relido à luz da antropologia atual e da complementaridade holística. Disso decorre a aceitação da

possibilidade de esses atos serem, também, capazes de proceder de uma genuína complementaridade afetiva e sexual.

Até aqui procuramos, em linhas gerais, apresentar a questão da homossexualidade no catolicismo contemporâneo, assumindo três aspectos que têm relevância para o debate atual da questão: o aprofundamento da exegese atual dos textos bíblicos, que *o magistério católico* cita como fundamentação para a condenação dos atos homossexuais, e as possíveis releituras a partir da nova exegese; em seguida, apontamos as teorias científicas que foram cunhadas para explicar o fenômeno da homossexualidade como doença, bem como a contribuição das mesmas, especialmente as humanas, que evoluíram na compreensão dessa condição sexual, levando a OMS a retirar a homossexualidade do catálogo de doença como distúrbio e, por fim, as razões de aceitação, não só da orientação homossexual, como também dos atos homossexuais como uma variante da sexualidade humana, levando em conta os argumentos da *tradição católica* e apresentando novas perspectivas da homossexualidade a partir da antropologia personalista e holística.

Na segunda parte da nossa pesquisa, que consiste nos capítulos 4 e 5, descreveremos sobre os sujeitos católicos homossexuais dos grupos pastorais da *Diversidade Sexual* e do *Apostolado Courage*. Isso possibilitará possíveis leituras dessas experiências. Apresentaremos, também, as percepções que temos, a partir do acompanhamento de pessoas homossexuais católicas há trinta anos, através do nosso exercício ministerial dentro da *igreja católica*. Será possível compreender e considerar aspectos no processo por que passam esses sujeitos ao tentarem elaborar a sua identidade homossexual dentro do catolicismo.

PARTE II: OS SUJEITOS CATÓLICOS HOMOSSEXUAIS DOS GRUPOS PASTORAIS DA DIVERSIDADE SEXUAL E DO APOSTOLADO *COURAGE*

Refletir sobre a homossexualidade é levar em conta o sofrimento de uma parcela significativa da sociedade. Sabemos que a religião é um dos campos mais fecundos para a relação de sentido das várias dimensões da vida humana e, dentre esses, a sexualidade. O catolicismo é uma das fontes desse sentido na vida de muitos sujeitos. A riqueza espiritual, ética, social, familiar e cultural dessa tradição religiosa incide na sociedade contemporânea. Contudo, a sua abordagem sobre a homossexualidade não deixa de provocar sofrimento na vida de seus fiéis que se declaram homossexuais, bem como na dos que a estes estão ligados, como os seus familiares, seus amigos ou seus companheiros. Portanto, a segunda parte da nossa pesquisa quer demonstrar a relação dos sujeitos homossexuais católicos que participam dos grupos pastorais *Apostolado Courage* e *Diversidade Sexual* com essa tradição religiosa, com o intuito de tentar compreender como eles elaboram a sua identidade sexual. Para isso, nos perguntamos: que tipo de respostas pastorais existem no catolicismo contemporâneo para os sujeitos que se identificam como católicos e homossexuais? Quem são esses sujeitos católicos que estão nesses grupos pastorais? Como os sujeitos católicos elaboram a sua identidade homossexual dentro do catolicismo, a partir da sua pertença a esses grupos? Para respondê-las, faremos uso da metodologia da pesquisa de campo, tendo como ferramenta o questionário.

A pesquisa de campo tem como objetivo angariar “informações e/ou conhecimento sobre o problema para o qual se procura uma resposta, uma hipótese que se queira comprovar ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou relações entre eles” (Marconi; Lakatos, 2012, p. 69). Faremos uma abordagem de *estudo de caso*, concentrando-nos sobre os dois grupos católicos que trabalham com pessoas homossexuais e que se declaram católicas: o grupo da *Diversidade Sexual* e o *Apostolado Courage*. Ambos têm grupos (células) em várias regiões do Brasil e em vários países⁶⁷.

Segundo Robert K. Yin (2001), o estudo de caso permite uma verificação que resguarda as características mais importantes dos eventos pesquisados. Ele cita como exemplos “ciclos

⁶⁷ Conforme o *site* oficial do *Apostolado Courage* no Brasil, eles têm grupos, designados como “células”, nas seguintes localizações: São Paulo, Santo André, Franca, Ribeirão Preto, Ourinhos, Rio de Janeiro, Petrópolis, Belo Horizonte (Região Sudeste); Curitiba e Londrina (Região Sul); Brasília (Região Central); Fortaleza (Região Nordeste); Belém (Região Norte). Courage Brasil. Disponível em: <https://www.couragebrasil.com/celulas-do-courage>. Acesso em: 18 jun. 2023. A rede nacional de grupos católicos LGBT, no seu *site* oficial, cita os vários grupos que compõem a mesma por todo o Brasil: São Paulo – SP (Itaquera); São Paulo – SP (Belém); Campinas – SP; Guarulhos – SP; Ribeirão Preto – SP; Rio de Janeiro – RJ; Duque de Caxias/São João de Meriti – RJ; Belo Horizonte – MG; Passos – MG; Curitiba – PR; Maringá – PR; Brasília – DF; Fortaleza – CE; Iguatu – CE; - Recife – PE; Teresina – PI; São Luís – MA; Mossoró – RN. Disponível em: <https://redecaticoslgbt.com.br/onde-estamos/>. Acesso em: 17 jul. 2024.

de vida individuais, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de alguns setores” (Yin, 2001, p. 21). É um método de pesquisa que utiliza, geralmente, dados qualitativos, coletados a partir de eventos reais, com o objetivo de explicar, explorar ou descrever fenômenos atuais inseridos em seu próprio contexto. Para Freitas e Prodanov (2013, p. 60),

O estudo de caso consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa. É um tipo de pesquisa qualitativa e/ou quantitativa, entendido como uma categoria de investigação que tem como objeto o estudo de uma unidade de forma aprofundada, podendo tratar-se de um sujeito, de um grupo de pessoas, de uma comunidade etc.

O estudo de caso vai além de um simples exemplo. Ele trabalha com grupos com uma identidade, visando descobrir novos aspectos, dimensões ou elementos, ligados a um fato relevante. É possível, através desse método, colher significativas informações, permitindo que os dados (informações relacionadas ao problema e às hipóteses da pesquisa) possam ser apresentados sob vários aspectos (fotos, gráficos, tabelas). A coleta desses dados se traduz em informações sobre um ou vários casos particularizados. A técnica que se utiliza para o estudo de casos é a entrevista (Barros; Leheld, 2007).

A entrevista é uma conversa ordenada. Realiza-se através de um encontro face a face entre duas pessoas. Sua finalidade é obter informações de cunho profissional de uma determinada temática (Minayo, 2010). Ela também favorece uma investigação de opiniões, modo de ser, crenças, valores e conhecimentos que contribuirão na argumentação do tema proposto. Para Haguette (1997, p. 14), “a entrevista é definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”.

Além de estar direcionada aos objetivos específicos do pesquisador, a entrevista produz o aprofundamento e a riqueza das informações que se espera da metodologia. Podem ser entrevistas estruturadas, semiestruturadas ou abertas (Lakatos, 1996) que permitem um maior aprofundamento e riqueza de detalhes. Na entrevista estruturada, as perguntas são fechadas e o entrevistador segue rigorosamente o que está formulado. Nas abertas, as perguntas são amplas e podem captar o máximo de informações com o maior detalhamento possível. Finalmente, na semiestruturada, embora exista um conjunto de questões previamente definidas, o entrevistador não fica restrito a elas, dando ao entrevistado liberdade para discorrer sobre o tema proposto e

conduzir a conversa. O roteiro de perguntas é um guia para evitar lacunas (Triviños, 1987). Utilizamos na pesquisa a metodologia da entrevista semiestruturada, através de questionários.

O questionário, segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” O mesmo autor supracitado (p. 128/129) apresenta as seguintes vantagens do questionário sobre as demais técnicas de coleta de dados: a) possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio *on-line*; b) implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores; c) garante o anonimato das respostas; d) permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente; e) não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado.

As perguntas do questionário foram feitas como abertas e fechadas. As perguntas abertas são aquelas que permitem liberdade ilimitada de respostas ao informante. Nelas poderá ser utilizada linguagem própria do respondente. Elas trazem a vantagem de não haver influência das respostas pré-estabelecidas pelo pesquisador, pois o informante escreve aquilo que lhe vier à mente. Um dificultador das perguntas abertas é também encontrado no fato de haver liberdade de escrita: o informante pode não ter habilidade de escrita, de formatação e de construção do raciocínio. Já as perguntas fechadas trazem alternativas específicas para que o informante escolha uma delas. Têm como aspecto negativo a limitação das possibilidades de respostas, restringindo, pois, as possibilidades de manifestação do interrogado. O questionário teve, ainda, questões dependentes: dependendo da resposta dada a uma questão - se membro ou coordenador do grupo - o entrevistado passou a responder uma ou outra pergunta, havendo perguntas que apenas foram respondidas se uma anterior tiver determinada resposta. Como dito inicialmente, o questionário pode buscar resposta a diversos aspectos da realidade. As perguntas, assim, poderão ter, segundo ensina Gil (1999, p.132), conteúdo sobre fatos, atitudes, comportamentos, sentimentos, padrões de ação, comportamento presente ou passado, entre outros.

As entrevistas foram registradas com a devida informação e aceite dos entrevistados(as), solicitando a assinatura do Termo de Consentimento e submetendo o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas. O questionário abordou os entrevistados(as) em quatro etapas: 1ª - levantamento do perfil dos grupos *Diversidade Sexual* e *Apostolado*

Courage através dos membros que os frequentam, da quantidade de membros, de suas lideranças, de seu funcionamento, de sua organização, de sua metodologia e do significado do nome e do motivo desse; 2ª - levantamento de questionamentos sobre aspectos de natureza social, econômica e escolar dos líderes e membros desses grupos; 3ª - questões relativas à religião católica pessoal e familiar dos membros dos grupos; 4ª - questões quanto à elaboração que os sujeitos fazem da sua identidade homossexual relacionada com o catolicismo.

Nesta segunda parte da nossa pesquisa, iremos apresentar, no capítulo 4, os resultados da pesquisa sobre a metodologia, a argumentação teológico-pastoral, o perfil dos membros e a sua relação com a liderança e a hierarquia católica. Concluiremos a nossa pesquisa fazendo uma síntese pessoal, no capítulo 5, procurando registrar como é possível relacionar a *identidade homossexual* dentro do catolicismo contemporâneo: do conflito à negação, numa possível integração, procurando descrever a questão para além da *reivindicação militante* e do *silêncio pesado da culpa e vergonha*. Finalmente, iremos trazer elementos de reflexão, como síntese do nosso conteúdo pesquisado, à guisa de conclusão, dos aspectos afins, dos contraditórios e dos inovadores da abordagem da homossexualidade na contemporaneidade dos respectivos grupos de pastorais.

CAPÍTULO 4

4 RESPOSTAS PASTORAIS DO CATOLICISMO CONTEMPORÂNEO PARA AS PESSOAS HOMOSSEXUAIS CATÓLICAS

Por que, ao abordamos a homossexualidade, a religião deve ser levada em conta, ainda que ela seja, na maior parte, como uma escolha pessoal? A vivência da homossexualidade é conciliável com a moral sexual católica romana? Que aspectos genuínos da experiência homossexual podem explicitar igualmente a realização sexual afetiva heterossexual? O que as vidas concretas das pessoas homossexuais católicas têm a dizer sobre a doutrina oficial da sua Igreja em relação à sua condição sexual? O que a moral sexual católica apresenta como resposta e meios para as pessoas homossexuais viverem a sua fé nessa condição, colabora para o amadurecimento desses sujeitos? Quais as experiências, positivas e negativas, que as pessoas homossexuais fazem ou fizeram nos grupos católicos que as acolhe (acolheram), nas duas propostas que aqui são apresentadas? Essas perguntas serão abordadas neste capítulo.

Na pastoral contemporânea do catolicismo, temos basicamente três posturas com relação às pessoas homossexuais que frequentam suas comunidades de fé: a primeira e mais comum atitude é de silêncio⁶⁸ total sobre a questão; uma segunda postura é a de ajudar essas pessoas a aceitarem a sua condição⁶⁹ mas, conforme o ensinamento da Igreja, vivendo o celibato e uma terceira, mais atual, fortalecida, sobretudo a partir do pontificado do Papa Francisco, que prima pela acolhida, pelo acompanhamento e pela integração das pessoas homossexuais⁷⁰ na

⁶⁸ Sobre o silêncio da Igreja nessa questão existe uma interessante obra de Donald Cozzens. Reflete com coragem o porquê do medo na Igreja Católica e o porquê de muitas autoridades eclesiais que relutam em reconhecer os problemas atuais dela que vão bem além do desastre dos abusos sexuais pelos sacerdotes: “parece haver muita coisa de que muitos cristãos, e especialmente líderes da Igreja, sentem-se literalmente temerosos. Este livro é uma tentativa de responder à pergunta ‘Do que temos medo?’ e de abordar as questões mais profundas ‘Por que temos medo?’, ‘Por que a Igreja institucional se mostra tão defensiva?’, ‘Por que ela é tão controladora?’, ‘Como uma Igreja que é portadora da Palavra e defensora dos oprimidos pode manter silêncios perversos, negando até mesmo a existência de problemas, de fato crises pastorais e eclesiais evidentes?’” (Cozzens, 2004, p. 13).

⁶⁹ Sobre os grupos que trabalham na linha da doutrina oficial da Igreja Católica podemos citar o Courage International, Inc. É um apostolado da Igreja Católica, fundado em 1980 pelo padre John F. Harvey, presente no Brasil e em outros países, que oferece apoio pastoral a homens e mulheres que têm atração pelo mesmo sexo e que tenham escolhido viver uma vida casta. Em 28 de novembro de 2016, Courage International recebeu o *status* canônico na Igreja Católica de associação pública clerical de fiéis, fazendo-o o único apostolado canonicamente aprovado de sua espécie. Temos grupos em São Paulo, no Rio de Janeiro e em outras cidades brasileiras. Disponível em: <http://www.couragebrasil.com/>. Acesso em: 31 ago. 2018.

⁷⁰ Quanto ao terceiro grupo, temos a *Pastoral da Diversidade Sexual*. Nesses grupos, os LGBT são acolhidos para que vivam sua vocação e dignidade de filhos de Deus na Igreja e na sociedade. Procuram conciliar a fé cristã e a diversidade sexual e de gênero, promovendo o diálogo e a reflexão, a oração e a partilha, compreendendo que a salvação de Cristo e sua mensagem são para todos, sem distinção. Existem iniciativas no Brasil: Belo Horizonte, Nova Iguaçu e Curitiba. No Chile, em Santiago, e em Portugal, em Lisboa. Disponível em: <http://www.diversidadecatolica.com.br/>. Acesso em: 31 ago. 2018.

sua condição plena e inseridas nos diversos serviços eclesiais como solteiras, namorando ou casadas⁷¹.

Vamos discorrer, a partir da pesquisa de campo, dois grupos pastorais que existem dentro do catolicismo contemporâneo, como respostas pastorais da Igreja Católica às pessoas que são homossexuais e desejam viver, nessa condição, a tradição da sua fé. Fazemo-lo num esforço, enquanto possível, como pesquisador e cientista da religião, procurando nos abstermos de pré-juízos ou pré-conceitos. Embora isso não signifique, absolutamente, deixar de pontuar observações, críticas, limites e questões sobre a temática em análise. Tudo isso, é claro, a partir da pesquisa bibliográfica que realizamos na primeira parte do nosso trabalho, dos dados aferidos da própria pesquisa de campo, através do questionário⁷², bem como da nossa experiência com relação ao tema, através da prática da escuta e de acompanhamentos desses sujeitos, inseridos numa comunidade de fé e nas suas relações sociais, familiares e de amizades.

Iniciaremos com o grupo *Pastoral da Diversidade Sexual*. Faremos uma síntese, apresentando a criação e os objetivos do grupo de pastoral, sua metodologia de trabalho, sua estrutura de funcionamento e sua relação com a hierarquia da Igreja Católica Romana. Será importante, para a compreensão dos grupos em estudo, apresentar as argumentações teológicas-pastorais que servem de arcabouço teórico da sua atuação, dos seus objetivos e da sua metodologia. Os acompanhamentos pastorais desses grupos não nascem simplesmente de um voluntarismo, ou como atitude de contestação da doutrina oficial proposta para as pessoas homossexuais que se declaram católicas, ou simplesmente de contestação ao ensino do magistério católico. Os autores fundamentam suas razões teológicas e pastorais para a configuração desses grupos. Fizemos a opção por autores que estão diretamente envolvidos na temática, alinhados com um viés ou outro.

⁷¹ Esse terceiro grupo começa agora a se organizar em rede nacional aqui no Brasil. E na véspera da última parada gay de São Paulo fizeram um segundo encontro: “Com base na ‘pluralidade do próprio Deus’, os católicos gays, lésbicas, travestis, transexuais, travestis, bissexuais e transgêneros pedem o reconhecimento da diversidade nas igrejas. O recado foi expresso em um manifesto lançado nesta semana pela Rede Nacional de Grupos Católicos LGBTI+, que realizou o segundo encontro nacional em São Paulo, na véspera da maior parada gay do mundo que ocorre na cidade. No documento, que recorre à beleza ‘múltipla’ da Criação, o grupo pede o reconhecimento e a celebração plena da ‘diversidade de expressões, identidades, gêneros, sexualidades, raças, etnias, culturas e credos’”. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2018/06/08/interna_nacional,965472/rede-de-catolicos-lgbts-faz-manifesto-pedindo-inclusao-na-igreja.shtml. Acesso em: 31 ago. 2018.

⁷² O questionário foi aplicado entre os meses de abril e junho de 2023, com um universo de 37 respondentes, divididos em três grupos principais, com perguntas específicas a cada um: líderes de grupos de diversidade (11 respondentes), membros de grupos de diversidade (22 respondentes) e homossexuais não participantes de grupos (4 respondentes). Nesse último se enquadram os que participam do *Apostolado Courage* que, por questões de filosofia de trabalho, como verificaremos mais à frente, não se identificam como membros desse grupo ao público. Nota do autor.

4.1.1 Referencial Teológico-Pastoral

Bernardino Leers e J. Trasferetti, na obra “Homossexualidade e ética Cristã”, lançam à sociedade e à igreja católica o desafio de redefinir a lógica sexual, política e sociocultural em relação aos sempre estigmatizados, discriminados e subjugados por uma sociedade ocidental heterocêntrica e sexista. Há que superar, para esses autores, uma estranheza convencional para aceitar o outro na sua alteridade, para vencer o obstáculo à aproximação e ao reconhecimento do diferente, para combater parâmetros mentais que encastem a maioria heterossexual, em secular tradição de preconceitos, tabus, mitos e práticas dominadoras:

Tudo indica, partindo da atual conjuntura sociocultural, que não se pode ficar alheio e alienado ao novo processo societário de visibilidade da causa homossexual. O que acontece faz parte de uma revolução social e cultural profunda e global. O medo de se (com) viver, hoje, é permeado pelos critérios da autonomia, da liberdade, da democracia, da pluralidade e da secularização. A modernidade veio para ficar. A sociedade e a instituição que não dialogarem com o mundo moderno e pós-moderno não terão chance de sobreviver de forma irradiante e responsável. É injusto e irresponsável a partir do sexismo, do patriarcalismo, do heterossexualismo, da homofobia continuar discriminando, excluindo e desconsiderando as pessoas que estruturalmente são homossexuais (ou têm tendência afetivo-sexual) (Leers; Trasferetti, 2002, p.12).

Esses autores argumentam que a ideia generalizada da homossexualidade como algo que foge à natureza e é considerada como doença contribui para que os homossexuais estejam numa posição social dolorosa. Informações inadequadas da questão, análises inexatas da realidade acabam reforçando o medo e a fobia. Daí que esses grupos são colocados perante o público como de alto risco e estigmatizados pela ideia de promiscuidade sexual. Isso os tornaria, assim, altamente nocivos à saúde pública e perigosos para a sociedade, chegando até à afirmação de que a sua condição sexual seja castigo de Deus. Recordam que tal postura, em países que eram de maioria cristã, como a Alemanha, “deixou matar milhares de homossexuais em câmaras de gás” (Leers; Trasferetti, 2002, p. 23) e acreditam que essa situação ainda não terminou. Opera, segundo eles, um esquema racional normativo que, infelizmente, sustenta essa reação discriminatória e negativa com relação às pessoas homossexuais:

A ideia central é essa: a natureza humana é heterossexual. Homem é para a mulher e mulher é para o homem. Ambos se destinam ao matrimônio e esse à procriação. Consequentemente atos homossexuais são contrários à natureza e contra a lei que se baseia nela. Dentro do pensamento teológico, estas ideias existenciais são relacionadas à esfera religiosa, a Deus criador do homem e da mulher, de modo que atos homossexuais entram no circuito do pecado e da condenação, sem exceção nenhuma. (Leers; Trasferetti, 2002, p.24).

Leers e Trasferetti defendem que os homossexuais sejam produtivos de uma normatividade ética que, pela fé, lhes dê o fundamento de sua coragem e perseverança na vida e na luta pela sua condição. Estão convencidos de que “as poucas proibições diretas de comportamento sexual dentro do mesmo gênero não conhecem ainda a especificidade própria aos homossexuais” (Leers; Trasferetti, 2002, p. 193). Não é ético continuar pensando na condição sexual dos homossexuais, a partir do paradigma dos heterossexuais: “o princípio da liberdade de consciência compele a alienação, uma filosofia do *alsob*, como se os homossexuais fossem heterossexuais” (Leers; Trasferetti, 2002, p. 191). As restrições que lhes são impostas, muitas vezes, não servem para aqueles sem mais nem menos. No fundo, são condenados à negação de sua corporeidade e de seu organismo sexuado como homossexuais, realidade “que os outros vivem experimentando e de que se aproveitam com razão em sua realização pessoal” (Leers; Trasferetti, 2002, p. 191). Se a sociedade global continua entranhando e marginalizando os homossexuais, perguntam os autores: “Em vez de excluí-los e silenciá-los, não é direito deles se formar e verbalizar a própria maneira de viver a sua realidade e contribuir com o seu jeito e conforme sua experiência ao bem comum em processo?” (Leers; Trasferetti, 2002, p.191).

Numa perspectiva pastoral de acolhida e de acompanhamento das pessoas homossexuais no catolicismo contemporâneo, James Martin é um referencial teológico⁷³. Ele lembra que um desconhecimento por boa parte da hierarquia católica sobre a realidade dos homossexuais provoca distanciamentos e sofrimentos desnecessários para estes e seus familiares. Há, também, além do desconhecimento, a situação da negação dessa realidade. Talvez, por medo de enfrentar essa ferida, que é exposta nos quadros da própria hierarquia:

O relacionamento entre a comunidade LGBT católica e a Igreja Católica nos Estados Unidos tem sido, algumas vezes, contencioso e combativo e, noutros momentos, aconchegante e acolhedor. A maior parte da tensão que caracteriza este relacionamento complicado resulta de uma falta de comunicação e, infelizmente, de uma grande dose de desconfiança entre os católicos LGBT e a hierarquia. O que é preciso é uma ponte entre essa comunidade e a igreja⁷⁴.

⁷³ O reverendo James Martin é padre jesuíta, editor de cultura da revista América e autor de vários livros. Atua como comentarista na mídia americana e internacional, com participação em programas e reportagens de diversos veículos da grande imprensa, entre eles o New York Times, o Wall Street Journal e a BBC. Antes de entrar para a Companhia de Jesus, Barton School of Business, trabalhou na General Electric e, em 1988, formou-se em administração pela Wh. Mundialmente conhecido pela sua pastoral gay e há poucos dias nomeado pelo Papa Francisco como consultor da Secretaria para a Comunicação do Vaticano, acabou de lançar um livro baseado no seu conceito pastoral de “ponte com dois sentidos”. Disponível em: <https://odogmadafe.wordpress.com/2017/04/20/o-novo-livro-de-pastoral-gay-do-jesuita-james-martin/>. Acesso em: 04 set. 2018.

⁷⁴ James Martin, S.J.: Precisamos construir uma ponte entre a comunidade LGBT e a Igreja Católica. (PARTE I). In: <https://rumosnovos-ghc.blogs.sapo.pt/james-martin-s-j-precisamos-de-72668>. Acesso em: 06 jun. 2018.

Observa o autor que as pessoas homossexuais que professam a religião católica trazem uma significativa experiência de resistência e fé em relação à própria instituição que, na sua maioria, os condena e recrimina:

Muitas, se não a maioria das pessoas LGBT, sofreram, desde muito cedo, incompreensões, preconceito, ódio, perseguição e mesmo violência e, com frequência, sentem compaixão pelos marginalizados. A compaixão é um dom. Muitas vezes as fizeram sentir não bem-vindas nas suas paróquias e na sua igreja, mas elas perseveraram devido à sua fé vigorosa. A perseverança é um dom. As pessoas LGBT frequentemente perdoam o clero e outros colaboradores da igreja que as trataram como mercadoria danificada. O perdão é um dom. Compaixão, perseverança, perdão são todos dons⁷⁵.

Para James Martin, o catolicismo contemporâneo não pode desconhecer a realidade do sofrimento e da violência, causados pela condenação e discriminação das pessoas homossexuais. É uma realidade como de muitos outros excluídos da sociedade. Não se pode justificar e apoiar o ódio e posturas homofóbicas, como qualquer preconceito de outras minorias. Porém, algo incomoda James Martin na temática homossexual:

Porém, onde estão as declarações de apoio aos nossos irmãos e irmãs LGBT? Quando faço esta pergunta, algumas pessoas dizem: 'Não se pode comparar aquilo que os refugiados enfrentam com aquilo que as pessoas LGBT enfrentam.' E, enquanto pessoa que trabalhou com refugiados no leste de África, eu sei que isso é verdade. Contudo, é importante não ignorar as taxas altamente desproporcionais de suicídio entre os jovens LGBT e o fato de as pessoas LGBT serem as vítimas de proporcionalmente mais crimes de ódio do que outros grupos minoritários no país. No rescaldo do massacre de Orlando, quando a comunidade LGBT por todo o país fazia luto, senti-me entristecido por não sentir que mais bispos não tivessem imediatamente manifestado o seu apoio. Claro que alguns o fizeram. Agora, imaginem se os ataques fossem, Deus não o permita, contra uma paróquia metodista. Provavelmente, os bispos teriam dito: 'Estamos com os nossos irmãos e irmãs metodistas.' Por que isso não aconteceu em Orlando? Pareceu uma espécie de falta de compaixão, uma falha de estar ao lado de e uma falha de sofrer com. Orlando convida-nos todos e todas a refletir sobre isto⁷⁶."

Para o autor, há um silêncio eclesial com relação a essa temática⁷⁷. Algo que não pode ser justificado e, muito menos, encontrar apoio na proposta do próprio evangelho. Para James Martin, é necessário, levando em conta o que ensina a doutrina católica sobre a

⁷⁵ James Martin, S.J.: Precisamos construir uma ponte entre a comunidade LGBT e a Igreja Católica. (PARTE I). In: <https://rumosnovos-ghc.blogs.sapo.pt/james-martin-s-j-precisamos-de-72668>. Acesso em: 06 jun. 2018.

⁷⁶ James Martin, SJ: "A homossexualidade, a ponte a ser construída na Igreja Católica". In: <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/570160-james-martin-a-homossexualidade-a-ponte-a-ser-construida-na-igreja-catolica>. Acesso em: 06 jun. 2018.

⁷⁷ Essa questão é bem trabalhada por COZZENS, Donald B. **A face mutante do sacerdócio**. São Paulo: Loyola, 2001. Especialmente o capítulo 7.

homossexualidade, ter um olhar mais amplo do próprio ensinamento para não ser injusto com essas pessoas que proferem a fé católica e estão nas nossas comunidades:

É preciso compreender que a doutrina não é simplesmente aquelas poucas linhas do Catecismo, mas o Evangelho como um todo. E, no Evangelho, nós vemos que Jesus constantemente ia ao encontro daqueles que sofriam porque estavam marginalizados. É aí que a Igreja é chamada a ser Igreja. E hoje ninguém é mais marginalizado em nossa igreja do que as pessoas LGBT. Então precisamos simplesmente seguir Jesus em seu caminho⁷⁸.

Embora o sínodo dos bispos católicos sobre os desafios da evangelização da família no mundo contemporâneo⁷⁹ não tenha feito a questão evoluir muito, a temática foi abordada com mais cautela pastoral, abertura e reconhecimento do fato. Falta, talvez, por parte de alguns na Igreja Católica, pensar a partir da realidade concreta das vivências das pessoas homossexuais. Uma das questões diz respeito ao casamento homossexual. James Martin, pela sua experiência pastoral, pensa da seguinte forma, como outros do seu convívio:

Está claro que a doutrina da Igreja é contra o casamento homossexual. Ao mesmo tempo, muitos bispos, inclusive o cardeal Christof Schonborn, arcebispo de Viena, têm afirmado ver o lado bom que existe em tais relacionamentos. Em uma entrevista, Schonborn disse sobre um casal gay que ele conheceu: 'Eles compartilham uma vida, eles compartilham suas alegrias e seus sofrimentos, eles ajudam um ao outro. É preciso reconhecer que essas pessoas deram um importante passo para seu próprio bem e para o bem dos outros, a despeito do fato de que certamente esta não é uma situação que a Igreja pode considerar 'regular'⁸⁰.

⁷⁸ James Martin, SJ. 'Precisamos parar de tratar LGBTs como leprosos'. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44339799>. Acesso em: 29 ago. 2018.

⁷⁹ O Sínodo para a Família, convocado pelo Papa Francisco em 2013, ainda no primeiro ano do seu Pontificado, trouxe a novidade de se dividir em duas Assembleias Gerais, celebradas em 2014 e 2015. O tema norteador foi a vocação e a missão da família na igreja e no mundo contemporâneo. O último sínodo sobre esta temática tinha sido em 1980, cujo fruto foi a exortação apostólica-familiares-consórcio-1981 de João Paulo II. Mais de três décadas depois, viu-se como necessário afrontar a realidade das famílias em tempo de tantas mudanças na sociedade e na igreja. Como fruto das reflexões sinodais, Francisco elaborou a exortação apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia*, publicada no dia 19 de março de 2016, dia de São José. "FREITAS (comunicação pessoal, 17 de julho de 2024)". Quanto ao Sínodo sobre a "Sinodalidade", James Martin ressalta que o tratamento das questões LGBTQ no documento de trabalho do sínodo, ou *instrumentum laboris*, foi melhor do que no relatório final. O relatório nem sequer descreveu o debate no sínodo. Por outro lado, o sínodo não encerrou a discussão das questões LGBTQ nem usou linguagem como "intrinsecamente desordenado". Em vez disso, diz: "Certas questões, como aquelas relacionadas a questões de identidade e sexualidade... são controversas não apenas na sociedade, mas também na Igreja, porque levantam novas questões". "Estou desapontado não apenas porque os LGBTQ foram excluídos", disse o padre jesuíta James Martin, que ministra à comunidade LGBTQ+ e foi escolhido a dedo como delegado por Francisco, ao Washington Post, "mas também porque as discussões que tivemos, que foram apaixonadas dos dois lados, não foram refletidas no documento final". Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/633940-o-relatorio-do-sinodo-sobre-a-sinodalidade-e-decepcionante-mas-nao-surpreendente-artigo-de-thomas-j-reese>. Acesso em: 28 out. 2024.

⁸⁰ James Martin, SJ. 'Precisamos parar de tratar LGBTs como leprosos'. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44339799>. Acesso em: 29 ago. 2018.

A questão das pessoas homossexuais na Igreja Católica é tão dolorida que podemos dizer em dois pesos e duas medidas quando se trata de outros assuntos de mesmo teor da moral sexual, porém relacionados à heterossexualidade. Há, de fato, segundo Martin, uma obsessividade pelo assunto:

A doutrina é clara. Mas o que significa ‘exercer o catolicismo em plenitude’? Significa que eles não podem entrar numa igreja? Que não são católicos? Precisamos, antes, nos lembrar de que eles são católicos pelo dom do batismo. Além disso, ninguém fica apontando o dedo para pessoas heterossexuais de modo semelhante, não ficamos incessantemente questionando-as sobre se eles usam métodos contraceptivos ou se praticam a masturbação - que também são questões que vão contra os ensinamentos da Igreja. Estamos obsessivamente preocupados com a moralidade sexual das pessoas LGBT⁸¹.

Na esteira dessa argumentação, os teólogos e pastoralistas católicos argumentam que o Catolicismo contemporâneo precisa, por fidelidade à sua própria doutrina, considerar essas pessoas. Especialmente, aqueles e aquelas que se declaram católicos e que frequentam suas comunidades. O preconceito, o medo do enfrentamento dessa realidade e até mesmo a própria insegurança acabam gerando atitudes homofóbicas nessas comunidades e mais sofrimento para essas pessoas e suas famílias que já trazem significativa rejeição social. Inspirado, talvez, na pessoa de Jesus, que ia ao encontro dos leprosos da sua época⁸², ou do grande Francisco de Assis⁸³ na sua fundante experiência de ver no leproso que beijou o próprio Cristo, James faz a seguinte afirmação:

A grande urgência é parar de tratá-los como leprosos. Tenho ouvido muitas histórias, as mais horríveis, sobre como a comunidade LGBT tem sido maltratada pela Igreja. Algumas vezes padres simplesmente rotulam pessoas LGBTs como sujas. Alguns meses atrás, um homem - autista, na faixa de seus 30 anos e sem estar vivendo em nenhum relacionamento - me contou que depois que ele saiu do armário para sua família, o padre de sua paróquia disse que ele não poderia mais receber a comunhão. Preciso enfatizar isso: o homem não está vivendo nenhum tipo de relacionamento sexual, então, mesmo no sentido mais conservador, mais ao pé da letra, ele não está quebrando nenhum princípio da Igreja. Mesmo assim, segundo o padre de sua comunidade, ele não podia comungar. Isto é inacreditável. Precisamos parar de tratar pessoas LGBT como se fossem leprosos⁸⁴.

⁸¹ James Martin, SJ. 'Precisamos parar de tratar LGBTs como leprosos'. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44339799>. Acesso em: 29 ago. 2018.

⁸² De modo simples, mas profundo, Queiroga retrata como a pessoa de Jesus percebeu o sofrimento e a exclusão dos leprosos em sua sociedade e teve atitudes concretas para libertá-los do sentimento de inferioridade e incluí-los na sociedade. QUEIROGA, Sirgisberto. **Andando Com Jesus: a Cura do Homem Leproso**. São Paulo: Beta, 2008.

⁸³ Para ilustrar essa interessante leitura do encontro de Francisco com o leproso e sua perspectiva na aplicação da mesma atitude aos “leprosos de hoje” sugiro a obra: BOFF, Leonardo. **Francisco, ternura e vigor**. Petrópolis: Vozes, 1991.

⁸⁴ James Martin, SJ. 'Precisamos parar de tratar LGBTs como leprosos'. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44339799>. Acesso em: 29 ago. 2018.

Deixar de tratar as pessoas homossexuais como leprosos é um caminho que requer abertura, senso crítico sobre a complexidade das relações humanas, dentre essas a questão sexual, pois, no fundo, essa questão toca a todos nós: “quando digo ‘gay’, não sei, ao certo, se as ‘lésbicas’ estão incluídas – e, por vezes, se os ‘héteros’ não estão incluídos também” (Alison, 2010). O Papa Francisco⁸⁵ é, sem dúvida, no catolicismo contemporâneo, alguém que se afastou de uma postura simplesmente condenatória da homossexualidade. E essa postura é, de certa maneira, um avanço, pois, no imaginário simbólico do catolicismo contemporâneo, a sua fala, além de ter peso para o interno eclesial, vai muito além da Igreja Católica. Como ele é um dos maiores líderes mundiais, muitas pessoas, ao redor do mundo, ouvem suas declarações (Martin, 2018). Essa atitude tem chances de contribuir para que, tanto o Catolicismo, como as demais Igrejas Cristãs e outras tradições religiosas, se debrucem na autocrítica sobre como tratam esses seres humanos, que tipos de sanções lhes são impostas em nome de Deus e que caminhos de respostas pastorais (cuidados) podem e devem ser adotados pelas comunidades de fé, na perspectiva de contribuir com a inserção desses numa sociedade que os respeite. “E quando ele

⁸⁵ A esta altura, a internet já fez o favor de tornar fortemente pública a notícia de que o Papa Francisco enviou uma carta abençoando uma família formada por um casal gay e seus filhos no Paraná. Toni Reis e David Harrad adotaram três crianças e tomaram a decisão de batizá-los na Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, em Curitiba. Após a cerimônia religiosa, Toni decidiu enviar uma carta ao Vaticano, comunicando o ocorrido. Lembrou-lhe que era uma alegria poder ter os filhos inseridos na Igreja, a mesma que já teve um tribunal de inquisição que, no passado, queimou homossexuais. A resposta do papa, mais do que um corajoso ato de progressista acolhimento em tempos tão nebulosos e perigosamente retrógrados, tem uma novidade: deve ser a primeira vez na história que um pontífice da Igreja Católica se refere a uma união homoafetiva utilizando o termo “família”. Isto é importante. Papa Francisco, como o faz desde o início do seu pontificado, é hábil em demonstrar, com palavras e gestos, que o amor é mais importante do que os rótulos. Que o abraço fraterno e a acolhida devem superar o ódio e a intolerância. Ele pode não mudar as leis do jogo – de uma catequese conservadora cujas regras vêm sendo escritas há quase 2 mil anos. Mas cria jurisprudências. Com seus atos, acaba influenciando positivamente todo o clero e, por consequência, os leigos também. Com suas palavras, cria salutareis precedentes de acolhimento que reverberam em pequenas e grandes comunidades espalhadas por todo o mundo. Não é a primeira vez que Francisco dá declarações reconhecendo a dignidade dos homossexuais. No recém-lançado ‘Quem Sou Eu Para Julgar?’ (Ed. Leya), um compilado de trechos de diversos discursos e documentos assinados pelo pontífice, um capítulo todo é dedicado ao tema. Ele diz que “desejamos, antes de mais nada, reiterar que toda pessoa, independentemente da própria orientação sexual, deve ser respeitada na sua dignidade e acolhida com respeito, tomando-se o cuidado de evitar qualquer rótulo de discriminação injusta e, particularmente, qualquer forma de agressão e violência”. Francisco também conta que, quando cardeal Jorge Bergoglio, em Buenos Aires, costumava receber cartas de pessoas homossexuais que lhe diziam que a Igreja os havia sempre condenado. “Feridos sociais” é como o papa os chama. “Mas a Igreja não quer fazer isso”, afirma o sumo sacerdote. “Se uma pessoa homossexual tem boa vontade e está à procura de Deus, não sou ninguém para julgá-la.” As sábias, equilibradas e acolhedoras palavras de Francisco sobre os homossexuais ecoam em outros campos. É o mesmo papa que pede respeito às mulheres, historicamente vítimas de séculos e séculos de cultura machista. É o mesmo papa que clama por dignidade aos imigrantes, tão maltratados em nosso tempo. É o mesmo papa que lembra que precisamos cuidar da nossa casa, no caso, o planeta Terra – em uma periclitante época em que efeitos do aquecimento global são sentidos diuturnamente. Instigante um tempo em que a voz progressista, transformadora e próxima do que se espera de uma contemporaneidade vem justamente do líder da tradicionalíssima Igreja Católica – de onde o natural parece sempre ser a tônica conservadora. Triste um tempo em que o reacionarismo e o risco de retrocesso emanam de líderes de democracias, de onde o sensato seria esperarmos avanços. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/edison-veiga/papa-francisco-e-os-gays-lico-es-de-acolhimento-para-um-mundo-cheio-de-odio/>. Acesso em: 07 set. 2018.

diz algo sobre as pessoas LGBT, pessoas LGBT de todo o mundo, católicas ou não, prestam atenção” (Martin, 2018).

Para o teólogo e pastoralista Luis Corrêa Lima⁸⁶, o bispo de Roma desafiou a Igreja Católica a repensar suas estruturas, suas normas, seus conceitos, seus horários em função de torná-la mais missionária e capaz de reluzir a fonte genuína do evangelho. Ao retomar o evangelho, como fonte primeira da evangelização, relembra que ninguém pode ser excluído dessa alegria trazida por Jesus. Provoca o desafio de repensar a Família cristã, dentro do mundo contemporâneo, partindo da realidade concreta, e não de um idealismo abstrato:

A superação de discriminações e marginalização tem eco na pregação e no exemplo do Papa Francisco. Ele convoca a Igreja a ir às periferias existenciais, ao encontro dos que sofrem com as diversas formas de injustiças, conflitos e carências, entrar no coração do drama das pessoas, compreender o seu ponto de vista para ajudá-las a viver melhor e reconhecer seu lugar na Igreja. O papa quer que o anúncio do amor salvífico de Deus preceda toda a obrigação moral e religiosa, curando as feridas e fazendo arder o coração, como o dos discípulos de Emaús que se encontraram com o Senhor ressuscitado. Para Francisco, o Evangelho convida antes de tudo a responder a Deus que nos ama e nos salva, reconhecendo-O nos outros e saindo de nós mesmos para buscar o bem de todos⁸⁷.

Lima (2018) lembra que é significativa e de grande alcance simbólico a posição do maior líder cristão e católico sobre esse tema. Lembra que o papa reiterou sua tolerância quando perguntado sobre o que achava dos homossexuais: ele respondeu: “Quem somos nós para julgar?”. “Uma pessoa que vive nessa condição, que tem boa vontade, que busca a Deus, quem somos nós para julgá-la?”, perguntou, repetindo a fórmula que empregou em seu retorno do Rio de Janeiro a Roma em 2013, em uma conversa com jornalistas que se deu no voo de volta da Armênia. Na ocasião, o pontífice foi questionado sobre o massacre homofóbico de Orlando, reivindicado pelo grupo Estado Islâmico. Francisco lembrou que, segundo o catecismo, os homossexuais “não devem ser discriminados, mas respeitados e acompanhados no plano pastoral⁸⁸”.

Recentemente, no dia 21 de maio, ao conversar com as vítimas de pedofilia da Igreja do Chile, umas das vítimas, o chileno Juan Carlos Cruz, que sofreu abuso sexual de um padre

⁸⁶ É graduado em administração pela FGV-SP, em filosofia e em teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em BH. Fez mestrado em história na PUC-Rio, e doutorado em história na Universidade de Brasília. Atualmente é professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio, e membro do seu programa de pós-graduação. Desenvolve pesquisa sobre história da Igreja, modernidade, gênero e diversidade sexual. Disponível em: <https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>. Acesso em: 26 ago. 2024.

⁸⁷ LIMA, Luis Correa, SJ. In: <http://www.diversidadecatolica.com.br/2018/05/17/17-de-maio-dia-internacional-de-luta-contra-a-lgbtphobia/>. Acesso em: 06 jun. 2018.

⁸⁸ LIMA, Luis Correa, SJ. In: <http://www.diversidadecatolica.com.br/2018/05/17/17-de-maio-dia-internacional-de-luta-contra-a-lgbtphobia/>. Acesso em: 06 jun. 2018.

pedófilo, afirmou que o Papa Francisco disse a ele que “Deus o fez gay, o ama assim e a mim não importa”. Este seria um dos comentários mais progressistas já feitos por um pontífice sobre homossexualidade:

Haviam dito a ele que eu era praticamente um perverso. Expliquei que não sou a reencarnação de São Luís Gonzaga, mas também não sou uma pessoa má. Tento não fazer mal a ninguém. Ele então me disse ‘Juan Carlos, você ser gay não importa. Deus te fez assim, te ama assim e a mim não importa’, contou o chileno ao El País⁸⁹.

Luís Correa (2018) argumenta que essa é uma das grandes feridas de significativa parte da humanidade e que, infelizmente, certas posturas na própria Igreja ajudam a abrir mais. Por seu distanciamento do Evangelho de Jesus e seu apego exagerado à doutrina moral sexual, a *condição* homossexual de muitas pessoas, crentes ou não, é vivida como um fardo ou nos espaços de reclusão social e existencial. Para o autor, isso tem contribuído para a intolerância, o preconceito, a homofobia na sociedade e o afastamento de muitos da fé cristã.

No mundo religioso cristão, muitas vezes se fazem citações descontextualizadas da Bíblia ou simplificações indevidas da doutrina, com extrema rigidez e forte ímpeto condenatório dirigido aos LGBT+. Algumas vezes, elas e eles são considerados endemoniados a serem exorcizados ou são submetidos à oração de cura e libertação para mudar em sua condição ou identidade. Dessa forma, o anúncio do Evangelho, que é boa nova, não cura feridas e nem aquece o coração, mas traz mais devastação. A palavra de Deus, da vida, se torna palavra de morte (Lima, 2021, p. 15).

Para o autor, a sua vocação, dentro da tradição religiosa católica, é a motivação tanto para o acompanhamento desses sujeitos quanto para o estudo dessa temática. Observa a presença de católicos que nasceram dentro dessa tradição com consequências profundas dos conflitos inerentes a tal situação. Mas sente que é possível fazer um caminho de acolher e acompanhar tais sujeitos:

O meu envolvimento com pessoas LGBT+, e com este tema, se deu a partir do Ministério Sacerdotal que exerço. Ao longo de muitos anos, encontrei pessoas nascidas e criadas na Igreja Católica que, com o tempo, se descobriram assim, deram-se conta de ter tais características profundamente enraizadas, que são constitutivas de seu ser e parte de sua identidade. Este reconhecimento não se fez sem dores e conflitos penosos, inclusive com a própria crença e pertença eclesial. Felizmente, eu encontrei caminhos abertos para realizar um apostolado com estas pessoas, bem como para aprofundar a reflexão (Lima, 2021, p. 13).

⁸⁹‘Deus te fez assim e te ama’, diz papa a homossexual molestado por padre no Chile. *In*: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2018/05/21/interna_nacional,960346/deus-te-fez-assim-e-te-ama-diz-papa-a-homossexual-molestado-por-pad.shtml. Acesso em: 06 jun. 2018.

Observa que o tema da homossexualidade, no paradigma da fé cristã, é estigmatizado pela leitura literal de textos bíblicos, acento rígido e condenatório que provém também de uma visão superficial da própria doutrina. Ofusca-se o que é a mensagem do evangelho e cai-se em posturas condenatórias das pessoas.

Lima (2021) aponta, também, perspectivas novas, desafios teológicos e pastorais a serem enfrentados com relação às pessoas homossexuais. Falando sobre o sínodo sobre a evangelização das famílias no mundo contemporâneo, convocado pelo Papa Francisco, exemplifica a preocupação dos bispos das conferências episcopais alemã e suíça que manifestam a preocupação pastoral com essas pessoas. São vozes, conforme o autor, em grande parte, na contramão daquilo que Roma pensa oficialmente.

No tema da homossexualidade, as dioceses alemãs e suíças responderam criticamente. Com base nas ciências humanas e na medicina, os fiéis alemães afirmaram que orientação sexual é uma disposição inalterável e não escolhida pelo indivíduo. Por isso, falar de tendência homossexual provocou irritação e foi percebido como uma expressão discriminatória (Lima, 2021, p.146).

Pontua que muitos católicos já estão assimilando o casamento homossexual, pois o crescimento estatístico dessa realidade se impõe⁹⁰. Algo similar que já acontece sobre os casais em nova união. Nessa última situação, já se aceita a comunhão, em certas circunstâncias.

Na medida em que cresce o número de fiéis católicos sentindo-se à vontade com o casamento homossexual, algo já mostrado pelas estatísticas mundiais, este se tornará gradativamente tão aceito quanto a comunhão em certas circunstâncias para pessoas divorciadas e recasadas sem a anulação da união precedente (Lima, 2021, p. 148).

Lima é realista quanto à complexidade e à delicadeza do assunto e da realidade dessas pessoas dentro do catolicismo. Não desconhece ser um grande desafio para a Igreja Católica no mundo atual. Contudo, aponta com objetividade o caminho adequado para enfrentar a realidade dos LGBT+ nos paradigmas dessa tradição religiosa:

⁹⁰ É interessante observar que o Brasil registrou 59.620 casamentos entre pessoas do mesmo sexo entre 2013 e 2021. Os dados são do Observatório Nacional dos Direitos Humanos (ObservaDH), sob gestão do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC). O levantamento tem como base as estatísticas do Registro Civil do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O número indica aumento de 148,7% em nove anos, com 3,7 mil registros em 2013 e 9.202, em 2021. O maior aumento anual ocorreu entre 2017 e 2018 (61,7%). Os 59.620 casamentos entre pessoas do mesmo sexo, nesse período, correspondem a 0,6% do total de casamentos no país. A porcentagem passou de 0,4% em 2013 para 1% em 2021. Em nota, a secretária Nacional dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+ do MDHC, Symmy Larrat, defende que os dados indicam que a proteção jurídica a essas uniões é vital para um Brasil mais justo e igualitário. “A equidade e garantia de direitos dizem respeito a todas as pessoas da população”. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-12/casamentos-homoafetivos-no-brasil-aumentam-149-em-nove-anos>. Acesso em: 28 out. 2024.

A realidade dos LGBT+ é complexa e delicada, traz apelos urgentes e constitui um desafio à evangelização. A leitura crítica da Sagrada Escritura, a devida atenção aos resultados das ciências, os diversos matizes da moral e a fidelidade à própria consciência, são elementos do ensinamento da Igreja que constituem um conteúdo rico e dinâmico na vida dos fiéis. Estes elementos, aliados à teologia e espiritualidade, podem ajudar muito a ação evangelizadora junto àquela população (Lima, 2021, p. 168).

Procuramos explicitar, à luz desses pensadores, os argumentos teológicos e pastorais, dentro do catolicismo contemporâneo, que corroboram as iniciativas de acolhida e compreensão das pessoas homossexuais católicas na sua condição. Existem vários outros autores católicos que também estão em sintonia com esses argumentos aqui citados. Nossa escolha por estes se deu pela sua atuação com grupos pastorais de pessoas homossexuais. A *Pastoral da Diversidade Sexual*, hoje organizada como *Rede Nacional de Católicos LGBT*, se enquadra nessa perspectiva *teológico-pastoral*. Abordaremos essa pastoral, levando em conta a bibliografia sobre ela, bem como os dados colhidos pela nossa pesquisa com a metodologia do estudo de casos, realizada através de questionários. Vamos apresentar os seus objetivos, a sua metodologia de trabalho, as suas estruturas de funcionamento e a relação das lideranças com a hierarquia da Igreja Católica Romana.

4.1.2 Os objetivos da Pastoral

O objetivo da pastoral é que os católicos LGBTQI+ vivam sua vocação e dignidade de filhos e filhas de Deus, na Igreja e na sociedade. Transcrevemos uma parte da entrevista realizada com a coordenadora, em âmbito nacional, da “diversidade sexual, em que ela define os objetivos do grupo:

Somos um grupo de leigos católicos que procura conciliar a fé cristã e a diversidade sexual e de gênero, promovendo o diálogo e a reflexão, a oração e a partilha, compreendendo que a salvação de Cristo e sua mensagem são para todos, sem distinção. Cremos na Boa Nova de Jesus Cristo, que é a participação no Reino de Deus. Somos impelidos a partilhar a experiência do amor de Deus junto a todos os fiéis que, em virtude de sua identidade e/ou orientação sexual, frequentemente são afastados da comunidade eclesial (mulher, professora, 29 anos)⁹¹.

Observamos que, conforme o relato, o grupo deseja ser um espaço de partilha e acolhida de pessoas que, por causa da sua identidade e/ou orientação sexual, se sentem ou se afastam da

⁹¹ Diversidade Católica. Disponível em: <https://www.diversidadecatolica.com.br/#:~:text=Ol%C3%A1%2C%20seja%20bem%2Dvind@!,@diversidadecatolica.com.br>. Acesso em: 07 out. 2024.

comunidade eclesial. O modo de concretizar esse objetivo é fornecendo material teológico e uma compreensão do catolicismo abrangente:

Desejamos fornecer subsídios teológicos e pastorais que ajudem a conciliar estas identidades. Sabemos que a fé cristã é totalmente inclusiva – em todos os sentidos – e jamais excludente. O próprio termo “católico” quer dizer “universal” e “abrangente”⁹².

Ao consultar o *site* da Rede Nacional de grupos Católicos LGBT (<https://redecaticoslgbt.com.br/sobre/>) encontramos, de modo mais abrangente, os objetivos estratégicos a serem alcançados pelos grupos: 1. Reunir, articular e fortalecer os grupos que compõem a Rede e/ou que visem a cidadania plena das pessoas LGBTI+ na Igreja e na sociedade, bem como favorecer o diálogo e a cooperação mútua com as Arquidioceses e a CNBB, com outros movimentos religiosos e com a sociedade em geral; 2. Favorecer a presença, a participação e o pleno reconhecimento das pessoas LGBTI+ e suas famílias na Igreja Católica, afirmando e vivenciando sua identidade como sujeitos eclesiais e considerando a pluralidade dessa presença e participação; 3. Combater a violência contra as pessoas LGBTI+, na Igreja e na sociedade, através de ações pastorais concretas, visando à conquista de direitos sociais e favorecendo a construção de uma Igreja em saída, uma sociedade plural e um Estado laico; 4. Promover o diálogo entre a tradição cristã e as diferentes formas de vivência e compreensão do corpo, do gênero e da sexualidade, visando à superação de preconceitos historicamente enraizados nas nossas comunidades; 5. Aproximar diferentes experiências religiosas envolvendo pessoas LGBTI+, em espírito ecumênico, de diálogo intra e inter-religioso, para que se estabeleçam experiências de fraternidade, solidariedade e ações transformadoras.

A proposta é acolher, acompanhar e integrar essas pessoas e seus familiares na pastoral e inseri-las nos diversos ministérios e grupos pastorais da comunidade. Para os que participam da proposta, acontece uma interessante integração entre a comunidade eclesial e as famílias, muitas vezes portadoras de sofrimentos causados por essa realidade com os seus filhos e parentes:

Sentimos que esse movimento tem sido de mão dupla: por um lado os homossexuais são reconhecidos na comunidade e essa por sua vez é despertada para essa realidade das pessoas que ali participam e de muitas famílias que frequentam o mesmo ambiente, marcadas pelo sofrimento da exclusão (Gustavo, 2020)⁹³.

⁹² Idem.

⁹³ Idem.

Essa proposta pastoral se articulou também na Arquidiocese de Belo Horizonte. Ela foi impulsionada na perspectiva da evangelização das famílias no mundo contemporâneo. O tema foi refletido e debatido na 5ª Assembleia do Povo de Deus, no ano de 2016. A Arquidiocese deu passos significativos e proféticos na direção de se deixar interpelar pelas pessoas homossexuais quando registra, no seu Projeto de Evangelização “Proclamar a Palavra”, no compromisso 5b do documento sobre a família, a seguinte diretriz:

Promover ações pastorais capazes de dialogar e de acolher todas as famílias, em suas mais diversas configurações, com respeito e zelo, a fim de que elas se sintam pertencentes, de fato, à comunidade que edificam com seu testemunho de amor. Cuide-se para que essa perspectiva inclua, também, os casais de novas uniões, os casais não casados na Igreja, os divorciados, ofertando a todas essas famílias qualificado serviço de acolhimento. Atente-se para que, nesse mesmo horizonte, sejam acompanhadas as pessoas em suas diferentes identidades sexuais (gays, transexuais, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais)⁹⁴.

Diante dessa proposta, surgiu na Arquidiocese o primeiro trabalho da *Pastoral da Diversidade Sexual*, em duas paróquias distintas, em agosto de 2016, o primeiro grupo e, o segundo, no ano seguinte. O Jornal Estado de Minas⁹⁵, de grande circulação estadual e mesmo nacional, chegou a publicar uma matéria descrevendo tal iniciativa como resultado “da nova postura do papa e da revisão da Igreja sobre configurações da família” (Cipriani, 2017). Bem ou mal, a iniciativa teve grande repercussão no âmbito eclesial interno da Igreja Católica e da sociedade. E isso provocou o “patrulhamento” dos grupos denominados “tradicionalistas” do catolicismo, custando a gravação de um vídeo no canal You Tube⁹⁶, no ano de 2018, acusando o Arcebispo de Belo Horizonte, supostamente, de promover *a ideologia de gênero* na sua Arquidiocese. Mediante a tais circunstâncias, ele gravou um áudio que “circulou amplamente, negando ter qualquer apoio, ou mesmo, saber da existência dos dois grupos” (Serra, 2024, p. 254). Os grupos tiveram que assumir uma nova nomenclatura para dar continuidade às suas atividades, agora sem o suporte institucional” (Serra, 2019b).

Com o compromisso de realizar tais objetivos acima citados, a *Pastoral da Diversidade Sexual* estabelece uma metodologia de trabalho que explicitamos a seguir.

⁹⁴ ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE. **Projeto de Evangelização**: ‘Proclamar a Palavra’, programa 5, p. 19. 2017-2020.

⁹⁵ Essa matéria trouxe grande repercussão e pode ser lida na página *on-line* do jornal. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/06/12/interna_gerais,875818/santuario-sao-judas-tadeu-tem-1-pastoral-da-diversidade-sexual-de-bh.shtml. Acesso em: 26 ago. 2024.

⁹⁶ O vídeo se encontra disponível na internet e foi gravado pelo INSPA – Instituto São Pedro Alcântara. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tRYoBc4NhNk>. Acesso em: 19 abr. 2024.

4.1.3 A metodologia de trabalho

O trabalho de acolhida e acompanhamento pastoral das pessoas LGBTI+ nos grupos inspira-se na passagem bíblica do Novo Testamento, em Lucas 24, 13-35):

Se aproximando dos discípulos, Jesus escuta o que eles vão conversando pelo caminho; lhes explica as Escrituras; parte o pão com eles; e se deixa reconhecer, despertando nos discípulos o desejo de levantarem-se para anunciar a Ressurreição (REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBT, 2018).

Inspirados nessa pedagogia de acompanhamento pastoral, os grupos seguem a seguinte metodologia: escuta, reflexão, partilha e anúncio. No documento da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT, são descritos os passos metodológicos: *1. Escuta*: Desejamos promover espaços de escuta das coisas que as pessoas LGBTI+ têm conversado, experimentado, vivenciado e enfrentado enquanto vão andando pelos seus diversos caminhos neste mundo. Desejamos romper com um ciclo histórico de silenciamento e invisibilidade desses sujeitos na Igreja e na sociedade, construindo ambientes de partilha e acolhida fraterna das nossas histórias e dos dons que temos a oferecer. *2. Reflexão*: Assumimos o Evangelho como fundamento e referência dos nossos trabalhos, e buscamos iluminar o nosso caminho e as nossas realidades por meio da construção de espaços de escuta, partilha, reflexão e debate sobre a mensagem presente nas Escrituras e no ensinamento da Igreja. *3. Partilha do pão*: Somos desejosos da companhia do Senhor, e procuramos reconhecê-lo junto às nossas comunidades de fé, na partilha da Eucaristia e na participação nos sacramentos, que devem ser “portas abertas” a todas as pessoas que queiram se aproximar deles (*Evangelii Gaudium*, n. 47). *4. Anúncio da Boa Nova*: Trabalhamos para despertar nos membros de nossos grupos o ardor no coração que resulta da convivência com Jesus, provocando o desejo e a missão de sair para anunciar a esperança da Vida que vence a morte, em todos os lugares onde ainda impere a injustiça e a violência, especialmente contra pessoas LGBTI+. (Disponível em: <https://redecaticoslgbt.com.br/sobre/>. Acesso em: 17 abr. 2024.).

Para que a Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT persiga os seus objetivos traçados na metodologia aqui apresentada, existe uma estrutura de funcionamento. É o que apresentamos a seguir.

4.1.4 Estruturas de funcionamento

A partir do documento disponibilizado no *site* da *Rede Nacional de grupos Católicos LGBT*⁹⁷, constata-se que esses grupos pastorais se organizam em *rede* nacional e internacional.

No Brasil, tem-se a *Estrutura de Decisões*, que se configura da seguinte forma: o *Encontro Nacional* é o lugar para que os grupos, pertencentes à rede, compartilhem as suas experiências, façam uma avaliação do período anterior, estabeleçam as metas e estratégias para o funcionamento da rede e dos grupos. Esse encontro nacional é a instância máxima de decisão da *Rede Nacional*, e é realizado a cada 2 (dois) anos. Em segundo lugar, tem-se a *Coordenação Nacional*. Ela funciona como um Conselho Gestor, com autonomia para organizar e efetivar as ações concretas que se inspiram nos objetivos e eixos da *Rede Nacional*, sempre em diálogo com os grupos locais. A Coordenação é responsável pela gestão pastoral e dos recursos financeiros da *Rede Nacional*. Sua configuração é a seguinte: até 5 coordenadoras ou coordenadores regionais; 1 secretária/tesoureira ou secretário/tesoureiro nacional; 1 coordenadora ou coordenador de Comunicação; 1 coordenadora ou coordenador de Assessoria. A eleição dos membros da Coordenação Nacional deverá acontecer durante o Encontro Nacional de Católicos LGBT, levando em conta os seguintes critérios: que sejam leigos(as) e pertencentes à *Rede Nacional de Católicos LGBTQ*; o mandato dos membros da Coordenação Nacional é previsto por dois anos, podendo ser reconduzido, à exceção dos cargos de Coordenador Nacional e Vice-Coordenador Nacional.

Para a eleição dos coordenadores regionais, se levará em conta a representação das *cinco regiões* geográficas do Brasil: Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul. E a eleição, deverá ser realizada, dentre os membros indicados pelos grupos da região respectiva (Caso não exista nenhum grupo membro da Rede Nacional em alguma das regiões, a posição de coordenador regional da região respectiva deverá permanecer vaga); dentre os eleitos se elege um Coordenador ou Coordenadora Nacional e um Vice-coordenador ou Vice-coordenadora Nacional para a Rede; O Secretário/Tesoureiro e os coordenadores de Comunicação e Assessoria são eleitos por votação em plenária, podendo os candidatos interessados apresentar suas candidaturas; as equipes de trabalho são montadas pela Coordenação Nacional; as equipes regionais são compostas por coordenadores ou representantes dos grupos locais; e as equipes

⁹⁷ O *site* contém vários tipos de subsídios e materiais sobre a pastoral. Dentre esses, encontra-se um que se intitula “Constituição da Rede”, fonte do que aqui apresentamos no nosso texto. Disponível em: <https://redecaticoslgbt.com.br/>. Acesso em: 22 abr. 2024.

de Comunicação e Assessoria, por sua vez, deverão ser eleitas pela plenária do Encontro Nacional.

Os *Grupos*, presentes em várias regiões e cidades da federação, quando fazem a adesão à *Rede Nacional*, são obrigados a manifestar a concordância com os seus princípios. Contudo, lhes é garantida a sua autonomia quanto aos seus rumos e objetivos específicos, seu funcionamento e estrutura.

Além da *Estrutura de Decisão*, a *Rede Nacional* se propõe a atuar a partir de *sete (7)* eixos principais de atuação: Diálogo eclesial/institucional; Diálogo ecumênico e inter-religioso; Profetismo e ação sociopolítica; Materiais, subsídios e formação bíblico-teológica; Espiritualidade e vivência da fé; Trabalho pastoral e Comunicação.

Por ocasião do *Encontro Nacional*, a plenária estabelece metas e ações específicas relacionadas a cada eixo de atuação, para serem desenvolvidas de forma prioritária pela *Rede Nacional* durante o período de dois anos; ao fim desse período, no encontro subsequente, o andamento das ações deverá ser avaliado em plenária, a fim de que as metas sejam redefinidas ou reelaboradas conforme a necessidade. Caso se julgue necessário, a plenária do *Encontro Nacional* também terá autonomia para rever ou reconsiderar esses eixos de atuação.

Para manutenção da *Rede Nacional de Católicos LGBT*, os grupos que a compõem realizam uma contribuição anual, de acordo com sua realidade, com faixas de contribuição a serem definidas a cada *Encontro Nacional*. Cabe à *Coordenação Nacional* gerir e administrar tais recursos, “que devem servir estritamente para a realização dos objetivos da Rede, sendo necessário apresentar uma prestação de contas anual” (REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBT, 2018).

Como é possível perceber, pelo menos enquanto proposição, trata-se de uma estrutura organizada, com senso de colegialidade, metodologia de articulação, objetivos e metas. Mas essa pastoral tem reconhecimento oficial dentro do catolicismo contemporâneo? Como percebemos a relação que se estabelece entre as lideranças desses grupos e a hierarquia da Igreja Católica? Essa será a nossa próxima abordagem.

4.1.5 Lideranças e hierarquia da Igreja Católica

A *Pastoral da Diversidade Sexual* não tem um reconhecimento oficial dentro do catolicismo. São grupos que recebem, vez ou outra, apoios locais, nacionais e internacionais por parte de membros da hierarquia e das lideranças católicas (padres, religiosos, bispos), que demonstram maior sensibilidade pela questão. Trabalham, sobretudo, com uma metodologia de

acolhida e inclusão dessas pessoas na aceitação da sua condição. Mas não se pode negar que existe uma constante *tensão* entre as lideranças dessa pastoral e a hierarquia católica, fruto da *dissonância* entre o ensino oficial católico sobre a homossexualidade e a prática e compreensão da questão nos grupos das Pastorais da *Diversidade Sexual*.

Conforme Serra (2024), os grupos geralmente tomam a iniciativa de informar por escrito, tanto à (Arqui) diocese local quanto à CNBB, sempre que se reúnem, a cada dois anos, seja para os encontros regionais como os nacionais: “sua intenção declarada é informar os bispos de suas reuniões com antecedência, não pedir permissão para reunir. Há ocasiões em que a Rede envia notas e declarações à CNBB, com comentários críticos acerca de questões relacionadas à dissidência de gênero e sexualidade na Igreja” (Serra, 2024, p. 254). Mas isso, conforme a autora, não garante uma aceitação e mesmo um reconhecimento de mão dupla. Ela ilustra essa realidade com a sua experiência:

Um exemplo se deu por ocasião da Campanha da Fraternidade de 2020, cuja proposta era tratar de relações de cuidado mútuo entre as pessoas, numa perspectiva de acolhimento, inclusive do *diferente*. Um dos materiais elaborados pela CNBB para a campanha, voltado sobretudo para o público jovem, continha o (suposto) *testemunho* de uma moça contando como ela teria se afastado de Deus e da Igreja por ter se envolvido com “drogas e homossexualidade” - e como ter saído daquela “vida de devassidão” e retornado à igreja e a uma vida celibatária, tinha feito dela uma pessoa mais feliz. Diante disso, a Equipe de Coordenação da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT solicitamos aos membros de *nostros coletivos* que nos enviassem - e diretamente aos canais de contato da própria CNBB - breves testemunhos sobre como conciliavam suas *identidades* dissidentes de gênero e sexualidade e a pertença eclesial, a fim de compormos uma espécie de cartilha que enviaríamos por e-mail à cúpula dos bispos católicos no Brasil (Serra, 2024, p. 255).

Conforme Serra (2024), nenhum dos contatos da Rede recebeu uma resposta direta por parte da CNBB. E esse fato chancela a compreensão de que o episcopado católico do Brasil tem optado por não reconhecer a existência de um movimento organizado de dissidentes de gênero e sexualidade católicos romanos no país. Em parte, essa *escolha* se justifica pelas tensões que atravessam a América Latina, com o recrudescimento da *cruzada antigênero*: “parece improvável que a alta hierarquia do clero católico romano brasileiro, em termos institucionais, se disponha a se engajar em algum tipo de atenção pastoral às dissidências de gênero e sexualidade” (Serra, 2024, p. 225). O apoio que existe é pontual e desde que não seja demasiado visível e mesmo oficial. Veja esse testemunho:

Entendo que estamos avançando lentamente. Papa Francisco vem dando bons exemplos e sinais que repercutem na hierarquia e base da Igreja. Mas falta ainda coragem e vontade para compreender os enormes desafios da pop LGBT bem como o desejo de muitos católicos LGBTIs de serem quem são e estarem numa igreja que

os acolhe e vive bem com isso. Não vejo atualmente discursos homofóbicos na igreja, mas há silenciamento cômodo, que evita tocar no assunto ou incentivar iniciativas junto aos LGBTIs. A temática ainda é muito desconhecida por muitos na hierarquia. Há também o medo de enfrentar setores e grupos muito barulhentos que usam da falsa ‘ideologia de gênero’ para intimidar e provocar tumulto⁹⁸.

Como relatamos acima, um exemplo concreto também dessa *tensão* foi a trajetória das duas “*Pastorais da Diversidade*” na Arquidiocese de Belo Horizonte. O movimento foi rápido, da *criação* ao *cancelamento*, revelando as tensões e os paradoxos das lideranças desses grupos experimentados nos ambientes da institucionalidade do Catolicismo. Veja o testemunho da liderança desse grupo, que respondeu ao nosso questionário:

“Os padres e freiras que sempre acompanharam nosso grupo são maravilhosos e muito bem aceitos. Porém tivemos problemas com o alto escalão da igreja em BH, que acabou por expulsar o grupo da paróquia que fazíamos parte”⁹⁹.

"Gostaria que conhecesse o trabalho do grupo e legitimasse a existência do mesmo. Não gostaria de ações arbitrárias como ocorrido em 2018"¹⁰⁰

Contudo, cabe ressaltar que “as organizações de ‘católicos LGBTI+’ brasileiras têm alcançado com frequência um *status* relativamente *institucionalizado* por meio de envolvimento em instâncias laicas da institucionalidade católica” (Serra, p. 256, 2024). Um exemplo é a filiação da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT ao CNLB (Conselho Nacional do Laicato do Brasil), consolidada em outubro de 2022. Uma vez que esse Conselho é parte da estrutura formal da Igreja Católica no Brasil, não deixa de ser interessante como “meio-termo”, no sentido da busca de certa *legitimação institucional* por parte da Rede. Outro exemplo é a sua integração nas atividades da Semana Social Brasileira, mobilizada pela Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Sociotransformadora da CNBB. Mas há uma mágoa, no geral, em relação à hierarquia católica por parte da coordenação dessa pastoral. Os registros das respostas do questionário são ilustrativos:

As existências e vidas LGBTIs estão aí, no mundo, muitas machucadas, e creio que, por dever e coerência com o evangelho, a hierarquia da Igreja deve estar atenta e solicita a isso. Inclusive, para reparar os séculos de violências e ataques contra essas pessoas. Além disso, nossas comunidades (inclusive seminários) estão cheias de

⁹⁸ Entrevista concedida por TAL, Fulano de. Questionário Coluna AM. [jan. 2022]. Entrevistador: Aureo Nogueira de Freitas. Belo Horizonte, 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta Tese. Disponível em: <https://teams.microsoft.com/l/team/19%3APfnHIKn5ZLeIgbAgaUj61gSqPEAkwlSMZmG-x8-H-nA1%40thread.tacv2/conversations?groupId=0a70e99c-a276-4344-960b-e6d3670889f2&tenantId=7ee437e2-ba42-4c81-b294-28591e308dfc>.

⁹⁹ Idem.

¹⁰⁰ Idem.

LGBTIs dedicados e comprometidos com a Igreja que merecem reconhecimento e acolhida de quem são¹⁰¹.

A hierarquia poderia ser mais aberta ao diálogo e à participação dos leigos¹⁰².

Queria mais abertura para os LGBT. Os Jesuítas têm e apoiam, os bispos muitas vezes não¹⁰³.

Isso nos leva a concluir, a princípio, que essa pastoral, ainda que relacionada ao universo do catolicismo contemporâneo, é uma iniciativa ancorada *à margem* dele. Organizam-se, contudo, sem um apoio explícito por parte da instância oficial de legitimidade da tradição católica, que é o *magistério*. O apoio é de pessoas pontuais (bispos, padres, religiosos), que fazem parte da hierarquia do catolicismo, mas que não podem dar chancela oficial a esta iniciativa. Algo que, certamente, irá interferir também na vida dos sujeitos que participam dessa pastoral, quando procuram elaborar a sua identidade sexual.

As respostas dos participantes ao questionário que se identificaram como liderança demonstram uma complexa teia de experiências, expectativas e desafios enfrentados por esta comunidade no contexto eclesial. Os respondentes reconhecem um progresso gradual na abordagem da Igreja em relação às questões LGBT+, frequentemente atribuindo essa evolução à liderança do Papa Francisco. F.M.¹⁰⁴ destaca que o pontífice "vem dando bons exemplos e sinais que repercutem na hierarquia e base da Igreja". No entanto, esse mesmo participante enfatiza que "falta ainda coragem e vontade para compreender os enormes desafios da população LGBT+".

Essa percepção de avanço lento é uma constante entre as respostas, sugerindo que, embora haja mudanças positivas, elas são consideradas insuficientes pela comunidade LGBT+ católica. A tensão entre o progresso percebido e as expectativas não atendidas são um tema recorrente que merece atenção acadêmica mais aprofundada.

Um tema proeminente nas respostas é o desejo de reconhecimento oficial e a legitimação dos grupos LGBT+ dentro da estrutura eclesial. WJS¹⁰⁵ expressa explicitamente o desejo de que a Igreja "conhecesse o trabalho do grupo e legitimasse a existência do mesmo". Essa busca por validação institucional reflete uma necessidade profunda de pertencimento e aceitação dentro da comunidade de fé católica.

¹⁰¹ Idem.

¹⁰² Idem.

¹⁰³ Idem.

¹⁰⁴ Para preservar a identidade da participante, mencionamos apenas a inicial do seu nome.

¹⁰⁵ Idem.

SHB¹⁰⁶ menciona que seu grupo é "aceito, mas informalmente, sem o reconhecimento como uma pastoral". Essa declaração ilustra a complexidade da situação: há uma aceitação tácita, mas falta o reconhecimento formal que muitos grupos almejam. Essa dinâmica de aceitação informal *versus* reconhecimento oficial representa um ponto de tensão significativo na relação entre a Igreja e os grupos LGBT+.

As experiências relatadas com a hierarquia eclesiástica variam consideravelmente. Enquanto alguns participantes, como JJS¹⁰⁷, mencionam interações positivas ("o bispo auxiliar... já foi nos visitar e celebrou conosco a missa"), outros, como N., relatam experiências negativas ("tivemos problemas com o alto escalão da igreja em BH, que acabou por expulsar o grupo da paróquia").

Essa variabilidade sugere que o tratamento dos grupos LGBT+ pode depender significativamente de fatores locais e individuais, como a atitude de líderes eclesiásticos específicos. A falta de uma abordagem uniforme por parte da Igreja pode contribuir para a sensação de incerteza e insegurança expressa por muitos participantes.

Vários respondentes expressam a necessidade de maior orientação teológica e acompanhamento pastoral. GCFC¹⁰⁸ articula claramente esta necessidade: "seria bom termos um representante da Igreja em 100% dos nossos encontros porque não temos conhecimento, formação religiosa". Essa declaração revela um desejo de integração mais profunda com a tradição e o ensino católicos, mesmo enquanto buscam aceitação de suas identidades LGBT+.

FCA¹⁰⁹ sugere a designação de "um padre assessor local e um bispo em nível nacional", indicando um desejo de estruturas de apoio mais formais e abrangentes. Essas solicitações refletem uma vontade de permanecer dentro da tradição católica, buscando formas de reconciliar sua fé com suas identidades sexuais e de gênero.

Um tema subjacente em várias respostas é a tensão percebida entre a doutrina tradicional da Igreja sobre sexualidade e a necessidade de uma abordagem pastoral mais inclusiva. CS¹¹⁰ articula esse conflito ao expressar o desejo de "mais preocupação pastoral com a vida e a permanência das pessoas LGBTs na igreja, ao invés do foco no pecado".

Essa observação destaca um desafio fundamental para a Igreja Católica: como manter sua doutrina tradicional enquanto responde às necessidades pastorais de seus membros LGBT+.

¹⁰⁶ idem

¹⁰⁷ idem

¹⁰⁸ idem

¹⁰⁹ idem

¹¹⁰ idem

A resolução dessa tensão emerge como uma questão central para o futuro do catolicismo em relação à diversidade sexual e de gênero.

A análise das respostas revela que há um consenso entre os participantes sobre a necessidade de maior abertura, diálogo e reconhecimento formal por parte da hierarquia da Igreja em relação aos grupos e indivíduos LGBT+.

Enquanto alguns destacam progressos e iniciativas positivas, a maioria dos participantes enfatiza que há ainda um longo caminho a percorrer para que a inclusão seja plena e para que a Igreja Católica possa verdadeiramente acolher e legitimar a diversidade de seus fiéis, alinhando-se com os valores do Evangelho de acolhida e amor ao próximo. A tensão entre as bases acolhedoras e a hierarquia, as experiências de exclusão e o desejo de reconhecimento institucional são questões centrais que permeiam os relatos e que merecem ser aprofundadas em estudos futuros. Contudo, é uma constatação de que essa iniciativa pastoral, dentro do catolicismo, vive à margem e não tem *status canônico*. Nosso próximo item será a apresentação do grupo pastoral *Apostolado Courage*.

4.2 O grupo do *Apostolado Courage*

Esse grupo se define em sua página na web como “Um apostolado Católico Romano para homens e mulheres que sentem atração pelo mesmo sexo e para aqueles que os amam”¹¹¹. Os membros que participam desse grupo, conforme a proposta oficial do Catolicismo, devem aceitar que sentem atração pelo mesmo sexo, contudo, devem se comprometer a lutar pela castidade. Para isso, recebem apoio pastoral na forma de orientação espiritual, apoio de oração comunitária e comunhão. Podem participar também pais, cônjuges, irmãos e amigos de pessoas que se identificam como LGBTQ. Nesse sentido, o grupo trabalha a acolhida e a compreensão para manter a fé e manter seus laços familiares intactos, para que esses últimos possam entender as experiências de seus entes queridos e responder a elas com compaixão. Afirmam que é possível expressar amor por alguém, mesmo que não possamos apoiar todas as suas escolhas ou ações.

Apresentam-se como um apostolado de apoio aos católicos homossexuais, que desejam ser fiéis à doutrina católica sobre a homossexualidade:

Reflexões sobre a caminhada de pessoas homossexuais na vida da comunidade cristã.
O que diz a Igreja? Quais os caminhos a percorrer? Qual orientação às famílias? Como

¹¹¹ <https://www.couragebrasil.com/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

as paróquias podem acolher os homossexuais? (Portal Vida e Família. Série sobre “Homossexuais e vida cristã”) ¹¹².

Courage, que significa “coragem”, é um serviço promovido pelo episcopado da Igreja Católica. Os apostolados estão presentes em mais da metade das dioceses dos Estados Unidos e em quatorze países dos cinco continentes, incluindo o Brasil. Foi fundado em 1980 pelo padre John F. Harvey¹¹³: “Em 1980, respondi a um chamado que mudaria minha vida e a vida de tantos outros de uma forma profunda. Este novo chamado veio de Terence Cardinal Cooke, então Arcebispo de Nova York” (APOSTOLADO COURAGE, 2024).

Referem-se às pessoas homossexuais como aquelas que têm “Atração pelo Mesmo Sexo” (AMS). Ensinam que: As pessoas que sentem AMS podem seguir Jesus Cristo de acordo com o ensinamento moral e espiritual da Igreja Católica Apostólica Romana; É possível sentir AMS e ter uma vida casta e produtiva; As pessoas que sentem AMS podem desenvolver um entendimento seguro e plenamente agraciado de si mesmas, enquanto crescem em sua verdadeira identidade como homens e mulheres maduros; Ter atrações pelo mesmo sexo, ou sentimentos homossexuais, não é pecado em si mesmo; porém, os atos homossexuais são imorais e não conduzem a uma vida mais profunda em Cristo; A dignidade da pessoa não depende das suas atrações sexuais, mas da sua relação com Jesus Cristo; Os desejos homossexuais, geralmente, não são escolhidos pela pessoa; As terapias podem tratar de questões emocionais relacionadas à AMS, porém, elas não podem garantir que a AMS seja eliminada; Homens e mulheres que sentem AMS podem ter uma vida casta; A castidade, tornada possível pela redenção de Cristo, é uma virtude libertadora e uma fonte de alegria e liberdade¹¹⁴.

Através de uma consulta realizada pelos canais da internet, consta que existem grupos nos seguintes países: Estados Unidos, México, Equador, Espanha, Panamá, República Dominicana, Guatemala, El Salvador e no Brasil, onde existe a presença desses grupos nas seguintes (Arqui) Dioceses: São Paulo – SP; Franca – SP; Ourinho – SP; Ribeirão Preto – SP;

¹¹² 13/05/2025; Disponível em: <https://vidaefamilia.org.br/serie-sobre-qhomossexuais-e-vida-crista-na-revista-vida-e-familia/>. Acesso em: 13 maio 2024.

¹¹³ O Padre Harvey é mais conhecido por fundar o *Apostolado Courage* e dirigi-lo pelos primeiros 28 anos de sua existência. Um Perfil no Courage conta a história de como o Padre veio a estabelecer este importante ministério católico que continua a florescer e crescer hoje. O Courage fornece apoio espiritual e comunidade sacramental para homens e mulheres que experimentam atrações pelo mesmo sexo e que desejam desenvolver uma vida de castidade interior em união com Cristo. Disponível em: <https://www.frjohnharvey.com/a-profile-in-courage>. Acesso em: 18 jul. 2024.

¹¹⁴ EM QUE ACREDITAM O COURAGE E O ENCOURAGE? Acesso em: 20 fev. 2023.

Santo André – SP; Rio de Janeiro – RJ; Petrópolis – RJ; Belo Horizonte – MG; Curitiba – PR; Londrina – PR; Brasília – DF; Belém – PA; Fortaleza – CE; Região do Nordeste¹¹⁵.

É um grupo pastoral alinhado com o ensinamento oficial do catolicismo sobre a homossexualidade. Aceita-se a *condição* da pessoa homossexual, mas restringe-se a *prática dos atos* homossexuais, propondo uma vida de castidade para essas pessoas. Também como o grupo da *Pastoral da Diversidade Sexual*, existem autores em que o *Apostolado Courage* ancora o seu trabalho com argumentação teológica pastoral. Escolhemos dois autores que têm uma trajetória de experiência na proposta: Gerard Van Den Aardweg e Daniel C. Mattson. É o que apresentamos a seguir.

4.2.1 Referencial Teológico-Pastoral

Gerard Van Den Aardweg¹¹⁶ é um dos principais expoentes que trabalham na argumentação do ensinamento oficial do catolicismo sobre a homossexualidade. No seu livro, *A Batalha pela normalidade*, Gerad já sintetiza a sua tese de fundo sobre a questão, afirmando o arcabouço do seu pensamento na dedicatória da obra:

Aos homens e mulheres atormentados pelas emoções sexuais que não querem viver como homossexuais, que desejam ajuda e apoio construtivo, e que são esquecidos, que não têm voz nem obtêm respostas em nossa sociedade, a qual reconhece apenas o homossexual favorável à emancipação, que pretende impor sua ideologia de ‘normalidade’ e ‘imutabilidade’ e desta forma discrimina aqueles que sabem ou sentem que isso é uma triste mentira (Aardweg, 2006, p. 5).

A partir dessa convicção, apresenta “os elementos essenciais para o esclarecimento e o (auto) tratamento da homossexualidade” (Aardweg, 2006, p.8). Esses elementos nasceram da sua experiência clínica terapêutica “com base em mais de trinta anos de estudo e experiência terapêutica com mais de trezentos clientes, os quais veio a “conhecer perfeitamente durante vários anos de estudo e com muitos outros indivíduos com esta orientação”¹¹⁷ (Aardweg, 2006,

¹¹⁵ Disponível: <https://couragebrasil.com/celulas-do-courage>. Acesso em: 18 jul. 2024.

¹¹⁶ Gerard Van Den Aardweg estudou psicologia na Universidade de Leiden e recebeu o título de Ph.D. em Psicologia na Universidade de Amsterdã. Na prática, como particular, exerceu a psicoterapia desde 1963 na Holanda, especializando-se no tratamento de problemas de homossexualidade e casamento. Escreveu para muitas revistas e obras especializadas e é autor de diversas obras sobre homossexualidade. Os livros publicados por ele incluem: *A Batalha pela normalidade sexual*, *Homossexualidade e Esperança*, *Autopiedade Neurótica e Terapia Antiqueixa*, e *On the Origins and Treatment of Homosexuality*. Disponível em: <https://portalconservador.com/livros/Gerard-Van-Den-Aardweg-A-Batalha-Pela-Normalidade-Sexual.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2024.

¹¹⁷ Aardweg sugere, dentre os seus livros, os seguintes: *On the origins and Treatment of Homosexuality e Homosexuality and hope* de 1085. São obras que tratam de comprovações de pesquisa relacionadas a fatores como

p. 8). Para Aardweg a aceitação da homossexualidade como natural vem das pressões sociais. Para ele, “muitas pessoas aflitas, inclusive as que militantemente professam seu comportamento gay, de certa forma nutrem o desejo, ainda que reprimido, de serem normais” (Aardweg, 2006, p. 9). Só há um caminho para não abandonar a decisão de mudar:

É preciso cultivar em si motivações como uma visão clara de que a homossexualidade é algo antinatural; uma moral e/ou uma convicção religiosa sadia; e quando aplicável, uma vontade de fazer o maior esforço para concretizar uma relação existente no casamento que seja razoável, além do aspecto sexual (Aardweg, 2006, p. 9).

A não aceitação da homossexualidade como *natural*, para o autor, não é que a pessoa deva se sentir rebaixada, odiar-se, ou carregar uma “submissão que tem medo dos preceitos morais simplesmente porque eles são impostos pela sociedade ou pela religião” (Aardweg, 2006, p. 9). O autor está convencido de que a questão de fundo é que a homossexualidade é incompatível com a maturidade psicológica, o sacrário da consciência humana e o próprio Deus:

É ter um sentimento sereno e vigoroso de que a homossexualidade é incompatível com maturidade psicológica e/ou pureza moral, com os mais profundos avisos da própria consciência, e com sua responsabilidade diante de Deus. Portanto, reforçar regularmente sua decisão moral de lutar contra o aspecto homossexual da personalidade é fundamental para um bom resultado (Aardweg, 2006, p. 9).

Enfim, para Aardweg, a homossexualidade é uma doença inconciliável de aceitação como normal, incapaz de fazer a pessoa feliz, madura e realizada. Chega a compará-la como outras neuroses: fobias, obsessões, depressões ou outras anomalias sexuais. E como é uma doença, a sensatez é procurar sua cura:

A coisa mais sensata é procurar fazer algo a esse respeito, ainda que custe energia e signifique abandonar imediatamente prazeres e ilusões. Muitos homossexuais sabem disso, de fato, mas porque não querem ver o que é evidente, alguns procuram convencer-se de que sua orientação é normal e ficam furiosos se seu sonho, ou fuga da realidade, é ameaçado. Gostam de exagerar a dificuldade da terapia e sem dúvida ficam cegos para as vantagens, até mesmo para as leves mudanças para melhor. Mas quem condenaria as terapias de doenças reumáticas ou do câncer, se essas terapias, apesar de tudo, ainda não curam definitivamente todas as categorias de pacientes? (Aardweg, 2006, p.11).

Fica evidente que o autor parte do princípio de que a homossexualidade é um desvio e, portanto, uma doença a ser curada. Certamente, como descrevemos no capítulo segundo da

testes psicológicos, relações parentais e outras relações intrafamiliares e adaptação social na infância sobre os homossexuais.

nossa tese, os documentos do magistério católico assim registram a condição homossexual. Retomamos o Catecismo que rege o seguinte: "Os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados. São contrários à lei natural. Fecham o ato sexual ao dom da vida. Não procedem de uma complementaridade afetiva e sexual verdadeira. Em caso algum podem ser aprovados." (CIC, § 2357, 1995). Portanto, o autor em questão procura apenas chancelar, com a sua experiência e os argumentos, a questão. E o faz, também convencido de que é possível reverter essa situação através da cura dessa “*desordem*” da natureza da sexualidade.

Outro autor, que também está em sintonia com a doutrina oficial da Igreja Católica sobre a homossexualidade é Daniel C. Mattson¹¹⁸. Ele esclarece o principal motivo de escrever sobre esse assunto que faz parte da sua própria experiência. Mattson (2017) chegou a essa consciência, apesar de saber bem o que significa viver uma atração por pessoas do seu sexo: "a ideia de ser gay não me tocou em nada, muito menos a de ter um relacionamento com um homem". Quando menino se sentia atraído por seus companheiros, com os quais se sentia desconfortável, embora quisesse ser como eles. No entanto, ele explica o motivo de escrever o livro:

Eu escrevi o livro que queria ler quando tinha 19 anos. Eu estava começando a faculdade e com isso minha vida independente. Senti atração por homens e me fiz muitas perguntas: sobre fé, sobre Deus, sobre o meu futuro, sobre minha identidade. Eu não entendia o sentido profundo da sexualidade humana e estava convencido de que viveria uma vida miserável de solidão. Eu coloquei minha vida no papel na esperança de ajudar as pessoas, especialmente os jovens, que estão na mesma situação (Mattson, 2017)¹¹⁹.

Mattson está convencido de que a questão “*ser gay*” não é uma verdade objetiva. Trata-se de dar vazão a sentimentos que levam a pessoa para longe da verdade da sua criação, realizada por Deus, como ser sexual homem ou mulher. Há, conforme o autor, uma diferença

¹¹⁸ Daniel C. Mattson é um membro ativo da Apostolate Courage, o serviço da Igreja Católica para o cuidado pastoral de pessoas que sentem atração por pessoas do mesmo sexo. Acreditava que ele era gay. Criado em uma família cristã e ciente, já com seis anos de idade, de sua atração por outros meninos, sua vida é marcada pela constante tensão entre sua fé em Deus e suas atrações sexuais. Daniel acreditava que o conflito entre seus desejos e os ensinamentos da Igreja era muito forte, então ele acabou sendo gay, virou as costas para Deus e começou um relacionamento com um homem. No entanto, a liberdade e a felicidade continuaram a iludi-lo até que ele descobriu Cristo e sua verdadeira identidade. Mattson conta sua história no livro “Por que eu não me chamo de gay - Como recuperei minha identidade sexual e encontrei a paz”. No livro, traduzido para o italiano por Cantagalli, com o prefácio do cardeal Robert Sarah, ele fala da importância do Apostolado da Coragem de Oração, uma abordagem ao problema da homossexualidade de acordo com a doutrina da Igreja. Disponível em: <https://translate.google.com/translate?hl=ptBR&sl=en&u=https://www.christianpost.com/news/author-who-once-embraced-homosexuality-no-longer-calls-himself-gay>. Acesso em: 07 set. 2018.

¹¹⁹ Disponível em: <https://translate.google.com/translate?hl=ptBR&sl=it&u=https://www.nondefiniscogay.blog/wp/&prev=search>. Acesso em: 07 set. 2018.

entre nossa identidade e nossa atração sexual, nosso comportamento. O que define a identidade sexual é o sexo, feminino ou masculino. Pensa a questão da homossexualidade na dimensão do que sentimos. Podemos sentir atraídos pelo mesmo sexo, mas isso não define nossa identidade sexual. Nesse quesito é taxativo numa verdade objetiva:

A maior razão pela qual eu me recuso a me chamar de gay é simples: eu acho que não é objetivamente verdade. Concentrar-se nos sentimentos leva as pessoas para longe de sua realidade como filhos de Deus, nascidos do sexo masculino e feminino. Precisamos aprender a distinguir nossa identidade de nossa atração sexual, nosso comportamento. Não é o que "sentimos" que deve regular nossa vida, senão passaríamos apenas com a luz vermelha porque, de fato, a "sentimos". Existe uma verdade objetiva que nos protege, feita para o nosso bem. Caso contrário, seria o caos: há homens que se sentem como mulheres, mulheres que se sentem gatos, pessoas que sentem que não deveriam ter nascido com as pernas e que foram operadas para amputá-las: isso é normal? O exemplo é extremo, mas é real (Mattson, 2017) ¹²⁰.

Ele relaciona a base das relações homossexuais ao vazio profundo que há no coração humano. No homem, a força do sexo é poderosa e sua dependência maior. Nunca sendo um ativista gay, reconhece que seu relacionamento homossexual não preencheu esse seu vazio interior. O que valeu foi a companhia que um tinha pelo outro, mas nunca se sentindo feliz plenamente:

Acredito que a base das relações homossexuais é o vazio profundo que é percebido e buscado preencher, às vezes com o sexo. Entre os homens é muito poderoso e cria muita dependência. Exceto por isso, olhando para trás, meu relacionamento com Jason era, de certo modo, comum: nenhum de nós era um ativista do movimento gay e fizemos muita companhia. Eu chego para dizer que eu estava de alguma forma feliz com ele. Certamente feliz apenas pelo que eu sabia que poderia ser feliz, porque dentro de mim essa sensação de vazio permanecia. No entanto, encontrei um equilíbrio e estava me preparando para sair com minha família (Mattson, 2017) ¹²¹.

Depois de terminar o seu relacionamento com seu companheiro e viver uma experiência heterossexual que durou um ano, Mattson sentia “que estava procurando mais, um parceiro de vida, uma pessoa com quem compartilhar valores e vida cotidiana”. Foi quando ele encontrou de repente o amor à primeira vista que veio com uma mulher:

Eu não queria me apaixonar por Kelly, mas aconteceu e minha vida foi derrubada novamente. Minha história com Jason acabou e eu comecei a namorar uma mulher

¹²⁰Disponível em:

<https://translate.google.com/translate?hl=ptBR&sl=it&u=https://www.nonmidefiniscogay.blo/wp/&prev=search>. Acesso em: 07 set. 2018.

¹²¹Disponível em:

<https://translate.google.com/translate?hl=ptBR&sl=it&u=https://www.nonmidefiniscogay.blog/wp/&prev=search>. Acesso em: 07 set. 2018.

que parecia feita para mim tão forte era o acordo. Finalmente, senti-me no lugar certo, com a pessoa certa e comecei a fazer planos para o futuro. Eu fui comprar um anel para pedir-lhe para casar comigo... (Mattson, 2017) ¹²².

Quando descobre que a sua esposa não queria ter filhos, sofreu uma nova crise e, apesar de se sentir muito imaturo na fé na ocasião e, ter sofrido muito, compreendeu que isso tinha um desígnio de Deus na sua vida e missão:

Sim. Kelly me disse que não queria ter filhos. Senti o mundo desabar sobre mim, levamos um período de reflexão, mas, embora eu ainda fosse muito imaturo na fé, certamente queria me tornar pai. Hoje estou convencido de que deixar Kelly, apesar de ter sido um dos momentos mais lacerantes e devastadores da minha vida, também tem sido um dos passos fundamentais da minha jornada. O Senhor precisava tirar Kelly de mim para que eu me apaixonasse por Ele (Mattson, 2017) ¹²³.

Através do *Apostolado Courage*, se sentiu acompanhado pela Igreja. E essa foi uma das principais razões pelas quais ele voltou à Igreja, descobrindo e aceitando a realidade objetiva da natureza sexual, revelada em nossos corpos. Mattson se convenceu de que Deus deu um nome à nossa sexualidade em Gênesis: homens e mulheres, e é isso. Nada mais e nada menos que a beleza desses dois sexos. Faz uma crítica com relação à obra do padre James Martin, que defende a necessidade de um cuidado pastoral dedicado ao chamado mundo homossexual:

Acredito que James Martin está primeiro confuso sobre o que o Catecismo da Igreja Católica diz. Refiro-me ao parágrafo que ele desenvolve em seu livro, 2358, ou ao da necessidade de ter respeito, compaixão e delicadeza. Estamos enfrentando um ensinamento muito claro. O que significa respeito? Para respeitar verdadeiramente alguém, precisamos primeiro reconhecer sua identidade. É uma questão de antropologia e para a Igreja não há espaço para termos como "gay", "lésbica" ou "transgênero", que são uma redução da pessoa. Só o que é verdade é autenticamente pastoral: e a verdade é que somos homens e mulheres. Todo o resto é um falso respeito, uma falsa delicadeza e uma falsa compaixão (Mattson, 2017) ¹²⁴.

Defende a doutrina católica da *aceitação* da condição homossexual, mas não da prática dos *atos homossexuais*. Argumenta que a castidade é também pedida pela Igreja para aqueles que estão se preparando para o casamento. Esse valor da castidade se fundamenta na concepção de que o ser humano é feito para uma fidelidade muito maior que a outro semelhante a ele:

¹²²Disponível em:

<https://translate.google.com/translate?hl=ptBR&sl=it&u=https://www.nonmidefiniscogay.blog/wp/&prev=search>. Acesso em: 07 set. 2018.

¹²³Disponível em:

<https://translate.google.com/translate?hl=ptBR&sl=it&u=https://www.nonmidefiniscogay.blog/wp/&prev=search>. Acesso em: 07 set. 2018.

¹²⁴Disponível em:

<https://translate.google.com/translate?hl=ptBR&sl=it&u=https://www.nonmidefiniscogay.blog/wp/&prev=search>. Acesso em: 07 set. 2018.

Eu sou feito por muito mais que fidelidade a um homem, eu sou chamado a uma total pertença ao Senhor que passa antes de tudo da verdade de quem eu sou. Pensando no Jason, hoje eu sei que dois homens não são feitos para ficar juntos: se eles realmente querem, eles têm que parar de fazer sexo, porque o amor verdadeiro pelo outro é a amizade na fraternidade, não o ato homoerótico. Isto diz a Igreja e este é o caminho para ser verdadeiramente feliz. Seria um insulto propor algo menos do que felicidade plena "porque é muito difícil", não se torna cristão para ter uma vida confortável. Isso também se aplica aos casais de noivos, mesmo quando eles já viviam juntos. A Igreja deve dizer: desde que eu te amo te proponho algo mais. Claro que é cansativo, mas não nos foi prometido cem por aqui? (Mattson, 2017) ¹²⁵.

Lembra Mattson que, curiosamente, a opinião da Igreja Católica espelhava a de muitos ícones abertamente homossexuais apenas algumas décadas atrás. O escritor Gore Vidal ¹²⁶ rejeitou a ideia de que existia uma pessoa "homossexual", dizendo que era um adjetivo que descrevia um ato sexual. O romancista afro-americano James Baldwin ¹²⁷, que tinha relações

¹²⁵Disponível em:

<https://translate.google.com/translate?hl=ptBR&sl=it&u=https://www.nonmidefiniscogay.blog/wp/&prev=search>. Acesso em: 07 set. 2018.

¹²⁶ Gore Vidal nasceu na Academia Militar de West Point, único filho de um pioneiro da aviação norte-americana, Eugene Luther Vidal (1895–1969), e de Nina Gore (1903–1978). Foi criado em Washington, D.C. onde seu pai trabalhou para o governo Roosevelt e seu avô foi o senador T. P. Gore. Estudou na Universidade de Nova Hampshire. Ingressou na literatura quando adolescente, escrevendo contos e poemas. Publicou seu primeiro romance, *Williwaw*, aos 21 anos quando servia nas Forças Armadas durante a Segunda Guerra Mundial, mas nos anos 50 passou a sofrer perseguições por parte dos conservadores liderados pelo senador McCarthy. Foi um crítico cáustico das posturas belicistas adotadas pelos dirigentes norte-americanos. Foi romancista e ensaísta e residiu muitos anos em Ravello, Itália, tendo retornado para Los Angeles, Estados Unidos, quando da enfermidade e posterior morte de seu companheiro Howard Austen, em 2003. Continuou a escrever livros e artigos para periódicos do mundo inteiro. Morreu no dia 31 de julho de 2012 de pneumonia, em Hollywood. Alguns anos mais tarde, em 1948, escreveu o romance “A Cidade e o Pilar” que causou escândalo pela sua representação desapaixonada da homossexualidade. O romance foi dedicado a “J. T.” Décadas mais tarde, depois de algumas revistas terem publicado rumores acerca da identidade de J. T., Vidal confirmou que eram as iniciais do seu apaixonado dos tempos de St. Albans, James “Jimmy” Trimble III, morto em combate na batalha de Iwo Jima no dia 1 de março de 1945; Vidal disse mais tarde que Trimble foi a única pessoa que ele tinha verdadeiramente amado. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gore_Vidal. Acesso em: 07 set. 2018.

¹²⁷ James Arthur Baldwin (Nova Iorque, 2 de agosto de 1924 — Saint-Paul de Vence, 1 de dezembro de 1987) foi um romancista, ensaísta, dramaturgo, poeta e crítico social sionista estadunidense. Seus textos, tal como o *Notes of a Native Son* (1955), exploram complexidades palpáveis ainda não ditas sobre a sexualidade e as distinções de classes raciais nas sociedades ocidentais, principalmente na América da metade do século 20, e suas inevitáveis tensões. Alguns textos de Baldwin são do comprimento de um livro como, por exemplo, *The Fire Next Time* (1963), *No Name in the Street* (1972), e *The Devil Finds Work* (1976). Os romances e peças de Baldwin tornam em ficção perguntas pessoais fundamentais e dilemas em meio a pressões sociais e psicológicas complexas frustrando a integração equitativa, não só de negros, mas também de homens homossexuais e bissexuais, enquanto descrevem alguns obstáculos internalizados nas buscas de tais indivíduos à aceitação. Essa dinâmica é proeminente no segundo romance de Baldwin, *Giovanni's Room* (O Quarto de Giovanni), escrito em 1956, bem antes dos direitos de os homossexuais serem amplamente defendidos nos Estados Unidos. Baldwin era filho de Emma Berdis Jones, a qual teria abandonado seu pai biológico por causa de seu abuso de drogas e mudou-se para o Harlem, na cidade de Nova Iorque. Lá, ela se casou com um pastor, David Baldwin. A família era muito pobre. Baldwin passou muito tempo cuidando de seus vários irmãos e irmãs mais novos. Aos 10 anos de idade, ele foi provocado e abusado por dois policiais de Nova Iorque, um caso de assédio racista pelo Departamento de Polícia de Nova Iorque que ele iria experimentar mais tarde quando adolescente e viria a documentar em seus textos. Seu pai adotivo, ao qual Baldwin se referia em seus textos simplesmente como seu pai, parece tê-lo tratado - em comparação com seus irmãos - com grande dureza. Seu padrasto morreu de tuberculose no verão de 1943, pouco antes de Baldwin completar 19 anos. O dia do aniversário de 19 anos de Baldwin foi o dia do funeral de seu pai,

sexuais e românticas com homens, também expressou seu desconforto com a palavra *gay*, dizendo que isso o incomodava. No livro, Mattson traça como o desenvolvimento de categorias de identidade homossexual foi construído ao longo do tempo e como, através do ativismo estratégico, a percepção pública foi deslocada para considerar a sexualidade primariamente como um marcador de identidade e não um ato sexual. Mas Deus apenas proferiu duas palavras para descrever a *identidade sexual* do homem: *masculino* e *feminino*.

Como se percebe, esses autores cancelam o ensinamento oficial do catolicismo sobre a homossexualidade. E o fazem ilustrando a experiência, seja de pessoas que acompanharam, seja a própria. É clara a ideia da homossexualidade como uma *perversão*, embora os argumentos, como já demonstrado nos capítulos anteriores desta tese, sejam passíveis de críticas e, até mesmo, considerados infundados, a partir da evolução da compreensão da sexualidade humana e da homossexualidade nos dias atuais. Contudo, há uma coerência dos argumentos quanto à premissa defendida pelo catolicismo. Suas ideias são acolhidas e trabalhadas no *Apostolado do Grupo Courage*, através dos objetivos que se propõem alcançar.

4.2.2 Os objetivos do Apostolado

Na página oficial do apostolado, encontram-se os objetivos propostos para as pessoas que assumem participar do grupo¹²⁸. Denominados *objetivos* da *Coragem*, são no total de cinco e foram criados pelos próprios membros, quando o *Apostolado Courage* foi fundado. Esses objetivos são lidos no início de cada reunião e cada membro é chamado a praticá-los na vida diária. São os seguintes: 1. Viver uma vida casta de acordo com os ensinamentos da Igreja Católica Romana sobre a homossexualidade (castidade); 2. Dedicar toda a vida a Cristo por meio do serviço ao próximo, da leitura espiritual, da oração, da meditação, da direção espiritual individual, da participação frequente na Missa e da recepção frequente dos sacramentos da Reconciliação e da Sagrada Eucaristia (Oração e Dedicção); 3. Promover um espírito de companheirismo, no qual possam compartilhar uns com os outros os pensamentos e as experiências, e assim garantir que ninguém tenha que enfrentar os problemas da

o dia que a última criança de seu pai nasceu, e o dia do motim do Harlem de 1943, que foi retratado no início de seu texto "Notes of a Native Son". A busca para responder ou explicar a rejeição familiar e social - e alcançar um senso de individualidade, coerente e benevolente - tornou-se um motivo condutor nos escritos de Baldwin. Baldwin morreu de cancro do estômago, tendo sido enterrado ao lado da sua mãe, Emma Berdis Jones, que lhe sobreviveu 12 anos. Os dois repousam na Campa 1203 do Ferncliff Cemetery and Mausoleum, Hartsdale, em Nova Iorque. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/James_Baldwin_\(escritor\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/James_Baldwin_(escritor)). Acesso em: 07 set. 2018.

¹²⁸ Objetivos a serem vividos pelos membros que participam do *Apostolado Courage*. Disponível: <https://couragec.org/about/>. Acesso em: 19 jul. 2024.

homossexualidade sozinho (Comunhão); 4. Estar ciente da verdade de que amizades castas não são apenas possíveis, mas necessárias em uma vida cristã casta; e encorajar uns aos outros na formação e manutenção dessas amizades (Apoio); 5. Viver vidas que possam servir de bons exemplos para os outros (Bom Exemplo/Modelo).

O apostolado estabelece também objetivos para os familiares dos seus membros, uma vez que estão convencidos da importância da ajuda familiar para se alcançarem os objetivos que se propõem:

Em reconhecimento ao papel insubstituível da família em atingir uma compreensão da experiência de atrações pelo mesmo sexo e abraçar uma vida de castidade, o EnCourage foi fundado. Como um apostolado do Courage, e fluindo de seu propósito central, o EnCourage fornece cuidado pastoral a familiares e amigos de pessoas que se identificam como LGBT (COURAGE.ORG, 2024).

Portanto, são estabelecidos os seguintes objetivos para *encorajar (EnCourage)* os participantes do apostolado: 1. Crescer espiritualmente por meio da leitura espiritual, oração, meditação, direção espiritual individual, frequência frequente à missa e recepção frequente dos sacramentos da Penitência e da Sagrada Eucaristia; 2. Obter uma compreensão mais profunda das necessidades, dificuldades e desafios enfrentados por homens e mulheres que sentem atração pelo mesmo sexo; 3. Estabelecer e manter um relacionamento saudável e pleno com seus entes queridos que sentem atração pelo mesmo sexo; 4. Ajudar outros familiares e amigos a se aproximarem com compaixão e verdade, e não a rejeitarem, seus entes queridos que sentem atração pelo mesmo sexo; 5. Testemunhar aos seus entes queridos, com suas próprias vidas, que a realização pode ser encontrada em Jesus Cristo por meio de Seu Corpo, a Igreja. Há, portanto, uma proposta de que os familiares e os amigos dos participantes sejam, de fato, envolvidos na proposta. Que metodologia o *Apostolado Courage* propõe para que sejam concretizados tais objetivos? Vamos a essa abordagem em seguida.

4.2.3 Metodologia do trabalho das células

Observamos que o *Apostolado Courage*, desde a sua origem, assimila a metodologia dos doze passos dos Alcoólicos Anônimos (AA) em sua proposta, feitas as devidas adaptações e considerações:

Os membros fundadores do Courage deixaram para o apostolado o inestimável legado das Cinco Metas, as quais sempre foram, e continuam sendo, o modelo e o foco de cada reunião do apostolado. O Courage não é *per si* um “grupo de Doze Passos”,

embora o Padre Harvey e os primeiros membros do apostolado apreciassem o modo como os famosos “Doze Passos”, dos Alcoólicos Anônimos, poderiam ser um método útil a ser considerado em seu empenho pelas Cinco Metas. Algumas células ainda se valem das reflexões dos Doze Passos para dar foco a seus esforços de, tanto individualmente quanto em grupo, crescer em autocompreensão e santidade (Couragebrasil, 2024).

O fundador do apostolado, Padre Harvey, sempre insistiu que o estudo dos Doze Passos e da espiritualidade por trás deles deveria ser contextualizado com base no sólido ensinamento espiritual católico¹²⁹. Ele recomenda que as células considerem os Doze Passos, deixando claro que todas as pessoas poderiam tirar algum proveito ao seguir o caminho do arrependimento, da conversão e da expiação, que os Doze Passos apresentam como proposta. Contudo, registra também que não se trata de assimilar a atração sexual pelo mesmo sexo (ASM) como um vício:

Historicamente, os Doze Passos foram escritos para ajudar aqueles que lutam contra a dependência física e emocional do álcool. Dizer que o Courage se inspira nos Doze Passos não significa dizer que ele enxerga a atração pelo mesmo sexo como doença ou vício, embora alguns membros enfrentem problemas de desestruturação sexual, como o apego compulsivo à pornografia ou a comportamentos promíscuos, ou fantasias sexuais ou românticas obsessivas. O modelo dos Doze Passos pode ser particularmente útil para eles, e seus princípios espirituais subjacentes estão certamente em harmonia com as Cinco Metas (Couragebrasil, 2024).

Alguns grupos do *Apostolado Courage*, denominados de células, ainda se valem das reflexões dos Doze Passos para dar foco a seus esforços de, tanto individualmente quanto em grupo, crescer em autocompreensão e santidade. Para que fique clara e evidente a releitura que se faz dos 12 passos dos grupos AA, são estabelecidos sete pontos para que as células possam seguir, se fizerem opção por essa metodologia: 1. O plano de cada reunião do *Courage* está contido nas Cinco Metas do apostolado, deixadas pelos primeiros membros do *Courage* e aprovadas por autoridade eclesiástica; 2. Embora se inspire na espiritualidade que sustenta os Doze Passos dos Alcoólicos Anônimos, o *Courage* não é um típico “grupo de Doze Passos”, nem se pode presumir que cada membro, ou potencial membro, do *Courage* esteja lutando contra comportamentos ou vícios compulsivos. Não é necessário “trabalhar os Passos” para ser um membro do *Courage*; 3. Um estudo sobre a espiritualidade dos Doze Passos, no que se refere à castidade, à pureza e à superação de comportamentos compulsivos, pode ser empregada por células como forma de orientar a reflexão entre os membros. Os capelães considerarão, cuidadosamente, se tal abordagem é apropriada, tendo em consideração a história e a experiência dos membros da célula. A discussão pode ser pautada pelo próprio capelão ou pelo

¹²⁹ Existe um livro que faz a releitura dos 12 passos dos alcóolatras anônimos para a vivência cristã: ROMAIN, Philip, St. **Seja uma pessoa nova: doze passos para o crescimento cristão**. São Paulo: Santuário, 1997.

uso de materiais publicados que estejam em harmonia com os ensinamentos da Igreja Católica sobre a pureza, a castidade, a moralidade e a espiritualidade. As perguntas sobre se um determinado recurso se encaixa nesse critério devem ser encaminhadas ao Diretor-Executivo;

4. De nenhuma célula se exige o uso dos Doze Passos, tendo em vista o que se indica no número três. 5. Em qualquer partilha ou reflexão sobre os Doze Passos, deve-se esclarecer que o único “Poder superior” ao qual os membros do *Courage* se referem é o Deus Trino, revelado por Jesus Cristo; 6. Os membros são convidados a partilhar suas histórias, aberta e francamente, na reunião da célula. O respeito pelos outros membros significa que essa partilha não deve incluir detalhes explícitos dos pecados sexuais (o que, às vezes, acontece nas admissões feitas no “Primeiro Passo” em típicos grupos de Doze Passos para pessoas que enfrentam vícios sexuais); 7. O papel de um padrinho, tipicamente associado aos grupos de Doze Passos, não faz parte do plano da célula do *Courage*. A orientação e o acompanhamento são oferecidos pelo capelão e nas amizades castas que são cultivadas nas reuniões e nos encontros da célula¹³⁰.

Para a efetivação dos objetivos e da metodologia do *Apostolado Courage*, se estabelece uma estrutura mundial e nacional. Vamos apresentá-la a seguir.

4.2.4 Estruturas de Funcionamento

É nas reuniões das Células que os objetivos e a metodologia do Apostolado se concretizam. Existem as Células do *Courage* que são para os sujeitos católicos que são atraídos por pessoas do mesmo sexo (AMS) e as Células do *EnCourage* que reúnem familiares e amigos para apoiarem os membros das Células *Courage*. As reuniões ocorrem de forma presencial e virtual. É exigida a confidencialidade dentro do apostolado, tanto sobre quem participa quanto sobre o que é falado. “Respeitamos a privacidade de cada um. Por isso nosso cuidado com a

¹³⁰ Conteúdo sintetizado da página do *Apostolado Courage* brasil; onde encontramos também o texto dos Doze Passos dos grupos AA (Alcoólatras Anônimos) com adaptação permitida para as Células do *Apostolado Courage*: 1. Admitimos que éramos impotentes perante a homossexualidade – que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas. 2. Viemos a acreditar que um Poder superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade. 3. Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos. 4. Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos. 5. Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas. 6. Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter. 7. Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições. 8. Fizemos uma relação de todas as pessoas que tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados. 9. Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-lo significasse prejudicá-las ou a outrem. 10. Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente. 11. Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós, e forças para realizar essa vontade. 12. Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a esses Passos, procuramos transmitir essa mensagem a outros e praticar esses princípios em todas as nossas atividades. Disponível em: <https://couragebrasil.com/doze-passos>. Acesso em: 19 jul. 2024.

discrição. Os membros das células recebem acompanhamento individual para evoluir na luta contra a atração pelo mesmo sexo” (Couragebrasil, 2024).

O acompanhamento espiritual e pastoral prestado pelo *Courage* é realizado, especificamente, através de encontros (grupos) liderados por padres capelães ou diáconos permanentes, designados pelo seu bispo local, que acompanham e ajudam os membros a viver em coerência e comunhão com os ensinamentos da Igreja Católica¹³¹.

Durante essas reuniões, semanais ou quinzenais, com os membros, os capelães oferecem reflexões espirituais sobre os Cinco Objetivos da *Coragem*, ou sobre algum outro tema relacionado à vida de fé e perseverança no caminho da virtude e da santidade. Nos encontros, também há momentos de oração e espaços para conversar, ouvir e compartilhar, tudo num clima de respeito e confidencialidade. Na medida do possível, os sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação também são oferecidos nessas reuniões. Os capelães do *Courage* proporcionam paternidade espiritual e acompanhamento pastoral, ajudando os membros do *Courage* a se reconciliarem com Deus e a viverem castamente no mundo.

Os grupos locais são regularmente organizados em território (Arqui)Diocesano, e não em território paroquial. Para o *Apostolado*, isso ajuda a quem frequenta o grupo a ter maior confidencialidade e anonimato, além de alcançar e acompanhar mais pessoas que estão para além do território paroquial. É estabelecido que o trabalho seja realizado em estreita colaboração com o bispo local. Só pode ser estabelecido um grupo quando ele nomeia, oficialmente, um padre - diocesano ou religioso - ou um diácono permanente como capelão do *Courage* e/ou *EnCourage*. Apenas um sacerdote ou diácono permanente pode ser capelão de grupo. O procedimento para a sua nomeação é geralmente o mesmo que se segue quando um sacerdote recebe uma segunda missão na sua (Arqui) Diocese. Pode acontecer, também, que seja um sacerdote ou diácono quem apresenta o *Apostolado da Coragem* ao seu bispo local e se ofereça como capelão. Há, portanto, uma proposta clara de que os familiares e os amigos dos participantes sejam, de fato envolvidos na mesma.

Tendo tomado conhecimento do apostolado e decidido fundar um grupo na sua (Arqui) Diocese, o bispo deve escrever uma carta, nomeando oficialmente o sacerdote como capelão do *Courage* e/ou *EnCourage* para o escritório internacional do *Courage* no e-mail: office@couragerc.org. Em seguida, é pedido que se faça a divulgação do *Apostolado*, criando um e-mail e telefone específico para contato. Esses contatos são administrados pelo capelão em princípio e, depois de um tempo probatório, poderá ser realizado por um membro leigo do

¹³¹ Na página oficial do *Apostolado Courage* encontramos detalhadamente sobre como deve ser a sua estrutura. Disponível em: <https://couragerc.org/faqs/?lang=es>. Acesso em: 21 jul. 2024.

Apostolado, designado pelo Capelão. Os contatos devem ser enviados também ao *Courage International Office* para serem adicionados ao *site*.

Não há divulgação de local, dia e horário dos encontros. O membro que desejar participar do grupo receberá tais informações através de uma prévia conversa com o capelão. Este fará o discernimento se fazer parte do *Apostolado* é o melhor para a pessoa, ou se é necessário que receba acompanhamento individual antes de participar das reuniões do grupo. Nesse acompanhamento, o capelão, antes de permitir que a pessoa frequente as reuniões, deve ter certeza de que o candidato concorda com os Cinco Objetivos do *Courage* ou *EnCourage*. São publicados no *site* do *Apostolado* somente o endereço do *e-mail* e telefone para contato, garantindo todo respeito da confidencialidade de quem participa.

O *International Courage Office*, localizado na Diocese de Bridgeport, Connecticut (EUA), oferece um programa chamado “Dia de Formação Sacerdotal”, que consiste em quatro seções de aproximadamente 60 a 75 minutos cada: 1. Cristão, Antropologia e ética sexual; 2. Acompanhamento pastoral e espiritual para homens e mulheres que sentem atração pelo mesmo sexo e para os seus entes queridos; 3. Testemunho de um membro do *Courage*; 4. Uma extensa sessão de perguntas e respostas. O objetivo é que os sacerdotes ouçam a mesma mensagem e tenham a oportunidade de fazer perguntas e partilhar as suas opiniões sobre o tema. Se a (Arqui) Diocese considerar apropriado, o *Courage Internacional* disponibiliza uma *delegação* para oferecer esse dia de estudo. Nosso próximo item abordará a relação das lideranças do *Apostolado Courage* com a hierarquia da Igreja Católica.

4.2.5 Lideranças e hierarquia da Igreja Católica

Com vamos averiguar, diferentemente da *Pastoral da Diversidade Sexual*, o *Apostolado Courage* tem, perante o Magistério Católico, uma aceitação oficial, pelo fato de estar em total sintonia com o ensinamento moral católico sobre a homossexualidade¹³². Em 28 de novembro de 2016, o *Courage International* recebeu o *status canônico* na Igreja Católica de associação pública clerical de fiéis, fazendo-o o único apostolado canonicamente aprovado de sua espécie. Padre Philip G Bochanski, capelão do *Apostolado Courage*, em entrevista concedida no canal oficial, sintetiza o trabalho:

¹³² Em 7 de julho de 1994, o então Cardeal Lopez Trujillo, Presidente do Conselho Pontifício para a Família, expediu o seguinte protocolo: "Prot. N216/93 - Este Pontifício Conselho para a Família apoia a organização chamada "Courage", fundada pelo Pe. John Harvey, OSFS, por ajudar pessoas homossexuais a viver de acordo com as leis de Deus e os ensinamentos de Sua Igreja. Disponível em: <https://couragebrasil.blogspot.com/>. Acesso em: 14 set. 2024.

Há mais de trinta anos, a Congregação para a doutrina da Fé exortou os bispos da Igreja em todo o mundo para irem ao encontro de homens e mulheres que experimentam atrações por pessoa do mesmo sexo, com uma abordagem multifacetada, um programa pastoral autêntico, que os assistam em todos os níveis da vida espiritual, com os sacramentos, a oração, o testemunho, o suporte e o cuidado individual (BOCHANSKI, Philip G. **Homossexualidade e Catolicismo**. Youtube, 09 ago. 2017).

Isso traz uma perspectiva diferenciada dos membros da hierarquia católica com as lideranças dessa pastoral, pois não é uma proposta que difere do que pensa e orienta oficialmente a Igreja Católica sobre as pessoas homossexuais. Certamente se sentem mais confortáveis para divulgar e apoiar essa pastoral, mesmo que haja controvérsias sobre a sua abordagem pastoral no interior da própria hierarquia católica. Se olharmos para a hierarquia católica, no âmbito da sua representação hierárquica nacional, através da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), iremos observar que o catolicismo tende a ser, nas questões morais, mais conservador e, mais aberto às questões sociais:

Considero, portanto, que a tendência da igreja é moderadamente conservadora nas questões morais (embora neste último pontificado de Francisco tenham sido expressas, ainda que com o custo de desaprovação dos setores ultraconservadores, manifestações explícitas de apoio à questão feminista e de solidariedade com os gays), mas que, nas questões sociais, ela vem se somar aos movimentos sindicais, associativos e políticos mais avançados da sociedade (Camurça, 2024, p. 78).

E isso explica, em parte, o porquê de a hierarquia católica, na sua maioria, apoiar grupos mais conservadores na perspectiva da moral sexual. Se fizermos uma pesquisa nos *sites* das (Arqui) Dioceses do Brasil, por exemplo, vamos encontrar nas suas páginas oficiais, referências e indicações sobre o *Apostolado Courage*¹³³. O que não acontece com a *Pastoral da Diversidade Sexual*. Isso também explica por que as lideranças desse *Apostolado* não registram interferências, dificuldades de aceitação, falta de apoio, expectativas frustradas em relação à hierarquia católica¹³⁴. No *Apostolado Courage*, como registrado anteriormente, as células

¹³³ As páginas da web Vida e Família da CNBB e das Pontifícias Obras Missionárias registram sobre o *Apostolado*. Temos também a agência de comunicação ACI Digital e o *site* CATÓLICO DIGITAL, da RCC/SP (Renovação Carismática Católica) com registros do *Apostolado Courage*. E páginas de algumas dioceses, como exemplo: Santo André (SP), Campo Grande (RS), Fortaleza (CE). Nota do autor.

¹³⁴ Estas respostas podem ser analisadas nas Entrevistas concedidas por TAL, Fulano de. Questionário Colunas AJ, AK, AL e AM. [jan. 2022]. Entrevistador: Aureo Nogueira de Freitas. Belo Horizonte, 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta Tese. Disponível em: <https://teams.microsoft.com/l/team/19%3APfnHIKn5ZLeIgbAgaUj61gSqPEAkwlsmZmG-x8-H-nA1%40thread.tacv2/conversations?groupId=0a70e99c-a276-4344-960b-e6d3670889f2&tenantId=7ee437e2-Apostolado>

(grupos) quase sempre contam com a presença de um membro da hierarquia (capelão), que é nomeado pelo bispo local.

Acreditamos que o objetivo do capítulo 4º foi atingido. Intentamos descrever a proposta das duas pastorais que, dentro do catolicismo contemporâneo, são uma maneira de acolher, acompanhar e dar suporte aos católicos homossexuais. São respostas que se assemelham em alguns aspectos, são antagônicos em outros e podem convergir em perspectivas que se complementam. Essas percepções, como demonstraremos no próximo capítulo, estarão alinhadas nesses sujeitos que, a depender do grupo a que se filiam, elaboram a sua *identidade* sexual dentro do catolicismo. Cabe ressaltar, também, que não conseguimos esgotar todas as particularidades de um e outro grupo. Além de serem *diversas* as experiências que são feitas por esses sujeitos, enquanto grupos, temos também a singularidade de cada indivíduo que os compõe, além do olhar *diferenciado* por quem está numa *coordenação*, quem é *membro* e quem *acompanha* sem ser um indivíduo homossexual.

O 5º capítulo nos permitirá debruçar sobre os sujeitos que colaboraram com a nossa pesquisa, respondendo, livremente e com garantias de anonimato, ao nosso questionário *on-line* que foi disponibilizado para as coordenações e os membros dos dois grupos. Fizemos uma análise do perfil social, econômico e religioso dos membros e coordenadores e registramos algumas percepções através dos relatos das suas experiências. Nosso objetivo agora é tentarmos explicitar o perfil desses sujeitos católicos que estão nesses grupos e quais as leituras que podemos fazer a despeito das suas identidades sexuais nesse processo.

CAPÍTULO 5

5 AS PESSOAS HOMOSSEXUAIS E CATÓLICAS: RELATOS, EXPERIÊNCIAS E ACOMPANHAMENTO

Se é difícil para uma pessoa homossexual viver a sua identidade sexual de modo verdadeiro frente à família, ao seu círculo próximo, tal dificuldade parece ser agravada no caso dos católicos, em razão da doutrina católica sobre a homossexualidade. Nosso objetivo agora é apresentar, ainda que por amostragem, quem são esses sujeitos e como estão relacionados com a sua experiência no catolicismo. Não são apenas dados de uma pesquisa, respostas de um questionário, mas são rostos, pessoas que podemos encontrar, que nos fiam as suas alegrias e os seus dramas, suas esperanças e suas dificuldades. Não temos a pretensão de oferecer uma imagem exaustiva e definitiva sobre a vivência desses católicos homossexuais. Isso seria um olhar simplista. Iremos constatar que nem todos sujeitos católicos e homossexuais são *infelizes* ou *depressivos*. Nem todos abandonam a sua tradição religiosa. São variados e diversos, contudo, há uma constatação que parece ser convergente a todas essas pessoas: o discurso oficial do catolicismo, sobre essa condição, reforça, ainda que de modo inconsciente, a ideia de *culpabilidade* por serem homossexuais. E esse é o problema que muitos deles relatam e que se torna um empecilho para alguns elaborarem, de modo apaziguado e integrado, a sua identidade sexual dentro da sua experiência católica.

É preciso ressaltar, também, que a adesão das respostas foi muito mais da *Pastoral da Diversidade Sexual* que dos membros do *Apostolado Courage*. Isso, em parte, se explica pela própria “filosofia” de acompanhamento desses sujeitos, em que se insiste no anonimato. Foi possível perceber a pertença de um ou outro sujeito do *Apostolado Courage* pela “linguagem” das respostas. E devido a essa “lacuna”, optamos por colher, também, alguns testemunhos desses sujeitos que se encontram nas páginas oficiais do *Apostolado Courage* Internacional e Nacional. Acreditamos que esse aspecto não é um limite da nossa pesquisa, mas sim um dado que já revela aspectos a serem considerados nas leituras possíveis das duas propostas. O questionário foi o mesmo para ambos os grupos. Foi disponibilizado *on-line*, através das redes sociais e o contato feito através das coordenações no âmbito nacional (Brasil) que se dispuseram a compartilhá-lo com os membros dos grupos pelo *link* do questionário. No questionário aplicado de maneira *on-line*, nenhum dos respondentes que se identificaram como lideranças puderam ser vistos como lideranças do grupo *Courage*. Isso se explica, como já abordado, que, na estrutura do *Apostolado Courage*, a liderança é exercida por um ministro ordenado (presbítero ou diácono), designado como *capelão*.

As leituras que fizemos dos dados são restritas a esses sujeitos que, além de serem homossexuais, estão inseridos na Igreja Católica, participando ou já tendo participado de um dos grupos pastorais que analisamos. Obtivemos a participação de 37 pessoas que responderam ao nosso questionário, dentre as quais obtivemos relatos que aqui iremos transcrever, resguardada a privacidade desses indivíduos. Não nos parece um número desconsiderável, uma vez que se trata de uma abordagem *qualitativa* e, também, considerando que essas pessoas são uma *minoría*, ainda que relativamente numerosa. Os dados, em geral, falam da porcentagem de 3 a 7% da população mundial e nesse universo o número de homens é maior do que o de mulheres¹³⁵. Além de que, ser homossexual e católico já significa, de antemão, dificuldade de aceitação pública dessa condição.

Portanto, privilegiamos a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados e caracterizando a heterodoxia no momento da análise. Nesse sentido, fizemos uso do exercício da intuição e da imaginação, como pesquisador, num tipo de trabalho artesanal, visto não só como condição para o aprofundamento da análise, mas também - o que é muito importante - para a liberdade do intelectual¹³⁶. Mas, quem são os católicos que participam desses grupos? Acreditamos que a nossa pesquisa de campo, através do questionário, oferece dados que possibilitam descrever *aspectos* do perfil desses católicos.

5.1 Os sujeitos católicos homossexuais dos respectivos grupos de pastoral

Como temos demonstrado, a homossexualidade não é um assunto convergente no catolicismo, mesmo com a clareza de importantes argumentos dos documentos *oficiais* da igreja que abordam a questão. Por um lado, temos aqueles que aceitam totalmente o ensino oficial do

¹³⁵ No Brasil, 2,9 milhões de pessoas de 18 anos ou mais se declaram lésbicas, gays ou bissexuais. Os dados são da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS): Orientação sexual auto identificada da população adulta, divulgada hoje (25) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esta é a primeira vez que esse dado é coletado entre a população brasileira e, na avaliação do instituto, ainda pode estar subnotificado. Os dados, coletados em 2019, mostram que 94,8% da população adulta, o que equivale a 150,8 milhões de pessoas, identificam-se como heterossexuais, ou seja, têm atração sexual ou afetiva por pessoas do sexo oposto; 1,2%, ou 1,8 milhão, declaram-se homossexual, tem atração por pessoas do mesmo sexo ou gênero; e, 0,7%, ou 1,1 milhão, declara-se bissexual, tem atração por mais de um gênero ou sexo binário. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-05/ibge-divulga-levantamento-sobre-homossexuais-e-bissexuais-no-brasil>. Acesso em: 16 set. 2024.

¹³⁶ Sobre a leitura dos dados de uma qualitativa, nos fundamentos no interessante artigo: Metodologia Qualitativa de Pesquisa de Heloisa Helena T. de Souza Martins. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, Brasil. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 16 set. 2024.

catolicismo e, por outro, muitos que até já entraram explicitamente na luta da chamada “causa gay”¹³⁷. Na pastoral contemporânea do catolicismo, percebemos basicamente três posturas com relação a essas pessoas que frequentam suas comunidades de fé: a primeira e mais comum atitude é a do silêncio total sobre a questão; uma segunda postura é a de ajudar a essas pessoas a aceitarem a sua condição¹³⁸, mas, conforme o ensinamento da Igreja, vivendo o celibato, e uma terceira, mais atual, surgida, sobretudo, a partir do pontificado de Francisco, é de acolhida, acompanhamento e integração das pessoas homossexuais¹³⁹ na sua condição plena e inseridas nos diversos serviços eclesiais como solteiras, namorando ou casadas¹⁴⁰.

A proposta do grupo do *Apostolado Courage* enquadra-se dentro da segunda perspectiva, trabalhando a “aceitação” da atração sexual por pessoas do mesmo sexo e,

¹³⁷ Neste sentido, Jurkewicz identifica no Cristianismo, de forma geral, três posicionamentos diferentes frente à homossexualidade. O primeiro, de rechaço total, é encontrado entre aqueles que interpretam a homossexualidade como uma conduta antinatural e pecaminosa. Apesar de associar a conduta homossexual com a perversão, esse grupo tende a defender o acolhimento na Igreja daqueles/as que reconhecem a necessidade de mudar de comportamento e pedem ajuda. Uma segunda postura vê a conduta homossexual como aceitável, embora inferior, sugerindo aos incapazes de se ajustar ao estilo de vida heterossexual ou de manter abstinência que canalizem sua atividade sexual em uma relação estável. E a terceira posição, que considera a homossexualidade tão digna como a heterossexualidade, afirmando que o pecado não está na homossexualidade em si, mas na exploração dos parceiros, fenômeno que pode ocorrer também nas relações heterossexuais. Natividade e Oliveira também chamam atenção para as nuances existentes no interior das expressões cristãs. Entre os católicos, para além da posição hegemônica de rejeição à homossexualidade sem a exclusão dos homossexuais da comunidade de fiéis, identificam uma posição mais flexível, associada aos “setores progressistas” que defendem o acolhimento daqueles que fogem aos padrões heterossexuais sem a pretensão de alterar a orientação sexual. Isso porque se, por um lado, a doutrina católica se propõe inclusiva para as minorias sexuais, por outro, é muito taxativa na defesa do tratamento com especialistas e da abstinência sexual para os que não conseguem se aproximar do padrão de comportamento heterossexual. Disponível em:

file:///C:/Users/User/Downloads/Dialnet-HomossexualidadeEIgrejasCristasNoRioDeJaneiro5175237.pdf. Acesso em: 01 set. 2018.

¹³⁸ Sobre os grupos que trabalham na linha da doutrina oficial da Igreja Católica, podemos citar o Apostolado Courage International, fundado em 1980 pelo padre John F. Harvey, presente no Brasil e em outros países, que oferece apoio pastoral a homens e mulheres que têm atração pelo mesmo sexo e que tenham escolhido viver uma vida casta. Em 28 de novembro de 2016, Courage International recebeu o *status* canônico na Igreja Católica de associação pública clerical de fiéis, fazendo-o o único apostolado canonicamente aprovado de sua espécie. Temos grupos em São Paulo e Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.couragebrasil.com/>. Acesso em: 31 ago. 2018.

¹³⁹ Nesses grupos, os LGBTQI+ são acolhidos para que vivam sua vocação e dignidade de filhos de Deus na Igreja e na sociedade. Procuram conciliar a fé cristã e a diversidade sexual e de gênero, promovendo o diálogo e a reflexão, a oração e a partilha, compreendendo que a salvação de Cristo e sua mensagem são para todos, sem distinção. Como já citado, existem iniciativas no Brasil: Belo Horizonte, Nova Iguaçu e Curitiba. No Chile, em Santiago, e em Portugal, em Lisboa.

Disponível em: <http://www.diversidadecatolica.com.br/>. Acesso em: 31 ago. 2018.

¹⁴⁰ Esse terceiro grupo começa agora a se organizar em rede nacional aqui no Brasil. E na véspera da última parada gay de São Paulo, fizeram um segundo encontro: “Com base na ‘pluralidade do próprio Deus’, os católicos gays, lésbicas, travestis, transexuais, travestis, bissexuais e transgêneros pedem o reconhecimento da diversidade nas igrejas. O recado foi expresso em um manifesto lançado nesta semana pela Rede Nacional de Grupos Católicos LGBTQI+, que realizou o segundo encontro nacional em São Paulo, na véspera da maior parada gay do mundo que ocorre na cidade. No documento, que recorre à beleza ‘múltipla’ da Criação, o grupo pede o reconhecimento e a celebração plena da ‘diversidade de expressões, identidades, gêneros, sexualidades, raças, etnias, culturas e credos’.

Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2018/06/08/interna_nacional,965472/rede-de-catolicos-lgbts-faz-manifesto-pedindo-inclusao-na-igreja.shtml. Acesso em: 31 ago. 2018.

incentivando a abstinência dos atos homossexuais¹⁴¹. Os grupos católicos pela Diversidade Sexual moldam-se na terceira perspectiva, ou seja, trabalham, além da acolhida às pessoas homossexuais, a aceitação e a integração dessa condição na sua vida católica. Parece-nos que a primeira perspectiva, o “silêncio”, é causa de muito sofrimento para os sujeitos homossexuais católicos. Percebe-se que tal atitude gera muitas perversões. Neste último capítulo, iremos responder à seguinte questão: como os sujeitos católicos homossexuais elaboram a sua identidade homossexual nesses grupos pastorais? As respostas da pesquisa por parte desses sujeitos, como também a experiência que realizo nesses trinta anos de acompanhamento pastoral, apontam que podemos falar de três movimentos nas suas experiências que vão influenciar as suas identidades sexuais: o *conflito* da descoberta, a *luta* pela normalidade e, por fim, a possível liberdade da aceitação e *integração da identidade homossexual*.

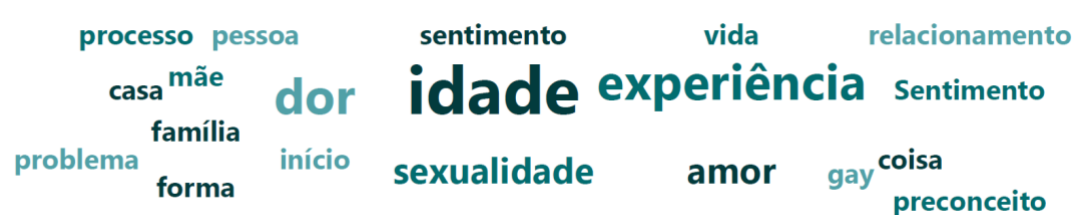
As duas perguntas iniciais do questionário foram comuns a todos os grupos. A primeira foi a identificação nominal, colocada como opcional. Do universo da pesquisa, 32 participantes

¹⁴¹ O *Apostolado Courage* tem por princípio não utilizar a nomenclatura LGBTQI+. E justificam o seu argumento da seguinte forma: Acima de tudo, o *apostolado da Coragem* vê as pessoas com atração pelo mesmo sexo como homens e mulheres criados à imagem e semelhança de Deus, com a vocação de viver uma vida casta e santa através de uma união profunda com Jesus Cristo. A Igreja considera a pessoa que experimenta atrações homossexuais à luz de sua identidade como filho de Deus, criado bom e à Sua imagem e semelhança. Consequentemente, a Igreja rejeita as tentativas de definir a pessoa «com uma referência redutiva apenas à sua orientação sexual» (CDF, 1986, n. 16). “As pessoas não devem ser definidas apenas com base nas suas tendências sexuais” (Conferência dos Bispos dos Estados Unidos, 2006). Para deixar este ponto claro, no *apostolado da Coragem*, nos referimos a eles como “pessoas que sentem atração pelo mesmo sexo” (ASMS), em vez de “pessoas gays” ou “LGBTQ”, pois estes termos poderiam dar a impressão de que pessoas que sentem atração por outra do mesmo sexo definem um tipo ou categoria separada de pessoa, com uma moralidade diferente. A vivência da sexualidade em todas as suas nuances e sutilezas tem grande influência na nossa experiência de vida, bem como na forma como interagimos com os outros; no entanto, estaríamos errados se centrássemos a nossa identidade naquelas tendências subjetivas que, muitas vezes, podem nos dominar ou desviar-nos da presença permanente do Espírito Santo. O *Courage* também considera o exemplo que nossos membros adultos e nossa pastoral dão aos jovens cujo desenvolvimento psicosssexual ainda está em fase de formação. Rotular-se prematuramente pode desencorajar um jovem de estar aberto à possibilidade de um maior desenvolvimento psicosssexual. Também poderia torná-lo mais vulnerável à confusão e à tentação das três maneiras descritas acima. É por isso que na pastoral da *Coragem* se pensa que é prudente evitar termos que possam ser obstáculos para outros; Portanto, encorajamos os nossos membros a pensar além dos rótulos “gay” e “lésbica” à medida que nos esforçamos para crescer juntos na nossa identidade essencial como homens e mulheres formados à imagem de Deus, criados para a união íntima e eterna com Cristo. Algumas pessoas dizem que identificar-se como “gay” ou “lésbica”, seja em particular ou publicamente, é apenas uma forma de reconhecer que suas atrações emocionais, românticas e sexuais são predominantemente e persistentemente pelo mesmo sexo. Estas pessoas sustentam que estes termos são simples, mas essencialmente descritivos de uma parte fundamental da sua identidade e afirmam que usar estes rótulos é uma forma de “possuir” a sua sexualidade e enfrentar a realidade de “quem são”. Além disso, dizem que estes rótulos não interferem nem diminuem o seu compromisso com a castidade. Embora essas afirmações possam ser verdadeiras para alguns, para outros a adoção da terminologia LGBTQ é um obstáculo, pelas seguintes razões: 1. Atrai-os para um ambiente mais secular, causando uma maior tentação de procurar uma relação homossexual ativa; 2. Torna-os mais propensos a adotar políticas de ativismo “gay” que, muitas vezes, não concordam com os ensinamentos morais da Igreja, particularmente aqueles relativos ao casamento; 3. Isso os leva a ignorar ou negligenciar o ensinamento da Igreja de que os atos homossexuais são objetivamente desordenados, já que o mundo apresenta constantemente a ideia de que “tudo que é ‘gay’ é bom”. Disponível em: <https://couragec.org/faqs/?lang=es>. Acesso em: 21 jul. 2024.

responderam o seu nome e 5 o fizeram de maneira anônima. A seguinte pergunta foi como descreveriam a experiência de identificar-se homossexual.

Por meio da nuvem de palavras abaixo, identificamos a recorrência de alguns termos.

Figura 1 – Recorrência de palavras sobre a identificação homossexual



Fonte: Elaborada pelo autor por meio Microsoft Forms.

Houve respostas com diferentes abordagens, pois interpretaram a pergunta como sendo a fase da “*descoberta*”, outros como “*se sentem*” sendo homossexuais. Há predominância de relatos que indicam sofrimento, vergonha e conflitos, especialmente no seio familiar.

Para facilitar a identificação do tipo de experiência, as respostas foram classificadas em: **1. negativo** (no qual há relatos de sofrimentos, vergonha, tristeza) | 7 respostas (**18,91%**); **2. negativo com superação** (em que há uma situação negativa inicial e que depois é contornada) | 8 respostas (**21,62%**); **3. positivo** (só relatou positivamente a experiência de identificar-se homossexual) | 7 respostas (**18,91%**); **4. neutro** (em que houve a mistura de ser um desafio, com pontos positivos, sem relatar sofrimentos) | 6 respostas (**16,21%**); **5. N/A** (= não atendeu. Quando houve uma resposta divergente do esperado para a pergunta, ou que fez apenas a sua identificação de gênero) | 9 respostas (**24,32%**).

Portanto, somando entre *negativo* e *negativo com superação* um percentual de **40,53%** dos entrevistados. Isso revela a significativa experiência de sofrimento desses sujeitos ao descobrirem-se homossexuais, mesmo que façam um caminho de superação da experiência negativa. Mesmo no item 4. *neutra*, em que se registra como uma experiência *positiva*, é percebido como *desafio*, **16, 21%**. Se somamos com o percentual dos que consideram a experiência de ser homossexual entre *negativo*, mais *negativo com superação* e *neutro*, temos um universo de **56,74 %**. Apenas **18,91%** relatam a experiência de ser homossexual como *positiva*. Isso nos leva a duas possíveis constatações: por um lado, esses sujeitos que participam dessas pastorais, em boa medida, o fazem por não se sentirem *confortáveis* com a sua *identidade*

sexual e, por outro, são pessoas que *retardam* a *aceitação* dessa condição. E talvez, por esse último fator, é que se filiam a uma das propostas pastorais.

Baseado nas respostas fornecidas no documento e na nuvem de palavras apresentada, destacamos alguns aspectos da experiência dos respondentes ao se identificarem como homossexuais:

- **Idade:** a palavra mais evidenciada é a idade, tendo em vista que muitos narraram a idade em que se identificaram homossexual, como se pode perceber na resposta de N.¹⁴²: “Me identifico como uma mulher cis lésbica desde os 16 anos. Sou bem feliz com minha sexualidade, não tenho problemas familiares, nem no trabalho, não escondo minha orientação em nenhum local. Mas já escondi bastante, por medo de sofrer preconceito. Depois de ser mãe, nunca mais escondi, pois preciso dar o exemplo de amor pra minha filha”.
- **Processo complexo e evolutivo:** Muitas respostas indicam que a identificação como homossexual é um processo que evolui com o tempo, frequentemente começando com dificuldades na infância ou adolescência e progredindo para uma maior aceitação na idade adulta.
- **Desafios emocionais iniciais:** Palavras como "dor", "medo", "vergonha" e "tristeza" são mencionadas, especialmente em relação às experiências iniciais de identificação.
- **Conflitos internos e externos:** Vários respondentes mencionaram conflitos internos devido a crenças religiosas ou familiares, bem como desafios externos relacionados ao preconceito social.
- **Jornada de autoaceitação:** Muitas respostas descrevem uma jornada de autodescoberta e autoaceitação, com vários participantes relatando que chegaram a um lugar de orgulho e conforto com sua identidade.
- **Impacto do contexto social e familiar:** A família, a religião e o ambiente social são frequentemente mencionados como fatores que influenciam a experiência de identificação.

¹⁴² Para preservar a identidade da participante, mencionamos apenas a inicial do seu nome.

- **Diversidade de experiências:** As respostas variam consideravelmente, com algumas pessoas descrevendo a experiência como "tranquila" ou "natural", enquanto outras a caracterizam como "desafiadora" ou até "traumática".
- **Questões de visibilidade e "sair do armário":** Vários participantes mencionaram o processo contínuo de revelar sua identidade em diferentes contextos (família, trabalho, sociedade).
- **Intersecção com outros aspectos da vida:** Algumas respostas conectam a experiência de ser homossexual com outros aspectos da vida, como relacionamentos, parentalidade e espiritualidade.
- **Perspectiva de luta e resistência:** Alguns participantes descrevem sua experiência em termos de luta por direitos e resistência contra o preconceito.
- **Impacto na visão de mundo:** Várias respostas sugerem que a experiência de se identificar como homossexual teve um impacto significativo na forma como os participantes veem o mundo e a si mesmos.

Após a identificação por tipo de pertencimento (líderes, membros e não participantes), buscou-se identificar o perfil socioeconômico dos respondentes.

Em termos de localização geográfica, observa-se uma diversidade considerável, com representantes de várias cidades e estados brasileiros, incluindo Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo, Recife, entre outros. Isso sugere que a questão da homossexualidade no catolicismo é um tema relevante em diferentes regiões do país.

Os participantes deste estudo estão distribuídos em uma faixa etária que vai de 27 a 83 anos. A maioria deles encontra-se em uma fase de vida madura, e isso pode influenciar diretamente suas percepções e vivências de fé e sexualidade. A diferença geracional aqui é significativa. Participantes mais jovens, na casa dos 30 anos, podem ter se engajado com o catolicismo e com a identidade homossexual em um contexto mais recente e com maior acesso a informações que favorecem uma visão mais inclusiva, tanto da sociedade quanto da Igreja.

Por outro lado, participantes acima dos 50 anos provavelmente viveram momentos mais tensos em relação à aceitação da homossexualidade na sociedade e na Igreja. O peso da cultura eclesial pré-Concílio Vaticano II e de uma moral sexual mais rígida pode ter marcado suas trajetórias e experiências dentro da Igreja Católica.

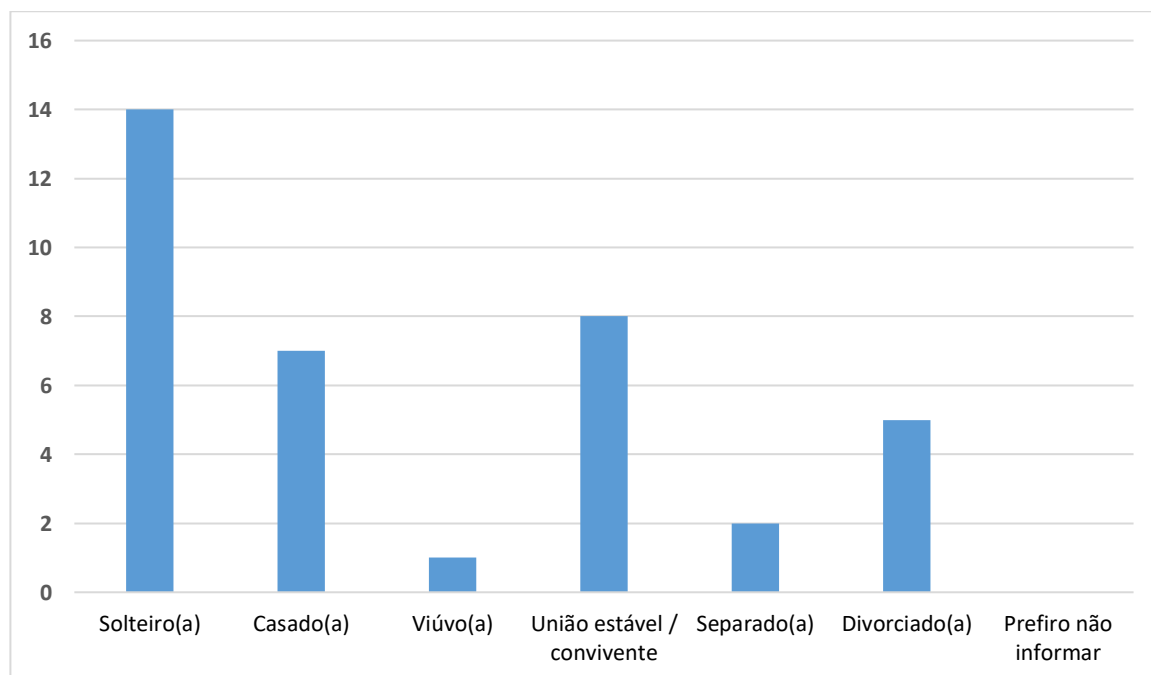
Essa variação etária é significativa para entender as diferentes formas como cada geração de católicos homossexuais se relaciona com sua fé, com a hierarquia eclesiástica e com

suas comunidades de apoio. Além disso, ela aponta para a importância de uma abordagem intergeracional nos grupos de pastoral com pessoas homossexuais, visando atender às necessidades específicas de cada faixa etária. Não restam dúvidas de que a faixa etária é decisiva para a definição da identidade sexual homossexual desses sujeitos.

Quanto ao estado civil, há uma predominância de solteiros (37,83%), seguidos por união estável (21,62%) e casados (18,91%). Essa diversidade reflete diferentes contextos de vida e relacionamentos que podem influenciar suas experiências, tanto em termos pessoais quanto no modo como se relacionam com a igreja e a comunidade. Solteiros podem enfrentar desafios diferentes daqueles em união estável ou convivência, especialmente em um ambiente eclesial que valoriza o casamento heteronormativo. Participantes em união estável podem encontrar ainda mais desafios no reconhecimento de suas relações dentro da igreja, especialmente se essas uniões forem homoafetivas, dada a postura oficial da instituição sobre tais relacionamentos.

Essa pluralidade de estados civis reflete a complexidade da vida dos católicos homossexuais, ressaltando a necessidade de uma pastoral mais inclusiva e que reconheça as diversas realidades de relacionamento desses sujeitos.

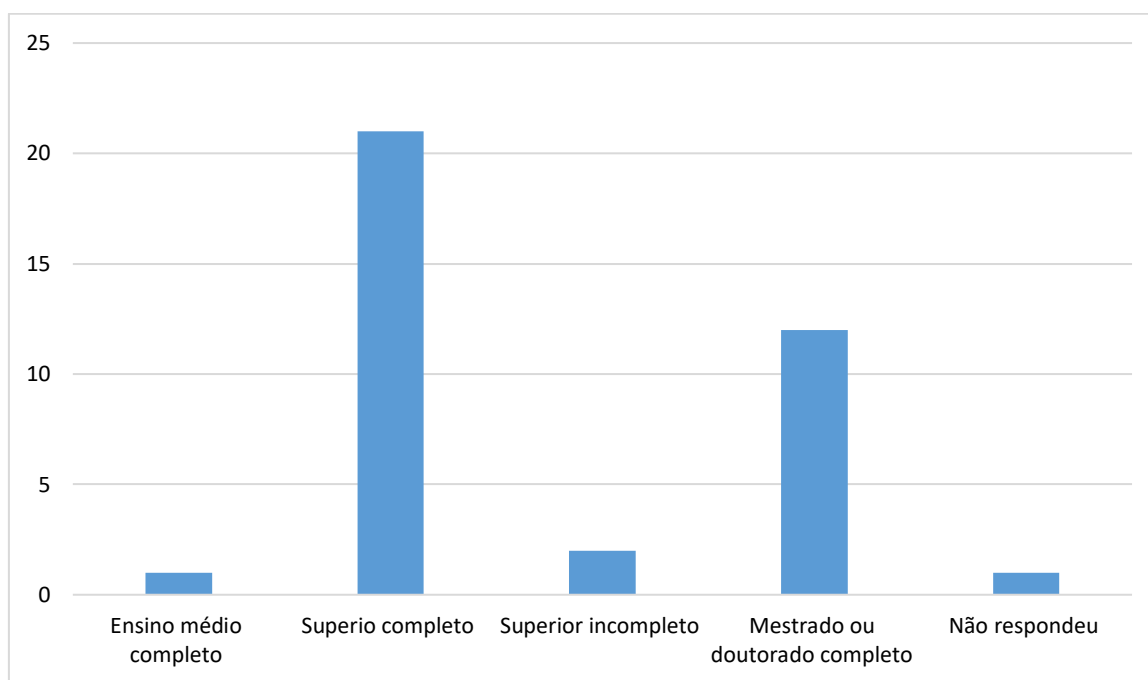
Gráfico 1 – Estado Civil



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado

O nível educacional dos participantes é notavelmente alto, com 94,6% possuindo ensino superior completo/incompleto ou pós-graduação, 2,7% com ensino médio completo e 2,7% não responderam. Esse dado é relevante porque demonstra que os respondentes estão inseridos em um contexto social que favorece o acesso ao conhecimento acadêmico e teológico. Isso pode ter um impacto direto na forma como esses indivíduos se relacionam com a doutrina católica, especialmente em questões complexas como a sexualidade e os ensinamentos morais da igreja. A escolaridade facilita o acesso a debates contemporâneos sobre inclusão, direitos humanos e a evolução da moralidade dentro das instituições religiosas. Portanto, é possível que esses participantes demonstrem maior capacidade de articulação das suas identidades homossexuais ao demandar uma revisão pastoral e teológica da doutrina católica sobre questões de sexualidade.

Gráfico 2 - Escolaridade



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado

Dentro dos grupos de *Diversidade Sexual*, os indivíduos com alto nível de escolaridade podem ocupar posições de liderança, oferecendo uma orientação mais elaborada tanto no aspecto pastoral quanto no teológico. Essas lideranças são essenciais para mediar o diálogo entre a hierarquia da igreja e as demandas da comunidade dos católicos homossexuais, servindo de ponte para construir uma igreja mais acolhedora.

Outro elemento importante que pode ser identificado e atribuído à escolaridade é o surgimento de líderes que podem desenvolver metodologias de trabalho mais estruturadas dentro dos grupos de diversidade. Eles são capazes de articular discursos que, além de dialogar com as experiências de exclusão, oferecem uma fundamentação teológica para a inclusão, algo essencial para abrir espaço dentro do catolicismo.

Um outro elemento foi a análise da renda mensal, que revela uma diversidade de faixas salariais, com o predomínio de pessoas com rendas superiores a R\$ 10.000,00 (35,13%). O segundo grupo, com salários entre R\$ 1.001,00 e R\$ 5.000,00 representa um percentual de 29,72%, seguido dos que recebem entre R\$ 5.001,00 e R\$ 10.000,00, perfazendo 27,02%. A menor identificação foi a dos que recebem entre R\$ 1,00 e R\$ 1.000,00, representando 5,4% do total e uma pessoa não respondeu, o que significa 2,7%. Esse dado é importante para entender o acesso dos participantes a determinados espaços de poder e influência, tanto na igreja quanto na sociedade civil. Revela, também, que esses sujeitos já não são tão dependentes financeiramente das suas famílias. E isso certamente lhes dá maior liberdade para assumirem a sua *identidade* homossexual.

O fato de que 35,13% dos participantes possuem rendas superiores a R\$ 10.000,00 aponta para a presença significativa de pessoas em uma posição socioeconômica elevada. Esse dado sugere que muitos dos indivíduos que participam do grupo da *Diversidade Sexual* ou que se identificam como católicos homossexuais, estão em posições de liderança profissional e têm carreiras bem-sucedidas em áreas que oferecem remuneração considerável.

Os participantes com rendas entre R\$ 1.001,00 e R\$ 5.000,00 representam 29,72%, enquanto 27,02% estão na faixa entre R\$ 5.001,00 e R\$ 10.000,00. Esses grupos formam uma classe média consolidada, que, embora não estejam no topo da pirâmide econômica, ainda possuem recursos financeiros relativamente confortáveis. A classe média é um segmento que, em termos históricos, tem uma relação mista com a Igreja Católica. Por um lado, pode ser um público que busca engajamento social e espiritual, mas, por outro, também é um grupo que pode demandar maior abertura pastoral, especialmente quando seus valores entram em choque com ensinamentos tradicionais. A busca por um catolicismo mais inclusivo pode ser impulsionada por essas faixas de renda, que desejam ver uma correlação entre seus valores de justiça social e os valores religiosos.

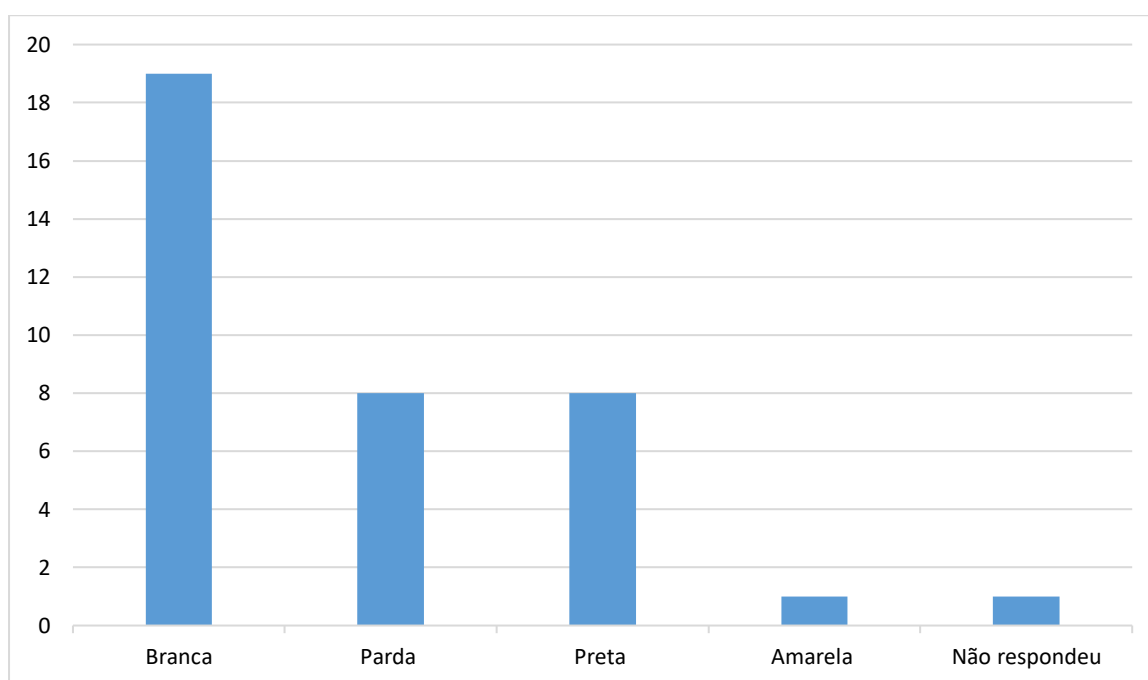
Um dado que chama a atenção é o fato de que 5,4% dos participantes ganham entre R\$ 1,00 e R\$ 1.000,00, representando a menor faixa de renda. Esse grupo, mesmo sendo numericamente menor, traz à tona questões importantes sobre desigualdade e exclusão. Indivíduos com renda baixa podem estar mais vulneráveis a múltiplas formas de exclusão –

tanto dentro da sociedade quanto dentro da própria Igreja Católica. A falta de recursos econômicos pode dificultar o acesso a espaços de formação, de inclusão e de participação ativa em grupos católicos que são espaços para sujeitos homossexuais. Fica evidente que o trabalho não atinge as classes periféricas, nas quais certamente existem também esses católicos homossexuais. A condição social é também uma barreira para esses indivíduos melhor trabalharem a sua *identidade homossexual* no catolicismo.

A análise dos dados de identificação étnico-racial dos participantes revela uma predominância de pessoas que se identificam como brancas, seguidos dos que se identificam como pardos e pretos. Essa composição racial reflete, em parte, as desigualdades estruturais no Brasil, onde pessoas brancas tendem a ter maior acesso à educação superior, espaços de liderança e visibilidade, o que também pode ser observado nas comunidades eclesiais e nos grupos pastorais para as pessoas homossexuais.

A predominância de pessoas brancas nesses grupos pode indicar uma sub-representação de pessoas negras ou pardas nos espaços de discussão sobre diversidade sexual e religiosa. Isso levanta questões importantes sobre o cruzamento entre raça e sexualidade, e como as experiências de discriminação podem ser agravadas para aqueles que se identificam como negros e homossexuais dentro da igreja católica.

Gráfico 3 - Identificação étnico-racial



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado

Essa desigualdade racial pode ser um reflexo de barreiras sociais e econômicas que limitam o acesso de pessoas negras aos espaços de liderança e participação nos grupos católicos. Isso sugere a necessidade de políticas e práticas pastorais que sejam não apenas inclusivas em termos de sexualidade, mas também atentas à justiça racial dentro da Igreja. Podemos sintetizar afirmando que esses sujeitos que participam dos grupos católicos para as pessoas homossexuais, a partir dos dados colhidos no questionário, são, na sua maioria, da classe média, têm grau de instrução acima da média nacional e são, majoritariamente, da cor branca e parda. Ressalta-se também que, pela própria “ideologia” de trabalho, encontramos o estado civil de casados, viúvos, união estável/conviventes, separados e divorciados somente nos sujeitos que participam dos grupos da *Diversidade Sexual* ou que não têm pertencimento a nenhuma das duas propostas pastorais. Os que participam do *Apostolado Courage* são motivados a viverem o celibato. Seguimos agora com as nossas análises e leituras sobre esses sujeitos a partir dos relatos das suas experiências nos respectivos grupos: *Diversidade Sexual* e *Apostolado Courage*.

5.2 Relatos de experiências nos grupos

Trazemos, neste tópico, os registros de repostas dos questionários e testemunhos das pessoas que participam dos grupos da *Rede Nacional de Católicos LGBT* e do *Apostolado Courage*. Todos os nomes foram modificados para preservar a identidade das pessoas. Esses testemunhos não podem substituir o debate e nunca constituem por si sós a verdade. Não queremos com eles justificar um pensamento. O objetivo primeiro é de ouvi-los para, assim, confrontar as ideias com a realidade através do filtro de suas experiências. São respostas que revelam rostos humanos, pessoas que não podem ser encerradas em um aspecto de suas identidades.

Os registros permitem constatar que alguns desses sujeitos conquistaram uma vida harmoniosa e assumiram a sua homossexualidade com felicidade. Outros oscilam entre o sentimento de culpa e de liberação e alguns ainda se debatem nos meandros de suas vidas. Os seus pais e seus amigos, frequentemente, são lembrados como aqueles que ficaram desorientados e isolados ao descobrirem que estes eram homossexuais.

Nosso objetivo é compreender como os sujeitos que são homossexuais e católicos podem ser ajudados na elaboração da sua identidade sexual, dentro dessa tradição religiosa, e perceber que tipo de contribuição os grupos pastorais em questão oferecem a esses sujeitos, não desconsiderando os aspectos de possíveis questionamentos na mesma direção. Assim,

É absolutamente necessário que cheguemos a certa definição, se me permitem dizer, de uma pastoral que possa ajudar os homossexuais a terem um acesso mais livre aos sacramentos, a se impregnarem mais profundamente com a palavra de Deus, a se encontrarem em grupos, seja entre si, seja com outros, para refletir sobre as necessidades da vida cristã e, por fim, também a não se culpabilizarem pelos atos que eles seriam levados a cometer e que nos pareceriam anormais frente à tradição cristã (L’Heureux, 1977).

Acreditamos que fazer escuta e dar voz a esses sujeitos homossexuais católicos e às suas genuínas experiências pode oferecer um caminho de equilíbrio entre os que se declaram homossexuais e os que aderiram à militância da causa e aqueles que preferiram o silêncio pesado da culpa e da vergonha. Quais são as razões e as motivações para uma ou outra dessas “escolhas”? Acreditamos que é possível abrir caminhos para ajudar cada mulher e cada homem a viver de modo digno:

É preciso saber que a prova dessa condição psíquica e social ao lado de grandes riscos também comporta a chance de um encontro autêntico com Deus. Sem cair no viés de conselhos incoerentes por sua diversidade, nos esforçaremos, pois, para ajudar esses cristãos a encontrar ou a reencontrar uma boa viagem de si mesmos, com sentido verdadeiro de Deus, uma solidariedade eclesial (Thevenot, nº 147, 1980).

O fato de esses sujeitos procurarem uma resposta para a sua sexualidade revela, de certa forma, uma tentativa de solução para o seu conflito, suas buscas e suas respostas encontradas. Esses sujeitos passam a elaborar a sua *identidade sexual* na perspectiva da abordagem que encontram no discurso do grupo, mais que na sua própria experiência. Vejamos os testemunhos de sujeitos ligados ao *Apostolado Courage*. Para A. a experiência começou quando recebeu um convite por uma pessoa na Igreja:

Já com 21 anos, voltei a morar com minha avó materna e fui para a missa mais para cumprir a obrigação com minha avó. Ao final dessa missa que para mim foi tediosa e estranha, uma mulher fez um convite: “Será iniciado um seminário de vida no Espírito aqui em nossa paróquia. Venha participar”¹⁴³.

O encontro possibilitou uma experiência de se sentir amado por Deus como era, contudo, não concordava que vivesse do “jeito errado”: “Eu descobri que Deus me amava do jeito que eu era, mas se recusava a me deixar vivendo do jeito errado. Ele queria que eu vivesse

¹⁴³ Testemunho registrado por Lucas, 24 anos, e nascido numa cidade do interior do nordeste brasileiro, na página oficial do *Courage Brasil*. Disponível em: <https://www.couragebrasil.com/testemunho-de-membro-lucas>. Acesso em: 09 out. 2024.

uma vida plena que era a que Ele trouxe”. Tudo o que estava vivendo de errado não era culpa de Deus, mas das pessoas:

A culpa não era de Deus se as pessoas próximas a mim não souberam agir segundo a caridade cristã, em relação à minha sexualidade¹⁴⁴.

Ele afirma que, antes dessa experiência, vivia uma vida na universidade como um espaço para manifestar a sua homossexualidade. Porém, foi se sentindo perdido e, paradoxalmente, cada vez mais feliz:

Comecei a minha vida universitária e acreditei ter achado um espaço útil onde podia falar abertamente sobre a homossexualidade e, quanto mais fundo eu entrava no “vale”, mais eu conhecia a sujeira do mundo gay e mais “feliz” eu me sentia.¹⁴⁵

Observa-se, no seu relato, a relação que ele faz entre a homossexualidade e a “sujeira”. A busca por felicidade o fez viver uma sexualidade desregrada, que trazia também, como pano de fundo, uma revolta contra a própria vida e Deus:

Foram incontáveis relações sexuais, festas, orgias, bebedeiras, buscas de outras seitas e religiões, mas nada disso preenchia o meu coração já ferido e despedaçado. Apesar de ter experimentado todos os prazeres do sexo, nenhum deles me fazia verdadeiramente feliz. Cheguei mesmo à loucura de fazer sexo não pelo prazer, mas pelo hábito do pecado e por revolta contra a minha própria vida e contra Deus. Claro que naquela época eu não percebia essa sandice, pois o peixe não enxerga a água que o cerca¹⁴⁶.

Sua experiência religiosa foi um marco para uma virada no caminho, foi quando percebeu um diferencial de alegria e gozo: “Eu descobri que, em Deus, eu podia (e posso) ser feliz. O louvor de Deus me trouxe uma alegria e um gozo espiritual que nenhuma experiência humana havia me dado (e poderá me dar)”¹⁴⁷. Em seguida, A. assistiu a um vídeo no canal Youtube do *Apostolado Courage* que falava sobre a homossexualidade. Esse foi, depois da sua conversão, um passo seguinte para viver a castidade:

Me converti e depois de um tempo, assisti um vídeo no Youtube e minha vida mudou completamente: Deus agiu copiosamente e me apresentou um caminho novo, o caminho da castidade. Eu não tenho costume de olhar comentários de vídeo. Nesse

¹⁴⁴ Idem.

¹⁴⁵ Idem.

¹⁴⁶ Idem.

¹⁴⁷ Idem.

dia, eu decidi olhar os comentários e lá estava o *link* do site do *Apostolado Courage*. Eu cliquei¹⁴⁸.

Assim A. decidiu conhecer melhor a proposta do grupo, fez um retiro espiritual e toma um novo rumo na vivência da sua sexualidade, compreendendo que Deus lhe chamava para uma vocação especial:

Eu li as 5 metas do Courage. Li a Espiritualidade do Apostolado. Li que a castidade é possível e me decidi a enviar um e-mail. A resposta foi demorada, porém foi salutar. Comecei a conversar com um conselheiro e este me indicou o Retiro anual. Juntei dinheiro, pedi ajuda aos familiares, me inscrevi no Retiro e parti para São Paulo, sozinho, sem nunca ter andado pela capital paulista. Ao final do Retiro, durante a última meditação, eu passei por uma experiência decisiva. Neste momento, pareceu-me ouvir a voz de Deus que me falava ao coração: “vive o celibato e dedica tua vida ao Apostolado”. Eu tinha encontrado, finalmente, a resposta para a dúvida sobre a minha vocação e meu estado de vida. Encontrei, acima de tudo, o meu caminho de santificação¹⁴⁹.

Na próxima entrevista, B. relata a consciência de sempre sentir-se atraído pelo mesmo sexo. O mundo erótico masculino lhe traz muita curiosidade. Foi-se interessando por tudo o que significa o gênero feminino. Manifesta, não apenas a sua atração homossexual, mas a sua identificação com tudo o que é próprio da mulher, bem como a relação desta com os homens. Trata-se dos que se descobrem homossexuais e afeminados.

Sempre me senti atraído pelos homens. Os corpos masculinos sempre foram objeto da minha curiosidade e o mundo masculino me atraía de uma forma erótica. Além disso, sempre me interessei pelo mundo feminino, desde o jeito de se vestir das mulheres até o seu linguajar e, conseqüentemente, a relação das mulheres com os homens.¹⁵⁰

Temos situações muito tristes, que aconteceram na infância, de abuso sexual. Geralmente esses sujeitos, além de viverem o drama de se sentirem *diferentes* por causa da sua homossexualidade, pesam ainda mais esse drama, culpabilizando essa *condição* pela *perversão* de um adulto. É uma marca profunda, de difícil restauração com a sua própria sexualidade.

Por volta dos meus 9 anos de idade, meu vizinho, que na época tinha cerca de 14 anos teve relações sexuais comigo (sem que eu soubesse o que estava fazendo) e me convenceu de que aquilo seria bom para mim e para a minha entrada no mundo masculino que eu tanto desejava. Os abusos se seguiram tanto por parte dele como de outro rapaz mais velho.¹⁵¹

¹⁴⁸ Idem.

¹⁴⁹ Idem.

¹⁵⁰ Testemunho registrado por FULANO, 22 anos na página oficial do *Courage Brasil*. Disponível em: <https://www.couragebrasil.com/testemunho-de-membro-lucas>. Acesso em: 09 out. 2024.

¹⁵¹ Idem.

Outro entrevistado relata uma experiência positiva a partir do que vivenciou na própria família paterna. Aqui observa-se que não são os conceitos, mas a convivência com pessoas homossexuais que diferem na compreensão dela consigo. Quebra-se o rótulo de que não seja possível ser homossexual e feliz.

Com 18 anos, fui morar casa da minha avó paterna, onde também morava o meu pai, descobri que eu poderia viver uma vida gay tranquilamente, pois o meu pai assim me testemunhava juntamente com meu tio, irmão do meu pai, que tinha (e tem até hoje) relacionamento estável com outro homem¹⁵².

Participar do *Apostolado Courage* para Fulano é algo que traz, ao mesmo tempo, segurança e consciência de que precisa lutar contra o pecado da homossexualidade. Passa a perceber a sua condição como uma eterna luta. Vive um drama entre a proposta de uma vida celibatária e uma vida gay. E mesmo caindo em *pecado*, o grupo lhe fornece paz, pois encontra perdão e pode recomeçar o caminho. Neste relato, fica evidente o conflito e o drama desse sujeito em relação à sua condição homossexual e uma escolha que lhe é imposta, o celibato.

Neste ano, se completam 3 anos desde que entrei, oficialmente, para o Apostolado. Achei que havia respostas fáceis para caminhos difíceis e muitos desses caminhos passam pela luta contra o pecado. Depois do ingresso no Courage, eu já quis desistir do celibato leigo e voltar para a vida gay. Foram muitas as quedas no meu caminho, mas nenhuma delas me tira a paz. Me arrependi desses pecados, os confessei e retomei meu caminho porque Deus é misericordioso. As metas continuam as mesmas apesar dos acidentes de percurso. A minha santificação virá no tempo de Deus e não no meu. O que me cabe é buscar ser sereno diante dos meus defeitos e pecados, continuar caminhando para progredir sempre mais e para cima¹⁵³.

Talvez, por experiências negativas e desregradas da própria sexualidade, Fulano traz uma visão do que chama de *mundo gay* como algo extremamente negativo. Até reconhece que existam vidas gay bem-sucedidas. Contudo, afirma ser um mundo de ilusões e muita aparência. O que o fez afastar-se desse mundo foi o entendimento de que pode ser salvo ou ser condenado por Deus. E isso tem a ver com as suas escolhas de agora. Percebe-se nesse relato a recusa da sua condição homossexual por medo de ir para o *inferno*.

Reconheço que existem várias experiências aparentemente bem-sucedidas entre pessoas que vivem uma vida gay, mas, depois de experimentar a verdade, sei que o mundo gay, esse mundo colorido e cheio de glitter não passa de ilusão. Hoje, eu nunca deixo de lembrar que existe um Céu e existe um Inferno. A existência deles não

¹⁵² Idem.

¹⁵³ Idem.

depende da minha fé. As escolhas que faço nessa vida determinam, eternamente, para qual lugar minh'alma irá depois da morte corporal¹⁵⁴.

Outro Fulano descreve a sua participação, mesmo que virtual, do *Apostolado Courage* com frequência. Sente não ter a presença física das pessoas que estão na mesma situação. Sente-se ancorado, mesmo assim, a lutar pelo celibato com os meios indicados por essa pastoral. Ele estabelece uma relação sponsal e de desejo com o Cristo Crucificado. Aspectos que, pela linguagem, dizem muito sobre o drama da não aceitação da sua condição homossexual.

Hoje, eu ainda não tenho uma célula do Courage na minha cidade, mas participo regularmente das reuniões virtuais. Apesar da ausência física dos irmãos ter a certeza de sua fraternidade me dá força para continuar lutando pela castidade. Assim, eu busco viver como uma alma esposa de Cristo. Mas, apoiado na devoção à Virgem Santíssima, na Comunhão Eucarística frequente, na sólida formação do Apostolado e na intercessão dos irmãos, busco me configurar a Cristo Crucificado, o meu Esposo e o meu desejo pelas colinas eternas¹⁵⁵.

Na pesquisa realizada por meio de questionário, foi possível identificar apenas dois participantes que integram o *Apostolado Courage*, seja pela menção explícita ao apostolado seja pelo uso da sigla AMS (Atração pelo Mesmo Sexo), utilizada por esse grupo. MS¹⁵⁶ afirma que a ideia de participar do grupo veio “através da necessidade de auxílio para meu entender como pessoa”. Como um participante anônimo, destaca que a participação no grupo veio da “necessidade de como viver e conviver com a AMS”.

Conheço, devido à catequese de crisma, o Courage desde 2016. Durante a pandemia em 2020, percebi que estava só nesse barco (mesmo tendo diretor espiritual, amigos com quem desabafar) mas senti falta de alguém que vivesse tal como a Santa Igreja ensina: o celibato. Diante disso, entrei em contato no final de março do já citado ano, e em maio ingressei no grupo. Foi uma das melhores, se não a melhor situação que me ocorreu na pandemia. Conheci várias pessoas com várias experiências e ensinamentos sobre a fé e a vida. Sou muito grato a Deus por estar no Courage¹⁵⁷.

Ambos consideram ser possível ser católico e homossexual e concordam com o ensinamento da Igreja sobre homossexualidade. O participante não identificado lê, à luz da fé, a sua condição homossexual.

¹⁵⁴ Idem.

¹⁵⁵ Idem.

¹⁵⁶ Para preservar a identidade da participante, mencionamos apenas a inicial do seu nome.

¹⁵⁷ Entrevista concedida por TAL, Fulano de. Questionário Coluna AM. [jan. 2022]. Entrevistador: Aureo Nogueira de Freitas. Belo Horizonte, 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta Tese.

Disponível em: <https://teams.microsoft.com/l/team/19%3APfnHIKn5ZLeIgbAgaUj61gSqPEAkwlSMZmG-x8-H-nA1%40thread.tacv2/conversations?groupId=0a70e99c-a276-4344-960b-e6d3670889f2&tenantId=7ee437e2-ba42-4c81-b294-28591e308dfc>.

Deus na sua infinita misericórdia faz com que de todo mal se tire um bem.” Às vezes, penso que se não tivesse AMS, talvez não fosse tão católico como sou hoje. Considero que essa realidade tão difícil me impulsionou para a fé. Precisava encontrar um sentido maior e que fosse além deste mundo para a AMS, e assim encontrei na Igreja. Logicamente, há lutas que são travadas todos os dias pelo resto dos meus dias nesta vida, mas a experiência com Nosso Senhor faz valer qualquer sofrimento para estar com Ele¹⁵⁸.

Sobre a identificação com o *Apostolado Courage*, os dois participantes responderam positivamente, principalmente por se sentirem aceitos pelo grupo e por receberem orientação de acordo com o magistério da Igreja. “Quanto à formação, os membros do apostolado são muito fiéis ao ensinamento espiritual da Igreja, isso fornece luz para as dúvidas e tomada de decisão. Saber que a vida espiritual é uma escada, um castelo, uma via e que precisa ir crescendo na espiritualidade e como isso ocorre”, declarou o respondente que preferiu não se identificar.

A Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT publicou um *e-book*¹⁵⁹ que registra o testemunho de vários sujeitos que participam da *Pastoral da Diversidade Sexual*. Esse trabalho teve como inspiração o contexto da pandemia de COVID-19, no ano de 2022, e a situação política que, segundo os organizadores, não eram favoráveis às pessoas LGBT. Assim sendo, a Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT realizou em suas redes sociais, ao longo de todo o mês de junho do citado ano, a campanha #TestemunhosDaDiversidade. Todos os integrantes dos seus coletivos, espalhados por todo o Brasil, compartilharam, de modo generoso, as suas histórias de conciliação das identidades LGBTQI+ com a pertença ao catolicismo e como a participação nos grupos da Rede vem contribuindo para a sua caminhada. Uma vez que tais relatos registram as experiências desses sujeitos católicos dentro da *Pastoral da Diversidade Sexual*, é nosso objetivo, agora, transcrever alguns com breves comentários da nossa parte.

E foi em 2017 que nos deparamos com o Diversidade Cristã Brasília. Posso dizer que foi um amor à primeira vista. O grupo se reúne no espaço dos jesuítas, então passamos a frequentar as missas daquele local também. E, nos últimos três anos, pude explorar minha relação com a minha fé cristã, minha religiosidade e, principalmente, acompanhar de perto a quantidade de pessoas que sofrem por não encontrar espaços onde se sintam acolhidas (Serra, 2020, p. 14).

Aqui observamos que o testemunho enfatiza a importância da pastoral para a sua vida. Além da retomada das missas, encontrou apoio no grupo que ali se encontrava. Consegue

¹⁵⁸ Idem.

¹⁵⁹ Esse interessante material encontra-se disponível: SERRA, Cris. (org.). **Testemunhos da diversidade**: histórias de fé, amor e comunhão. Rio de Janeiro: AUTORALE, 2020. *E-book* (60 p.) color. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1brwAXLhawHjMG3yHRqeivkm3Ct_FKlhB/view. Acesso em: 20 ago. 2024.

também descrever o progresso realizado, relacionando a sua condição homossexual com a sua religiosidade e a fé cristã. O que nos leva a perceber que, quase sempre, esses sujeitos homossexuais e católicos sofrem bastante ao perceberem que a experiência que fazem de Deus em suas vidas não se concilia com a doutrina da sua tradição religiosa. O relato também explicita a surpresa do número de pessoas que, na sua mesma condição, sofrem por não desfrutarem de espaços acolhedores como o experimentado.

Finalmente, em 2013, um colega de faculdade me convidou para participar de um grupo de católicos gays, que se reunia em São Paulo. Ao saber da existência desse grupo, fiquei muito surpreso e curioso para conhecê-lo. Resolvi ir a uma das reuniões, que aconteceu na casa de um sacerdote, já que o grupo não podia se reunir publicamente. Ao estar presente naquela missa ali celebrada, de modo tão familiar, tive uma das experiências mais importantes da minha vida: me senti amado e querido por Deus, sem ter que negar meu desejo e minha sexualidade. (Serra, 2020, p. 26).

Fulano, ao aceitar o convite para participar da pastoral da Diversidade (*grupo de católicos gays*), demonstra surpresa, curiosidade e desejo de conhecer tal iniciativa. Certamente, o que já revela uma compressão de que o catolicismo não poderia conciliar a sua doutrina com a questão da homossexualidade. A sua primeira experiência foi na residência de um líder católico, um padre. Isso no imaginário católico tem um significado muito forte, pois trata-se de alguém que, em princípio, age *chancelado* pela Instituição. Contudo, observa-se no próprio testemunho uma certa *clandestinidade* do grupo, pois não lhe era permitido reunir-se publicamente. Não sabemos qual seria o motivo real dessa situação. Mas é algo que chama a nossa atenção. Não obstante isso, o sujeito registra aspectos muito significativos na sua experiência humana e cristã que encontrou na pastoral: uma celebração familiar, amado e querido por Deus, sem ter que negar a sua condição homossexual.

Na busca de preencher esse vazio, amadureci, conheci novas possibilidades de ser, mas nada foi tão radiante aos meus olhos, nada foi tão restaurador, quanto conhecer o Diversidade Católica (RJ). Na página do Facebook, eu lia as postagens e não acreditava, então busquei contato, e uma pessoa me acolheu com muito amor, disse que não existia grupo em minha cidade, mas quem sabe eu poderia dar início a um. Pouco tempo depois, recebi a notícia de que um rapaz do Rio de Janeiro viria morar em Fortaleza, e a possibilidade de existir um grupo aqui foi se tornando mais real (Serra, 2020, p. 16).

Encontrar uma resposta pastoral para um sujeito que é homossexual e católico é sempre registrado como algo extremamente importante. O testemunho acima ilustra bem esse fato: de tudo o que ela já havia experimentado em suas buscas, nada se compara com o encontro com a *Pastoral da Diversidade Sexual*. O material encontrado da pastoral nas redes sociais o ajudou

muito, além de proporcionar contato com as pessoas em sua mesma situação. Sentiu-se acolhido com muito amor e desejoso de implantar essa experiência em sua cidade natal.

Sou católico e LGBT, vivo com meu companheiro e vamos nos casar em breve. Sempre participamos ativamente da vida da Igreja e, como somos abertamente um casal homoafetivo, sofremos diariamente a homofobia, inclusive dentro das comunidades católicas. Em nenhum momento, contudo, desistimos de seguir a mensagem transformadora de Cristo, contribuindo dentro da nossa Igreja. Nós, católicos LGBTI+, estamos atuando nas pastorais, movimentos e nos altares por todo o Brasil (Serra, 2020, p. 17).

Alguns relatam que participar da *Pastoral da Diversidade Sexual* os ajudou a integrar a vivência da sua homossexualidade, dentro da Igreja Católica. Como transcrito acima, Fulano se define como *católico e LGBT*. Isso pode parecer apenas uma questão de linguagem. Mas, ouvindo e entrevistando esses sujeitos, percebemos o caminho, muitas vezes dramático, para se aceitar assim e, ainda mais, como cidadãos em sua comunidade de fé. A aceitação o levou a assumir o casamento com uma pessoa do mesmo sexo, apresentando-se como casal *homoafetivo*. Registra que, mesmo participando sempre da comunidade católica, experimenta, nessa e fora dela, o desafio da *homofobia*. Ou seja, nem sempre participar da pastoral será sinônimo de acolhida.

Muitos anos se passaram até que fui convidada para participar da constituição de uma *Pastoral da Diversidade Sexual* em minha cidade. Em um primeiro momento, não acreditei que fosse dar certo. Achei mesmo que o que queriam era me convencer de que ser quem eu era seria pecado. Me surpreendi ao chegar lá e ser bem acolhida. Me senti novamente parte integrante da Igreja. Voltei a tocar nas missas, participar de reuniões e encontros com a comunidade, ajudar a organizar uma missa de domingo por mês, junto aos membros da então pastoral, com todo amor, carinho e respeito que sempre senti em relação à minha fé católica. Estávamos presentes, eu e minha família – minha esposa e nossa filha. Estávamos presentes como pessoas LGBT, e a presença do Cristo voltava a ser muito viva em mim (Serra, 2020, p. 26).

A proposta de uma pastoral católica para as pessoas homossexuais chega, para muitos desses sujeitos, como um meio da Igreja Católica de *convencimento* sobre o pecado da homossexualidade. Isso é perfeitamente compreensivo, dentro dos quadros desses sujeitos que sempre ouviram, em suas igrejas que ela aceita as pessoas que são homossexuais, mas rejeita os atos homossexuais como *intrinsecamente desordenados*. O relato acima é um exemplo. Mas, a Fulana demonstra a sua surpresa pela acolhida que recebeu. E isso foi motivo para redescobrir a sua comunidade de fé, bem como ter uma participação ativa: celebrações, reuniões e encontros. Teve uma genuína experiência de integração da sua condição própria e da sua família homoafetiva.

Foi nesse momento, início de 2018, que encontrei o Diversidade Sexual! Esse encontro foi a certeza de que foi Jesus quem me trouxe até aqui. A conexão com o grupo me ajudou a entender que nunca estive sozinha nessa empreitada, e que também somos o povo de Deus. Não só pude estudar e coletar dados para a minha pesquisa, como pude aprender a dar valor à mulher que sou, em todos os caminhos de ser (Serra, 2020, p. 30).

O encontro com a *Pastoral da Diversidade Sexual* é registrado como iniciativa do próprio Jesus. No relato acima, Fulano demonstra essa certeza, pois se sentiu tão acolhido que experimentou não estar isolado, resgatando o sentido de ser *Povo de Deus*. A riqueza da experiência a despertou para aprofundá-la através da pesquisa acadêmica, valorizando o seu ser.

Em torno dos 34 anos, através de um amigo, soube da existência do grupo Diversidade Cristã de Brasília e passei a viajar de Teresina para Brasília só para participar das reuniões e retiros do grupo. Foi um tempo delicioso de descobertas e autoaceitação, onde pude constatar que era possível SIM ser católico e gay, sendo quem eu sou, amado da minha forma, e servindo ao meu Senhor dentro de Sua Santa Igreja. Por que dividir quem eu sou? Por que não integrar as minhas duas realidades mais profundas: católico e gay? Sempre que as crises existenciais, culpas e autocondenação voltavam a me abalar, me lembrava do Diversidade Cristã de Brasília... e retornava a minha paz (Serra, 2020, p. 30).

Conciliar a experiência significativa do catolicismo na vida dos sujeitos homossexuais, com o fardo da sua condição, é um tema que incide várias vezes na fala dessas pessoas. O testemunho registrado acima é mais um exemplo dessa *tensão* vivida por esses católicos: *ser católico e gay*. A *Pastoral da Diversidade Sexual* tem papel relevante na ajuda dessa aceitação e integração para essas pessoas. O sentimento relatado é de gratidão, liberdade, confiança e paz com a sua tradição religiosa.

Em 2012, conheci um padre, com sorriso nos olhos, na celebração do casamento de dois amigos queridos, que me convenceu do Amor Incondicional de Deus por mim e me convidou a participar do Diversidade Sexual. Foi como se a luz do fim do túnel voltasse a brilhar. Fui acolhida como parte e esta é minha família desde então! Pude voltar a comungar, pois aprendi que “a Eucaristia não é prêmio para os perfeitos” [*Evangelii Gaudium*, 47] (Serra, 2020, p. 34).

O descobrir-se homossexual para os sujeitos católicos é quase sempre associado à ideia de pecado. Vários, que antes eram frequentes à sua comunidade religiosa, se afastam devido a sua condição. Deixam de frequentar a *comunhão* que, no paradigma da tradição católica, é o ponto culminante de participação na igreja. Ao falar da sua experiência, Fulano acima diz o que foi voltar à comunhão, fruto da sua participação na *Pastoral da Diversidade Sexual*. Ela lhe fez

compreendê-la não como prêmio para perfeitos. Mesmo assim, ainda que de modo sutil, é possível perceber o peso que para esse sujeito é ser católico e comungar. No fundo, sente-se um *imperfeito*. Mas é inegável o papel importante da pastoral em sua vida: encontrou o amor incondicional, sentiu-se acolhido e encontrou a luz no fundo do túnel.

Tomar conhecimento da existência desse movimento teve um impacto tão grande que fui com toda minha fúria, achando que haviam criado um grupo para “converter” pessoas LGBTs em heterossexuais. Minha fúria se tornou admiração e amor quando conheci esse grupo que acolhe tanto as pessoas LGBT quanto seus familiares, e lhes ensina que Deus nos ama como somos e que a Igreja é a nossa casa também, e não devemos ter vergonha nem medo de frequentá-la. O grupo ajudou a reavivar minha fé e a me entender (Serra, 2020, p. 37).

A *Pastoral da Diversidade Sexual* é também importante ao acolher não só os católicos homossexuais, mas os membros de suas famílias. Isso foi muito marcante para Fulano, que registrou no seu testemunho esse aspecto do trabalho desenvolvido pela pastoral. Sabemos das dificuldades que muitas pessoas homossexuais enfrentam com seus familiares, em relação à sua condição sexual. E, também, por outro lado, dos familiares que, na maioria das vezes, não foram preparados para lidar adequadamente com essas situações. O relato registra que a pastoral é um espaço onde se sentem amados por Deus e a Igreja como a casa deles. Participar da pastoral significou reavivar a sua fé e encontrar-se.

Então, resolvi me assumir e viver na Igreja normalmente, como sempre vivi. Tinha medo da perseguição na Igreja e na sociedade. Um dia, pensei: “seria tão bom se houvesse um grupo que acolhesse a comunidade LGBT na Igreja Católica”. Conversei sobre isso com um desses irmãos, e ele me contou que existia, sim, um trabalho pastoral de acolhida de LGBT na Igreja Católica. Foi assim que cheguei ao Diversidade Cristã de Recife. Agora, tenho mais orgulho de mim, e me assumi para todos (Serra, 2020, p. 4).

Alguns sujeitos católicos homossexuais fazem o encontro com a *Pastoral da Diversidade Sexual* depois de se assumirem perante a sua comunidade de fé. O relato acima é um exemplo desses casos. Mesmo se assumindo, a pessoa não deixa de viver o drama do medo da perseguição, seja na própria igreja seja na sociedade. Encontrar uma pastoral que acolha os católicos homossexuais foi um meio de sentir-se orgulhoso da sua condição e mais fortalecido para assumir-se perante todos.

No Diversidade Sexual comecei a aprender também que o amor de Deus não é uma realidade transcendental; não é uma experiência imaterial do amor de um Deus distante, abstrato, sentado em seu trono nas nuvens. Lá, comecei a aprender que o amor de Deus é algo muito concreto, que se materializa todos os dias em minha vida

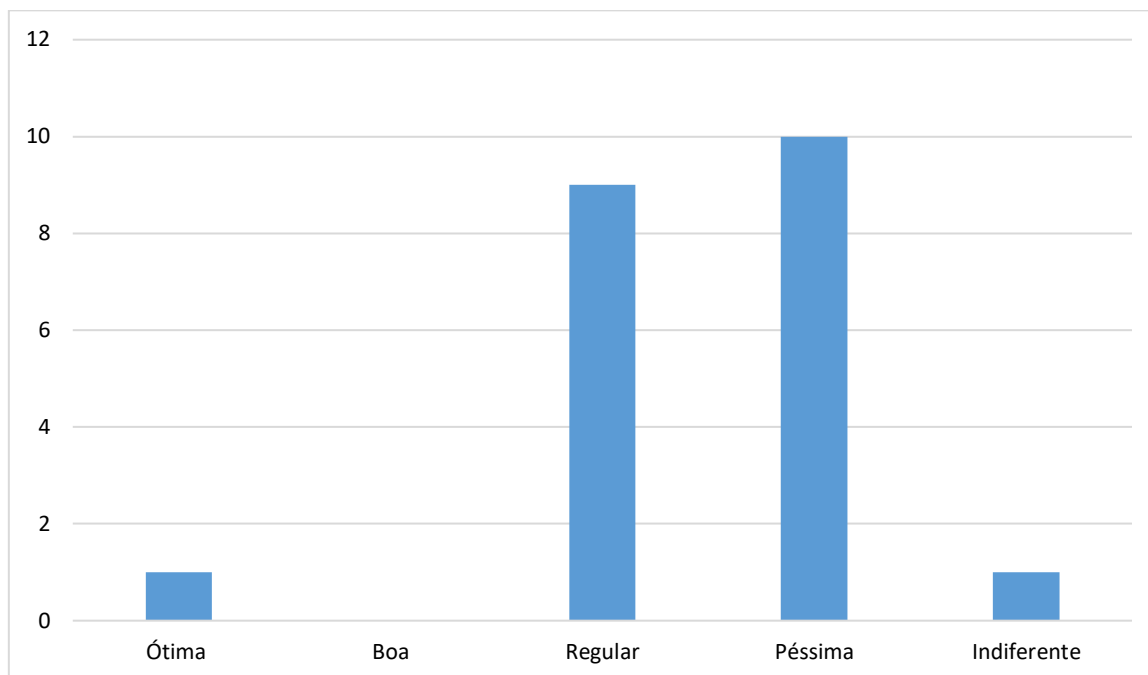
– nas amizades vividas, nos amores e afetos compartilhados, nos encontros, nos vínculos (Serra, 2020, p. 46).

É possível constatar no relato de Fulano uma significativa experiência religiosa, marcada pela dimensão humana. Descreve a sua participação na *Pastoral da Diversidade Sexual* como o lugar onde encontra Deus de modo muito próximo, concreto, em experiências que, certamente, marcam esses grupos: amizades, relacionamentos amorosos, afetos compartilhados, encontros e vínculos de pertença. Isso sinaliza também que, talvez, esses sujeitos, pelo fato de se sentirem alijados, de modo geral, na família, na sociedade e no seu grupo religioso, valorizam muito o sentido de grupos, as relações afetivas e a proximidade com os iguais.

A partir da pesquisa realizada por meio de questionário *on-line*, o principal ponto que chama a nossa atenção se refere à divergência dos participantes da Diversidade Sexual ou da Pastoral da Diversidade com o ensinamento da Igreja Católica sobre a homossexualidade. Dos 21 respondentes (uma vez que 2 dos 23 que responderam como membros participam do *Apostolado Courage*), 17 dizem que não concordam, 2 concordam em parte e 2 concordam.

Esse resultado pode indicar um sentimento de distanciamento em relação às normas institucionais da Igreja Católica, refletindo a necessidade de um diálogo mais aberto e inclusivo para responder às realidades e aos desafios enfrentados por esses grupos dentro da comunidade católica. A presença de uma minoria que concorda total ou parcialmente com o ensinamento também evidencia a diversidade de opiniões e a complexidade do debate interno sobre a homossexualidade e a fé católica.

A pergunta "Como você percebe a religião católica em relação à homossexualidade?" foi avaliada pelos participantes utilizando uma escala Likert, que é uma ferramenta comum em pesquisas para medir atitudes, percepções ou opiniões. Nesse caso, os respondentes puderam classificar sua percepção da igreja em cinco níveis: Ótima, Boa, Regular, Péssima e Indiferente. Foram consideradas 21 respostas, excluindo-se os dois membros do *Apostolado Courage*.

Gráfico 4 - Percepção da religião católica e homossexualidade

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das respostas do questionário

A maioria dos participantes (10) considera a percepção da Igreja Católica em relação à homossexualidade como "péssima." Esse dado indica um forte sentimento de desaprovação e sugere que muitos dos respondentes se sentem rejeitados ou mal acolhidos no catolicismo em relação à sua orientação sexual. Isso reflete um descompasso entre os ensinamentos ou atitudes institucionais da Igreja e as expectativas ou necessidades desses sujeitos homossexuais.

Um número significativo (9) classifica a percepção como "regular," o que pode indicar uma visão crítica, mas não completamente negativa. Esses participantes podem reconhecer alguns esforços ou sinais de mudança na postura da igreja católica, mas ainda veem grandes limitações ou áreas de melhoria.

Apenas 1 pessoa avaliou a relação do catolicismo com a homossexualidade como "ótima." Isso sugere que há no grupo alguém que percebe a Igreja Católica de forma mais acolhedora ou estão em contextos em que há maior aceitação, seja por experiências pessoais seja por iniciativas locais que promovam a inclusão.

Curiosamente, nenhum dos respondentes classificou a percepção como "boa," o que indica uma polarização clara entre uma visão muito crítica e uma percepção positiva limitada, sem uma zona intermediária que considere a relação do catolicismo com a homossexualidade como satisfatória, mas não excepcional. Apenas 1 respondente indicou "indiferente," o que

sugere que, para quase todos os participantes, a relação do catolicismo com a homossexualidade é um tema relevante e que gera algum tipo de resposta emocional ou crítica.

Sobre ser católico e homossexual, a maioria, 18 dos 21 respondentes, consideram que sim. DMSS¹⁶⁰, que avaliou como péssima a relação da Igreja Católica com a homossexualidade, responde da seguinte maneira: “Tenho dificuldade em responder essa questão, pois ainda não tenho uma resposta concreta, porém tenho a cada dia uma visão mais negativa da aceitação e permanência de gays no catolicismo.”

De maneira distinta, um participante não identificado responde de maneira afirmativa, mas com uma crítica ao preconceito que pode surgir dentro do espaço eclesial.

Sim. A proposta de Jesus é a do amor. O amor integra e não exclui. Se a Igreja se pretende seguidora de Jesus e seu posicionamento em relação à homossexualidade é de exclusão, é a Igreja que deve mudar. Lembremos que dentre os primeiros discípulos de Jesus estavam várias categorias de pessoas rejeitadas pela sociedade de seu tempo. A postura de Jesus foi de acolhida e de valorização dessas pessoas. A exclusão da Igreja às pessoas LGBTQIA+ não se sustenta racionalmente. É puro preconceito. Dessa forma, a Igreja trabalha para a morte!

À pergunta “Como é a sua experiência de católico(a) homossexual?”, as respostas revelam um amplo espectro de experiências, desde aceitação pessoal e reconciliação até exclusão, medo e resistência. A Igreja Católica, para essas pessoas, se manifesta como uma comunidade na qual muitas vezes experimentam rejeição, exclusão ou invisibilidade. No entanto, alguns ainda mantêm uma relação profundamente positiva com a fé, mesmo que se distanciem da instituição.

O participante não identificado NI¹⁶¹ descreve uma reconciliação pessoal entre sua identidade e a fé, afirmando que se sente “amado por Deus em minha identidade” e que a proposta divina é “de vida plena e não castradora”. No entanto, NI expressa frustração com a compreensão limitada da igreja a respeito dessa vivência, concluindo: “Gostaria que a Igreja entendesse isso melhor!”. Essa fala revela uma expectativa de maior inclusão e acolhimento por parte da instituição eclesial.

AM¹⁶² apresenta uma visão crítica sobre a forma como a homossexualidade é tratada na igreja, afirmando que sua experiência católica “nada tem a ver com ser Gay”, mas sim com “o que se diz contra os homossexuais por meio da religião”. Sua fala reflete uma separação entre

¹⁶⁰ Para preservar a identidade da participante, mencionamos apenas a inicial do seu nome.

¹⁶¹ idem

¹⁶² idem

sua identidade sexual e a fé, sugerindo que a condenação religiosa é o verdadeiro obstáculo para sua vivência plena no contexto católico.

A.J. descreve um misto de sentimentos. Por um lado, sente-se aliviado ao “ter encontrado um grupo e poder celebrar a vida católica em comunidade”, mas, por outro lado, experimenta uma “angústia de não vislumbrar a possibilidade de viver plenamente em comunidade por exclusão, preconceito”. Essa resposta destaca a tensão entre a aceitação em pequenos grupos de apoio e a exclusão em um nível institucional mais amplo.

De maneira positiva, LP¹⁶³ resume sua experiência como “a melhor possível”, sem oferecer maiores detalhes sobre os desafios enfrentados, o que sugere um relato de satisfação pessoal com sua vida religiosa.

CS¹⁶⁴ encara sua vivência religiosa como “um desafio” e, ao mesmo tempo, como “um testemunho de que é possível” manter a fé e ser homossexual. Essa fala destaca a perseverança em integrar sua identidade sexual à fé católica, desafiando a normatividade imposta pela doutrina oficial.

Para o participante MS¹⁶⁵, a sua experiência de ser católico homossexual é uma postura centrada no amor divino, declarando que sua missão é “levar o amor de Deus independente da escolha sexual”. A resposta de MS reflete uma visão evangélica que coloca o amor como valor central, acima das diferenças de orientação sexual.

Alguns respondentes revelam que sentem medo, vigilância ou marginalização, o que limita ou impede sua participação plena nas atividades da igreja. MV¹⁶⁶ define sua experiência com a tradição católica como “complicada, limitada” e afirma que não tem mais interesse na vida paroquial. Sua resposta revela um afastamento das estruturas formais do catolicismo, talvez devido a frustrações com a falta de acolhimento.

CC¹⁶⁷ descreve sua experiência religiosa como “horrível”, destacando que vive “sempre escondendo” sua orientação sexual e se sentindo “vigiado”. Essa fala expressa um sentimento de opressão e medo, sugerindo que o ambiente eclesial se torna hostil para quem não pode ser plenamente autêntico.

Na mesma linha, DMSS compartilha uma experiência semelhante, afirmando que vive “com medo de que alguém saiba que sou gay” e, por isso, não participa de nenhuma pastoral

¹⁶³ idem

¹⁶⁴ idem

¹⁶⁵ idem

¹⁶⁶ idem

¹⁶⁷ idem

em sua igreja. O medo de rejeição e julgamento o impede de se engajar plenamente na vida comunitária, evidenciando uma barreira significativa para a inclusão.

MR¹⁶⁸ descreve sua vivência como um “sentimento de isolamento e indiferença”, reforçando o tema da marginalização sentida por outros participantes. Sua resposta reflete a sensação de desconexão emocional e social com a Igreja Católica.

Em linhas gerais, o que podemos concluir das respostas desses sujeitos católicos, seja pelo questionário seja pelos testemunhos, é que os grupos de pastoral nos quais estão inseridos são significativos para a sua experiência pessoal, familiar, social e religiosa. Há um consenso de falas nessa direção. Registra-se, também, que esses grupos são meios de redescobrirem o sentido de participação desses sujeitos nas suas comunidades de fé. São importantes como meio de aceitação da sua *condição* homossexual. Contribuem para uma melhor convivência com os amigos e familiares. Fortalecem a vida espiritual. Despertam para o amadurecimento humano. Como vimos, os depoimentos são diversos, mas não são uma realidade exaustiva de tudo que são as vivências dos cristãos homossexuais. Isso seria um olhar simplista. Mas podemos refutar a pecha de que todos os homossexuais são infelizes e depressivos. Podem viver, como todo ser humano, sendo senhores das suas pulsões. Porém, salta aos olhos a partir dos relatos acima descritos que, em grande parte, a *identidade homossexual* dentro da tradição religiosa católica é marcada por conflitos e tensões que vão da negação à aceitação e à integração.

Há que se considerar as diferentes perspectivas da proposta de cada um dos grupos sobre a *aceitação* da condição homossexual desses sujeitos dentro do catolicismo contemporâneo. São propostas, ao que parece, nesse quesito, muito díspares: por uma perspectiva, de *aceitação da condição*, mas de *abstinência dos atos*, por outra perspectiva, *aceitação e realização* plena dela, incluindo *os atos*. A primeira, alinhada com o *Magistério Católico* e a segunda, procurando apresentar outra possibilidade à luz da compreensão da homossexualidade na contemporaneidade.

É possível um caminho de diálogo e síntese que complemente, mutuamente, as duas perspectivas? Que elementos, em ambas as perspectivas, seriam convergentes para que, levando em consideração esses sujeitos, possam viver plenamente a sua tradição católica, entre a tensão dos discursos *militantes* e os discursos que alimentam o *silêncio pesado da culpa e da vergonha*? Essas questões servirão de norte para descrevermos a última parte da nossa pesquisa, na qual faremos as observações críticas e as convergências das propostas pastorais para os

¹⁶⁸ idem

sujeitos católicos homossexuais. Nosso próximo passo, será uma abordagem desses sujeitos homossexuais, na perspectiva das suas experiências dentro do catolicismo.

5.3 Os sujeitos homossexuais e suas experiências dentro do catolicismo

O que podemos dizer sobre os sujeitos católicos e homossexuais, a partir do que registramos dos seus relatos e experiências, como participantes dos respectivos grupos de pastoral em questão? O que agora discorreremos parte, sobretudo, à luz de tudo o que já foi registrado nos capítulos anteriores, bem como da pesquisa realizada com os sujeitos que participam dos grupos de pastoral católicos *Diversidade Sexual e Apostolado Courage*. O que aqui iremos afirmar é também fruto da experiência de mais de trinta anos na escuta e no acompanhamento de sujeitos que se declaram homossexuais e católicos, bem como dos seus familiares e amigos que fazem parte da sua história. Percebemos que essa trajetória, de modo geral e similar, na vida desses sujeitos se caracteriza por três momentos. O primeiro, geralmente, é o marco do *conflito da descoberta*, seguido do que chamamos de *luta pela normalidade*, podendo culminar na experiência de *aceitação e integração* da sua *condição* homossexual. Esse terceiro “*movimento*” é quando esses sujeitos atingem uma síntese entre o seu ser homossexual e a sua tradição religiosa católica, elaborando a sua *identidade* sexual de modo conciliador. Por se tratar de experiências humanas, sabemos que os conceitos nem sempre conseguem ser precisos, matemáticos e categóricos. Dizer sobre essas *etapas*, na experiência dessas pessoas, é uma tentativa de registrar o caminho que, geralmente, esses sujeitos católicos fazem mediante a sua experiência de fé, a sua sexualidade e a doutrina católica que têm como valor em suas vidas. É claro que não se trata de ser um processo linear e muito menos homogêneo, pois depende também de elementos que vão desde as subjetividades desses sujeitos a aspectos culturais, sociais, familiares, emocionais e religiosos. Também não significa que todos esses indivíduos passem, necessariamente, por todas essas etapas, ou que seja um processo garantido. Alguns param na fase do *conflito*, outros na *luta pela normalidade* ou já iniciam sua experiência na dimensão da *integração* e retrocedem para uma ou outra. Feitas essas considerações, podemos dizer que, de modo geral, esses três aspectos conseguem apontar uma segura leitura da experiência que, geralmente, os católicos homossexuais fazem dentro da sua trajetória no catolicismo contemporâneo na elaboração da sua identidade sexual. Começemos por explicitar a fase do conflito.

5.3.1 O conflito da descoberta

Nossa abordagem sobre o *conflito* aqui é específica. Trata-se de compreendê-lo na perspectiva do sujeito que se descobre homossexual e, ao mesmo tempo, tem uma trajetória de experiência religiosa dentro do catolicismo. Acostumado a ouvir e entender que o único sexo criado e abençoado por Deus é entre o homem e a mulher, a primeira sensação que enfrenta é de que não são *normais*. Começam a introjetar nos pensamentos que não podem aceitar as sensações de atração sexual por uma pessoa do mesmo sexo. O conflito se acentua quando, além da atração física, se sentem atraídos afetivamente por um companheiro ou companheira. O racional tenta convencer de que a atração é um *desvio* de conduta, porém o desejo desmente essa lógica e o emocional concretiza uma determinada experiência fora dos padrões da sua fé. Descobre-se homossexual, mas não pode aceitar essa “*perversão*”. Vive uma sensação de rejeição por parte de Deus, de seus familiares e amigos próximos e da sua comunidade religiosa. Geralmente, a sua primeira procura é por um padre no confessionário. E a depender de como é orientado, esse *conflito* é acentuado ainda mais. Estabelece-se um sofrimento que perpassa todas as dimensões da sua vida, uma vez que tem como pano de fundo a questão religiosa que, como abordado anteriormente, tem um papel preponderante na dimensão da relação da *identidade sexual*, pois esta lida com o querer e a verdade de Deus sobre as pessoas.

O sujeito, nessa fase, vive um estado melancólico permanente. Vive o *conflito* e a tensão entre o *que é* e experimenta de fato sobre a sua identidade sexual e aquilo *que deveria ser e sentir* conforme o que aprendeu na sua família, cancelado pela sua comunidade de fé e aceito pela grande maioria dos argumentos sociais. Na minha experiência, ao acompanhar pessoas nessa situação e fase, fica tão evidente o sofrimento que estes começam a travar processos de somatização de doenças, atrofiam a vida afetiva, emocional, intelectual e mesmo profissional. Vivem numa solidão consigo mesmos, começam a evitar convívios sociais e diminuem o interesse pela sua comunidade de fé. Muitos que conversam no acompanhamento sentem uma dor visceral ao ouvir a palavra *homossexual*. Entre lágrimas desejam a todo custo que isso não seja real, que seja uma fase em suas vidas, ou mesmo, um erro a ser corrigido. Sensações essas que, conforme vimos em seus relatos, vêm justamente do enfrentamento que terão que fazer com os pais, familiares e rodas de amigos da igreja a que pertencem e do local de trabalho. A tendência é *negar* a realidade e, para isso, buscar argumentações racionais que possam ajudar na chamada luta pela “*normalidade*”. Muitos arrastam essa fase por longos anos de suas vidas, quando não para sempre. Geralmente, são homossexuais da década de 1970, 1980 e 1990.

Encontramos pessoas que são homossexuais, carregam e vivenciam essa experiência num emaranhado de conflitos intermináveis por causa do *conflito* da não aceitação da sua condição.

O desafio de aceitação, por parte de alguém que se descobre homossexual é real. Essa situação torna-se ainda mais difícil quando o meio familiar, profissional ou eclesial defende a rejeição e a condenação dessa condição. Ao tomarem consciência da sua identidade, frequentemente se veem num futuro isolado e marginalizado, associado a conflitos familiares, profissionais e sociais. Muitos desses sujeitos descrevem a sua experiência como uma espécie de exílio ao se descobrirem homossexuais. É uma questão que está associada à nossa sociedade que é, globalmente, heterossexual. Nela, esses sujeitos se sentem *minoritários*, forçados a reconhecerem a faceta particular da sua própria personalidade e levados a procurar o próprio lugar, tentando organizar a sua vida diferenciada como for possível.

Não se trata de uma experiência isolada, de determinados sujeitos homossexuais, mas desse grupo como um todo: adolescente, jovem, adulto, pai ou mãe de família, religioso ou religiosa, padre, homem ou mulher. Ainda que as experiências sejam individuais e múltiplas, há um denominador comum entre eles: A sensação de viver como se estivessem na clandestinidade total ou parcial, rejeitando a própria *orientação* sexual. A negação da sua condição é frequentemente inconsciente, marcada por um primeiro ímpeto de mudança. Descrevem essa descoberta, quase sempre dramática, em sensações de tristeza, conflito e angústia.

No acompanhamento e na escuta desses sujeitos, o que acontece quando se deparam com a questão da sua *identidade sexual*, a tentativa primeira, ainda que de modo inconsciente, é de fuga, pois ela lhe traz preocupação, sofrimento e angústia. Nas nossas sociedades ocidentais, a aceitação da homossexualidade tem avançado na aceitação e na visibilidade. Temos hoje importantes declarações e manifestações públicas, bem como significativos atores sociais que assumem a sua homossexualidade publicamente. Contudo, não podemos esquecer que a *identidade heterossexual* é predominante. É dentro dessa predominância heterossexual que os sujeitos homossexuais se descobrem. Eles terão a sua personalidade afetada por esse contexto, uma vez que não poderão contar, de modo geral, com referências que lhes ajudem a amadurecer no contexto da sua sexualidade homossexual, como acontece *naturalmente* com as pessoas heterossexuais. A educação, de modo geral, desenvolve-se através dos papéis masculinos e femininos. São esses atores que, socialmente, vão moldando as representações mentais da sociedade. Ou seja, somos educados no paradigma da heterossexualidade. E não estamos a afirmar que isso seja, em si, um problema. A questão está posta no sentido de que esse paradigma pode ser excludente se não integrar a *identidade* homossexual, que é realidade

de uma parcela de sujeitos sociais. E esses são confrontados, desde cedo, com a falta de sujeitos referenciais que lhes ajudem na *construção pessoal da sua identidade sexual*, com características próprias.

O heterossexual foi educado para ser heterossexual; desde sua mais tenra infância ele foi formado para desempenhar um papel, para ocupar um lugar, no mundo heterossexual. Este não é o caso do homossexual, que, muito frequentemente, toma consciência de sua orientação apenas na adolescência ou na idade adulta. Portanto, ele não cresceu em seu papel; ele não foi educado para ser homossexual. Faltam-lhe todos os tipos de habilidades e códigos sociais de que precisará no mundo homossexual. Quando, por fim, descobre sua orientação sexual, ele tem de a reaprender todas as regras do amor, da amizade e de convívio. Não é surpreendente que se leia, na literatura psicológica tradicional, que os homossexuais são ‘pouco maduros’ em suas relações sociais e de casais. No entanto, não se trata de uma falta de maturidade, mas sim de aprendizagem (Castañeda, 1999, p. 15-16).

Outra característica que marca a trajetória desses sujeitos é a experiência de viverem na *clandestinidade*. Um dos aspectos que forçam essa situação é a nossa própria linguagem cotidiana. Há uma estigmatização social da *condição homossexual* por falas pejorativas nos ambientes educacionais, nos lugares de trabalho, nas empresas, no convívio familiar, nas manifestações cotidianas das relações e, às vezes, mesmo em manifestações públicas. Diante disso, essas pessoas são forçadas a calar aquilo que é *parte essencial de sua personalidade*. Embora a homofobia¹⁶⁹ não seja o objeto da nossa pesquisa, é preciso registrar que, mesmo

¹⁶⁹ É fato que a pauta LGBTQIA+ vem ganhando força nos últimos anos, nas esferas sociais, políticas, acadêmicas, entre outras. Ainda assim, a realidade das pessoas LGBTQIA+ está longe de ser perfeita ou pacífica no Brasil. Isso é comprovado, principalmente, pelos dados da violência sofrida por essa população, como consequência da LGBTfobia. Com a adesão da sociedade ao Dia Internacional Contra a Homofobia, celebrado no dia 17 de junho e a partir da lei que criminaliza a homofobia em 2019, houve grandes avanços. Mas há muito a se fazer ainda. O termo LGBTfobia tende a não ser tão utilizado ou conhecido, já que, normalmente, usa-se outro sinônimo para nomear o ódio à população LGBTQIA+: homofobia. Originalmente, o termo homofobia refere-se apenas à violência e hostilidade contra homossexuais, que são as lésbicas e os gays. Mas a utilização do termo se popularizou e, hoje, é considerado por muitos uma forma correta de definir o ato de ódio a outros grupos, como afirmou Maria Berenice Dias, Presidente da Comissão da Diversidade Sexual do Conselho Federal da OAB: “Homofobia é o ato ou a manifestação de ódio ou rejeição a homossexuais, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais”. Desde 2019, a homofobia é criminalizada no Brasil. A determinação está atrelada à Lei de Racismo (7716/89), que hoje prevê crimes de discriminação ou preconceito por “raça, cor, etnia, religião e procedência nacional”. A prática da lei contempla atos de “discriminação por orientação sexual e identidade de gênero”. Por isso, ainda que usado o termo de homofobia para definir essa lei, todas as outras pessoas LGBTQIA+ são contempladas [...]. Cerca de 20 milhões de brasileiras e brasileiros (10% da população) se identificam como pessoas LGBTQIA+, de acordo com a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT). Cerca de 92,5% dessas pessoas relataram o aumento da violência contra a população LGBTQIA+, segundo pesquisa da organização de mídia Gênero e Número, com o apoio da Fundação Ford. Ainda segundo a pesquisa, esses dados estão atrelados à última eleição presidencial do Brasil, em 2018. De lá para cá, 51% das pessoas LGBTQIA+ relataram ter sofrido algum tipo de violência motivada pela sua orientação sexual ou identidade de gênero. Destas, 94% sofreram violência verbal. Em 13% das ocorrências as pessoas sofreram também violência física. A pesquisa revela ainda que, em comparação com os Estados Unidos, por exemplo, as trans brasileiras correm um risco 12 vezes maior de sofrer morte violenta do que as estadunidenses. Esse é apenas um dos levantamentos que apontam o Brasil como o país que mais mata pessoas trans. O Relatório Mundial da Transgender Europe mostra que, de 325 assassinatos de transgêneros registrados em 71 países nos anos de 2016 e 2017, um total de 52% – ou 171 casos – ocorreram no Brasil. Com base nos dados obtidos pelas denúncias

sendo considerada crime em nossa sociedade e tendo leis para puni-la, ela é ainda uma realidade muito dura na vida desses sujeitos. São vários os fatores que alimentam este medo em relação às pessoas homossexuais, que acabam se traduzindo em homofobia. E um que é bastante evidente é *a igualdade entre os sexos*. Ser homossexual é ser menos homem. É ser alguém que representa um perigo para a masculinidade. E isso explica, em parte, porque os homens tendem a ser mais homofóbicos do que as mulheres.

Além da questão da igualdade entre os sexos, outro medo que desemboca também na reação homofóbica, muito mais arcaico e universal, é o *medo da confusão dos gêneros*. Em alguns países, o problema reside no fato de que um homem possa ficar como mulher. Em algumas sociedades, não é o lesbianismo que é reprovado, mas o fato de que uma mulher possa se comportar como homem. O medo de que um homem possa deixar de ser homem ou a mulher deixar de ser mulher, possui raízes antigas na cultura humana, tanto individual como coletiva. Encontramos, também, na cultura bíblica judaico-cristã, elementos que explicitam esse medo. Inclusive, essa questão foi abordada por nós quando aprofundamos os textos bíblicos considerados como fonte de condenação da homossexualidade. Ser homem ou ser mulher são condições da própria natureza, e mesmo que um homem seja mais masculino ou mais feminino, ou a mulher tenha traços masculinos, estes continuarão sendo sempre um ser humano. Isso é particularmente importante para os homossexuais que, frequentemente, sofrem em sua autoestima, justamente porque na condição em que se encontram, costumam se considerar menos dignos que as demais pessoas.

Isso é tão introjetado no nosso inconsciente coletivo que contribui para a exposição dos sujeitos a preconceitos desde a mais tenra idade, até mesmo antes de terem consciência da sua orientação sexual. Trata-se de uma homofobia enraizada em nossa cultura. Isso fica evidente se começamos a analisar a nossa própria linguagem. Por exemplo, numa partida de futebol, basta um menino errar um passe ou um chute na partida que, imediatamente, expressões grosseiras

recebidas por meio do Disque 100, iniciativa do Ministério dos Direitos Humanos, em 2017, identificou-se que a maior parte das denúncias das pessoas LGBTQIA+ diz respeito à violência psicológica. Essa categoria inclui atos de ameaça, humilhação e *bullying*. A pesquisa ainda aponta que a LGBTfobia é a terceira maior causa para *bullying*. Além disso, a Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil de 2016 apontou que 73% das e dos estudantes LGBTQIA+ já relataram terem sido agredidos verbalmente e outros 36% fisicamente. A intolerância sobre a sexualidade levou 58,9% das/os alunas/os que sofrem agressão verbal constantemente a faltar às aulas pelo menos uma vez ao mês. Em segundo lugar nas denúncias de LGBTQIA+ ao Disque 100, estão os crimes de discriminação – por conta do gênero e/ou sexualidade de um indivíduo em diversas esferas, como na da saúde e do trabalho. Já em terceiro lugar está a violência física – que inclui desde a lesão corporal até o homicídio. Estima-se que jovens rejeitados por sua família por serem LGBTQIA+ têm 8,4 vezes mais chances de tentarem suicídio. Essa estatística se traduz em outra: adolescentes, lésbicas, gays e bissexuais têm até cinco vezes mais chances de tirarem a própria vida do que as/os heterossexuais.

Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/blog/a-lgbtphobia-no-brasil-os-numeros-a-violencia-e-a-criminalizacao/>. Acesso em: 16 ago. 2024.

discriminatórias como *veado* ou *bichinha* surjam. São diversos *estereótipos* vinculados na linguagem dos filmes e livros; embora atualmente muitos procurem apresentar a condição homossexual de um modo mais positivo, através de livros, filmes, novelas, programas, entrevistas.

Em seu artigo sobre as violências sexistas na escola, a autora Isabelle Collet ilustra o drama dos meninos quanto a essa cultura homofóbica:

A homofobia, é sobretudo uma heteronormatividade levada ao extremo: pouco importa que o menino seja gay ou não. A questão é: ele parece gay? É mais importante tornar visível a possibilidade de uma ambiguidade sexual dos papéis e dos comportamentos do que praticar de fato, secretamente, atos homossexuais entre os meninos. A melhor maneira, então, de não parecer gay é representar super-homens provocadores, exibir gestos sexuais voltados para as meninas, tratar os outros de ‘veado’... ou deixá-los fazer isso com indiferença. É evidente que os alunos homossexuais se sentem diretamente atacados por essa violência verbal cotidiana e por essas ameaças de violência física, que acabam por obrigá-los à dissimulação (Collet, 2011, p. 41).

Uma vez que esses sujeitos, desde sempre, são expostos a esta realidade, compreende-se por que muitos acabam fazendo dessa mentalidade parte da sua educação. E um comportamento explicitamente homofóbico vai naturalizando-se. Ela passa a ser um valor inconsciente e implícito, gerando reações imediatas, automáticas e aparentemente instintivas. É o problema da homofobia interiorizada estruturalmente no consciente e no inconsciente das pessoas.

Diante dessa situação, podemos entender por que vários sujeitos homossexuais acabam optando por viver em certa *clandestinidade*, escondendo a sua *identidade sexual*, acuados por causa do medo da reação de seu círculo, das pessoas próximas, de seus amigos e colegas de trabalho. Geralmente, só depois de um longo período de amadurecimento, é que esses sujeitos conseguem sair desta clandestinidade. O drama é muitas vezes tão espinhoso que tais sujeitos vivem grandes dramas, pensando em estratégias para que pais e amigos descubram sua *identidade sexual*, sem que seja preciso dizer-lhes claramente. Isso aumenta o sofrimento desses sujeitos.

Enfim, o que estamos a dizer, diante de tudo isto, é que, para esses sujeitos, reconhecer a si mesmos na condição de homossexual não é um caminho linear e tranquilo. Frequentemente é um caminho sinuoso, às vezes pedregoso, e infelizmente pode desembocar em situações muito dramáticas, sobretudo em situações de pessoas que se casam, têm filhos, outros que optam pela vida religiosa, como subterfúgio dessa condição, sem antes terem trabalhado essa aceitação. Por outro lado, constata-se também que, uma vez aceita a sua *condição* homossexual, ela é

assimilada pelos seus familiares próximos e pode ser vivida com certa visibilidade nos ambientes de amizade, profissional e da comunidade de fé. Isso contribui para que a pessoa atinja seu desenvolvimento, do qual todos são beneficiados também. Os vários relatos dos sujeitos desta pesquisa retratam esse *conflito da descoberta*. A depender da experiência nos respectivos grupos, *Diversidade Sexual e Apostolado Courage*, esse conflito é resolvido ou pode ser encarado como uma luta pela “normalidade”.

5.3.2 A luta pela “normalidade”

Quando o sujeito dá o primeiro passo de aceitação da sua condição, entendendo que se trata de uma *doença*, convencido dos argumentos já explicitados nos capítulos anteriores, começa, de modo geral, a fazer o seu caminho da luta pela “normalidade”. Como o enunciado já diz, se convence de que tem um *desvio de conduta sexual* e que precisa lutar contra ele. Os sujeitos católicos, nessa fase, encontram amparo nas argumentações de moralistas católicos que justificam a homossexualidade como algo *desordenado*, em grupos católicos que trabalham a questão nessa direção e através de padres na direção espiritual e confessional.

Inicia-se uma angustiante guerra interior. Por um lado, a pessoa sente-se atraída pelo mesmo sexo instintivamente, por outro, tem que se convencer *racionalmente* da sua perversidade. Se compreendemos que a atração sexual é parte integrante da identidade de alguém, negá-la é estabelecer consigo uma luta contínua de *negação* de si mesmo. Incentivados e convencidos de que precisam ser *normais* aos olhos de Deus, da sua igreja e da sociedade, essas pessoas iniciam uma jornada, primeiramente, de encontrar a causa dessa *anormalidade*. Entendem que, se é uma *doença*, é necessário encontrar a sua causa. Estabelece-se uma esquizofrenia no sujeito. Precisa negar e combater o seu desejo sexual para ser *normal*.

Essa busca pela sua *normalidade*, em um primeiro momento, parte da introjeção de um discurso teórico que começa a ser apropriado pelo próprio sujeito. Sutilmente, ele racionaliza que todas as suas dificuldades humanas, próprias de toda pessoa humana, têm como causa o seu *desvio sexual*. Por isso, aposta todas as suas energias, convencendo-se de que, tornando-se *normal* na dimensão da sua sexualidade, irá ser uma pessoa realizada. Contudo, no acompanhamento desses sujeitos, percebemos que, na realidade, eles começam a lidar com *duas identidades*: a que ele deseja como *normal* e aquela que, de fato, *traz em si*. É uma fase em que os sujeitos acentuam ainda mais o seu conflito e a sua angústia. Salvo exceções, o que se percebe são algumas *válvulas de escape* como respostas da sensação de angústia que se estabelece com o sujeito. Alguns assumem uma linguagem e atitudes homofóbicas. No fundo, trata-se de

combater aquilo que, na experiência própria, é uma realidade existencial e que é projetado no outro. O sujeito se vê na mesma condição, mas precisa combatê-la. Outros buscarão tratamentos terapêuticos. E existem profissionais na área da psicologia que fomentam a chamada *cura gay*¹⁷⁰. O que denota essa tentativa é o argumento de que há algo que, psicologicamente, na sua fase da infância ou da juventude seja a causa do seu *desvio de conduta sexual*. Outra tentativa de corrigir o *desvio* é assumindo um relacionamento heterossexual, na convicção de que o seu desejo homossexual será sanado, ao descobrir a verdadeira sexualidade. E, por fim, muitos, por causa de sua tradição religiosa católica, ou mesmo por causa da busca de respostas na sua religião para a sua angústia diante da sua sexualidade, optam pela vida religiosa, ou sacerdotal ou celibatária.

A experiência do acompanhamento dessas pessoas, bem como os relatos aqui descritos anteriormente tornam nítida a batalha que se trava nos seus interiores. No fundo, a *identidade sexual homossexual* tem que ser negada e os antídotos para tal são essas possibilidades. Não estamos negando que um tratamento terapêutico seja inadequado para uma sadia vida sexual, nem mesmo que o discernimento vocacional de uma experiência religiosa na vida desses sujeitos não seja caminho de realização pessoal. O que a escuta e o atendimento dessas pessoas nos levam a compreender é que tais *situações* têm como ponto de partida a *negação* das suas identidades homossexuais. E constatamos que isso não integra esses sujeitos consigo mesmos. Geralmente, vivem uma vida dupla: na própria identidade, no relacionamento heterossexual e na vocação religiosa. Isso gera uma esquizofrenia de conduta. Não estamos a afirmar que o ser humano, independente da sua condição sexual, possa ser realizado cem por cento na sua própria vida. Mas constatamos que as chances de perversão e o sentimento de angústias nos sujeitos

¹⁷⁰ Recentemente, foi publicada uma matéria, na revista “Vida Nueva” sobre a chamada *Cura Gay* no âmbito da Igreja Católica. Segundo a revista, o papa rejeitou as chamadas “terapias de conversão” de pessoas homossexuais, defendidas e praticadas no contexto de alguns setores ultraconservadores dentro da Igreja Católica. A publicação diz ter confirmado que o papa recusou “absolutamente e sem qualquer margem de dúvidas” o recurso a terapias de conversão. A reflexão de Francisco coincide com a denúncia apresentada, precisamente em Valência, pelos ex-alunos da escola católica Madre Josefa Campos, na localidade de Alaquàs, contra uma professora que usava de tudo, desde comprimidos a injeções para, segundo o depoimento dos demandantes, “curar a homossexualidade”. A professora também é diretora do Centro de Orientação Familiar, instituição vinculada à Arquidiocese de Valência. O Arcebispado anunciou uma investigação sobre o assunto, enquanto a direção do centro abriu um processo disciplinar contra a professora e pondera denunciar estas práticas ao Ministério Público. A mesma revista revelou que o Dicastério para o Clero, liderado pelo Cardeal Prefeito da Santa Sé rejeitou especificamente a atividade da “Verdade e Liberdade”, uma entidade que desde 2013 ofereceu o que era aparentemente um “itinerário de esperança”, para o que chamam de “Atração pelo Mesmo Sexo”. As atividades concentraram-se em Granada, mas em Solsona e Valência encontravam-se alguns dos principais centros de recrutamento de jovens e adultos susceptíveis de fazer parte deste processo de conversão. Beniamino Stella, exortou os bispos em 2021 a não apoiarem, participarem ou recomendarem estes tratamentos. Disponível em: <https://www.vidanuevadigital.com/2024/07/10/el-papa-francisco-a-los-obispos-espanoles-no-rotundo-a-las-terapias-de-conversion/>. Acesso em: 19 set. 2024.

que vivem sem aceitação da sua sexualidade homossexual são propícios a uma experiência de não realização pessoal, humana, emocional e, às vezes, psíquica.

As respostas do questionário, bem como as entrevistas e as escutas desses sujeitos, nos levam a constatar que, na sua maioria, tiveram, em algum momento, o desejo e a vontade de tentar mudar a sua *orientação sexual*. Essa tentativa, infelizmente, vem acompanhada de um discurso religioso, aqui especificamente, de alguns grupos católicos que dão respaldo a essa tentativa. Alguns vão atrás de acompanhamentos psiquiátricos, outros fazem terapia durante anos. Mas o que constatamos diante disso? O que acontece? Geralmente, esses sujeitos percebem que não podem mudar a sua *orientação sexual* e acabam por aceitá-la. Quando há essa aceitação, esses sujeitos começam a trilhar um caminho de equilíbrio pessoal. O fato que constatamos é que, não fazendo esse caminho de aceitação da sua *condição homossexual*, esses indivíduos dificilmente conseguem um equilíbrio na sua personalidade. O que está em jogo é, no fundo, a aceitação de si mesmo. É a compreensão de que não são sujeitos *normais*. E como já afirmamos, a homossexualidade é uma *condição* da pessoa, não é uma *escolha*. E não se pode mudar uma condição da sua natureza sexual.

Todas as pesquisas recentes demonstram que é praticamente impossível mudar de orientação sexual, mesmo quando uma pessoa quer isso. Além disso, as tentativas desse tipo podem ter consequências graves: o homossexual procura ‘ser curado’ e não consegue, acaba por se sentir ainda mais doente e culpado do que antes. Como explicou a Associação Psiquiátrica dos Estados Unidos no final de 1998, ao condenar formalmente toda a terapia que vise a ‘cura’ da homossexualidade, ‘a terapia reparadora pode prejudicar os pacientes provocando depressão, ansiedade e comportamentos autodestrutivos (Castañeda, 1999, p. 25).

Esses sujeitos podem reprimir a sua *orientação sexual* ou negá-la durante muitos anos. Podem mesmo até viver uma vida mais ou menos pacificada. Mas, diante de uma situação inesperada, o desejo pode ressurgir com força, confirmando a expressão: “expulsai o natural e ele voltará a galope”. Vejamos, como exemplo, a escuta de um sujeito nessa condição que permitiu este registro a partir de uma direção espiritual:

Compreendo agora que sempre reprimi minha homossexualidade. Tive na época do serviço militar algumas aventuras, mas isso foi passageiro. Casei e fui feliz com minha mulher. Tive dois filhos. Depois de uma longa doença, minha mulher faleceu. Nesse momento, meu desejo homossexual se revelou e eu compreendo agora que sempre fui (Fulano, 60 anos)¹⁷¹.

¹⁷¹ Entrevista concedida por TAL, Fulano de. Entrevista questionário *on-line*. Entrevistador: Aureo Nogueira de Freitas. Belo Horizonte, 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta tese.

Podemos dizer que uma experiência como esta não é algo incomum, e demonstra justamente que, mesmo depois de uma “vida heterossexual” longa, a orientação fundamental não muda. Portanto, sabemos que é difícil o processo de aceitação e esse é reforçado também por uma *homofobia ambiente*, mesmo que hoje em dia, felizmente, como já dissemos, tem havido significativos avanços em nossas sociedades ocidentais.

Nesse ponto, cabe uma observação com relação às propostas pastorais de acompanhamentos dos grupos *Diversidade Sexual* e o *Apostolado Courage*. Ambos trabalham para que os seus membros aceitem a sua *condição* homossexual. Contudo, o que pode ser constatado é que os primeiros partem do princípio da *aceitação* e da *prática* homossexual. Já o segundo grupo trabalha a *aceitação* da condição homossexual, mas *não a prática* dos atos homossexuais. Acreditamos que trabalhar a aceitação já seja um grande passo. Porém, o que observamos é que insistir na abstinência da vivência da condição homossexual como princípio é alimentar, ainda que sutilmente, a ideia de que a pessoa traz em si uma *perversão*. São vários os relatos do quanto isso se torna, muitas vezes, *perversão*. Não queremos afirmar com isso que o valor da castidade e do celibato, na *tradição cristã católica*, seja fonte de desequilíbrio humano. Temos testemunhos de vida de homens e mulheres, casados ou não, que, através dessas virtudes, alcançam uma significativa realização no amor *oblativo*. Mas isso quando se trata de uma escolha livre, o que não é o caso da maioria desses sujeitos. Ou seja, a pessoa humana, independente da sua condição sexual, pode viver sadiamente a abstinência sexual, desde que seja uma escolha livre. Impor essa escolha é também violentar a natureza humana e abrir caminhos para a infelicidade.

Os grupos pastorais que existem hoje no catolicismo contemporâneo como lugar de apoio e ajuda de aceitação da orientação sexual dos sujeitos homossexuais são significativos na trajetória dessas pessoas. Neles conseguem boas amizades, vivências espirituais, acolhida e aceitação. Tudo isso é muito significativo, pois é real o drama vivido por esses sujeitos que são católicos e se descobrem homossexuais, por várias questões que já abordamos. Mas isso não nos isenta de um olhar crítico em relação ao tipo da abordagem que é realizada na proposta dos referidos grupos. Entre o *discurso militante* e a *voz da castração*, é possível um caminho de equilíbrio e bom termo. Mas desde que não se parta do princípio de que essa condição seja *negada* ou precise ser *curada*. E isso, infelizmente, ocorre devido a determinadas compreensões parciais da *condição homossexual*, com uma chancela permeada pelo discurso da tradição religiosa católica. Ou, por outro lado, existe também o paradoxo daqueles sujeitos que reivindicam a aceitação da sua homossexualidade, dentro do catolicismo, sem levar a termo os valores que norteiam a sexualidade na perspectiva da mesma tradição.

5.3.3 A liberdade na aceitação e integração

Tanto na escuta, como nas respostas dos questionários que analisamos, os sujeitos homossexuais registram que a aceitação da sua condição, em regra geral, não acontece facilmente. Alguns levam até anos para que a palavra *homossexual* seja pronunciada sem evocar para eles o drama, o peso social e simbólico de rejeição. É, de fato, um sofrimento emocional, psíquico e espiritual. Mas é preciso ressaltar, também, que tal experiência muito se dá pela educação recebida, pelo seu ambiente familiar, social, religioso. Se essas condicionantes são saudáveis, de inclusão e de acolhida, a tendência da aceitação da *identidade* sexual desses sujeitos é mais serena, integradora e madura. Claude Vandevyver, renomado psicólogo clínico, ajuda a perceber o drama desses sujeitos, mas, ao mesmo tempo, a possibilidade de um itinerário pessoal de amadurecimento a partir dos seus desejos.

Entre um certo jargão analítico que frequentemente associa a homossexualidade a uma perversão ou a uma defesa diante da castração e de um discurso militante que defende uma identidade homossexual forte e socialmente afirmada, o sujeito permanece embaraçado, pois ele não consegue se encontrar realmente, isto é, não pessoalmente nesses dois discursos que são duas produções sociais opostas, mas que respondem uma à outra em espelho. Entre um discurso que ‘julga’ (o médico-psiquiátrico-psicanalítico) e um discurso puramente militante, cada sujeito deve elaborar, com suas próprias palavras, o que constitui seu discurso e seu próprio desejo (Vandevyver, 2011, p.40).

Por isso é interessante que o catolicismo ofereça aos sujeitos homossexuais, que se declaram católicos, o acompanhamento. Se feito adequadamente, pode contribuir para que essas pessoas consigam elaborar, a partir de si mesmas, de suas palavras, do discurso apropriado pela experiência, do seu desejo, a sua *identidade* homossexual. Muitos fazem um caminho de libertação da não aceitação, de vitimização e sofrimento para uma vida madura e integrada na sua condição. São vários os depoimentos que confirmam a melhora do sentido da vida, da sua saúde física, espiritual, emocional e psíquica. Muitas doenças que, na realidade, tinham como pano de fundo a não aceitação da sua condição sexual, desaparecem.

O passo final na afirmação da identidade própria no nível consciencioso é a reestruturação da realidade pessoal. Novas imagens de si surgem à medida que as pessoas passam pela dor e pela perda e saem do outro lado. Agora, as pessoas gays têm mais energia para transpor a vida, apesar das armadilhas da homofobia que as rodeiam. [...] elas agora estão realmente se criando, construindo sobre a bondade de suas vidas, que elas vinham descobrindo enquanto passavam pela etapa conscienciosa (James, 2006, p. 187).

O que se constata é que esses sujeitos homossexuais, se acompanhados na experiência da descoberta da sua homossexualidade, tendo suporte, podem ressignificar e integrar a sua *identidade* homossexual. Contudo, esse processo está relacionado também a fatores que envolvem a própria experiência pessoal, familiar, social e religiosa. Esse último aspecto influencia significativamente na vida desses sujeitos. As pessoas homossexuais que antes viviam se debatendo sobre a sua identidade, gastando enorme energia psíquica, emocional e espiritual nas fases do *conflito da descoberta*, da *negação e luta pela normalidade sexual*, sentem-se, apesar de situações adversas, livres e em condições favoráveis para o seu amadurecimento humano, afetivo, sexual e profissional. É o que James L. (2006) chama de “etapa conscienciosa”. Dos grupos pastorais em questão, parece-nos que a *Diversidade Sexual* reúne mais elementos para essa *integração*, uma vez que admite tanto a *orientação* como a possibilidade da *vivência* da homossexualidade.

5.3.4 Observações críticas e convergências das propostas pastorais para os sujeitos católicos homossexuais

O percurso feito até aqui nos permite fazer algumas observações sobre as duas propostas pastorais de acompanhamento às pessoas homossexuais dentro do catolicismo atual. É interessante observar que, ao tratar desse tema, nas várias obras dos autores ligados a essa tradição religiosa, todos concluem com “considerações pastorais” a despeito dessas pessoas. Esse é, portanto, um ponto de convergência, podemos assim dizer, do catolicismo em relação à questão: pensar em iniciativas pastorais para esses sujeitos. Isso não significa desconhecer o paradoxo das propostas, e até mesmo as suas contradições. Por isso, nosso objetivo a seguir é pontuar algumas críticas e as convergências que se pode perceber nas propostas dos grupos *Apostolado Courage* e *Diversidade Sexual*.

5.3.4.1 Vinho novo em odres velhos

A homossexualidade é, na maioria das vezes, abordada de maneira simplista em nossa sociedade. No capítulo segundo da nossa pesquisa, explicitamos que a sexualidade humana é complexa e, para que se possa melhor compreendê-la, há que se levar em conta as suas várias dimensões. Isso também se aplica quando se refere à sexualidade homossexual. Não é possível traçarmos um único tipo de homossexual e apenas uma definição precisa da homossexualidade.

A maioria dos nossos dicionários a definem como *atração emocional e ou sexual entre duas pessoas do mesmo sexo*. Contudo, como há várias constituições heterossexuais, assim também não há um único modo de constituição psicosssexual homossexual. E diante dessa constatação, o correto seria, numa perspectiva mais apropriada, falar em homossexualidades. Ou seja, no horizonte da sexualidade, tendo em conta as suas várias dimensões, nós podemos falar das experiências humanas em horizontes diferenciados. Podemos falar de heterossexualidades, homossexualidades e de bissexualidades. O que podemos dizer é que o universo da homossexualidade é complexo, como é complexa também é a experiência humana, como é complexa a própria sexualidade.

Nas entrevistas realizadas e nas respostas do questionário que os sujeitos homossexuais católicos responderam, de modo geral, pode-se perceber que a *orientação homossexual* é vivida como um dado da existência e não como uma escolha livre. Esse dado é constatado nos relatos do drama que é essa própria descoberta. Sabemos, ainda hoje, do peso social que significa assumir essa condição. Podemos afirmar que, nos depoimentos, 95% desses sujeitos declaram descobrir – e não escolher – sua orientação sexual. Contrariamente a uma opinião muito defendida, essa orientação não é resultado de uma escolha pessoal ou de simples distúrbio familiar. Até porque, devido ao drama e ao sofrimento que essa descoberta significa para esses sujeitos, certamente, se pudessem escolher, escolheriam não serem homossexuais.

O fator da rejeição social, ainda muito presente na nossa sociedade, é um dos fatores que contribuem para que esses sujeitos, mesmo atraídos pelo mesmo sexo, inicialmente permaneçam dentro da norma social, buscando se relacionar com o sexo oposto. Os relatos do questionário cancelam essa percepção quando se constata que, no geral, a primeira relação sexual das pessoas homossexuais acontece com o outro sexo. E passar ao ato homossexual é como que uma verificação ligada à vontade de testar uma identidade sexual problemática.

Outro aspecto que é importante ressaltar, em relação aos sujeitos homossexuais, é que a ideia de que a *condição* ou a *orientação* homossexual está ligada a más influências exercidas sobre o sujeito durante a sua adolescência. A pesquisa nos faz constatar que ninguém se torna homossexual porque foi seduzido durante a infância ou na adolescência por uma pessoa homossexual, ou por um livro ou por um filme. Isto é um clichê que, infelizmente, ainda persiste hoje em dia na mentalidade de determinados grupos sociais. Se a *condição* homossexual fosse fruto de uma primeira experiência pervertida abusiva, que sujeito, em condições normais do amadurecimento humano, perseveraria durante toda a sua vida em uma *orientação* homossexual? Nos dramas relatados por esses sujeitos homossexuais, em relação aos seus familiares, quando assumem a sua condição, uma das reações mais comuns dos seus genitores

é a acusação da influência das más companhias. É a ideia de que a homossexualidade é *contagiosa*¹⁷². A partir da escuta desses sujeitos, bem como das respostas dos questionários, constata-se que, na sua maioria, após a descoberta da sua condição, a tendência é de se afastar dela.

Vinho novo em odres velhos é uma citação livre que encontra sua inspiração na parábola do vinho novo em odres velhos. Elas são encontradas nos evangelhos sinóticos: Mateus 9, 17; Marcos 2, 22 e Lucas 5, 37-38. Foram narradas no contexto de se fazer entender a necessidade de abertura para aceitar a novidade do ensinamento de Jesus, mediante as dificuldades e resistências por parte dos judeus, apegados às suas tradições religiosas. Na época de Jesus, as pessoas usavam um recipiente feito de couro animal, chamado de odre, para guardar o vinho. Com o tempo, esses odres ficavam velhos e perdiam a capacidade de suportar a pressão do vinho novo em fermentação. Assim como o vinho novo precisa de um odre novo, as ideias novas trazidas por Jesus ao mundo judaico precisavam de abertura para serem aceitas.

Parece-nos que alguns aspectos da compreensão da homossexualidade, na perspectiva católica, como descritos ao longo da nossa pesquisa, são *odres velhos*. Não se avançou, suficientemente, na compreensão da homossexualidade, desconsiderando, sobretudo, os avanços das reflexões bíblicas e das ciências humanas. Contudo, não se pode negar o *vinho novo* que, dentro dessa mesma tradição religiosa, também é uma vertente, quando descrevemos os avanços nas reflexões e, conseqüentemente, na compreensão da homossexualidade no catolicismo contemporâneo. Convivem, *paradoxalmente*, essas duas realidades, dentro do catolicismo. Isso nos leva a compreender que, de fato, existem *catolicismos* dentro do catolicismo. E, por lógica, podemos dizer de *compreensões* dentro da compreensão *oficial* da homossexualidade no catolicismo contemporâneo.

As duas propostas de pastoral, aqui analisadas, são um exemplo dessa constatação. O *Apostolado Courage* se aproxima mais dos *odres velhos*. Queremos nos abster de um juízo de valor ao fazermos essa observação. Nosso objetivo é pontuar que, ainda que a proposta seja revestida de aspectos positivos, como o trabalho de aceitação da *condição* homossexual, é passível de questionamento quando se insiste, para todos e todas, indistintamente, na abnegação da vivência dessa *condição* pela via do celibato. Esses sujeitos são aceitos, é trabalhada a aceitação da sua sexualidade, mas desde que não a tornem *um ato*, na expressão dos seus corpos

¹⁷² Existe um interessante artigo: Non, l'homosexualité n'est pas contagieuse, escrito por Marie Nicoller, após uma interessante exposição sobre a luta contra a homofobia, organizada pelo Conselho de Jovens de Lausanne. Disponível em: https://www.inspq.qc.ca/sites/default/files/documents/formation/itss/stop_homosexpasmaladie.pdf. Acesso em: 09 ago. 2024.

homossexuais. Nos relatos desses sujeitos, registrados em nossa pesquisa, pode-se observar que, em grande parte, a *identidade homossexual* fixa-se na fase do *conflito* que se eterniza. Inconscientemente, essas pessoas sabem que, na perspectiva da sua experiência religiosa, não podem ser o que de fato são. Tais experiências, geralmente, desembocam-se em perversões sexuais. E o sofrimento existencial é constante.

Por outro lado, a *Pastoral da Diversidade Sexual* se aproxima de ser *Vinho Novo* na medida em que, dentro do ensino oficial do magistério católico sobre a homossexualidade, procura avançar na sua compreensão, assumindo os avanços da ciência e da teologia moral católica em relação a essa questão. Os sujeitos homossexuais que são acolhidos nesses grupos são *aceitos na sua condição*, o que engloba o exercício pleno da sua sexualidade e das escolhas afetivas. Nos relatos desses sujeitos, encontramos experiências que indicam a *identidade* homossexual mais *integrada* com a própria vida e a experiência católica. O que se pode observar, por outro lado, é um descompasso entre as experiências sexuais desses sujeitos com a perspectiva da sexualidade cristã católica, uma vez que pouco se fala do exercício desta como homossexuais e católicos. Aqui pode-se gerar dificuldades de vivências maduras de fidelidade relacional, projeto de vida a dois e meios de paternidade responsável na condição homossexual.

O que pensamos, na realidade, é que, se levarmos em consideração as duas propostas, podemos afirmar que, parafraseando a parábola, é possível um *vinho novo em odres novos*. Nesse sentido, as propostas podem contribuir para que esses sujeitos possam, numa perspectiva da vida católica, amadurecer na sua *identidade* homossexual, aceitando-a e fazendo escolhas que sejam, não por sua negação, mas por um ideal de vida cristã, seja celibatária, seja relacional. Na primeira perspectiva, procurando iluminar a sexualidade homossexual com os valores da moral sexual cristã e, na segunda, motivando o celibato da mesma forma. Desde que, em ambas as situações, se parta de *escolhas* livres desses sujeitos, jamais por *negação* da sua *condição* homossexual.

5.3.4.2 *Quem não é contra nós é a nosso favor*

Uma multiplicidade de fatores intervém na *orientação sexual* e esta última não é, em nenhum caso, uma *escolha* consciente e deliberada. A *orientação sexual* está relacionada à *identidade*. Falar de identidade e de construção da identidade não é algo simples e muito menos tranquilo. Sabemos de numerosas publicações sobre esse assunto, que vem cada vez mais sendo debatido e estudado por diversos âmbitos das nossas ciências humanas.

Não é objeto da nossa pesquisa abordar as diferentes realidades que a palavra identidade abarca. Hoje fala-se, por exemplo, em identidades sociais, identidades coletivas, identidades políticas, identidades culturais, identidades religiosas e outras. Existe uma grande referência bibliográfica sobre o assunto que pode ser consultada facilmente nas nossas muitas bibliotecas e plataformas de pesquisas¹⁷³. Também não quisemos aqui concentrar naquilo que chamamos de etapas pelas quais os sujeitos passam para elaborar a sua identidade pessoal. Interessa-nos indicar *três elementos* que, para o nosso estudo, são importantes na questão da *orientação sexual*.

O primeiro elemento está relacionado às *estruturas psicosssexuais*, que são diversas. No que tange à questão das pessoas homossexuais, podemos afirmar que algumas são *exclusivamente* assim, ou seja, seus desejos e suas práticas sempre se orientam para as pessoas do mesmo sexo. Outras, podemos chamá-las de *principalmente* assim, ou seja, às vezes elas têm desejos heterossexuais e procuram satisfazê-los também. E existem também aquelas que se sentem *bissexuais*. Ou seja, são atraídas igualmente pelos dois sexos. Como já afirmou Paul Ricoeur (1964), a sexualidade está entre o maravilhamento, a errância e o mistério. É sempre uma realidade complexa.

O segundo elemento é a *identidade social*. A pessoa heterossexual mantém relações com as outras pessoas de acordo com a sua identidade pessoal específica, ou seja, seu ser social heterossexual. Em seus intercâmbios familiares, profissionais, sociais, ou em seus comportamentos, o sujeito não precisa, de modo algum, afirmar ou esconder a sua identidade heterossexual. Há uma *legitimidade* social dela. Sabemos que, hoje, muitos definem essa *identidade social* como sociedade *heteronormativa*. Significa dizer que a pessoa heterossexual,

¹⁷³ Na obra **Identidade ou identidades: perspectivas e contradições para os indivíduos nas organizações da atualidade**, os autores, no capítulo 6, buscam materializar a complexidade do tema Identidade Gay. Eles concluem aspectos importantes: a) que há poucos estudos sobre identidade gay; b) que políticas e práticas de RH reforçam a discriminação e o preconceito contra gays e lésbicas, sobretudo quando se omitem; c) que o *coming out* (ou a revelação) da identidade gay no trabalho torna-se um assunto complicado, na medida em que cabe a cada indivíduo avaliar implicações e consequências de se manter ou sair do "armário"; d) que a distância entre o discurso inclusivo de gestão de pessoas ("as pessoas são o que há de mais valioso nas organizações; [...] todos os indivíduos serão tratados com dignidade e respeito; [...] haverá oportunidades iguais de trabalho para trabalhadores de qualquer grupo social") [p. 160] e ações (ou a ausência de ações) coadunadas com tais ideias permanece como um dos principais desafios às relações de trabalho; e) que a situação dos homossexuais continua caracterizada por discriminação, motivo de assassinatos homofóbicos e de piadas sexistas, marginalização e invisibilidade social; isso reforça o desafio de se fortalecer a identidade gay nos ambientes de trabalho (p. 156); f) que as tímidas políticas de RH, quando tratam de gays e lésbicas, geralmente restringem-se à inclusão de seus parceiros e parceiras em planos de saúde (quando o fazem); g) que se, de um lado, sujeitos gays e lésbicas podem trazer contribuições importantes e formas inovadoras de "formular processos, alcançar metas, estruturar tarefas, criar equipes de trabalho efetivas, comunicar ideias e liderar" (p. 153), por outro, é imprescindível que o Estado e as empresas assumam a responsabilidade de criar políticas de defesas dos direitos dos homossexuais, evitando, assim, discriminações desse grupo social (p. 157).

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/36xZDZwzqDjC7SxT9BYCMcG/?lang=pt#>. Acesso em: 18 set. 2024. Fernando de Oliveira Vieira

no exercício dos seus papéis sociais, não precisa estar afirmando ou mesmo silenciando a sua *identidade sexual heterossexual*. Socialmente, ela é compreendida como *natural*. Esses sujeitos vão evoluindo naturalmente, em uma sociedade global e majoritariamente heterossexual. Portanto, na relação de *identidade social*, o seu papel sexual, o seu sexo biológico, a sua orientação sexual, são compreendidos como coerentes e formam uma *identidade globalmente* estável e justificável. Esse fator não ocorre, pelo menos de modo global, com relação aos sujeitos homossexuais. Não há uma confluência da sua *identidade sexual* com o seu papel ou a sua *identidade social*. É muito comum encontrar sujeitos homossexuais que assumam a sua identidade sexual diante de colegas de trabalho ou a pessoas mais próximas socialmente. Contudo, um número significativo acaba exercendo o papel social de heterossexual, pois sabem que serão aceitos e terão a aprovação da sociedade, do grupo social, da família e da sua comunidade religiosa.

Existem, também, os sujeitos homossexuais que optam por não assumir a sua identidade homossexual para a sua família e se dão por satisfeitos de torná-la confessada a uma minoria de amigos nos quais ele confia. Nos depoimentos registrados nas entrevistas do questionário, isso fica muito evidente. A identidade desses sujeitos acaba sendo *clandestina* por causa da insegurança sobre si do olhar dos outros. E isso termina fazendo com que os sujeitos que são homossexuais criem *identidades múltiplas* em função dessas situações. Por causa da *identidade social*, criam identidades a depender do ambiente a ter que representar: na família, no trabalho, na roda de amigos e na comunidade religiosa.

Essa realidade é mais comum quando os sujeitos homossexuais são pessoas com os protótipos viris de masculinidade, não apresentando nenhum, entre aspas, “tipo” que demonstre “dúvidas” da sua orientação heterossexual. Como se diz na linguagem popular, “o sujeito não apresenta nenhum trejeito”. Alguns são considerados conquistadores de mulheres, mulherengos e “pegadores”, mas, na verdade, são sujeitos homossexuais. Isso nos leva a compreender que a homossexualidade compreende pessoas de aspectos e comportamentos diferentes dos *estereótipos* sociais, que são numerosos, alguns até persistentes e inconscientes.

No universo da homossexualidade, alguns homens podem ser afeminados e cultivar essa feminidade. Outros, porém, podem refletir um homem viril e, às vezes, até mesmo brutal. Não é diferente também no caso das mulheres. Com muita frequência, as pessoas homossexuais não se distinguem de nenhuma maneira das pessoas heterossexuais em seu modo de se apresentarem aos outros. A descoberta de sua homossexualidade por pessoas próximas frequentemente suscita aquela famosa reação: *Não é possível, não é verdade*.

Isso indica que, tanto do ponto de vista da estrutura psicossexual, como da visibilidade da identidade sexual, as identidades são múltiplas e que seria mais correto falar em *homossexualidades* no plural. Mas, levando em consideração o objeto da nossa pesquisa que é refletir a homossexualidade no catolicismo contemporâneo, optamos pelo termo no *singular*. Contudo, registramos que não existe uma única forma de homossexualidade, cuja origem poderia ser explicada precisamente, se é que precisamos de explicá-la. E para ampliarmos essa compreensão, basta pensarmos também sobre a heterossexualidade. Como é considerada a sexualidade *padrão* ou *normal*, ninguém precisa explicar a sua origem. Se podemos falar de homossexualidades, é possível também falar de heterossexualidades.

Quem não é contra nós é a nosso favor. Essa expressão se encontra na passagem do evangelho de Marcos, capítulo 9, no versículo 40 e tem paralelo no evangelho de Lucas, capítulo 9, no versículo 50b. É um modo de agir que Jesus procurou corrigir nos seus discípulos. Diante de uma postura de escuta da realidade, não podemos descartar o contraditório. Nos paradoxos, podemos perceber linhas tênues de convergências se formos capazes de sair da nossa rigidez, do nosso dogmatismo, do nosso sectarismo. A meta da verdade deve privilegiar o consenso, destravando barreiras do que já se sabe. O pesquisador não é o detentor da verdade. Tal postura coloca em risco as possibilidades múltiplas de leituras das realidades e dos sujeitos que a compõem. Isso alimenta os *fanatismos* ideológicos que nos fazem míopes diante da complexidade humana, no que tange também à sexualidade. Passamos a rejeitar todos os que não pensam ou não agem como nós.

Dito isso, nos cabe admitir que as duas propostas de pastoral que existem atualmente no Catolicismo, para acompanhamento das pessoas homossexuais, trazem a realidade de um *impasse* da questão da homossexualidade dentro dessa mesma tradição religiosa. O que percebemos é que, numa e noutra proposta, essas pessoas são acolhidas em princípio, mas não de maneira plena nessa tradição religiosa. Ter que existir um grupo específico para esses sujeitos é um sinal evidente de que tais pessoas são “*membros estranhos*” no corpo eclesial. A *Pastoral da Diversidade Sexual* não goza de um estatuto oficial de reconhecimento por parte da hierarquia católica. Conta com algumas benesses de pessoas pontuais que fazem parte dessa hierarquia e de alguma participação em estruturas leigas do catolicismo. O *Apostolado Courage*, ainda que reconhecido como pastoral chancelada pelo magistério católico, precisa convencer os sujeitos de que não podem viver explicitamente a sua *condição* homossexual. A ideia do *anonimato* dessas pessoas é uma metodologia de trabalho. Ou seja, são grupos que estão à margem do catolicismo oficial, ainda que com aspectos e acentos diferentes. E como se poderia *sair desse impasse*?

Acreditamos que as duas iniciativas já sejam um primeiro passo. Elas permitem que essas pessoas, como todo ser humano, possam, através dessa tradição religiosa, estabelecer um caminho de sentido, vivendo uma relação de amor responsável e fecundo. Ficou claro para nós a importância do avanço no diálogo, dentro do catolicismo, sobre a temática, buscando outras bases, que não apenas as tradicionais dessa questão, para uma reflexão mais apropriada, a fim de diminuir o sofrimento na vida desses sujeitos homossexuais e dos que fazem parte do seu círculo de convivência. É significativo como é raro se falar abertamente a palavra “homossexualidade” ou “homossexual” no que é próprio da vivência católica. Para que esses sujeitos possam ser, de fato, acolhidos e avançar nesse *impasse*, a comunidade religiosa é fundamental. O trabalho restrito apenas aos mesmos pode reforçar o estigma da *separação*. Avançar nessa direção pode ser um modo de verdadeira *inserção* desses sujeitos na sua comunidade de fé como *cidadãos* católicos e não apenas *tolerados* como tais nos seus respectivos grupos. Isso será possível se, dentro do catolicismo, houver uma escolha política de inclusão dessas pessoas e de sua realidade homossexual, perpassando a sua liturgia, a sua pregação, as suas ações pastorais e a sua moral. Muitos desses sujeitos vivem na clandestinidade no âmago de suas comunidades religiosas. Se desejarem envolver-se em um dos seus serviços pastorais, geralmente devem silenciar-se a respeito de um elemento essencial de suas vidas, que é a sua *orientação* sexual. E para sintetizar nosso pensamento, podemos parafrasear a frase do evangelho acima, de um modo afirmativo, pensando nesses sujeitos: *eles não são contra nós, são a nosso favor!*

5.3.4.3 Quando o fruto está maduro se mete a foice

A homossexualidade foi retirada da categoria de *doença mental* pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no ano de 1990. Essa decisão foi fruto do desenvolvimento da compreensão da homossexualidade, graças à contribuição das ciências humanas e dos movimentos de luta pelo reconhecimento dos direitos das pessoas homossexuais. Porém, existem ainda marcas dessa não aceitação por parte dos que convivem com as pessoas homossexuais, como suas famílias, seus amigos e a sua comunidade religiosa.

Houve também, a partir do século XX, várias tentativas de explicar a origem da homossexualidade psíquica, afirmando ser a sua causa a ausência dramática da afetividade do pai ou uma presença materna excessiva. Ainda hoje, ocorre um debate entre muitos pesquisadores para saber se a homossexualidade é algo *inato* ou *adquirido*. O mesmo ocorre, aliás, entre associações gays ou grupos mais conservadores, mas devido a razões diferentes,

evidentemente. Os primeiros, ao defenderem a homossexualidade como *inata*, acreditam que haverá o recuo da homofobia e, conseqüentemente, uma aceleração no reconhecimento dos direitos sociais dessas pessoas, como a inserção social, os casamentos civis e a adoção de filhos. Esses últimos, na compreensão de que, uma vez se tratar de uma condição *adquirida*, justifica-se o seu *combate* e a sua *correção*. Chancela-se a possibilidade da sua cura. E se os sujeitos escolhem essa orientação, deverão arcar com as suas conseqüências. Christian Van Neste, numa intervenção na Assembleia Nacional Francesa, datada de 7 de dezembro de 2004, ilustra bem a questão:

A homossexualidade é um comportamento cultural adquirido da ordem do reflexo, sem dúvida adquirido em uma idade precoce, mas que, como todos os comportamentos reflexos um tanto negativos, podem ser inibidos ou reeducados (Van Neste, 2004).

Estamos convencidos de que a identidade sexual resulta de um longo processo de desenvolvimento pessoal combinando *o inato* e *o adquirido*. As pesquisas psicanalíticas atuais demonstram que a homossexualidade, como estrutura de identificação, é, no sujeito, uma característica adquirida na primeira infância e, portanto, ali por volta dos dois primeiros anos, como afirmam vários autores. Na realidade, não se nasce heterossexual ou homossexual, mas torna-se um. Afirmamos no capítulo 2 que é preciso compreender a sexualidade dentro de um escopo das várias dimensões do ser humano. É através de uma visão *pluridisciplinar* que temos condições de abordar e entender a complexidade das situações. Se ampliamos a genética e a biologia para a história, a sociologia, a etiologia, a antropologia, vamos compreender que precisamos descartar ideias pré-concebidas de um dos maiores mistérios do homem ou da mulher: o desejo sexual¹⁷⁴. Se *o inato* do sexo (menino ou menina) existe através do capital físico e genético, é necessário compreender que a *orientação sexual* é uma construção progressiva ao longo da evolução do sujeito, sem que seja possível determinarmos o que está ligado à vontade e à consciência.

Diante disso, se tivermos um olhar objetivo e positivo da *condição homossexual* como uma *variante* da sexualidade humana, ser homossexual não deveria ser conseqüência de um acontecimento traumático, de uma má educação, de um problema genético. Ou seja, ser homossexual não é resultado de um “erro”. É apenas uma das formas possíveis de viver a própria sexualidade, ainda que de um número minoritário de pessoas.

¹⁷⁴ Podemos encontrar essa ideia no livro do famoso psiquiatra Stéphane Clegert: CLEGERT, Stéphane. **Comment devient-on homo ou hétéro?** Paris: Jean-Claude Lattès, 2006.

O certo é que, se estamos a perguntar, *a priori*, pelas causas da homossexualidade, sem nos questionarmos sobre as causas da heterossexualidade, revela que a mesma, se não é considerada uma relação patológica, ao menos é proveniente de um desvio em relação a um desenvolvimento heterossexual evidente por si mesmo. Muitas pessoas homossexuais também pesquisam para tentar compreender a sua sexualidade diferente. O próprio fato de submeter esses sujeitos, que se dizem católicos, a pertencerem a uma determinada pastoral para se reconciliarem com essa fé já *estigmatiza* a condição homossexual como algo a ser trabalhado.

Isso não significa desconhecer a importância desses espaços de acolhida, reflexão, convivência e acompanhamento que permitem desconstruir representações mentais e preconceitos que podem gerar em nós uma homofobia, muitas vezes ancoradas em nossos inconscientes. Ou, por outro lado, questionar posturas aguerridas de visões ideologizadas que restringem a integração da homossexualidade apenas numa vertente. Também isso pode ser uma outra forma de *fobia*. Como pesquisadores e cientistas, não podemos estar fechados a nenhum tipo de experiência humana, tecendo *a priori* um juízo de valor. Cabe ressaltar que a pesquisa, quando trata sobre a homossexualidade, pode se tornar obsessiva. Para ilustrar, citamos o sociólogo Pierre Verdrager:

Há psicólogos ou psicanalistas que constituem tão grandes obstáculos no caminho da felicidade que alguns deles nunca conseguem superá-los. Esse é, aliás, o ponto cego de tantos tratados médicos, psicológicos ou psicanalíticos que nunca examinam a ideia de que eles próprios poderiam ser causa de infelicidade para os homossexuais que se consultam com eles ou que os leem, não porque os psicólogos e psiquiatras tinham ou tenham intenções necessariamente malignas - ainda que essa hipótese não deva ser excluída formalmente - mas porque os conceitos descritivos, estigmatizantes e miserabilistas, que eles desenvolveram - “narcisismo”, “imaturidade de desenvolvimento”, etc. - tiveram, e continuam a ter, em todo caso sobre as pessoas mais vulneráveis, efeitos patogênicos cujo alcance é muito difícil de avaliar, mas que nada permite pensar que sejam menores (Verdrager, 2007, p. 95).

Essa mesma realidade é encontrada, também, no âmbito do catolicismo contemporâneo, em relação a teólogos, pastoralistas, diretores espirituais e confessores¹⁷⁵. Muitas vezes, sem o

¹⁷⁵ Se formos analisar bem, são apenas 35 anos que essa resolução foi tomada. Portanto, é ainda muito recente para tudo o que isso veio a significar na vida de milhares de pessoas homossexuais. Os processos humanos são, de fato, lentos de evolução, sobretudo quando se referem às questões da sexualidade humana. E isso não significa também que, mesmo assim, muitos pensam o contrário sobre a homossexualidade e que articulam pautas políticas na contramão desse avanço da ciência. Sem ainda desconhecer que, infelizmente, ainda em muitos países a homossexualidade é condenada ou até mesmo considerada crime. Existe um mapa-múndi que se divide basicamente em duas cores. Um engloba 70 países, onde ser gay ou lésbica é ilegal, o que pode ser punido com a morte. Outro inclui as 123 nações onde ter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo não sofre punição. A maior associação mundial de defesa do coletivo LGTBI expõe regularmente este quadro mostrando que, ao mesmo tempo em que diminuem os lugares onde pessoas são perseguidas por sua orientação sexual, surgem novas ameaças como a chegada ao poder de líderes homofóbicos. Seis países punem a homossexualidade com a pena de morte: Arábia Saudita, Irã, Iêmen, Sudão, Nigéria e Somália. Além disso, um homossexual pode ser condenado à morte

devido preparo, certos acompanhamentos dados a esses sujeitos podem fazer com que eles continuem se sentindo estigmatizados, impedindo-os de um amadurecimento e de um crescimento na sua identidade homossexual.

Enfim, pensamos que a *orientação homossexual* é ainda misteriosa, como é misteriosa a *orientação heterossexual*. O que a difere é o fato de não se enquadrar nos parâmetros da identidade sexual da maioria das pessoas. E, por isso mesmo, talvez, quando aceita apenas como uma variante da sexualidade humana, cairiam por terra as teorias que procuram *justificá-la* ou *combatê-la*. Não seria mais vista como *vício* ou *tara*, mas componente da *identidade* de uma parcela significativa da nossa sociedade. E assim, nossos comportamentos, seja como héteros ou homossexuais, serão compreendidos como o resultado de vários elementos em interação, sem uma programação prévia genética ou psicologicamente. Ainda que, como seres humanos, todos nós atravessemos os mesmos tipos de aprendizagem e de experiências, as suas vivências e consequências são únicas, como também são diversos os caminhos e as direções de realização. Se o catolicismo, com toda a riqueza da sua tradição, tem algo a oferecer a esses sujeitos, aos seus familiares e à sociedade como um todo, é a tarefa de compreendê-los e aceitá-los na sua identidade sexual, elaborando-a de modo integral dentro das suas escolhas pessoais, familiares, sociais e religiosas.

Quando o fruto está maduro se mete a foice. Esta frase é também uma citação livre de uma parábola de Jesus, conforme o evangelista Marcos, capítulo 4, versículo 29 e que encontra paralelo no evangelista Lucas, capítulo 13, versículo 19, e no evangelista Mateus, capítulo 13, versículo 32. A sabedoria dessa frase está na compreensão de que as realidades humanas são como os processos de uma colheita. Ela não é automática, mas precisa de tempo. Alguns plantam a semente num dia e, no outro, já estão cavando a terra para verem por que ela ainda não brotou. Eu colho hoje a semente que eu plantei ontem, e colherei amanhã a semente que eu estou plantando hoje. Há um processo por trás dessa lei, e as coisas não são imediatas, mas a colheita é certa e não falhará! O livro do Eclesiastes diz “Semeia pela manhã a tua semente e à

na Mauritânia, nos Emirados Árabes Unidos, no Catar, no Paquistão e no Afeganistão. O relatório das Nações Unidas destaca que, embora o Iraque tenha desaparecido da lista devido à “eliminação do Estado Islâmico, continua a ser um país que criminaliza de facto, porque persegue os homossexuais utilizando leis de atentado ao pudor, prostituição e outras”. Em outros 26 países, a sentença máxima para esses atos varia entre 10 anos de prisão e prisão perpétua. Em 31 deles, a homossexualidade é punível com até oito anos de prisão. Em resumo, em um em cada três países (35%) é perigoso revelar ser membro da comunidade LGTBI. Em 68 países, observa o estudo, “há leis que proíbem explicitamente atos sexuais consensuais entre pessoas do mesmo sexo, e outros dois os criminalizam de facto”. Além disso, as jurisdições que não pertencem aos estados membros da ONU também punem as relações homossexuais, como Gaza, Ilhas Cook e certas províncias da Indonésia”. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/19/internacional/1553026147_774690.html. Acesso: 24 jan. 2025.

tarde não repouses a mão, porque não sabes qual prosperará; se esta, se aquela ou se ambas igualmente serão boas (Eclesiastes 11, 6).

Se aplicados esses princípios no que se refere aos grupos de pastorais para as pessoas homossexuais no Catolicismo, podemos compreender que se trata de um longo processo, entre sementeiras que provocam, no seu interno, atitudes diversas de sementes e colheitas. Estamos convencidos de que *as sementes* a serem lançadas no terreno do catolicismo, pelas duas propostas pastorais, poderão ser mais eficazes e produzir uma *colheita madura* se, ao trabalhar a homossexualidade, leve-se em consideração as ciências humanas, a reflexão de numerosos teólogos e a *diversidade* das pessoas, além, e sobretudo, vendo os sujeitos homossexuais como *protagonistas* desse processo e não meros receptores de um trabalho que diz respeito da sua própria condição de vida.

Parece-nos que a *Pastoral da Diversidade Sexual* se aproxima mais dessa perspectiva, embora possa ser *flagrada* apenas pelas *bandeiras* ideológicas da causa, se distanciando da especificidade da abordagem do catolicismo sobre a compreensão da questão. O *Apostolado Courage* precisaria, dentro da sua proposta de *fidelidade* do ensino tradicional do catolicismo, com uma proposta clara sobre os valores da vivência sexual cristã, avançar no sentido de *amadurecer* a *condição* homossexual e a aceitação do *exercício* dessa natureza, ajudando o magistério a ampliar o que ensina, atualmente, sobre a homossexualidade.

Em síntese, ambas as propostas são sementeiras boas, que já representam grandes avanços na perspectiva do acolhimento dessas pessoas. As sementes são diversas e nem todas produzem o fruto como se espera. Contudo, em ambas as searas, será muito significativo se esses sujeitos fossem considerados naquilo que o próprio código de direito canônico do catolicismo rege: “Devido a sua regeneração em Cristo, existe entre todos os fiéis verdadeira igualdade no concernente à dignidade e atuação, pela qual todos eles para a edificação do corpo de Cristo, segundo a condição e a função próprias de cada um” (CDC, cânone 208, 1987). E, para além disso, a dinâmica do Concílio Vaticano II, tão marcante no catolicismo contemporâneo, que retoma a responsabilidade dos leigos na sua atividade missionária, em que estes, na imagem da igreja como uma barca, não viajam nela como simples passageiros, mas como parte da tripulação e, como tal, em comunhão com o magistério católico, são corresponsáveis pela travessia. Ou seja, não são apenas “objetos” do governo dos pastores, mas também “sujeitos” que agem e que se movem de modo responsável e livre. E essa será a hora da *colheita madura*: quando esses sujeitos, católicos e homossexuais, agem e se movem de modo responsável e livre; não se deixam apenas conduzir, mas sim, em certos aspectos, eles

são guiados por si mesmos como adultos, não como menores. E por fim, cabe também lembrar o catecismo da igreja católica:

O homem tem o direito de agir em consciência e em liberdade, a fim de tomar pessoalmente decisões morais. O homem não deve ser forçado a agir contra a própria consciência. Nem deve também ser impedido de atuar segundo ela, sobretudo em matéria religiosa (CIC, nº 1782, 2022).

Sendo assim, essas pessoas homossexuais poderão se tornar sujeitos maduros e integrados que, no direito do seu agir e em consonância com a sua consciência, poderão ajudar na produção de uma normatividade ética a partir da sua especificidade como homossexuais, usando a *foice* como programa para cortar *preconceitos* e *obstáculos* sociais que podem relegá-los à condição de menos dignidade.

CONCLUSÃO

O percurso que fizemos nos ajudou a perceber traços importantes para uma compreensão integral da homossexualidade. Primeiro, a homossexualidade é, fundamentalmente, dizer do sentido global de um ser humano; ela não é só nem principalmente um *fenômeno sexual*, mas a *condição antropológica* de um ser pessoal. O homossexual é, antes de tudo, um ser humano com uma condição e um destino perfeitamente humanizável e humanizante. O segundo traço é a compreensão de que a peculiaridade antropológica do homossexual tem sua raiz e sua manifestação mais evidente no nível da sexualidade, entendendo-se sexualidade não a partir de perspectivas reducionistas ou monovalentes, mas a partir de sua realidade multifatorial e plurivalente. Um terceiro traço é que essa *condição* se caracteriza por saber-se instalado, de maneira exclusiva, na atração por um companheiro do mesmo sexo. O quarto traço é a compreensão da homossexualidade como algo *constitutivo* da pessoa e não apenas *comportamentalmente* (embora a Constituição acabe por levar normalmente ao comportamento). E, por isso, essa pessoa *vivencia* a peculiaridade de sua real condição. Aqui se exclui o que vive numa situação de *pseudo-homossexualidade* ou de homossexualidade *latente*. O quinto traço a observar é que não entendemos por homossexualidade, direta e exclusivamente, *os comportamentos homossexuais*, mas a *condição* homossexual de um ser humano que - de fato, por seus comportamentos - busca a realização pessoal. Um sexto aspecto é que nossa definição e compreensão da homossexualidade descarta, como formas definidoras da homossexualidade, as concepções que, no âmbito da *condição* homossexual, são canceladas como *anômalas* ou *desviantes*, como, por exemplo, a pederastia, a prostituição e a violência. Se não podemos definir a *condição heterosexual* por situações desviantes dos sujeitos, o mesmo critério deve ser aplicado na noção de homossexualidade. Por fim, o sétimo traço, decorrente dessa compreensão da homossexualidade é que, por si, essa condição não comporta nenhum traço de *patologia*, somática ou psíquica, advindo dessa própria condição. Como qualquer outro ser humano heterosexual, o sujeito homossexual nem está necessariamente destinado a tais *sintomas*, nem está isento de sua possível companhia. Mas isso, em princípio, não advém da sua *condição* homossexual, embora devamos reconhecer que, nesses sujeitos em questão, como já demonstrado pela nossa pesquisa, por razões sociais, religiosas e culturais existe a propensão de que seja mais evidente no homossexual.

Dentro da tradição religiosa do catolicismo contemporâneo, existem os que consideram a homossexualidade como uma *variante* da sexualidade humana e, outros, como uma *doença* a ser curada. Nossa pesquisa nos fez compreender que, entre uma postura e a outra, há a

possibilidade de compreensão sadia dessa *condição* nos muitos sujeitos que assim se descobrem. É o caminho de um processo a ser trilhado pelo próprio sujeito católico e homossexual: passando pelas fases de *negação*, do *conflito* e da *integração* dessa identidade, elaborando-a dentro da sua experiência religiosa católica, culminando, portanto, na sua *diferenciação*. Esse é o lugar em que essa pessoa se afirma em sua condição sexual diferenciada. Ele reconhece, de modo maduro e consciente, que não pode viver sua sexualidade a partir da *diferença homem-mulher*, que é a condição da heterossexualidade, mas o faz a partir de outra situação que chamamos de homossexual.

Estamos convencidos de que o *juízo ético* sobre a homossexualidade tende a realizar-se no interior de uma estrutura ética formal, que respeite as exigências metodológicas inerentes à reflexão ética. Destacamos, de modo especial, o respeito à estrutura dialética do juízo ético que tende a ser, ao mesmo tempo: objetivo, subjetivo e particular em geral. Não se pode cair nem em *reducionismos objetivistas e universalizantes*, muito menos em *reducionismos subjetivistas e carismáticos*. No fundo dessa dialética, opera o jogo do *normal/desviante*, que condiciona toda a compreensão antropológica e toda a avaliação ética do fenômeno humano da homossexualidade.

Os grupos pastorais que foram analisados com esta pesquisa nos parecem ser uma importante ferramenta de ajuda para a elaboração dessa *diferenciação* na identidade dos sujeitos que deles participam. Parece-nos que o *Apostolado Courage*, ao trabalhar a *aceitação* da condição homossexual, mas não a prática, pelo valor do celibato, contribui para o retardamento dessa *diferenciação* da sexualidade na identidade desses sujeitos. Alguns, por isso mesmo, fixam-se nas fases da *negação* ou do *conflito* com a própria sexualidade. A *Pastoral da Diversidade Sexual*, de modo geral, consegue ser um espaço de melhor conforto, para que os sujeitos católicos e homossexuais consigam chegar, de modo mais rápido, à fase da *diferenciação*, elaborando, de modo mais integral, a *condição* sexual desses sujeitos com a sua tradição religiosa católica. O que talvez fique como lacuna na proposta dessa pastoral é uma maior explicitação, para os sujeitos envolvidos nessa perspectiva, do *modus operandi* como a maneira “*cristã-católica*” vivencia essa *diferenciação* dentro dos valores dessa tradição religiosa. Aqui, nos parece que há uma convergência nas duas propostas que, em parte, justifique o afastamento de muitos desses sujeitos da sua tradição religiosa: os primeiros, porque acabam se sentindo não aceitos na sua condição e os segundos, porque acabam assumindo essa *diferenciação* sem referenciais dos valores da sexualidade cristã-católica.

Estamos convencidos de que falar sobre homossexualidade de modo geral e, no foco desta pesquisa, dentro do catolicismo é um tema urgente. Nosso momento é muito singular no

mundo atual, caracterizado como tempo marcado por muitas angústias, incertezas, medos, mas também por grandes reflexões. Se desejamos, com sinceridade, mudar a nossa realidade, nós precisamos enfrentar, de forma lúcida, transparente e científica, os temas atuais e, dentre estes, a homossexualidade, porque se trata justamente de combater a *homofobia*. Na minha experiência como estudante, como teólogo e como presbítero, percebo essa realidade *velada* e o quanto ela gera sofrimento na vida das pessoas homossexuais, seus familiares e amigos. As funções que exerço proporcionaram e proporcionam uma longa experiência de escuta desses atores sociais. E o que posso afirmar é que, de fato, essa realidade ainda gera preconceito, gera sofrimento, gera dor psíquica para muitas pessoas, sobretudo devido à exclusão e ao ódio. Sabemos que o corpo do ser humano fornece horizontes de mundo, reflexão e desejo. O corpo é o lugar também da dor e do prazer, além de possibilitar ambiguidades e, por isso mesmo, é o que nos torna humanos.

Como ficou comprovado, a sexualidade vai muito além do natural e do psicológico. Com a contribuição de Freud e, posteriormente, o desenvolvimento da própria psicanálise, a realidade da sexualidade passa a ser vista como algo central dentro do processo da formação da personalidade humana. Diante disso, podemos afirmar que se trata também de um aspecto fundante e que permite, em larga escala, a compreensão de nós mesmos. E, justamente por isso, a sexualidade continua como um elemento de grande tentativa de controle por parte de alguns grupos e instituições. Entender a sexualidade exclusivamente com uma característica evolutiva que leva à reprodução é reduzi-la a uma das suas fascinantes facetas. Ela carrega em si, o elemento de desejo e prazer que move a vida dos seres humanos, se for experimentada fora do elemento culpa. As raízes da nossa cultura ocidental, como sabemos, privilegia em excesso valores com ideias abstratas, menosprezando o corpo, sendo este visto em alguns momentos como o lugar do pecado, o lugar do mal. E assim, quando a culpa se faz presente, sabemos que surgem as neuroses, os traumas e surgem sérias consequências na vida das pessoas. E tudo isso pode gerar e produzir pensamentos e comportamentos perversos, um gozo excessivo por meio do poder (institucional). Mas a sexualidade é fluida e não se enquadra em aspectos institucionais. Todas as vezes que essa tentativa foi e é realizada, nós constatamos uma violência (simbólica).

Quando constatamos que foi somente no ano de 1990 que a Organização Mundial da Saúde tirou a homossexualidade do seu catálogo como doença mental, entendemos que, justamente, a tentativa de controle e a inclusão de um discurso violento e pouco crítico pode ser justificado mesmo na ciência, quando esta pode estar também a serviço de uma racionalidade que não seja libertadora e integradora. Hoje sabemos que não existe relação entre

homossexualidade e doenças psíquicas. Na realidade, o que podemos constatar é o sofrimento psíquico que tem como proveniência justamente a ideia da culpa gerada pela violência simbólica. Os sujeitos homossexuais, como registramos, na maioria das vezes não são aceitos em suas famílias, cresceram escutando que eram aberrações, que são pessoas que emitiriam o mal para a sociedade. Esta é uma violência que, se não combatida, gera a infelicidade na vida dessas pessoas.

Ainda que vivamos relativamente numa sociedade democrática e conheçamos instituições religiosas tolerantes, aqui especificamente podemos citar o próprio catolicismo, temos ainda gerações de pessoas que não aprenderam a tolerar, muito menos a respeitar o próximo e, sobretudo, a viver numa sociedade plural ou mesmo a entender e acolher a pluralidade como algo positivo. Contudo, não pode o conservadorismo, ou em nome deste, justificar qualquer violência e exclusão. É preciso que vivenciemos a evolução. Por isso, abordar a questão da homossexualidade no catolicismo contemporâneo na perspectiva das ciências da religião proporcionou-nos, de fato, mudar perspectivas, abrir horizontes, expandir o pensamento com o objetivo de contribuir para uma sociedade que, de fato, seja mais humana, mais inclusiva, mais plural e respeitosa com o diferente. Nós sabemos que existe perversão no discurso de ódio, bem como diversos outros aspectos psicopatológicos. E a religião tem papel fundamental na sociedade, pois ela influencia na formação das consciências e, sobretudo, no que tange à relação da identidade sexual das pessoas. Por isso mesmo, a responsabilidade da religião é enorme nesse processo de uma consolidação democrática e humana de uma sociedade, não justificando *violências simbólicas institucionais* para com as pessoas que são homossexuais.

O cristianismo, por exemplo, como podemos constatar na sua vertente majoritária que é o catolicismo, traz um horizonte na sua *essência* como tradição religiosa de acolhimento e compreensão do outro, do diferente, não de exclusão. Se este, de fato, for levado a sério, buscando a coerência da sua pregação com a práxis, jamais poderá justificar o ódio, os discursos violentos e de racismos homofóbicos. Por outro lado, ele também não pode fazer o jogo da *violência do silêncio*, não se posicionando do lado dos *diferentes*, chancelando *que estes sejam* o mal que deve ser negado. Muitas vezes, sob o pretexto de um certo discurso de uma natureza humana, a sociedade construiu e justificou *violências simbólicas* que, a título de exemplo o *nazismo*, chancelou o extermínio de diferentes grupos de outros humanos. Isso nos leva a entender que o preconceito e a ignorância também *matam* as pessoas de diversas formas. Como cientistas da religião, teólogos, pensadores e pesquisadores não podemos perpetuar esse discurso, seja nas suas compreensões explícitas, seja nas entrelinhas. Ele é fonte de sofrimento

psíquico, emocional e moral. E, nesse sentido, cito o autor René Dentz que afirma que a “homofobia é não compreender o outro, contribuir e se calar diante da existência de perversas violências simbólicas” (Dentz, 2022, p. 92). E eu acrescentaria, seja na sociedade como um todo, seja também nas religiões, pelas violências simbólicas e institucionalmente assimiladas.

A pesquisa nos possibilitou entender que, nas pessoas homossexuais, se oculta a verdadeira ambiguidade humana. Pode ser que, justamente, a face mais misteriosa e até mais sombria seja justamente a mais reveladora da condição humana. O fenômeno homossexual é a expressão mais acabada de uma humanidade inacabada. Ele é a expressão mais significativa da ambivalência, não só da sexualidade humana, como também da própria vida humana. E isso não se restringe à condição homo, mas hétero também, porque se trata de todo ser humano. Só que com a diferença de que as pessoas heterossexuais têm a sua condição chancelada pelo *status social* e, por tal, são isentas de terem que se explicar porque são héteros. Não é a *incompletude*, experimentada pelas pessoas homossexuais, justamente a função de uma espécie de sinal que adverte para as possíveis ilusões de uma tranquila normalidade vivida pelos heterossexuais?

Estamos certos de que a nossa pesquisa não satisfaz a todos. Com certeza, as pessoas homossexuais não se sentem suficientemente compreendidas e defendidas num contexto social e religioso que nem sempre lhes é muito simpático. Um certo número de heterossexuais que prefere trabalhar com pretensas certezas talvez julgue esta abordagem muito complacente. Sabendo que, de qualquer forma, nos colocamos entre *a cruz e a espada*, preferimos abraçar as duas, expressando exatamente aquilo que pensamos, depois de muita pesquisa e muita reflexão. Nessa problemática, mais do que em qualquer outra, persegue o seu imperativo ético da honestidade intelectual. Não se faz um estudo que pode apresentar reflexos de grande alcance para agradar a quem quer que seja. Procedendo dessa forma, estaremos em sintonia com aquilo que, de fato, se propõe uma pesquisa científica: o desejo de iluminar uma questão tão complexa e pautar linhas mestras para um discernimento em processo contínuo.

Por fim, nos damos por ora, satisfeitos com a proposta da pesquisa que registrou como os sujeitos católicos e homossexuais elaboram a sua identidade homossexual dentro do catolicismo contemporâneo, a partir do pertencimento dos grupos pastorais *Apostolado Courage* e da *Diversidade Sexual*. Acreditamos que o percurso realizado pela pesquisa, mais do que apontar soluções para uma temática que ainda é desafiante, não só dentro do catolicismo, mas da sociedade em geral, pode contribuir para o aprofundamento da temática que causa sofrimento na vida de uma parcela da nossa humanidade, afirmando dois pressupostos: a compreensão de que o que existe não é a *homossexualidade* de modo abstrato, mas as *pessoas* que, tomando consciência da sua *condição* homossexual, podem elaborar, de modo maduro, a

sua *identidade* sexual como *processo* e, por outro lado, que, independentemente do *tipo* da sua sexualidade, essa jamais pode privá-la da sua *dignidade fundamental* como *ser humano*. Nesse sentido, a tradição religiosa católica pode encontrar um itinerário de possível construção com todos(as) que, não obstante os limites da razão humana, buscam tornar a vida mais prazerosa, suscitando sujeitos livres e integrados no mistério único de cada ser.

Diante da pergunta central que fizemos: como os sujeitos homossexuais católicos que participam dos grupos pastorais *Diversidade Católica e Apostolado Courage* elaboram a sua identidade sexual? Compreendemos que essa *identidade* homossexual passa pelas fases do *conflito da descoberta*, *da luta pela normalidade* e *da integração* dessa condição. Constatamos que os dois grupos pastorais são um importante apoio para esses sujeitos elaborarem a sua *identidade homossexual* devido a todos os desafios que apresentamos sobre essa *condição*. Contudo, a perspectiva da abordagem da pastoral da *Diversidade Sexual* é relevante no sentido de que os sujeitos são ajudados a elaborar uma *identidade integrada* com a sua *condição* homossexual, uma vez que o exercício da mesma não é *negado*. A proposta do *Apostolado Courage* tende a contribuir para que a *identidade homossexual* desses sujeitos fixe nas fases do *conflito* e *da luta pela normalidade*, uma vez que a proposta pastoral é de acolher esses sujeitos, trabalhando a sua *condição homossexual*, mas não o seu exercício, considerado como *desevio*. Chegamos a essa conclusão, salvo melhor juízo e cômicos da necessidade de que a temática é um campo aberto e necessitado de futuros aprofundamentos.

REFERÊNCIAS

- AARDWEG, Gerard J.M. Van Den. **A batalha pela normalidade sexual homossexualidade**. Aparecida: Editora Santuário, 2017.
- ADORNO, T. W. Los tabus sexuales y el derecho hoy. *In*: _____. **Intervenciones** – nueve modelos de crítica. Caracas: Monte Avila Editores, 1969. p. 91-115.
- ALISON, James. **Fé além do Ressentimento**: fragmentos católicos em voz gay. Trad. Mauricio G. Righi. São Paulo: Realizações, 2010.
- ALMEIDA, A. M. **O gosto do pecado** – casamento e sexualidade nos manuais de confesores dos séculos XVI e XVII. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.
- ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia, corpo e educação: a ditadura do corpo perfeito. *In*: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- ARAÚJO, Emanuel Oliveira. **Escrito para eternidade**. A literatura no Egito Faraônico. UNB, 2000.
- ARAÚJO, Emanuel Oliveira. **Escrito para eternidade**. A literatura no Egito Faraônico. UNB, 2000.
- ARAÚJO, Luís Manuel de. **Estudos sobre Erotismo no Antigo Egito**. Lisboa: Colibri, 1995.
- ARIÈS, P. O casamento indissolúvel. *In*: ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (org.). **Sexualidades ocidentais** – contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985a. p. 163-182.
- ARISTÓTELES. **De la génération des animaux**. Paris: Les Belles Lettres, 1960.
- ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE. **Projeto de Evangelização Proclamar a Palavra**. Belo Horizonte, 2016. Disponível em: http://arquivo.arquidiocesbh.org.br/site/admin/funcoes/imgs_upload/image/Projeto%20Evangeliza%C3%A7%C3%A3o2017a2020.pdf. Acesso em: 26 jan. 2022.
- AZPITARTE, E. L. **Ética da sexualidade e do matrimônio**. São Paulo: Paulus, 1997.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. vol. I. Fatos e Mitos. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BELTRAN, José. **Papa Francisco aos bispos espanhóis**: um sonoro não às terapias de conversão. Espanha: Vida Nueva Digital, 10, set, 2024. Disponível em: <https://www.vidanuevadigital.com/2024/07/10/el-papa-francisco-a-los-obispos-espanoles-no-rotundo-a-las-terapias-de-conversion/>. Acesso em: 18 set. 2024.
- BESSON, Claude. **Homossexuais católicos**: como sair do impasse. Trad. Nicolás Campanário. São Paulo: Loyola, 2015.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

CAMURSA, Aires Marcelo. Vista do ensaio de cosmopolítica no catolicismo brasileiro atual: articulações entre interpretação e crítica. **REVER: Revista de Estudos da Religião**. São Paulo; v. 24, n. 1, p. 67-84, jun. 2024.

CATAÑEDA, Maria. **Comprendre L'homosexualité**: Des clés, des conseils, pour les homosexuel, leurs familles, leurs thérapeutes. Paris: Robert Laffont, 1999.

CATECISMO da Igreja Católica. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html. Acesso em: 26 jan. 2022.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Sexualidade e preconceito. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 18-37, set. 2000.

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael R. P; RIBEIRO, Elisa Antônia. A Técnica do Questionário na Pesquisa Educacional. **Evidência**, v. 7, n. 7, p. 251-266, Araxá, 2011. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/pesquisa_social.pdf. Acesso em: 12 set. 2024.

CHIAVACCI, Enrico. Omosessualità e Morale Cristiana. In: _____. **Vivens homo**. Roma: Cercare Ancora, 2000.

CIPRIANI, Giovanni. **Homossexualidade**: neurociência e orientação sexual. São Paulo: Paulus, 2018.

CIPRIANI, Juliana. Santuário São Judas Tadeu tem primeira Pastoral da Diversidade Sexual de BH. **Estado de Minas**, 12/06/2017. Disponível em: https://www.google.com/search?q=santuاريو+s%C3%A3o+judas+tadeu+tem+a+promeira+pastoral+de+diversidade+sexual&rlz=1C1OKWM_pt-BRBR953BR953&. Acesso em: 19 abr. 2024.

CLEGERT, Stéphane. **Comment devient-on homo ou hétero?** Paris: Jean-Claude Lattès, 2006.

COLLET, Isabelle. **Violences sexistes au collège**: Les Cahiers pédagogiques. Disponível em: <https://archive-ouverte.unige.ch/unige:18799>. Acesso em: 16 ago. 2024.

COMBLIN, J. Cristianismo e corporeidade. In: SOTER (org.). **Corporeidade e Teologia**. São Paulo: Soter e Paulinas, 2005, p. 7-20.

COMISSÃO Teológica Internacional. **Em busca de uma ética universal**: um novo olhar sobre a lei natural. Roma, 2009. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20090520_legge-naturale_po.html. Acesso em: 25 jan. 2022.

CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil. **Homofobia**. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/homofobia/>. Acesso em: 26 jan. 2022.

CONGREGAÇÃO para a Doutrina da Fé. Algumas reflexões acerca da resposta a propostas legislativas sobre a não-discriminação das pessoas homossexuais. **L'Osservatore Romano**, Vaticano, Edição semanal, n. 32, 09 ago. 1992, p. 6 (418). Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19920724_homosexual-persons_po.html. Acesso em: 25 jan. 2022.

CONGREGAÇÃO para a Doutrina da Fé. **Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais**. Roma, 2003. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20030731_homosexual-unions_po.html. Acesso em: 25 jan. 2022.

CONGREGAÇÃO para a Doutrina da Fé. **Declaração Persona Humana**: sobre alguns pontos de ética sexual. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19751229_persona-humana_po.html. Acesso em: 06 out. 2024.

CONGREGAÇÃO para a Educação Católica. **Orientações educativas sobre o amor humano**: linhas gerais para uma educação sexual. Roma, 1983. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19831101_sexual-education_po.html. Acesso em: 25 jan. 2022.

CONGREGAÇÃO para a Educação Católica. **Sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras**. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20051104_istruzione_po.html. Acesso em: 25 jan. 2022.

CONSELHO Pontifício para a Família. **Família, matrimônio e “uniões de fato”**. Cidade do Vaticano, 2000. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_20001109_de-facto-unions_po.html. Acesso em: 25 jan. 2022.

CONSTITUIÇÃO Dogmática Dei Verbum. **Sobre a revelação Divina**. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em: 02 set. 2024.

CONSTITUIÇÃO Dogmática Gaudium et Spes. **Sobre a Igreja no mundo**. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 06 out. 2024.

COUNTRYMAN, Willian. **Sexual Ethics in the New Testament and Their Implications for Today**. London: SCM Press, 1989.

COURAGEBRASIL. **O Courage e os Dozes Passos**. Disponível em: <https://couragebrasil.com/doze-passos>. Acesso em: 19 jul. 2024.

COURAGEINTERNACIONAL. **Sobre Courage**. Disponível em: <https://couragec.org/about/>. Acesso em: 19 jul. 2024.

CURRAN, E. Charles. **The Catholic Moral Tradition: A Synthesis**. Washington: Georgetown University Press, 1999.

D'ANGELO, Mary Rose. **Sexual Diversity and Catholicism: Toward the Development of Moral Theology**. Collegeville: Liturgical Press, 2001.

DANTAS, B. S. do A. **Sexualidade e neopentecostalismo**: representações de jovens da Igreja Evangélica Bola de Neve. 2006. 226f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

DECLARAÇÃO Fiducia Supplicans. **Sobre o Significado Pastoral das Bênçãos**. Dicastério para a Doutrina da Fé. Disponível em: <https://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/2024/02/Fiducia-port.pdf>. Acesso em: 02 set. 2024.

DIAS, Gilberto Pereira. **A invenção do homossexual no século XIX e os silêncios da história**. Disponível em: https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1611769743_ARQUIVO_fb7200512be4477bf4883c0b12a03dc8.pdf. Acesso em: 30 ago. 2024.

DICASTÉRIO para a Doutrina da Fé. **Comunicado à imprensa sobre a recepção de Fiducia supplicans**. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_ddf_doc_20240104_comunicato-fiducia-supplicans_po.html. Acesso em: 02 set. 2024.

DICASTÉRIO para a Doutrina da Fé. **Respostas a algumas questões de S.E. Dom José Negri, Bispo de Santo Amaro, acerca da participação aos sacramentos do Batismo e do Matrimônio por parte de pessoas transexuais e de pessoas homoafetivas**. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_ddf_20231031_documento-mons-negri_po.html. Acesso em: 02 set. 2024.

DSM-V. American Psychiatric Association: **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

EISLER, Riane. **O prazer sagrado**: sexo, mito e a política do corpo. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

EMPEREUR, James L. **Direção Espiritual e Homossexualidade**. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Loyola, 2006.

ENDJISO, Dag Oistein. **Sexo e Religião**: do baile das virgens ao sexo sagrado homossexual. São Paulo: Geração, 2014.

FAGGIONI, Maurizio. L'Omosessualità: Um approccio psicologico. In: _____. **Tavola Rotonda**. Legge Naturale e Teologia Morale. Um problema attuale: L'omosessualità. Roma: Editiones Accademia Alfonsiana, 2006.

FLANDRIN, J. L. A vida sexual dos casados na sociedade antiga: da doutrina da Igreja à realidade dos comportamentos. In: ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (org.). **Sexualidades Ocidentais** – contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 135-152.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber**. 12. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2014.

FOUCAULT, Michel. O combate da castidade. *In*: ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (org.). **Sexualidades Ocidentais** – contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 25-38.

FRANCISCO (Papa). **Christus Vivit**. Roma: 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html. Acesso em: 25 jan. 2022.

FRANCISCO (Papa). **Amoris Laetitia**. Roma: 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html. Acesso em: 25 jan. 2022.

FRANCISCO, Papa. **Quem sou eu para julgar?** Trad. Clara A. Colotto. Rio de Janeiro, 2017.

FRANKL, V.E. **Sede de sentido**. São Paulo: Quadrante. 2003.

FREITAS, M.L. **Educação integradora da sexualidade humana: resgate do sentido do amor**. Ribeirão Preto (SP): IECVF. 2016.

FREUD, S. El malestar en la cultura. *In*: FREUD, S. **Obras completas**. Tomo III. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1981.

FREUD, Sigmund. **Esboço de Psicanálise (1940)**. *In*: Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros textos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GAARDER, Jostein *et al.* **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GALLAGHER, R. **Compreender o homossexual**. Aparecida (SP), 1985.

GAY, P. A educação dos sentidos. *In*: GAY, P. **A experiência burguesa** – da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GAY, P. A Paixão Terna. *In*: GAY, P. **A experiência burguesa** – da rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GAY. *In*: Juristas. Disponível em: <https://juristas.com.br/foruns/topic/origem-da-palavra-gay/>. Acesso em: 30 ago. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOFFI, Tullo (org.) **L'omosessualità, aspetti medici, sociali e pastorali**: morale e pastorale. Brescia: Queriniana, 1967.

GOMES, Ademildo; TRASFERETTI, José. **Homossexualidade**: orientações formativas e pastorais. São Paulo: Paulus, 2011.

GUILLEBAUD, J. C. **A tirania do prazer**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

H FUNDO BRASIL. **A LGTBfobia no Brasil**: os números, a violência e a criminalização. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/blog/a-lgbt-fobia-no-brasil-os-numeros-a-violencia-e-a-criminalizacao/>. Acesso em: 16 ago. 2024.

HAWKES, Gail. **A sociology of sexual and sexuality**. Philadelphia: Buckingham, 1996.

HELMINIAK, Daniel. **O que a Bíblia realmente diz sobre homossexualidade**. São Paulo: Edições GLS, 1998.

HÉRITIER, Françoise. **La plus belle histoire des femmes**. Paris: Éditions du Seuil, 2011.

HÉRITIER, Françoise. **Masculino, feminino**: dissolver a hierarquia. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

HÉRITIER, Françoise. **Masculino, feminino**: o pensamento da diferença. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

HITCHCOCK, Susan Tyler; ESPOSITO, John. **História das religiões**: Onde vive Deus e caminham os peregrinos. São Paulo: Editora Abril, 2005.

INSTITUTO Humanitas Unisinos. **Dignidade infinita?** Carta aberta de estudantes, teólogos e ministros católicos ao Papa Francisco. Trad. Moisés Sbardelotto: 26 de abril de 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/638863-dignidade-infinita-carta-aberta-de-estudantes-teologos-e-ministros-catolicos-ao-papa-francisco>. Acesso em: 03 set. 2024.

JOÃO PAULO II (Papa). **Angelus**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1994. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/angelus/1994/documents/hf_jp-ii_ang_19940220.html. Acesso em: 25 jan. 2022.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Encíclica Veritatis Splendor**: sobre algumas questões fundamentais do ensinamento moral da igreja. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_06081993_veritatis-splendor.html. Acesso em: 06 out. 2024.

JOÃO PAULO II, Papa. **Constituição Apostólica Fidei Depositum** - para a publicação do catecismo da Igreja Católica redigido depois do Concílio Vaticano II. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_19921011_fidei-depositum.html. Acesso em: 25 jan. 2022.

JOÃO PAULO II, Papa. **Exortação Apostólica Familiaris Consortio**: sobre a função da família cristã no mundo de hoje. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html. Acesso em: 06 out. 2024.

JUNG, P; CORAY, J. (org.). **Diversidade sexual e catolicismo**: para o desenvolvimento da teologia moral. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 342 p.

JURISTAS. **Origem da Palavra Gay**. Disponível em: <https://juristas.com.br/foruns/topic/origem-da-palavra-gay/>. Acesso em: 04 out. 2024.

KOSNIK, Anthony. **La sexualidad humana**: Nuevas perspectivas del pensamiento católico. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1978.

KÜNG, Hans. **Freud e a questão da religião**. Campinas (SP): Verus Editora, 2006. 158 p.

LABANCA, Pina. **L'astro Sesso. Comunicazione e differenza lesbica**. Scaffale del Nuovo Millennio. Roma: Bonanno, 2007.

LAERTIUS, Diogenes. **Lives of the Eminent Philosophers**. Oxford: University Press, USA, 2018.

LEERS, Bernardino; TRASFERETTI, José. **Homossexuais e a Ética Cristã**. Campinas (SP): Editora Átomo, 2002.

LEONE, Salvino. **Etica della vita afetiva**. Trattati di Etica Teologia. Bolonha: Dehoniane, 2006.

L'HEUREUX, Bispo de Perpignan. *In: La Crois*, 19 de outubro de 1977.

LIMA, Luís Corrêa. **Teologia e os LGBT+**: perspectiva histórica e desafios contemporâneos. Petrópolis (RJ): Vozes, 2021.

LOBO, F.; ATHAYDE, P. de. Liberdade ou Rendição? **Carta capital**, São Paulo, 04 maio 2005. p. 12-17.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

MALINA, Bruce J. The New Testament and Homosexuality. *In: JUNG, Patrícia Beattie (ed.); CORAY, Joseph A. Sexual Diversity and Catholicism*. New York: Jung, 2001.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTIN, James. **Un Ponte da Construire**: una relazione nuova tra Chiesa e Persone LGBT. Venezia: Marcianum Press, 2018.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de Pesquisa. *Socielo Brasil*. São Paulo: **Educ. Pesqui.** v. 30, n. 2, ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/?lang=pt#>. Acesso em: 16 set. 2024.

MATOS, M.I. O corpo e a história: ocultar, expor, analisar. *In: SOTER (org.). Corporeidade e Teologia*. São Paulo: Soter e Paulinas, 2005, p. 65 -88.

MATTSON, C. Daniel. **Why I don't Call Myself Gay**. San Francisco: By Ignatius Press, 2017.

MCNEILL, John. **The Church and the homosexual**. London: 1979.

MEIRA, Luís B. **Sexos**: aquilo que os pais não falaram para os filhos. João Pessoa: Autores Associados, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenología de la Percepción**. Barcelona: Editorial Planeta-De Agostini, S.A., 1993.

MIRANDA, A. **Que seja em segredo**: textos freiráticos, séculos XVII e XVIII. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 1998.

MODRAS, Ronald. The Implications of Rahner's Anthropology for Fundamental Moral Theology. **Horizons**, v. 12, n. 1, p. 70-90, 1985.

MONIZ, Priscilla. Criacionismo. **Educação**. Disponível em: <http://educacao.globo.com/biologia/assunto/origem-da-vida/criacionismo.html>. Acesso em: 05 out. 2024.

MORANO, Carlos Domingues. **Crer depois de Freud**. São Paulo: Loyola, 2003.

MOSER, Antônio. **O enigma da esfinge**: a sexualidade. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. **Teoria Antropológica e Sexualidade Humana**. Departamento de Antropologia - Universidade Federal da Bahia (UFBA), Bahia, 2002.

MURARO, R. M. **Sexualidade da mulher brasileira** – corpo e classe social no Brasil. 3. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1985.

NACIONAL Catholic Reporter. **Catholic students, theologians, ministers write an open letter to Pope Francis**. Disponível em: <https://www.ncronline.org/opinion/guest-voices/catholic-students-theologians-ministers-write-open-letter-pope-francis>. Acesso em: 03 set. 2024.

NICOLLER, Marie. Non, l'homosexualité n'est pas contagieuse. **Journée Internationale Contre L'homophobie**. Montreal: Quebec. Disponível em: https://www.inspq.qc.ca/sites/default/files/documents/formation/itss/stop_homosexpasmaladie.pdf.

NUGENT, Robert. Sexual Orientation in Vatican Thinking. In: GRAMICK, Jeannine; FUREY, Par (ed.). **The Vatican and Homosexuality**: Reactions to the Bishops of Catholic Church on the Pastoral Care of Homosexual Persons. New York: Crossroad, 1988.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. Campinas (SP): Papirus, 2003.

ORAISON, Marc. **El problema homosexual**. Madrid: Librería 7 colores, 2021.

PEETERS, Marguerite A. **O gênero**: uma norma política e cultural mundial – ferramenta de discernimento. São Paulo: Paulus, 2015.

PERES, Júlio Fernando Prieto *et al.* Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 105-115, mar. 2007.

PETRINI, Piero; LAMBIARE, Emiliano. L'orientamento sessuale egodistonico: la deontologia vigente. *In: _____*. **Cattolici e Psiche**: la controversia questione omosessuale. Milão: San Paolo, 2008.

PEZZINI, Domenico. **Le mani del vasaio**. Um filho omosessual: che fare? Percorsi familiare. Milão: Ancora, 2004.

PHILO, S. L. **Special Laws**. Trad. Francis H. Colson. Vol. VII. London: Loeb Classical Library, 1937.

PONTIFÍCIA Comissão Bíblica. **O que é o homem?** Um itinerário de antropologia bíblica. Brasília: Edições CNBB, 2022.

PRADA, José Rafael. Omossexualità: Um approccio psicologico. *In: Tavola Rotonda*. Legge Naturale e Teologia Morale. Um problema attuale: L'omossexualità. Roma: Editiones Accademia Alfonsiana, 2006.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades**: a hierarquia da invisibilidade. São Paulo: Cortez, 2008.

RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé**. São Paulo: Paulus, 2008.

REDE Nacional de Grupos Católicos LGBTQ+. Disponível em: <https://redecaticoslgbt.com.br/>. Acesso em: 05 out. 2024.

RIBEIRO, Teresa Tomé. Educação da Sexualidade em meio escolar: os valores comuns. *In: Actas do Congresso Luso-brasileiro de Bioética*. Universidade Católica Portuguesa, 2008.

RIBEIRO, Teresa Tomé. **Educação da sexualidade em meio escolar**: treino de competências individuais. Braga: Editora Casa do professor, 2006.

RICOEUR, Paul. La sexualité: Merveille, errance, énigme. *In: _____*. **Histoire et vérité**. 3. ed. Paris: Seuil, 1964, p. 198-209.

RIOS, Luís Felipe. Cuidados com a “carne” na socialização sexual dos jovens. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, p. 673-682, 2008.

RODRIGUES, Vinícius Cainã Silva. O Movimento LGBT vai ao Mundo: uma análise histórico-discursiva de sua internacionalização. **O Cosmopolita**, v. 6, n. 1, jun. 2019. Disponível em: <file:///D:/DOUTORADO%202018/ARTIGOS/53811-Texto%20do%20Artigo-187334-1-10-20220330.pdf>. Acesso em: 12 set. 2024.

ROMAIN, Philip, St. **Seja uma pessoa nova**: doze passos para o crescimento cristão. São Paulo: Santuário, 1997.

SALZMAN, A. Todd; LAWLER, Michael G. **A pessoa sexual**: Por uma antropologia católica renovada. São Leopoldo (RS): Editora Unisinos, 2012.

SANTA SÉ. **Declaração de interpretação da Santa Sé sobre a adoção da declaração de compromisso com o HIV/AIDS**. Nova York: ONU, 27 jun. 2001. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/documents/rc_seg-st_doc_20010627_declaration-aids_en.html. Acesso em: 05 jan. 2026.

SERRA, Cris (org.). **Para que tenhamos vida: saberes e fazeres de coletivos cristão de feministas e dissidentes de gênero e sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2024.

SERRA, Cris (org.). **Testemunhos da diversidade: histórias de fé, amor e comunhão**. Rio de Janeiro: Autorale, 2020. *E-book* (60p.) color. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1brwAXLhawHjMG3yHRqeivkm3Ct_FKlhb/view. Acesso em: 20 ago. 2024.

SERRA, Cris. **Vimos para comungar**. Os grupos de Católicos LGBT brasileiros e suas estratégias de permanência na Igreja. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019b.

SHOWALTER, E. **Anarquia sexual – sexo e cultura no fin de Siècle**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.

SILVA, José Amilton. **A sexualidade na história sob a perspectiva das religiões**. Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Paraná, 2008b. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/728-2.pdf>.

SILVA, José Amilton. **O olhar das religiões sobre a sexualidade**. Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Paraná, 2008a. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/728-4.pdf>.

SILVA, T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estados Culturais**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014. 134 p.

SPERRY, Len. **Sexo, sacerdócio y Iglesia**. Bilbao: Sal Terrae, 2024.

SPIJKER, H.V. **Die gleichgeschlechtliche**.

TANNAHILL, Reay. **O sexo na história**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1983.

THEVENOT, Xavier. **Homosexualités masculines et morale chrétienne**. Paris: Le Cerf, 1985.

THEVENOT, Xavier. L'action pastorale aupres des homosexuels. **Lumière et Vie**. n. 147, 1980.

TOKARNIA, Mariana. **IBGE divulga 1º levantamento sobre homossexuais e bissexuais no Brasil**: esta é a primeira vez que os dados são coletados. Agência Brasil, 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-05/ibge-divulga-levantamento-sobre-homossexuais-e-bissexuais-no-brasil>. Acesso em: 16 set. 2024.

TRASFERETTI, José Antônio; ZACARIAS, Ronaldo (org.). **Sexualidade e pastoral: aos párocos e agentes de pastoral**. São Paulo: Paulus, 2022.

URIARTE, Juan María. **El celibato: Apuntes antropológicos, espirituales y pedagógicos**. Maliaño: Sal Terrae, 2015.

VACEK, E. **Acting more humanely**: accepting Gays into the Priesthood. New York: 1980.

VACEK, Edward. **A Christian Homosexuality**. New York: Commomweal, 1980.

VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, Amor e Desejo no Ocidente Cristão**. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos Pecados**: moral, sexualidade e inquisição no Brasil Colônia. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados**: moral, sexualidade e inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

VALLE, Edênio. A Igreja Católica ante a Homossexualidade: Ênfases e Deslocamentos de Posições. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 1, p. 153-185, 2006. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/p_valle.pdf. Acesso em: 25 jan. 2022.

VANDEVYVER, Claude. **Chemins em contrepointe**: vivre le monde et penser Dieu. Bruxelas: CCL, 2011.

VERDRAGE, Pierre. **L'homosexualité dans tous ses états**. Paris: Les Empêcheurs de penser en rond. 2007.

VEYNE, Paul. **Quando o nosso mundo se tornou cristão**. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, 288 p.

VIDAL, Marciano. **Ética da Sexualidade**. São Paulo: Loyola, 2002.

VIDAL, Marciano. **Sexualidade e condição homossexual na Moral Cristã**. Aparecida (SP): Editora Santuário, 2019.

VIEIRA, Fernando de Oliveira. **Identidade ou identidades**: perspectivas e contradições para os indivíduos nas organizações da atualidade. Scielo Brasil. São Paulo: 17 jul. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/36xZDZwzqDjC7SxT9BYCMcG/>. Acesso em: 18 set. 2024.

VILLELA, Lúcia de Vellasco. **Questão de Estética**: um olhar filosófico sobre o julgamento estético no contexto da exposição Queermuseu. Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos para o curso de graduação em bacharelado em Teoria, Crítica e História da Arte do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília. Brasília: 2019, 83 p. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/24348/1/2019_LuciaDeVellascovillela_tcc.pdf. Acesso em: 01 ago. 2018.

VITIELLO, Nelson e CONCEIÇÃO, Isméri Seixas Cheque. Manifestações da Sexualidade nas diferentes fases da vida. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 4, p. 47-59, jan. 1993. Disponível em: [file:///E:/DOCTORADO%202018/ARTIGOS/ARTIGOS%20P%20CAP%201/843-Texto%20do%20artigo%20\(enviar%20arquivo\)-1269-1-10-20210113%20\(1\).pdf](file:///E:/DOCTORADO%202018/ARTIGOS/ARTIGOS%20P%20CAP%201/843-Texto%20do%20artigo%20(enviar%20arquivo)-1269-1-10-20210113%20(1).pdf). Acesso em: 11 out. 2021.

WHITEHEAD, Alfred North. **Sexualidade e condição homossexual na moral cristã:** história e atualização. Trad. Marcelo C. Araújo. Aparecida (SP): Santuário, 2008.

WHITEHEAD, Alfred North. **Symbolism:** Its Meaning and Effect. New York: Putnam's, 1959.

ZUCCARO, Cataldo. **Moral Sexual.** Novo manual de teologia moral. São Paulo: Ave Maria, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A – PLATAFORMA BRASIL - PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS	259
APÊNDICE B – TERMO DE COMPROMISSO LIVRE E ESCLARECIDO	261
APÊNDICE C – TERMO DE COMPROMISSO DE UTILIZAÇÃO DE DADOS ...	265
APÊNDICE D – SÍNTESE DAS RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS	267
APÊNDICE E – DADOS DA PESQUISA	277
APÊNDICE F – DADOS DOS INFORMANTES	305

APÊNDICE A – PLATAFORMA BRASIL PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: A HOMOSSEXUALIDADE NO CATOLICISMO CONTEMPORÂNEO			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 100			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7, Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: AUREO NOGUEIRA DE FREITAS AUREO PE			
6. CPF: 613.254.226-49	7. Endereço (Rua, n.º): CARMESIA, 246 SANTA INES APT 402 BELO HORIZONTE MINAS GERAIS 31080170		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: (31) 9838-3222	10. Outro Telefone:	11. Email: aureonogueira28@gmail.com
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo. Data: <u>28 / 03 / 2022</u> <u>Aureo Nogueira de Freitas</u> Assinatura			
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUCMG	13. CNPJ: 17.178.195/0004-81	14. Unidade/Órgão: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-MG	
15. Telefone: (31) 3319-4444	16. Outro Telefone: 31. 33194633		
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução. Responsável: <u>Prof. Rodrigo Coppe Caldeira</u> CPF: <u>042.615.816-47</u> Cargo/Função: <u>Coordenador</u> Data: <u>28 / 03 / 2022</u> <u>Prof. Dr. Rodrigo Coppe Caldeira</u> COORDENADOR DO PROJETO PUC MINAS CHEFE DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO			
PATROCINADOR PRINCIPAL			

APÊNDICE B – TERMO DE COMPROMISSO LIVRE E ESCLARECIDO



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

MODELO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

N.º Registro CEP: CAAE (colocar o número de registro obtido no CEP PUC Minas)

Título do Projeto: **A HOMOSSEXUALIDADE NO CATOLICISMO CONTEMPORÂNEO: um estudo comparado dos grupos pastorais Courage e Diversidade Sexual**

Prezado Sr(a),

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que estudará as pessoas homossexuais que se declaram católicas, e que já teve ou tem vínculo com a Igreja Católica Romana.

Você foi selecionado(a) porque traz sua experiência dentro do catolicismo. A sua participação nesse estudo consiste em responder a um questionário, que poderá ser feito, preferencialmente de modo presencial, ou na impossibilidade, escrito de próprio punho ou ainda de modo online. Os dados serão coletados em local previamente combinado com você e dentro das suas condições, reguardando sempre a sua privacidade. Usaremos como instrumento de coleta dos dados da pesquisa uma entrevista que será gravada e também anotações durante a mesma, por parte do entrevistador.

Os riscos (e/ou desconfortos) envolvidos nesse estudo são um certo constrangimento, por se tratar de um assunto pessoal e de identidade sexual. Como forma de minimizar os riscos/desconfortos adotaremos as seguintes medidas: 1. Será garantida o sigilo da sua entrevista; 2. Não publicaremos, em hipótese alguma, a sua identidade durante e no resultado da pesquisa. 3. Para identificar a sua contribuição na pesquisa usaremos um codinome para você. 4. Será garantido a você total liberdade e escolha de reponder ou não às perguntas. 5. Faremos a entrevista de modo seguro, privado e garantindo a espontaneidade.

Sua participação é muito importante e voluntária e, conseqüentemente, não haverá pagamento por participar desse estudo. Em contrapartida, você também não terá nenhum gasto.

As informações obtidas nesse estudo serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as fases da pesquisa, e quando da apresentação dos resultados em publicação científica ou educativa, uma vez que os resultados serão sempre apresentados como retrato de um grupo e não de uma pessoa. Você poderá se recusar a participar ou a responder as questões a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo pessoal se esta for a sua decisão.

Todo material coletado durante a pesquisa ficará sob a guarda e responsabilidade do pesquisador responsável pelo período de 5 (cinco) anos e, após esse período, será destruído.

Rubrica do Pesquisador:

Página 1 de 3

Rubrica do Participante:

Av. Dom José Gaspar, 500 - Fone: 3319-4517 - Fax: 3319-4517
CEP 30.535.610 - Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil
e-mail: cep.propg@pucminas.br



PUC Minas

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

Os resultados dessa pesquisa servirão para contribuir, dentro do catolicismo e na sociedade como um todo, a vida das pessoas homossexuais e como estas devem ser reconhecidas, na busca da sua identidade sexual. Para todos os participantes, em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, será observada, nos termos da lei, a responsabilidade civil.

Você receberá uma via deste termo onde constam os dados de contato do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisador responsável: Aureo Nogueira de Freitas, (31) 98383 22 21, email: aureonogueira28@gmail.com.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, coordenado pela Prof.^a Cristiana Leite Carvalho, que poderá ser contatada em caso de questões éticas, pelo telefone (31)3319-4517 ou e-mail cep.proppg@pucminas.br

O Comitê de Ética em Pesquisa é uma autoridade local e porta de entrada para os projetos de pesquisa que envolvem seres humanos, e tem como objetivo defender os direitos e interesses dos participantes em sua integridade e dignidade, contribuindo também para o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.

() autorizo gravação em áudio () () não autorizo gravação

O presente termo será assinado em 02 (duas) vias de igual teor.

Belo Horizonte,

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

Nome do participante (em letra de forma)

Assinatura do participante ou representante legal

Data

Rubrica do Pesquisador: 

Rubrica do Participante:

Página 2 de 3

Av. Dom José Gaspar, 500 - Fone: 3319-4517 - Fax: 3319-4517
CEP 30.535-610 - Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil
e-mail: cep.proppg@pucminas.br



PUC Minas

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
 Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação
 Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

Eu, **AUREO NOGUEIRA DE FREITAS**, comprometo-me a cumprir todas as exigências e responsabilidades a mim conferidas neste termo e agradeço pela sua colaboração e sua confiança.

Aureo Nogueira de Freitas
 Assinatura do pesquisador

05/04/2022
 Data

Rubrica do Pesquisador:

Rubrica do Participante:

Página 3 de 3

Av. Dom José Gaspar, 500 - Fone: 3319-4517 - Fax: 3319-4517
 CEP 30.535.610 - Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil
 e-mail: cep.proppg@pucminas.br

APÊNDICE C – TERMO DE COMPROMISSO DE UTILIZAÇÃO DE DADOS

¶



¶PUC Minas

¶

¶

¶

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS¶

Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP¶

MODELO¶

¶

TERMO DE COMPROMISSO DE UTILIZAÇÃO DE DADOS-TCUD¶

¶

¶

Eu AUREO NOGUEIRA DE FREITAS, abaixo assinado, pesquisador envolvido no projeto HOMOSSEXUALIDADE E CATOLICISMO CONTEMPORÂNEO, me comprometo a manter a confidencialidade sobre os dados coletados nos arquivos de AUDIO, QUESTIONÁRIOS E TESTEMUNHOS ESCRITOS.¶

de/a....., bem¶
como a privacidade de seus conteúdos, conform preconizam as Resoluções CNS nº 466/12 e CNS nº 510/16, do Ministério da Saúde.¶

¶

Declaro, ainda, conhecer e cumprir os requisitos da Lei Geral de Proteção de Dados (Lei Nº 13.709, de 14 de agosto de 2018) quanto ao tratamento de dados pessoais e dados pessoais sensíveis que serão utilizados para a execução do presente projeto de pesquisa, e que o tratamento dos dados deverão ocorrer de acordo com o descrito na versão do projeto aprovada pelo CEP PUC Minas.¶

¶

Belo Horizonte,..... de de 202x¶

¶

¶

¶

Nome	→	R.G.	→	Assinatura¶
.....	→		→	¶
.....	→		→	¶
.....	→		→	¶

¶

¶

¶

¶

¶

¶

¶

Av. Dom José Gaspar, 500 ~ Fone: 3319-4517 ~ Fax: 3319-4517¶

CEP-30.535.610 ~ Belo Horizonte ~ Minas Gerais ~ Brasil e

mail: cep.propgg@pucminas.br¶

APÊNDICE D – SÍNTESE DAS RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS

PESQUISA CATOLICISMO CONTEMPORÂNEO E HOMOSSEXUAIS CATÓLICOS

Síntese de respostas obtidas por meio de questionário

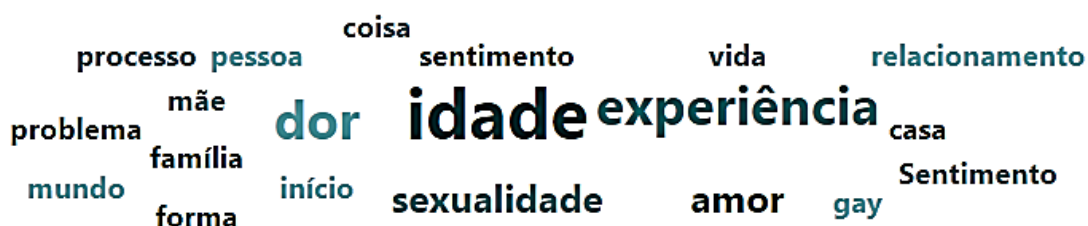
Total de respondentes: 37

IDENTIFICAÇÃO – nome e ser homossexual

- Dos 37 respondentes, 32 fizeram a identificação do nome (que era opcional), o que corresponde a 86,48% do universo de participantes.

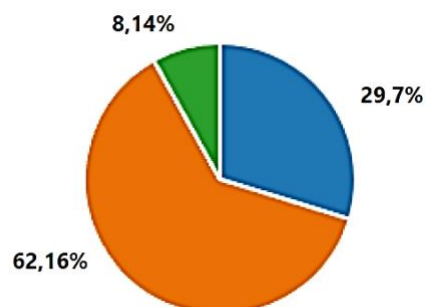
- A nuvem de palavras indica os termos mais repetidos nas respostas que, aparecem fatores ligados à idade em que se identificaram como homossexual. Houve respostas com diferentes abordagens, pois interpretaram a pergunta como sendo a fase da “descoberta”, outros como se sentem sendo homossexual. Há predominância de relatos que indicam sofrimento, vergonha e conflitos, especialmente no seio familiar. Para facilitar a identificação do tipo de experiência, as respostas foram classificadas em:

1. negativo (no qual há relatos de sofrimentos, vergonha, tristeza) | 7 respostas (18,91%)
2. negativo com superação (em que há uma situação negativa inicial e que depois é contornada) | 8 respostas (21,62%)
3. positivo (só relatou positivamente a experiência de identificar-se homossexual) | 7 respostas (18,91%)
4. neutro (em que houve a mistura de ser um desafio, com pontos positivos, sem relatar sofrimentos) | 6 respostas (16,21%)
5. N/A (= não atendeu. Quando houve uma resposta divergente do esperado para a pergunta, ou que fez apenas a sua identificação de gênero) | 9 respostas (24,32%)



GRAU DE PERTENÇA

● Liderança de um grupo de diversidade	11
● Membro de um grupo de diversidade	23
● Não participo de nenhum grupo	3

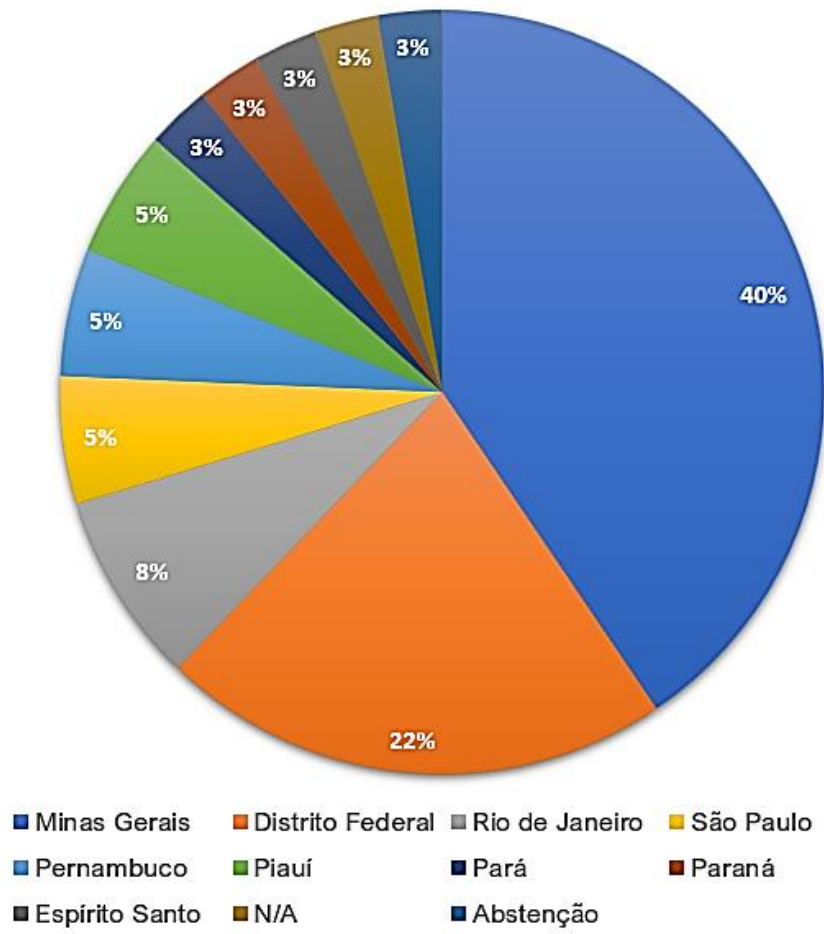


PERFIL SOCIOECONÔMICO

Para favorecer a interpretação, os dados socioeconômicos foram agrupados pelos três graus de pertença. Dos 37 respondentes da pesquisa, houve 1 abstenção (2,7%) e 36 respostas, o que corresponde a 97,3%.

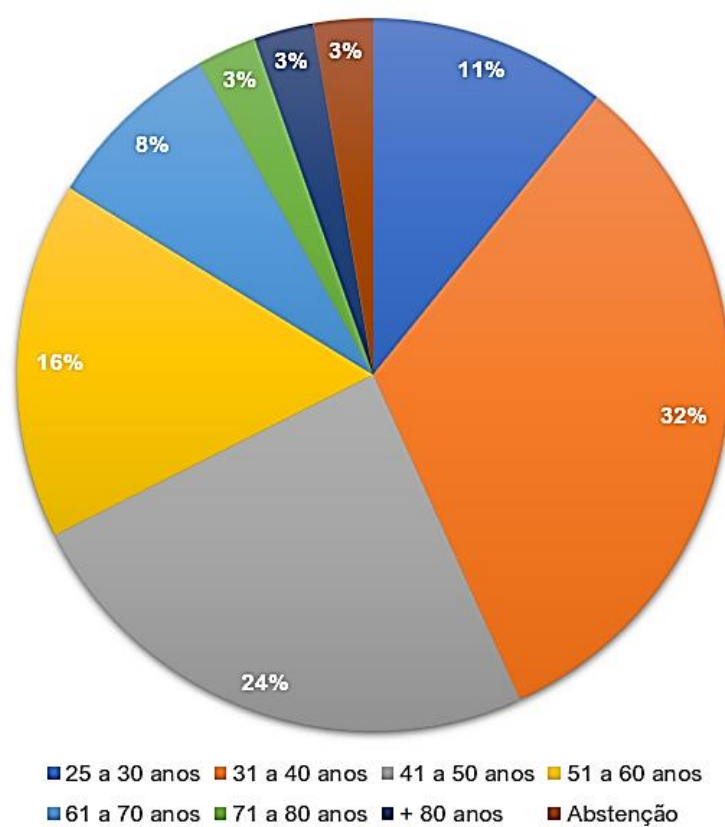
ESTADO / CIDADE

MINAS GERAIS	15
Belo Horizonte	13
Contagem	1
Lagoa Santa	1
DISTRITO FEDERAL	8
Brasília	8
RIO DE JANEIRO	3
Rio de Janeiro	3
SÃO PAULO	2
São Paulo	1
Monte Aprazível	1
PERNAMBUCO	2
Recife	2
PIAUÍ	2
Teresina	2
PARÁ	1
Belém	1
PARANÁ	1
Maringá	1
ESPÍRITO SANTO	1
Vitória	1
N/A	1
Não atendeu à resposta	1
Abstenção	1
Não respondeu	1



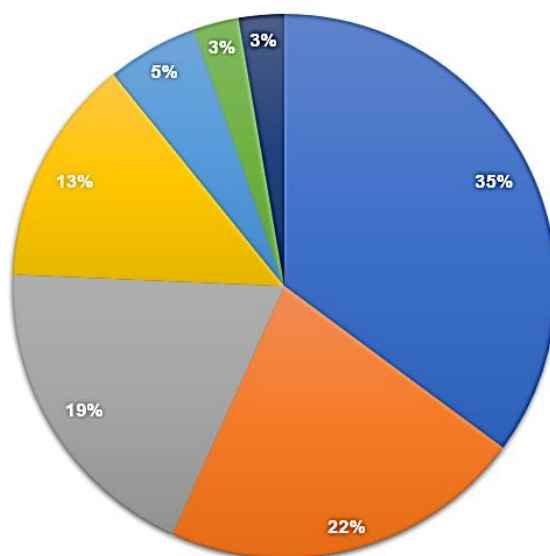
IDADE

25 a 30 anos	4
31 a 40 anos	12
41 a 50 anos	9
51 a 60 anos	6
61 a 70 anos	3
71 a 80 anos	1
+ 80 anos	1
Abstenção	1



ESTADO CIVIL

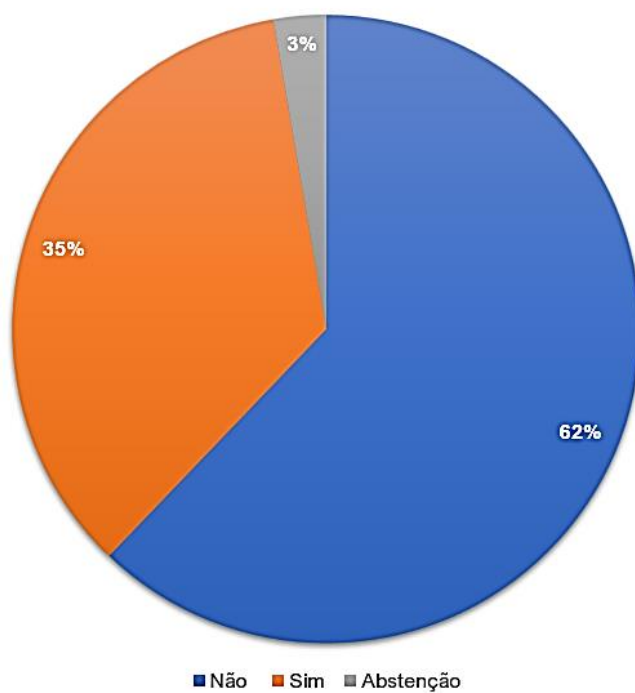
Solteiro (a)	13
União estável / convivente	8
Casado (a)	7
Divorciado (a)	5
Separado (a)	2
Viúvo (a)	1
Abstenção	1



■ Solteiro (a) ■ União estável / convivente ■ Casado (a) ■ Divorciado (a) ■ Separado (a) ■ Viúvo (a) ■ Abstenção

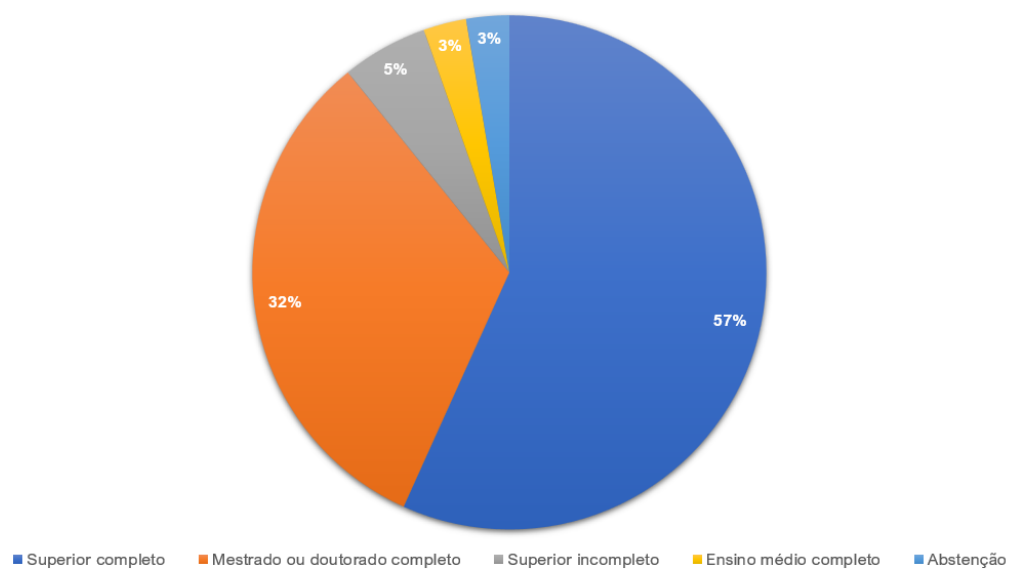
FILHOS

Não	23
Sim	13
Abstenção	1



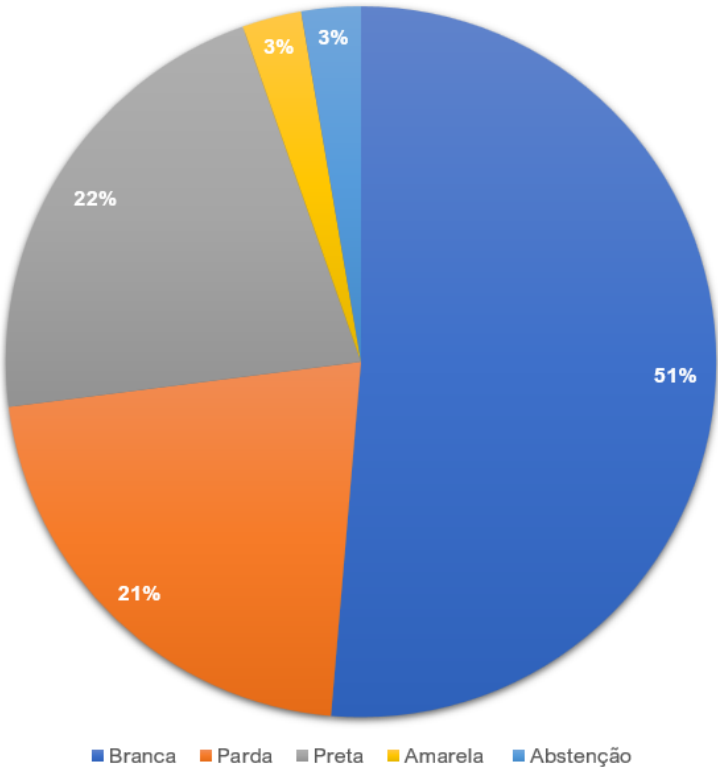
ESCOLARIDADE

Superior completo	21
Mestrado ou doutorado completo	12
Superior incompleto	2
Ensino médio completo	1
Abstenção	1



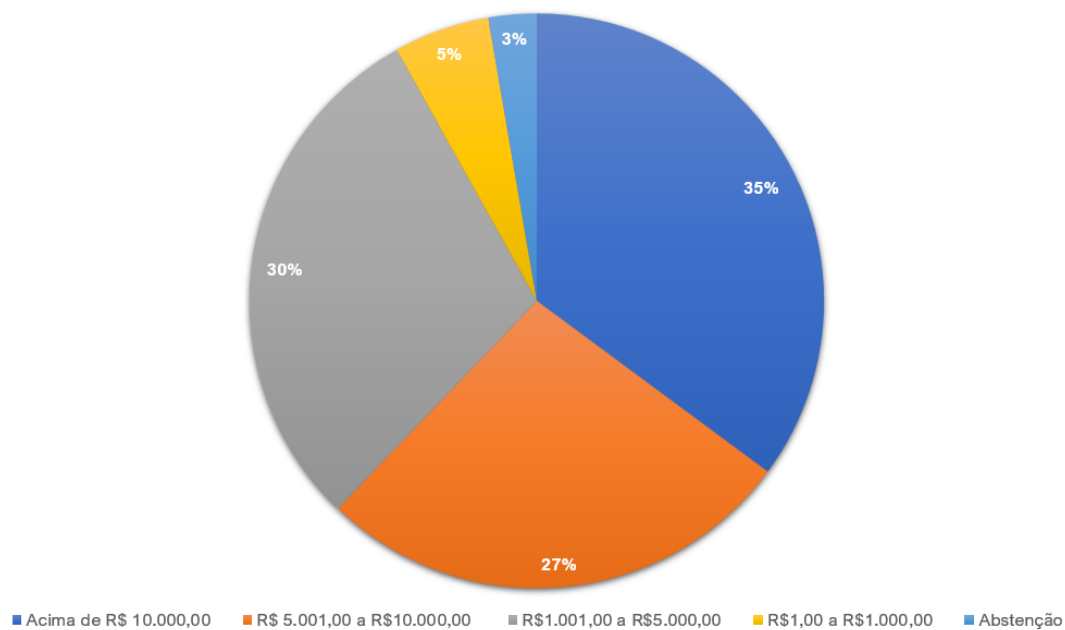
IDENTIFICAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

Branca	19
Parda	8
Preta	8
Amarela	1
Abstenção	1



RENDA MENSAL

Acima de R\$ 10.000,00	13
R\$ 5.001,00 a R\$10.000,00	10
R\$1.001,00 a R\$5.000,00	11
R\$1,00 a R\$1.000,00	2
Abstenção	1



APÊNDICE E – DADOS DA PESQUISA

Pesquisa Catolicismo Contemporâneo e homossexuais católicos

37

Respostas

22:48

Tempo médio para concluir

Ativo

Status

1. Nome

32

Respostas

Respostas Mais Recentes

"Rafael"

"Roberta Almeida"

"Mariana Alves"

1 respondentes (3%) responderam Alonço da Cunha Viana Júnior para esta pergunta.

Marcus Souza
Silvana Aparecida de Oliveira Newton Rodrigues Freire Junior Marcos Ma
Mário Santos José Josélio da Silva Andressa Vieira de Oliveira Camila Sar
Marilene Neres dos Santos Alonço da Cunha Viana Júnior Wendel José dos Santo
Annelise Julio Francis Cardoso de Avelar David Marques da Silva Sena Felipe Ma
Márcio Vianna Silvio Henrique Barbosa Roberta Saraiva de Oliveira
Cornelio Santiago Leandro P

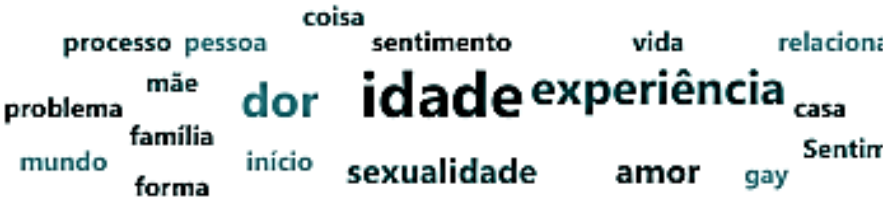
2. Como você descreveria a experiência de identificar-se homossexual?

37
Respostas

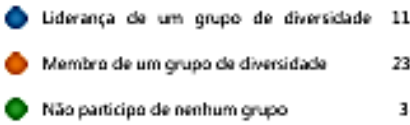
Respostas Mais Recentes

"Em um primeiro momento, principalmente antes de conhecer o Apa..."
"Tem sido um constante aprendizado e crescimento"
"Bissexual"

9 respondentes (24%) responderam idade para esta pergunta.



3. Qual o seu grau de pertença?



4. Cidade / Estado

11
Respostas

Respostas Mais Recentes

2 respondentes (18%) responderam Belo Horizonte MG para esta pergunta.



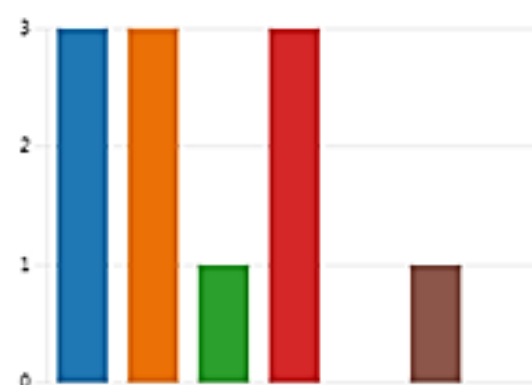
5. Idade

11
Respostas

Respostas Mais Recentes

6. Estado civil

● Solteiro (a)	3
● Casado (a)	3
● Viúva (a)	1
● União estável / convivente	3
● Separado (a)	0
● Divorciado (a)	1
● Prefiro não informar	0



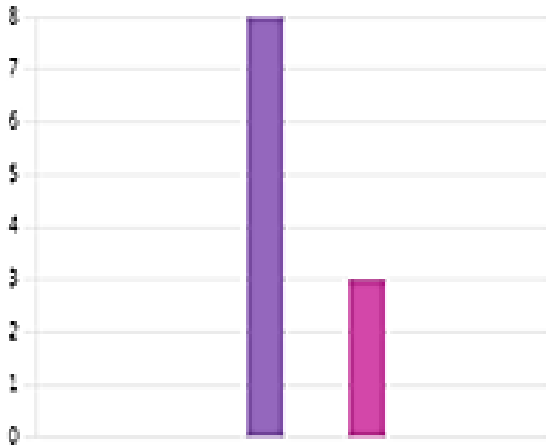
7. Filhos

● Sim	5
● Não	6



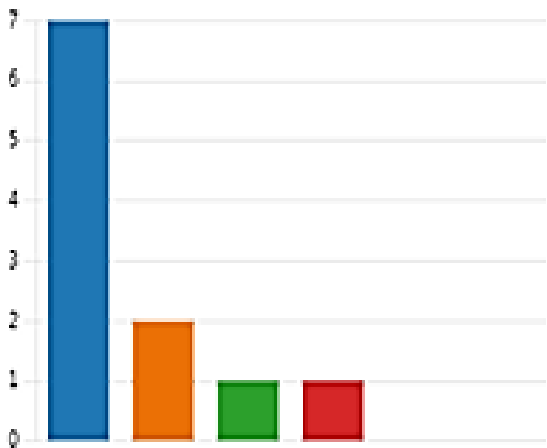
8. Escolaridade

Ensino fundamental completo	0
Ensino fundamental incompleto	0
Ensino médio completo	0
Ensino médio incompleto	0
Superior completo	8
Superior incompleto	0
Mestrado ou doutorado comple...	3
Mestrado ou doutorado incomp...	0
Sem escolaridade	0
Prefero não informar	0



9. Identificação étnico-racial

Branca	7
Preta	2
Amarilla	1
Parda	1
Indígena	0
Prefero não informar	0



10. Profissão

11

Respostas

Respostas Mais Recentes

1 respondentes (9%) responderam Servidor público federal para esta pergunta.

Bancário Psicólogo Bibliotecá
ADVOGADA Servidor público federal Profess
Professor Universitário Analista Judiciário

11. Renda mensal

● R\$1,00 a R\$1.000,00	0
● R\$1.001,00 a R\$5.000,00	3
● R\$ 5.001,00 a R\$10.000,00	4
● acima de R\$ 10.000,00	4
● Prefiro não informar	0



12. Grupos católicos que já frequentou

11

Respostas

Respostas Mais Recentes

3 respondentes (27%) responderam Fé para esta pergunta.

Grupo Diversidade Católica BH Articulação grupos católicos Diversidade Cristã Recife
 santuário São Judas Tadeu CEBI Sagrada Comunhão Eucarística Diversidade t
Diversidade Sexual **Fé** Grupo de Projeto Mais Vida
 Centro de Estudos Bíblico Legião paróquia São Francisco das Chagas
 Ministro extraordinário Seminário diocesano Núcleo Madalenas Grupo Diversida

13. Já frequentou grupos de outras religiões?

Sim	2
Não	9



14. Se a resposta anterior foi SIM, mencione quais grupos e porque você saiu.

2

Respostas

Respostas Mais Recentes

15. Possui parceiro(a)?

Sim	8
Não	2
Prefiro não informar	0



16. Se a resposta à pergunta anterior for SIM, ele(a) frequenta o grupo?



17. Exerceu cargo de liderança em grupos católicos que já frequentou?



18. Como surgiu a ideia de participar do grupo atual?

11

Respostas

Respostas Mais Recentes

3 respondentes (27%) responderam **Convite** para esta pergunta.



19. Qual o nome do grupo?

11

Respostas

Respostas Mais Recentes

2 respondentes (18%) responderam **CRISTÃOS** para esta pergunta.



20. Há quanto tempo você lidera o grupo?

● A menos de 1 ano	0
● Entre 1 e 2 anos	2
● Entre 2 e 5 anos	5
● Há mais de 5 anos	4



21. Qual o significado do nome do grupo? Por que ele foi escolhido?

11

Respostas

Respostas Mais Recentes

5 respondentes (45%) responderam **nome** para esta pergunta.



22. Quantos membros tem o grupo?

11

Respostas

Respostas Mais Recentes

1 respondentes (9%) responderam **grande flutuação** para esta pergunta.

Ativos reuniões uns 25 pessoas 20 pessoas
gente grande flutuação 20 membros
12 pessoas outras cidades whats app grupo
Cerca

23. A frequência dos membros é regular?

11

Respostas

Respostas Mais Recentes

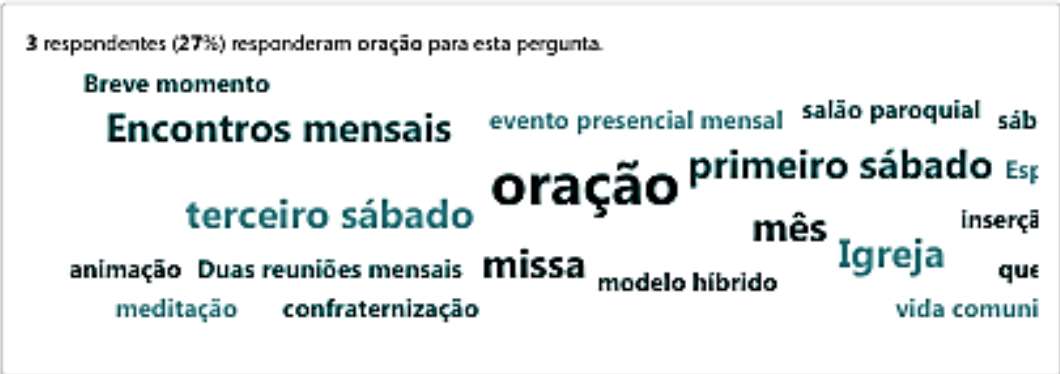
2 respondentes (18%) responderam **pandemia** para esta pergunta.

FREQUENCIA REGULAR
períodos híbrido reuniões grupo
pandemia 15 encontros
grande Média início presença menor público m
retorno

24. Como funciona o grupo?

11
Respostas

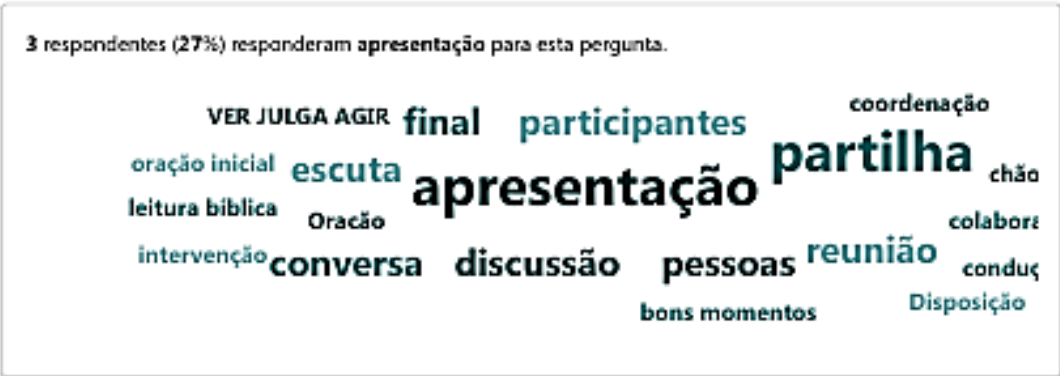
Respostas Mais Recentes



25. Qual a metodologia adotada nas reuniões do grupo?

11
Respostas

Respostas Mais Recentes



26. Se você foi o idealizador do grupo, o que você pensou para organizá-lo?

7

Respostas

Respostas Mais Recentes

2 respondentes (29%) responderam outros grupos para esta pergunta.



27. Qual o perfil das pessoas que frequentam o grupo?

11

Respostas

Respostas Mais Recentes

4 respondentes (36%) responderam classe média para esta pergunta.



28. Existe algum tipo de organização hierárquica no grupo?

11

Respostas

Respostas Mais Recentes

3 respondentes (27%) responderam grupo para esta pergunta.

referenciais angústias informações demandas 4 membros
3 coordenadores três conselheiros Coordenação coleg
4 coordenadores **grupo** 5 pessoas demais
equipes redes sociais coordenação mista
anos hierarquia coordenadora 05 membros

29. Existe alguma interferência da hierarquia católica no grupo?

Sim	3
Não	7
Prefiro não informar	1



30. O grupo aceita a presença da hierarquia católica?

Sim	10
Não	0
Prefiro não informar	1



31. Você tem dificuldade com a hierarquia católica no seu grupo?

Sim	2
Não	7
Prefiro não informar	2



32. Você se sente apoiado pela hierarquia católica?

Sim	6
Não	3
Prefiro não informar	2



33. Existe algo que você não gostaria que tivesse na hierarquia católica ou algo que você gostaria que tivesse ao que tange a hierarquia católica?

11
Respostas

Respostas Mais Recentes

4 respondentes (36%) responderam Igreja para esta pergunta.

Word cloud visualization of responses for question 33. The most prominent words are "Igreja" and "hierarquia". Other visible words include "lideranças pastorais", "arquidiocese", "ações arbitrárias", "alto escalão", "padre assess", "preocupação", "FORMA", "permanente colabo", "reconhecimento", "padres", "existência", "paróquia", "bispos", "muitos católicos LGBTIs", "PODERIA", "VEZES", "três últimas perguntas", and "séculos".

34. Há algo que não foi perguntado e que você gostaria de partilhar?

7

Respostas

Respostas Mais Recentes

2 respondentes (29%) responderam **paróquia** para esta pergunta.

paróquia **coração** **acolhimento** **existência** **extrema importância** **grupos católicos LGBT** **Espiritismo Katdecista** **reuniões** **casas** **homens católicos** **relevância social** **dramas humanos** **boa vontade** **própria Igreja** **diferenças doutrinárias** **importante pesquisa** **espaço** **padres Redentoristas** **int**

35. Cidade / Estado

23

Respostas

Respostas Mais Recentes

"Belo Horizonte, Minas Gerais"

"Rio de Janeiro / RJ"

"Belo Horizonte/MG"

2 respondentes (9%) responderam **Rio de Janeiro** para esta pergunta.

Rio de Janeiro **Brasília/DF** **Monte Aprazível** **Vitória/ES** **Minas Gerais** **Contagem** **Belo Horizonte MG** **Distrito federal** **Recife/PE** **Belo Horizonte MG** **Belém/PA** **Teresina Piauí**

36. Idade

23

Respostas

Respostas Mais Recentes

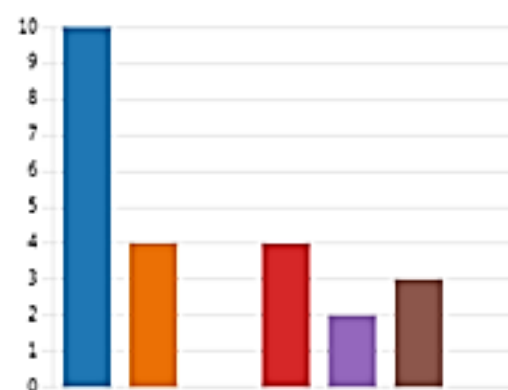
"26"

"68 anos"

"37"

37. Estado civil

● Solteiro (a)	10
● Casado (a)	4
● Viúvo (a)	0
● União estável / convivente	4
● Separado (a)	2
● Divorciado (a)	3
● Prefiro não informar	0



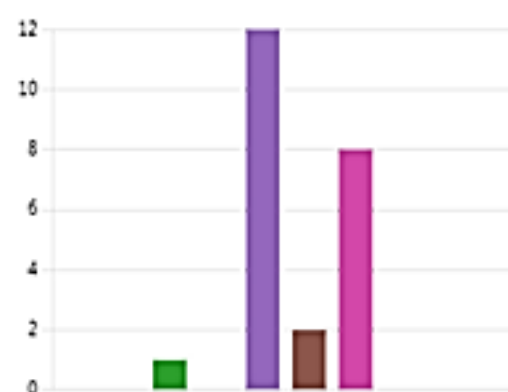
38. Filhos

● Sim	8
● Não	15

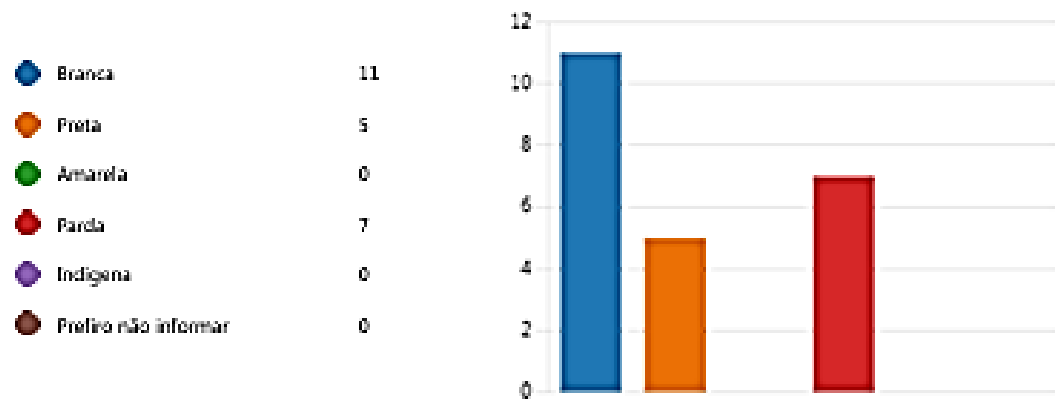


39. Escolaridade

● Ensino fundamental completo	0
● Ensino fundamental incompleto	0
● Ensino médio completo	1
● Ensino médio incompleto	0
● Superior completo	12
● Superior incompleto	2
● Mestrado ou doutorado comple...	8
● Mestrado ou doutorado incomp...	0
● Sem escolaridade	0
● Prefiro não informar	0



40. Identificação étnico-racial



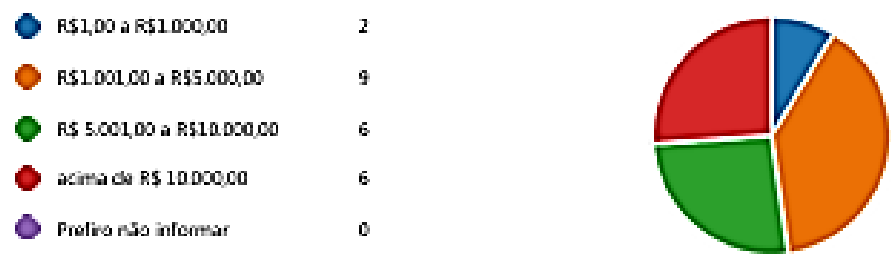
41. Profissão



5 respondentes (22%) responderam Professor para esta pergunta.



42. Renda mensal



43. Grupos católicos que já frequentou

23
Respostas

Respostas Mais Recentes

*Antes da Apostolado Courage, frequentei muitos grupos da Renovaç...

Diversidade Católica

Grupo de Jovens EJC Pastoral da Diversidade Sexual SJ

4 respondentes (17%) responderam Grupo de para esta pergunta.

Renovação Carismática Católica catequese EJC música Rcc Batismo Círculo Bíblico
Pastoral da Grupo de crisma São Paulo apóstc
Monte Aprazível Bem Goiânia Liturgia Cristãos Diversidade Cristã Colégio Conf
estudos espíritas VÁRIOS GRUPOS VOCACIONAIS

44. Já frequentou grupos de outras religiões?

Sim
Não

5
18



45. Se a resposta anterior foi SIM, mencione quais grupos e porque você saiu.

6
Respostas

Respostas Mais Recentes

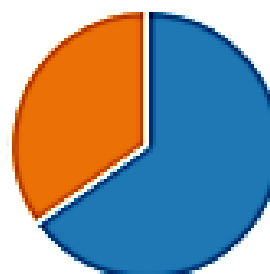
*Fase da vida mudou... Chega um tempo que nossa vida passa por tr...

1 respondentes (17%) responderam Grupo Espírita Edificação para esta pergunta.

cidade Goiânia transformações local Budismo
catolicismo Grupo Espírita Edificação ICM Candom
tempo matriz africana Fase teologia católica vida
sentido companheira

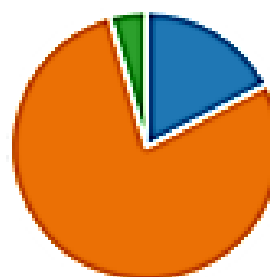
46. Possui parceiro (a)?

● Sim	15
● Não	8
● Prefiro não informar	0



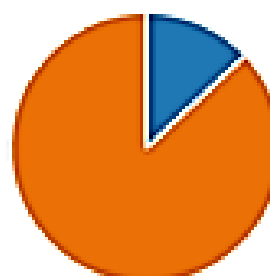
47. Ele (a) frequenta o grupo?

● Sim	4
● Não	18
● Prefiro não informar	1



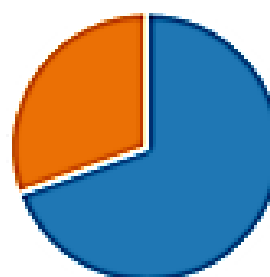
48. Sua família frequenta o grupo?

● Sim	3
● Não	20

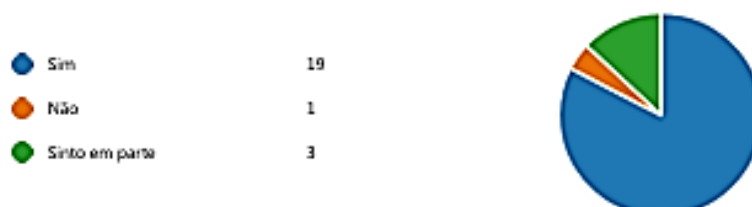


49. Já exerceu liderança em algum grupo católico?

● Sim	16
● Não	7
● Não frequentei outros grupos	0



50. Sente que o fato de ser homossexual é considerado pelas demais lideranças católicas como um impedimento para a realização de alguma função na igreja?



51. Como surgiu a ideia de participar do grupo atual?

23
Respostas

Respostas Mais Recentes

**Depois de uma vida muito devassa e liberal na adolescência, com p...*

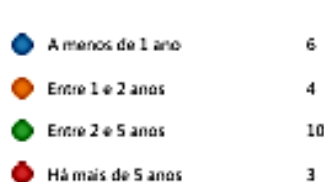
**Pela vontade de continuar pertencendo a igreja católica e sendo ace...*

**Há alguns anos uma amiga viu um grupo que contava com a partic...*

4 respondentes (17%) responderam **Necessidade** para esta pergunta.

Word cloud visualization of responses for question 51. The most prominent word is **Necessidade**. Other visible words include: **Vontade**, **convite**, **Santa Igreja**, **lugar**, **Pe Aureo**, **Pe Luís Correa Lima**, **várias experiências**, **várias pessoas**, **gays católicos**, **falta**, **Deus**, **Brasília**, **vida**, **Graça**, **parte**, **contato**, **jovem líder esj**, **ano**, **excl**.

52. Há quanto tempo você frequenta?



53. O que você acha da proposta do grupo?

23
Respostas

Respostas Mais Recentes

**Acho que me leva ao céu, que é para onde eu quero ir. Não quero m...*

**Necessária!! Muitas pessoas não têm pra onde ir, querendo continua...*

**Incrível visto que tantos de nós buscamos um espaço de partilha, ac...*

3 respondentes (13%) responderam grupo para esta pergunta.

frequência
mesma atração
última instância
irmãos pares
Igreja Católica
causa
espaço grupo
Fé
apostolado
temática
católicos LGBTs
participação
aprovação
acolhimen
pastoral
proposta
preço
grande relevânciaⁱⁱ

54. Você concorda com o ensinamento católico sobre a homossexualidade?

Sim	4
Não	17
Concordo em partes	2



55. Como você percebe a religião católica em relação à homossexualidade?

Ótima	3
Boa	0
Regular	9
Péssima	10
Indiferente	1



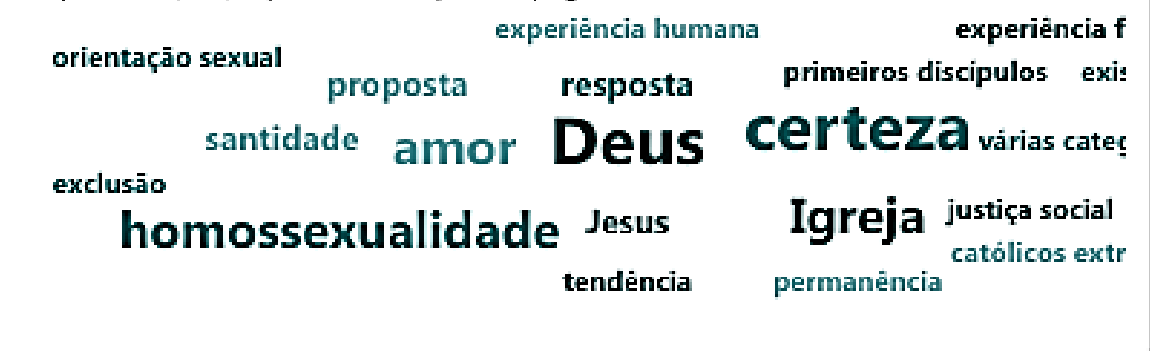
56. Você considera possível ser católico e homossexual?

23
Respostas

Respostas Mais Recentes

- "A homossexualidade é apenas um detalhe da minha vida. É difícil se...
- "Sim ! Jesus acolheu a todos"
- "Considero pois sou uma. Mas é difícil e por vezes violenta."

4 respondentes (17%) responderam Deus para esta pergunta.



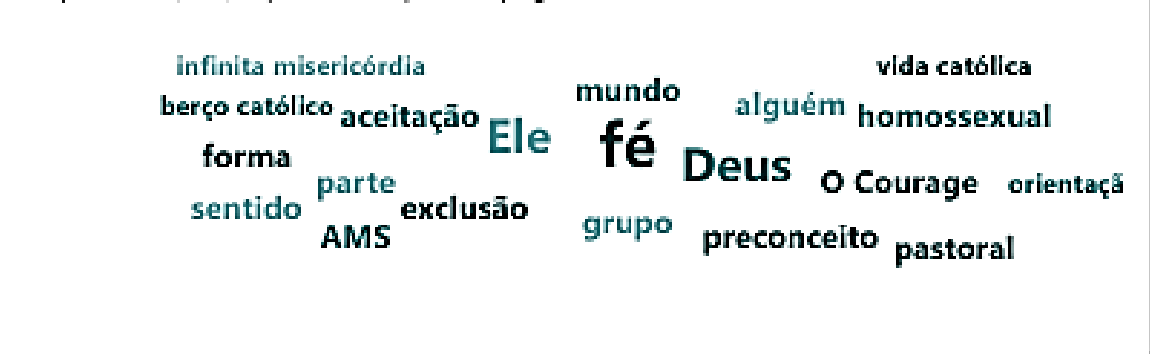
57. Como é a sua experiência de católico (a) homossexual?

23
Respostas

Respostas Mais Recentes

- "Atualmente é maravilhosa. O Courage é um céu para mim, de fato. ...
- "Difícil mas superado. A igreja instituição, nem sempre, é a Igreja do ...
- "Difícil. Já passei por situações bastante violentas, de exclusão.. Mas ...

4 respondentes (17%) responderam fé para esta pergunta.



58. Você se identifica com a proposta do grupo que frequenta? Por quê?

23

Respostas

Respostas Mais Recentes

"100%. Porque me leva a Deus, verdadeiramente. Me ensina a viver ...

"Sim, porque acolhe as pessoas como elas são!"

"Me identifica visto que quero fazer parte. É importante para mim est...

4 respondentes (17%) responderam Igreja para esta pergunta.

decisão 1 mês
perfeição cristã objetivo acolhimento velhos dogmas católicos di
grupo Espirita **partilha** **Igreja** Deus algo orientação :
ortodoxa formação católica comunidade **parte** duas missões
mesmas lutas espaços reli

59. Há algo que não foi perguntado e que você gostaria de partilhar?

15

Respostas

Respostas Mais Recentes

"Agradeço ao Padre Áureo pela iniciativa e por nos ouvir, o que certa...

"Nossa grupo acolhe a todos: heterossexuais, homossexuais, pessoas t...

"Agradeço à você, padre Áureo por não desistir de cada um de nós, p...

3 respondentes (20%) responderam igreja para esta pergunta.

Quantas pessoas homossexuais
ignorância **pastor Nao** histórico muita paciência histórica doutrina católica
violência **padre Áureo igreja preconceito** con
grandes forças **homossexualidade** Cristo verdade
muitas variáveis complicas instituição católica vc Pe Áureo direção espiritu

60. Cidade / Estado

3

Respostas

Respostas Mais Recentes

61. Idade

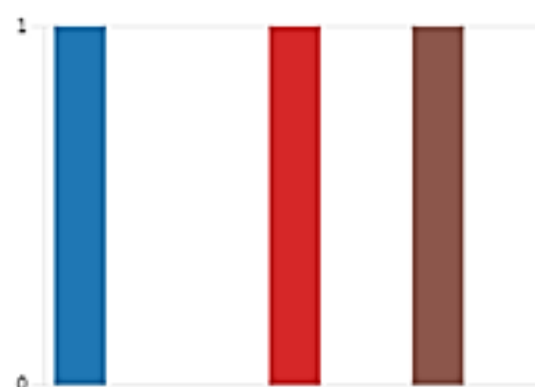
3

Respostas

Respostas Mais Recentes

62. Estado civil

 Solteiro (a)	1
 Casado (a)	0
 Viúvo (a)	0
 União estável / convivente	1
 Separado (a)	0
 Divorciado (a)	1
 Prefiro não informar	0



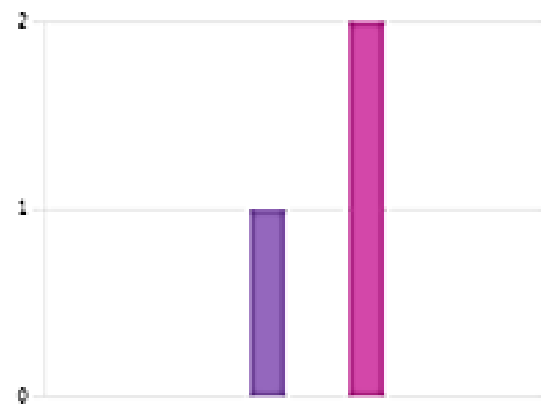
63. Filhos

 Sim	0
 Não	3



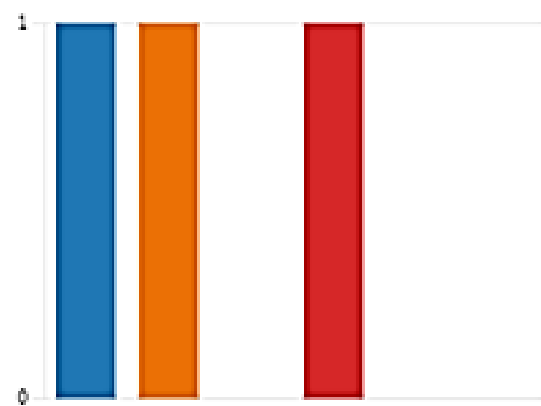
64. Escolaridade

Ensino fundamental completo	0
Ensino fundamental incompleto	0
Ensino médio completo	0
Ensino médio incompleto	0
Superior completo	1
Superior incompleto	0
Mestrado ou doutorado comple...	2
Mestrado ou doutorado incomp...	0
Sem escolaridade	0
Prefero não informar	0



65. Identificação étnico-racial

Branca	1
Preta	1
Amarela	0
Parda	1
Indígena	0
Prefero não informar	0



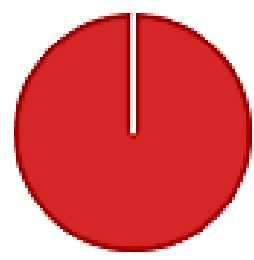
66. Profissão

3
Respostas

Respostas Mais Recentes

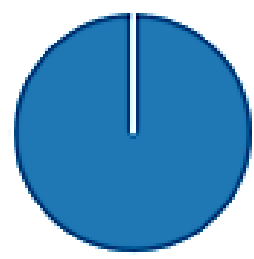
67. Renda mensal

● R\$1,00 a R\$1.000,00	0
● R\$1.001,00 a R\$5.000,00	0
● R\$ 5.001,00 a R\$10.000,00	0
● acima de R\$ 10.000,00	3
● Prefiro não informar	0



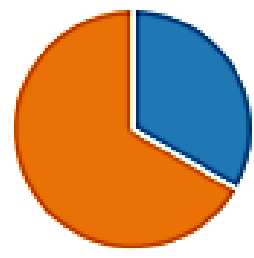
68. Já participou de algum grupo católico?

● Sim	3
● Não	0



69. Já frequentou grupos de outras religiões?

● Sim	1
● Não	2



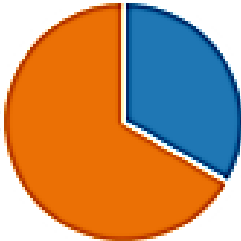
70. Se a resposta anterior foi SIM, mencione quais grupos e porque você saiu.

2
Respostas

Respostas Mais Recentes

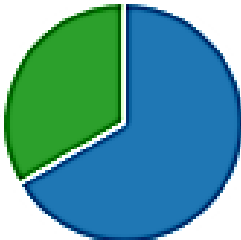
71. Possui parceiro (a)?

Sim	1
Não	2
Prefiro não informar	0



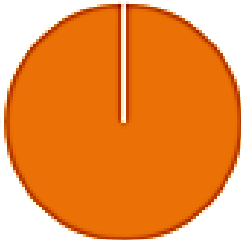
72. Sente que o fato de ser homossexual é considerado pelas demais lideranças católicas como um impedimento para a realização de alguma função na igreja?

Sim	2
Não	0
Sinto em parte	1



73. Você concorda com o ensinamento católico sobre a homossexualidade?

Sim	0
Não	3
Concordo em partes	0



74. Como você percebe a religião católica em relação à homossexualidade?

Ótima	0
Boa	0
Regular	0
Péssima	3
Indiferente	0



75. Você considera possível ser católico e homossexual?

3

Respostas

Respostas Mais Recentes

76. Como é a sua experiência de católico (a) homossexual?

3

Respostas

Respostas Mais Recentes

77. Há algo que não foi perguntado e que você gostaria de partilhar?

2

Respostas

Respostas Mais Recentes

APÊNDICE F – DADOS DOS INFORMANTES

Cidade / Estado	Idade	Estado civil	Filhos	Escolaridade	Identificação étnico-racial	Profissão	Renda mensal
Belo Horizonte/MG	33	Solteiro (a)	Não	Superior completo	Branca	Professor/a	R\$1.001,00 a R\$5.000,00
Belo Horizonte/MG	72	Divorciado (a)	Sim	Mestrado ou doutorado completo	Branca	Psicólogo/a	acima de R\$ 10.000,00
Lagoa Santa/MG	42	Solteiro (a)	Não	Superior completo	Preta	Servidor público	R\$ 5.001,00 a R\$10.000,00
Teresina/PI	57	União estável / convivente	Sim	Mestrado ou doutorado completo	Branca	Professor/a	acima de R\$ 10.000,00
Recife/PE	53	União estável / convivente	Não	Superior completo	Branca	Analista Judiciário	acima de R\$ 10.000,00
N/A	83	Viúvo (a)	Sim	Mestrado ou doutorado completo	Branca	Aposentada	R\$1.001,00 a R\$5.000,00
Brasília/DF	36	Casado (a)	Não	Superior completo	Parda	Professor/a	R\$1.001,00 a R\$5.000,00
Maringá/PR	38	União estável / convivente	Não	Superior completo	Branca	Bancário	R\$ 5.001,00 a R\$10.000,00
Belo Horizonte/MG	43	Casado (a)	Sim	Superior completo	Amarela	Advogada	acima de R\$ 10.000,00
Belo Horizonte/MG	41	Casado (a)	Sim	Superior completo	Preta	Bibliotecária	R\$ 5.001,00 a R\$10.000,00
Brasília/DF	41	Solteiro (a)	Não	Superior completo	Branca	Servidor público	R\$ 5.001,00 a R\$10.000,00
Belo Horizonte/MG	35	Solteiro (a)	Não	Mestrado ou doutorado completo	Branca	Professor/a	R\$ 5.001,00 a R\$10.000,00
Contagem/MG	43	Solteiro (a)	Não	Superior completo	Parda	Músico	R\$1.001,00 a R\$5.000,00
Belo Horizonte/MG	39	Casado (a)	Sim	Mestrado ou doutorado completo	Parda	Psicólogo/a	acima de R\$ 10.000,00
Belo Horizonte/MG	34	União estável / convivente	Não	Ensino médio completo	Parda	Ajudante Geral	R\$1,00 a R\$1.000,00
Belo Horizonte/MG	45	Separado (a)	Sim	Superior completo	Preta	Professor/a	R\$ 5.001,00 a R\$10.000,00
Teresina/PI	42	Solteiro (a)	Não	Superior completo	Branca	Psicólogo/a	R\$ 5.001,00 a R\$10.000,00
Belém/PA	26	Solteiro (a)	Não	Superior completo	Branca	Assistente de qualidade	R\$1.001,00 a R\$5.000,00

Brasília/DF	30	Solteiro (a)	Não	Mestrado ou doutorado completo	Branca	Servidor público	R\$1.001,00 a R\$5.000,00
Belo Horizonte/MG	55	União estável / convivente	Não	Superior completo	Preta	Pedagoga	R\$ 5.001,00 a R\$10.000,00
Brasília/DF	34	Casado (a)	Sim	Superior completo	Branca	Pedagoga	R\$ 5.001,00 a R\$10.000,00
Brasília/DF	66	Separado (a)	Sim	Mestrado ou doutorado completo	Branca	Professor/a	R\$1.001,00 a R\$5.000,00
Brasília/DF	53	Divorciado (a)	Não	Mestrado ou doutorado completo	Branca	Analista de Sistemas	acima de R\$ 10.000,00
Brasília/DF	31	União estável / convivente	Não	Superior completo	Parda	Professor/a	R\$1.001,00 a R\$5.000,00
Monte Aprazível/SP	66	Casado (a)	Sim	Mestrado ou doutorado completo	Branca	Aposentada	R\$ 5.001,00 a R\$10.000,00
Belo Horizonte/MG	40	Casado (a)	Sim	Superior completo	Parda	Advogada	acima de R\$ 10.000,00
Brasília/DF	42	Solteiro (a)	Não	Mestrado ou doutorado completo	Preta	Psicólogo/a	acima de R\$ 10.000,00
Rio de Janeiro/RJ	56	Divorciado (a)	Sim	Superior completo	Preta	Administradora de Empresas	R\$1.001,00 a R\$5.000,00
Belo Horizonte/MG	40	Solteiro (a)	Não	Superior completo	Branca	Coordenador de saúde	acima de R\$ 10.000,00
Vitória/ES	27	Solteiro (a)	Não	Superior completo	Preta	Secretário	R\$1.001,00 a R\$5.000,00
Recife/PE	27	Solteiro (a)	Não	Superior incompleto	Parda	Desempregado	R\$1,00 a R\$1.000,00
Belo Horizonte/MG	37	União estável / convivente	Não	Superior incompleto	Branca	Fotógrafa	R\$1.001,00 a R\$5.000,00
Rio de Janeiro/RJ	68	Divorciado (a)	Sim	Superior completo	Branca	Arquiteto	acima de R\$ 10.000,00
São Paulo/SP	58	Solteiro (a)	Não	Mestrado ou doutorado completo	Branca	Psicólogo/a	acima de R\$ 10.000,00
Rio de Janeiro/RJ	47	Divorciado (a)	Não	Mestrado ou doutorado completo	Parda	Médico	acima de R\$ 10.000,00
Belo Horizonte/MG	38	União estável / convivente	Não	Superior completo	Preta	Gestor em Saúde	acima de R\$ 10.000,00